KRISHNAMURTI

COMENTÁRIOS SÔBRE O VIVER

EDITÔRA CULTRIX

J. KRISHNAMURTI

COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER

Problemas que se deparam a todos os homens e mulheres comentados com profunda clarividência por um dos pensadores mais acatados da atualidade.

Z.C.

SUMÁRIO

1. TRÊS PIEDOSOS EGOÍSTAS

Há dias, três piedosos egoístas devotos vieram visitar-me. O primeiro, um *sannyasi,* era um homem que havia renunciado ao mundo; o segundo, um orientalista, fervoroso crente da fraternidade; e o terceiro, um inveterado propugnador de maravilhosa utopia. Cada um dos três empenhava-se com ardor no seu trabalho, desdenhava as atitudes e atividades dos outros e sentia-se fortalecido pela própria convicção. Cada qual ardentemente apegado à sua crença particular e todos estranhamente desapiedados.

Disseram-me, principalmente o utopista, que, pelas convicções que tinham, estavam prontos a sacrificar a si próprios e aos amigos. Embora se mostrassem suaves e cortesãos, em especial o pregador da fraternidade, notava-se-lhes a dureza de coração e a peculiar intolerância característica dos *superiores:* Eram os eleitos, os intérpretes; possuíam o saber e a certeza.

Disse o *sannyasi,* no decorrer de uma palestra muito séria, que se estava preparando para a próxima vida. Esta vida, dizia, tinha muito pouco para lhe oferecer, pois já atravessara todas as ilusões da mundanidade e abandonara os hábitos mundanos. Tinha, acrescentou, certas fraquezas pessoais e certas dificuldades no tocante à concentração, mas na próxima vida iria alcançar o estado ideal que estabelecera para si próprio.

Todo o seu interesse e vitalidade se concentravam na convicção de que estava fadado a ser alguma coisa na próxima vida. Palestramos durante algum tempo, e o que ele mais encarecia era a importância do amanhã, do futuro. Existia o passado, dizia, mas sempre em relação com o futuro; o presente não era senão uma passagem para o futuro, e o hoje só era interessante por causa do amanhã. Se não houvesse amanhã, perguntava, para que fazer qualquer esforço? Melhor fora vegetar, ou levar a plácida existência de uma vaca.

O todo da vida era um movimento contínuo, do passado, através do fugitivo presente, para o futuro. Devemos servir-nos do presente,

continuou, para nos tornarmos alguma coisa no futuro: sábios, fortes, compassivos. O presente, como o futuro, era transitório, mas o amanhã amadurecia os frutos. Insistia em que o dia de hoje não é mais do que um degrau e que não devemos mostrar-nos nem muito ansiosos nem muito interessados a seu respeito; deveríamos manter sempre vivo o ideal de amanhã, e fazer com êxito a jornada para lá. Em suma, o presente o impacientava.

O campeão da fraternidade era mais ilustrado, sua linguagem mais poética; muito destro no manejo das palavras, suave e convincente. Talhara, também ele, no futuro, o seu nicho divino. "Estava destinado a ser alguma coisa". Esta idéia lhe ocupava todo o coração; arrebanhara discípulos para conduzi-los àquele futuro. A morte, dizia, era bela, porque nos aproximava daquele nicho divino, e só esta aspiração lhe tornava possível viver neste mundo cheio de aflições e fealdade.

Empolgava-o a idéia de transformar e embelezar o mundo, de trabalhar com ardor pela fraternidade humana. Achava que a ambição, com as crueldades e a corrupção que a acompanham, era inevitável num mundo em que se têm de realizar coisas; e, infelizmente, para se levarem a cabo certos trabalhos de organização, impunha-se um pouquinho de dureza. A obra era importante porque ia beneficiar a Humanidade; e quem a ela se opusesse teria de ser eliminado — suavemente, é claro. A organização dessa obra era de sumo valor e não devia ser estorvada. "Outros seguem os seus respectivos caminhos", dizia, "mas o caminho que nós seguimos é essencial, e quem quer que nos embargue os passos não é dos nossos".

O utopista era uma estranha mistura do idealista e do homem prático. Sua Bíblia não era a velha, mas a nova. Cria sem reservas na nova Bíblia. Conhecia os resultados que seriam colhidos no futuro: o novo Livro lhos profetizava. Seu plano era: confundir, organizar e executar. O presente, dizia, era corrupto e devia ser destruído, porque esta destruição era indispensável para a construção do novo mundo. O presente tinha de ser sacrificado ao futuro. O homem futuro era da máxima importância, e não o homem presente.

"Sabemos como criar aquele homem futuro", dizia ele, "podemos moldar sua mente e seu coração; precisamos, porém, conquistar o poder, a fim de podermos fazer algo de bom. Sacrificar-nos-emos e sacrificaremos outros, para criarmos um Estado novo. Quem quer que se interponha em nosso caminho, será morto, pois os meios não importam; o fim justifica quaisquer meios."

Para se alcançar a paz final, podia-se recorrer a qualquer forma de violência; para se alcançar a liberdade final do indivíduo, era

inevitável, no presente, a tirania. "Quando tivermos nas mãos o poder", declarava, "aplicaremos toda espécie de compulsão, para criarmos um mundo novo, sem distinções de classes e sem sacerdotes. Da nossa tese central nunca nos arredaremos; nela estamos fixados, mas nossa estratégia e nossa tática terão de variar conforme as circunstâncias. Planejamos, organizamos e agimos, a fim de destruirmos o homem atual, a bem do homem futuro."

O *sannyasi,* o crente da fraternidade e o utopista, todos vivem para o amanhã, para o futuro. Não são ambiciosos no sentido mundano, não aspiram a honrarias, riquezas ou louvores; mas são ambiciosos de maneira mais sutil. O utopista se identificou com um grupo que ele julga ter o poder de reorientar o mundo; o adepto da fraternidade aspira à glorificação; e o *sannyasi,* a atingir sua meta. Todos estão cheios de cuidados a respeito de seu próprio *vir a ser,* de seu próprio aperfeiçoamento e expansão. Não percebem que tal desejo nega a paz, a fraternidade e a felicidade suprema.

A ambição, sob qualquer forma — a bem do grupo, a bem da salvação individual ou da perfeição espiritual — é ação adiada. O desejo está sempre em relação com o futuro; o desejo de *vir a ser* representa inação no presente. O agora tem mais importância do que o amanhã. No agora está compreendida a totalidade do tempo, e compreender o agora é estar livre do tempo. *Vir a ser* é a continuação do tempo, do sofrimento. O *vir a ser* não contém o *ser.* O *ser* está sempre no presente, e *ser* é a mais elevada forma de transformação. *Vir a ser* é mera continuidade com variações e só pode haver transformação radical no presente, no ser.

2. IDENTIFICAÇÃO

Por que vos identificais com outrem, com um grupo, com uma nação? Por que vos denominais cristão, hinduísta, budista, ou pertenceis a qualquer das inúmeras seitas existentes? Religiosa e politicamente, uma pessoa se identifica com este ou com aquele grupo, por força da tradição ou do hábito, por impulso próprio, preconceito, imitação e indolência. Esta identificação põe fim à compreensão criadora, e com ela o indivíduo se torna mero instrumento nas mãos do chefe de partido, do sacerdote ou do líder favorito.

Outro dia alguém disse que era krishnamurtiano, e que fulano de tal pertencia a outro grupo. Pelo que dizia, via-se que essa pessoa estava totalmente inconsciente do significado de tal identificação. Não

era de modo nenhum um desassisado; era um homem muito lido, culto, etc., etc. Também não revelava, a tal respeito, sentimentalismo ou emoção, pelo contrário, mostrava-se lúcido e positivo.

Por que se tornara krishnamurtiano? Já seguira a outros, já pertencera a muitos grupos e organizações e, entediado de tudo isso, achava-se agora identificado com aquela certa pessoa. Pelo que dizia, parecia estar concluída a sua jornada. Chegara à parada final, e o caso estava liquidado; fizera sua escolha: nada mais podia abalá-lo. Iria agora instalar-se confortavelmente e seguir, com zelo, as coisas já ditas e por dizer.

Quando nos identificamos com outro, isso é indício de amor? Identificação é investigação? A identificação não põe fim ao amor e ao investigar? A identificação, sem dúvida, é posse, afirmação da posse; e a posse nega o amor, não é exato? Possuir é estar em segurança; a posse é defesa, um meio de nos tornarmos invulneráveis. Na identificação, grosseira ou sutil, há resistência; e pode o amor ser uma forma de resistência, autoproteção? Há amor, quando há defesa?

O amor é vulnerável, flexível, receptivo; é a mais elevada forma da sensibilidade, e a identificação produz a insensibilidade. A identificação e o amor são incompatíveis: um destrói o outro. A identificação é, essencialmente, um processo de pensamento, pelo qual a mente se protege e se expande; e no *vir a ser alguma coisa* ela tem de resistir e defender, de possuir e abandonar. Nesse processo de *vir a ser*, a mente, ou o *eu*, se torna mais rijo e mais eficiente; isso, porém, não significa amor. A identificação destrói a liberdade, e só na liberdade pode existir a mais elevada forma de sensibilidade.

Para investigar, há necessidade de identificação? O próprio ato de identificação não põe fim à experimentação, ao descobrimento? A felicidade que acompanha a verdade não pode existir sem o investigar que leva ao autodescobrimento. A identificação põe termo ao descobrimento; é outra forma de indolência. Identificação é experiência de segunda mão e, portanto, completamente falsa.

Para se poder investigar, deve cessar toda identificação, e nenhum temor deve existir. O medo impede a investigação. É o medo que leva à identificação — identificação com outro, com um grupo, uma ideologia etc. O medo tem de resistir, reprimir; e num estado de autodefesa, quem pode aventurar-se ao mar desconhecido? Não pode surgir a verdade ou a felicidade, se não empreendemos a viagem de descobrimento das atividades do *eu*. Ninguém pode navegar para

longe, se está ancorado. A identificação é um refúgio. Todo refúgio exige proteção, e aquilo que se protege não tarda a ser destruído. A identificação atrai a destruição: daí o conflito constante entre as várias formas de identificação.

Quanto mais lutamos pró ou contra a identificação, maior a nossa resistência à compreensão. Se estamos bem cônscios do processo integral da identificação, tanto exterior como interior, se percebemos que a sua expressão exterior é "projetada" pela exigência interior, há então possibilidade de descobrimento e de felicidade. Aquele que se identifica jamais conhecerá a liberdade, da qual, somente, pode a verdade surgir.

3. MALEDICÊNCIA E PREOCUPAÇÕES

Que extraordinária semelhança entre a maledicência e a preocupação! Tanto uma, como outra, são o produto da mente inquieta. A mente inquiteta necessita de variedade de expressões e ações, precisa estar ocupada, ter sensações cada vez mais intensas, interesses passageiros, e a maledicência contém todos esses ingredientes de que a mente carece.

A maledicência é a verdadeira antítese do empenho ardoroso. Falar de outrem, caçoando ou ultrajando, é uma fuga de si mesmo, e a fuga é que é a causa da inquietação. A fuga, por sua própria natureza, é agitação. O interesse nos assuntos alheios parece ocupar a maioria das pessoas, e isso se expressa no gosto com que lêem toda a sorte de revistas e jornais, com suas colunas de mexericos, notícias de assassínios, divórcios etc.

Assim como nos preocupamos com o que os outros pensam de nós, assim também temos muito interesse em saber de tudo o que lhes diz respeito; e nascem, daí, as formas grosseiras e sutis do esnobismo e a subserviência à autoridade. E tornamo-nos, então, cada vez mais extrovertidos, e interiormente vazios. E quanto mais extrovertidos, mais necessitamos de sensações e distrações, resultando daí uma mente sempre inquieta, incapaz de profunda investigação e descobrimento.

A maledicência caracteriza a mente agitada; mas o simples fato de se guardar silêncio não indica uma mente tranqüila. A tranqüilidade não nasce da abstinência ou da renúncia, mas, sim, da compreensão do que *é*. Para se compreender o que *é* necessita-se de pronto percebimento, porquanto o que *é* não é estático.

Se não tivéssemos preocupações, quase todos nós, não nos sentiríamos viver; o estar lutando com um problema é, para nós, um sinal de existência. Não podemos conceber a vida sem algum problema; e quanto mais ocupados andamos com um problema, tanto mais despertos nos julgamos. A constante tensão a respeito de um problema, criado pelo nosso próprio pensamento, só pode embotar a mente, tornando-a insensível e cansada.

Por que esta incessante preocupação com um problema? Pode a preocupação resolver algum problema? Ou a solução dele só se apresenta quando a mente está tranqüila? Para a maioria das pessoas, porém, mente tranqüila é uma coisa bastante temível; estas pessoas receiam ficar quietas, pois sabe Deus o que iriam descobrir em si mesmas; a preocupação representa para elas um preventivo. A mente, temerosa de descobrir algo em si, tem de manter-se sempre na defensiva, e a inquietação é a sua defesa.

Pela tensão constante, pelo hábito e pela influência das circunstâncias, as camadas conscientes da mente se tornaram agitadas, inquietas. A existência moderna favorece essa atividade e distração superficiais, que constituem outra forma de autodefesa. Defesa é resistência e impede a compreensão.

A preocupação, tal como a maledicência, aparenta ser uma intensa concentração do espírito, um esforço sério, mas, observando-a com mais atenção, pode-se ver que ela resulta da atração e não do empenho. A atração varia constantemente; eis por que varia o objeto de nossas preocupações e tagarelices. Variação é mera continuidade modificada. A maledicência e a preocupação só podem cessar quando se compreende a inquietação da mente. A mera abstenção, simples controle, ou disciplina, não podem produzir a tranqüilidade, mas só entorpecer a mente, torná-la insensível, limitada.

A curiosidade não é o caminho da compreensão. A compreensão vem com o autoconhecimento. Quem sofre não é curioso; e a mera curiosidade com suas ressonâncias especulativas obsta o autoconhecimento. A especulação, tal como a curiosidade, é um indício de inquietação; e a mente inquieta, por mais bem dotada que seja, destrói a compreensão e a felicidade.

4. PENSAMENTO E AMOR

O pensamento, com seu conteúdo emocional e sensitivo, não é amor. O pensamento nega, invariavelmente, o amor. O pensamento

funda-se na memória, e o amor não é memória. Quando pensamos a respeito de alguém que amamos, este pensamento não é amor. Podemos ter a lembrança dos hábitos, das maneiras, das idiossincrasias de um amigo, e pensar nos incidentes agradáveis ou desagradáveis ocorridos nas nossas relações com ele, mas os quadros evocados pelo pensamento não representam o amor. O pensamento, por sua própria natureza, é separativo. A noção de tempo e espaço, de separação e sofrimento, nasce do processo do pensamento, e só quando este cessa, pode existir o amor.

O pensamento gera inevitavelmente o sentimento de posse, aquela ânsia de posse que, consciente ou inconscientemente, nutre o ciúme. Onde está o ciúme, naturalmente não pode estar o amor; e, no entanto, pela maioria das pessoas, o ciúme é considerado um sinal de amor. O ciúme é resultado do pensamento, uma reação do conteúdo emocional do pensamento. Quando vemos contrariado o sentimento de possuir ou de ser possuídos, fica-nos um vazio de tal ordem que a inveja vem preencher o lugar do amor. É porque o pensamento representa o papel do amor que surgem todas as complicações e tristezas da vida.

Se não pensamos em alguém, direis que não amamos. Mas, é amor *pensarmos* na pessoa? Se nunca pensásseis num amigo a quem julgais amar, isso vos causaria um certo horror, não é verdade? Se não pensásseis num amigo falecido, vos consideraríeis desleal, desamoroso etc. Qualificaríeis um tal estado de insensível, indiferente etc.; e trataríeis por isso de pensar em tal pessoa, guardando retratos dela, imagens feitas pela mão e pela mente; encher, porém, assim, o coração com as coisas da mente significa não deixar espaço para o amor. Quando estais na companhia de um amigo, não pensais nele; só na sua ausência, o pensamento começa a recriar cenas e ocorrências mortas. Esta ressurreição do passado é chamada amor. Por conseguinte, para a maioria de nós, o amor é morte, negação da vida; nós vivemos com o passado, com os mortos, e por isso estamos também mortos, embora chamemos a isso amor.

O processo do pensamento nega sempre o amor. O pensamento é que tem complicações emocionais, e não o amor. O pensamento é o maior obstáculo ao amor. O pensamento cria uma divisão entre o que *é* e o que *deveria* ser, e nesta divisão se baseia a nossa moral; entretanto, nem o homem moral nem o imoral conhece o amor. Esta estrutura moral, criada pela mente para manter coesas as relações sociais, não é amor, mas um processo de contínuo enrijecer, qual o do cimento. O pensamento não conduz ao amor, não pode cultivar

o amor; pois o amor não é cultivável como planta de jardim. O próprio desejo de cultivar o amor é ação do pensamento.

Se ficardes vigilante, por pouco que seja, vereis o papel importante que o pensamento representa na vida. O pensamento tem, naturalmente, seu devido lugar, mas não está sob nenhum aspecto relacionado com o amor. O que se relaciona com o pensamento pode ser compreendido pelo pensamento, mas o que se relaciona com o pensamento não pode ser alcançado pela mente. Perguntareis: Que é então o amor? O amor é um *estado de ser,* em que não existe pensamento; a própria definição do amor é um processo do pensamento e, por isso mesmo, não é amor.

Temos de compreender o próprio pensamento, e não procurar aprisionar o amor com o pensamento. A negação do pensamento não gera o amor. Só se está libertado do pensamento quando se compreendeu plenamente o seu significado profundo; e, para tanto, o essencial é o autoconhecimento profundo, e não as asserções vãs e superficiais. A meditação e não a repetição, o percebimento e não as definições é que revelam as atividades do pensamento. Se não estamos vigilantes e tomando conhecimento das atividades do pensamento, o amor não pode existir.

5. ESTAR SÓ E ISOLAMENTO

O sol se deitara, e as formas escuras das árvores se desenhavam bizarramente contra o céu, de onde a luz fugia. O rio, largo e pujante, estava calmo e sereno. A lua, apenas visível no horizonte, ia subindo entre duas árvores altas, mas ainda não projetava sombras.

Galgamos a margem íngreme do rio e tomamos por uma vereda que orlava os trigais verdejantes. Era uma vereda antiga; muitos milhares de pessoas já a tinham palmilhado, e ela era rica de tradição e de silêncio. Estendia-se por entre campos cultivados, mangueiras, tamarindeiros, e santuários desertos. Havia grandes hortas onde as ervilhas-de-cheiro perfumavam deliciosamente o ar. As aves se acomodavam para o repouso noturno; uma lagoa começava a refletir as estrelas. A natureza não estava comunicativa àquela hora do anoitecer. As árvores como que se recolhiam no silêncio e na obscuridade. Uns aldeões passaram, com muita algazarra, montados nas suas bicicletas, e mais uma vez reinou silêncio profundo e aquela paz que vem quando as coisas são deixadas a sós.

Este estar só não é a dolorosa e temível solidão. É a solidão — incorrupta, rica, completa. Aquele tamarindeiro não tem outra exis-

tência senão a do seu próprio ser. Assim é aquele estar só. Cada um de nós é só, como o fogo, a flor, mas não compreende a pureza e a imensidade deste estado. Só se pode entrar em verdadeira comunhão quando se está só. Estar só não é resultado de negação, de auto-isolamento. O estar só é o expurgo de todos os motivos, todas as atividades do desejo, todos os fins. O estar só não é um produto final da mente. Não se pode desejar estar só. Tal desejo é meramente uma fuga à dor de não poder comungar.

A solidão, com seus temores e tormentos, é isolamento, inevitável ação do eu. Esse processo de isolamento, quer amplo, quer estreito, é gerador de confusão, conflito, sofrimento. Do isolamento nunca pode nascer o estar só; um tem de desaparecer, para que o outro possa existir. O estar só é indivisível, e o isolamento é separação. Aquilo que está só é flexível e portanto duradouro. Unicamente o que está só pode estar em comunhão com aquilo que é sem causa, o imensurável. Para o que está só, a vida é eterna; para o que está só não existe a morte. O que está só nunca pode deixar de existir.

A lua começava a surgir por cima dos topos das árvores, e as sombras eram densas e escuras. Um cão começou a ladrar, ao passarmos por uma pequena aldeia, quando voltávamos pela margem do rio, tão sereno que espelhava nas suas águas as estrelas e as luzes da longa ponte. A distância, crianças brincavam e riam; uma criancinha chorava. Os pescadores limpavam e enrolavam as suas redes. Um pássaro noturno voejou por perto, silenciosamente. Alguém começou a cantar, na margem oposta, e as palavras se ouviam claras e penetrantes. E mais uma vez o estar só apoderava-se de todas as coisas.

6. DISCÍPULO E MESTRE

"Disseram-me que sou discipulo de um certo mestre", começou. — "Acreditais que o sou realmente? Desejo deveras saber o que pensais a esse respeito. Pertenço a uma Sociedade que conheceis, e os dirigentes exteriores, representantes dos guias interiores ou mestres, me comunicaram que, em razão dos meus serviços à Sociedade, me fizeram discípulo, e agora tenho uma oportunidade de me tornar iniciado do primeiro grau, nesta vida." Ele falava muito a sério, e conversamos durante algum tempo.

Toda espécie de recompensa é sumamente agradável, principalmente uma suposta recompensa espiritual, que podemos desfrutar

quando somos, em certo grau, indiferentes às honras mundanas. Ou, quando não temos muito bom êxito neste mundo, é-nos muito grato pertencer a um grupo eleito por um suposto ser espiritual, altamente adiantado, porquanto então fazemos parte de um conjunto que trabalha por uma grande idéia, e naturalmente seremos recompensados pela obediência e pelos sacrifícios que fizemos pela causa. Se não é propriamente uma recompensa, é um reconhecimento do nosso adiantamento espiritual, assim como numa organização bem administrada se reconhece a eficiência de alguém a fim de incentivá-lo a fazer mais e melhor.

Num mundo onde se adora o bom êxito, compreende-se e estimula-se esta espécie de progresso pessoal. Mas quando outra pessoa me diz que sou discípulo de um Mestre, ou quando penso que o sou, isso conduz, sem dúvida nenhuma, a torpes formas de exploração. Infelizmente, tanto o explorador como o explorado sentem uma vaidosa exultação nas suas mútuas relações. A expansão contínua dessa vaidade é considerada como progresso espiritual; torna-se, entretanto, particularmente feia e brutal quando há intermediários entre o discípulo e o Mestre, quando este se acha noutro país ou, por outra razão qualquer, é inacessível e não há um direto contato físico entre ambos. Esta inacessibilidade e falta de contato direto abre a porta à automistificação e a ilusões grandiosas, porém infantis, e estas ilusões são exploradas pelos mais astutos, os ambiciosos de glória e de poder.

Só há recompensa e punição, quando não há humildade. A humildade não é um resultado final de exercícios e renúncias espirituais. A humildade não é uma perfeição, uma virtude que cumpre cultivar. Uma virtude, cultivada, não é mais virtude, é apenas aquisição de uma nova excelência, superação de resultados anteriores. Uma virtude cultivada não é negação do *eu,* porém, antes, exaltação negativa do *eu.*

A humildade desconhece a divisão entre superior e inferior, entre mestre e discípulo. Enquanto existir a separação entre mestre e discípulo, entre a realidade e cada um de nós, é impossível a compreensão. Na compreensão da verdade não há mestres nem discípulos, não há adiantados, nem atrasados. A verdade é a compreensão do que é, de momento em momento, livre da carga ou do resíduo do momento passado.

A recompensa e a punição só podem fortalecer o *eu,* o que é negar a humildade. A humildade está no presente e não no futuro. Ninguém pode *tornar-se* humilde. Vir a ser é dar continuidade à arrogância do *eu,* a qual se esconde na prática de uma virtude. Como é forte a nossa vontade de sermos bem sucedidos, de chegarmos a

ser! Como podem andar juntos o bom êxito e a humildade? É a isso entretanto que aspiram o explorador e o explorado "espirituais", e, aí, só se encontram conflito e sofrimento.

"Quer dizer, então, que não existe o mestre, e que ser discípulo é uma ilusão, uma hipocrisia?" — perguntou.

Que importa se o mestre existe ou não! Para os exploradores, para as escolas e sociedades secretas, sim. Mas, para o homem que busca a verdade, a qual traz a felicidade suprema, esta questão, por certo, é de todo em todo irrelevante. O homem rico e o cule são tão importantes como o mestre e o discípulo. Se os mestres existem ou não existem, se há distinções entre iniciados, discípulos etc., não importa; o importante é que compreendais a vós mesmo; sem autoconhecimento, o que pensais, o que raciocinais, não tem base alguma. Se não vos conhecerdes em primeiro lugar, como podereis conhecer o que é verdadeiro? É inevitável a ilusão quando não existe autoconhecimento. É infantil acreditarmos quando alguém nos diz que somos isto ou aquilo. Cuidado com o homem que vos oferece uma recompensa, neste mundo ou no próximo!

7. O RICO E O POBRE

Estava quente e úmido, e o bulício da grande cidade enchia o ar. Do mar soprava uma brisa morna, cheirando a pez e a petróleo. O sol já se punha, vermelho, nas águas distantes, mas o calor continuava, irremitente. O numeroso grupo que enchia a sala retirou-se dentro em pouco, e nós saímos para a rua.

Os papagaios, como jatos verdes de luz, recolhiam-se aos seus pousos. De manhã cedo voavam para o norte, onde estavam os pomares, as searas verdejantes, as campinas, e voltavam ao escurecer para pernoitar nas árvores da cidade. O seu vôo nunca era sereno, mas sempre estouvado, barulhento, brilhante. Jamais voavam em linha reta como as outras aves; guinavam para a direita, para a esquerda, ou mergulhavam subitamente na folhagem de um árvore. Eram, no vôo, as aves mais irrequietas; mas como eram belos, com seus bicos vermelhos e aquele aurifulgente, glorioso! Os abutres, pesados e feios, voltejavam no ar e se instalavam nas palmeiras para o repouso da noite.

Um homem aproximou-se, tocando flauta. Era um serviçal qualquer. Começou a subir o morro, sempre tocando, e nós o seguimos; entrou numa das ruas laterais, sem parar de tocar. Era

estranha aquela canção da flauta misturada ao barulho da cidade, e os sons penetravam fundo no coração. Fascinados pela música, seguimos o flautista um bom pedaço. Atravessamos várias ruas e chegamos a uma outra mais larga e mais bem iluminada. Adiante, um grupo de pessoas estava sentado de pernas cruzadas à margem da pista e o tocador de flauta reuniu-se a ele. O mesmo fizemos nós. E ficamos sentados, todos, em roda, e ele a tocar. Os do grupo eram, em sua maioria, motoristas, criados, vigias noturnos, acompanhados de muitas crianças e de um ou outro cachorro. Perpassavam carros; num deles, dirigido por um chofer particular, e com as luzes interiores acesas, vinha uma dama lindamente vestida, e sozinha. Outro carro aproximou-se; o motorista desceu e sentou-se conosco. Todos falavam e se divertiam, rindo e gesticulando; a canção da flauta, entretanto, não esmorecia. E reinava a alegria.

Passado algum tempo, nos despedimos e tomamos por um caminho que levava ao mar, ladeado pelas habitações bem iluminadas dos ricos. Os ricos têm sua peculiar atmosfera. Por mais cultos, e comedidos, idosos e polidos que sejam, vivem os ricos num isolamento impenetrável e arrogante, em inviolável segurança e rigidez difícil de amaciar. Eles não possuem a sua riqueza: a sua riqueza os possui — o que é pior do que a morte. Sua vaidade é a filantropia; consideram-se os fideicomissários da própria fortuna. Dão suas contribuições caritativas, criam dotações. *Eles* são os que fazem, constroem, dão. Erguem igrejas e templos, mas o seu deus é o deus do seu ouro. Vendo-se tanta pobreza e miséria pelo mundo, é preciso ter-se uma couraça para ser rico. Alguns deles vêm fazer-nos perguntas, discutir, buscar a Realidade. Tanto aos ricos como aos pobres é dificílimo encontrá-la. Os pobres ansiam por ser ricos e poderosos, e os ricos já estão aprisionados na rede de suas próprias ações; entretanto, eles crêem e tentam aproximar-se da Realidade. Não especulam apenas na Bolsa, mas também a respeito da Realidade Final. Jogam com as duas coisas; só têm sorte, porém, com aquela que lhes ocupa o coração. Suas crenças e cerimônias, suas esperanças e temores, nada têm em comum com a Realidade, porque seus corações são vazios. Quanto maior a ostentação exterior, tanto maior a pobreza interior.

Renunciar ao mundo da riqueza, do conforto e da posição é relativamente fácil; mas acabar com a ânsia de ser, de *vir a ser*, requer muita inteligência e compreensão. O poder que a riqueza confere é um obstáculo à compreensão da Realidade, e igualmente o é o poder do talento e da capacidade. Esta forma de confiança é evidentemente uma atividade do *eu*; e, embora difícil, é possível extirpar esta espécie de arrogância e de poder. O que é muito mais

sutil e oculto, porém, é a força e o ímpeto existente na ânsia de *vir a ser*. A expansão do *eu*, sob qualquer aspecto, pela riqueza, pela virtude, é um processo de conflito causador de antagonismo e confusão. A mente carregada do *vir a ser* nunca pode estar tranqüila, pois a tranqüilidade não é um resultado de exercícios nem do tempo. A tranqüilidade é um estado de compreensão, e o *vir a ser* nega a compreensão. O *vir a ser* cria a noção do tempo, o que, com efeito, significa adiamento da compreensão. O *eu serei* é uma ilusão nascida da arrogância do *eu*.

O mar era tão agitado como a cidade; sua agitação, entretanto, tinha profundeza e substância. Vésper mostrava-se no horizonte. Voltamos por uma rua fervilhante de ônibus, automóveis e povo. Na calçada jazia um homem desnudo. Era um mendigo exausto, de uma magreza mortal; foi difícil despertá-lo. Além, viam-se os gramados e as flores louçãs de um jardim público.

8. CERIMÔNIAS E CONVERSÃO

Num vasto terreno cercado, entre muitas árvores, erguia-se uma igreja. Entrava gente — branca e de cor. O interior era mais bem iluminado do que o das igrejas européias, mas os arranjos eram idênticos. A cerimônia já estava em curso, e sentia-se-lhe a beleza. Ao seu término, mui poucos se cumprimentaram, dentre os brancos e os de cor, e todos tomamos rumos diferentes.

Noutro continente, num templo, entoava-se um cantochão em sânscrito. Celebrava-se o *Puja*, uma cerimônia hinduísta. Aquela congregação era de um padrão cultural diverso. A tonalidade das palavras sânscritas, penetrante e poderosa, tem uma estranha influência e profundidade.

Pode-se converter alguém, de uma crença a outra, de um dogma a outro, mas ninguém pode ser convertido à compreensão da Realidade. Uma crença não é a Realidade. Qualquer um pode mudar de pensar, de opinião, mas a Verdade ou Deus não é uma convicção: é uma experiência não baseada em crença ou dogma, ou em experiência prévia. Se temos uma experiência nascida da crença, essa experiência é reação condicionada por aquela crença. Se temos uma experiência inesperada, espontânea, e sobre ela construímos novas experiências, ela se torna, nesse caso, meramente uma continuação da memória, que reage ao contato com o presente. A memória é sempre morta: só toma vida em contato com o presente vivo.

Conversão é a troca de uma crença ou dogma por outro, de uma cerimônia por outra cerimônia mais agradável; não abre a porta da Realidade. Pelo contrário, a satisfação é um obstáculo à Realidade. No entanto, é isto o que as religiões organizadas e os grupos religiosos procuram fazer: converter um indivíduo a um dogma, superstição, ou esperança mais racional ou menos racional. Oferecem uma gaiola melhor. A gaiola pode, ou não, ser confortável, conforme o temperamento de cada um; seja como for, porém, é uma prisão.

Religiosa e politicamente, em diferentes níveis de cultura, prossegue incansável este trabalho de conversão. As organizações, bem como os seus cabeças, prosperam, mantendo os homens dentro dos padrões ideológicos que oferecem — religiosos ou econômicos. Nesse processo existe exploração de parte a parte. A Verdade está fora de todos os padrões, temores, esperanças. Quem deseja descobrir a felicidade suprema da Verdade tem de desvencilhar-se de todas as cerimônias e de todos os padrões ideológicos.

A mente recebe segurança e força dos padrões religiosos e políticos; e isso faz a pujança das organizações. Há sempre os sectários intransigentes; e há neófitos que sustentam as organizações com seus capitais e propriedades; a força e o prestígio das organizações atraem aqueles que adoram o sucesso e a sabedoria mundana. Ao perceber que os antigos padrões já não lhe dão satisfação nem vitalidade, a mente se converte a outras crenças e dogmas mais confortantes e tonificantes. A mente, pois, é produto do ambiente, recriando-se e sustentando-se através de sensações e identificações; e tal é a razão por que a mente se prende aos códigos de conduta, aos padrões de pensamento etc. Enquanto a mente for o produto do passado, nunca descobrirá a Verdade nem a deixará manifestar-se. Mantendo-se ligada às organizações, ela abandona a busca da Verdade.

É bem evidente que os rituais oferecem aos seus praticantes uma atmosfera de bem-estar. Os ritos, coletivos ou individuais, proporcionam uma certa tranqüilidade à mente; oferecem vivo constraste com a monotonia diária da vida. Há uma certa beleza e harmonia nas cerimônias religiosas, mas, fundamentalmente, elas só atuam como estimulantes; e, como tais, muito depressa insensibilizam a mente e o coração. Os ritos se tornam hábitos; tornam-se uma necessidade e não se pode mais passar sem eles. Esta necessidade é considerada como sendo uma renovação espiritual, uma acumulação de forças para enfrentar a vida, uma espécie de meditação semanal ou diária etc.; examine-se, porém, com mais atenção este processo e ver-se-á que a prática de ritos é vã repetição, maravilhosa e respeitável maneira

de evitar o autoconhecimento. Sem autoconhecimento, a ação é muito pouco significativa.

A repetição de cantochãos, palavras, frases, entorpece a mente, embora temporariamente tenha efeito estimulante. Nesse estado de sono ocorrem, sem dúvida, experiências que são, entretanto, autoprojeções. Por mais confortantes que sejam, estas experiências são ilusórias. O experimentar da Realidade não se verifica à força de repetições ou práticas. A Verdade não é um fim, um resultado, um alvo; não pode ser chamada, visto que não é coisa da mente.

9. O SABER

Esperávamos o trem e já era tarde. A plataforma era suja e barulhenta, o ar acre. Muitas outras pessoas esperavam, como nós. Havia choro de crianças, uma mãe amamentava o seu nenê, vendedores apregoavam os seus artigos, bebia-se café e chá, e a estação estava cheia de movimento e de vozearia.

Passeávamos de um lado para outro, sobre a plataforma, observando os nossos próprios passos e o movimento de vida ao redor de nós. Um homem aproximou-se e começou a falar em mau inglês. Disse que estivera a observar-nos e se sentira impelido a dizer-nos algumas palavras. Com abundância de sentimento, prometeu levar uma vida pura e deixar de fumar, a partir de então. Disse que não era instruído: não passava de um simples puxador de *rickshaw*[1]. Tinha um olhar forte e um sorriso agradável.

Enfim, o trem chegou. No carro, um homem apresentou-se. Famoso letrado, conhecia muitas línguas e fazia, desembaraçadamente, citações em qualquer delas. Era um homem carregado de anos e de saber, próspero e ambicioso. Falou a respeito da meditação, dando porém, a impressão de que não falava apoiado na própria experiência. Seu Deus era o deus dos livros. Sua atitude perante a vida era a tradicional e convencional. Acreditava no casamento precoce, pré--ajustado, e num rígido código de vida. Tinha consciência de sua
justado, e num rígido código de vida. Tinha consciência de sua
própria casta e das diferenças de capacidade intelectual das castas. Mostrava-se singularmente vaidoso de seu saber e posição.

O sol se punha e o trem atravessava uma região encantadora. O gado recolhia-se, erguendo uma poeira dourada. No horizonte,

---

(1) Carro leve de duas rodas, para transporte de passageiros, puxado por um homem. (N. do T.)

nuvens pesadas e negras; ouvia-se, longínquo, o estrondo do trovão. Quanta alegria num campo verdejante, e como é aprazível aquela aldeia lá na dobra da montanha! Descia a escuridão. Um grande gamo azul pastava na campina; não ergueu sequer os olhos quando o trem passou, resfolegante.

O saber é um relâmpago entre duas escuridões; mas o saber não é capaz de elevar-se acima e além da escuridão. O saber é essencial para a técnica, assim como o carvão para a locomotiva; mas não pode alcançar o desconhecido. O desconhecido não pode ser apanhado na rede do saber. O saber tem de ser posto de parte, para que o desconhecido possa existir; mas como isto é difícil!

O nosso ser está arraigado no passado, nosso pensamento baseado no passado. O passado é o conhecido, e a reação do passado está sempre sombrando o presente que é o desconhecido. O desconhecido não é o futuro, porém o presente. O futuro é apenas o passado a abrir caminho através do presente incerto. Esse vão, esse intervalo, é preenchido pela luz intermitente do saber, que esconde o vazio do presente; no entanto, esse vazio encerra o milagre da vida.

A paixão pelo saber, é como outra paixão qualquer; oferece uma fuga aos terrores do vazio, da solidão, da frustração, do medo de *ser nada.* A luz do saber é um manto suntuoso, debaixo do qual está uma escuridão em que a mente não pode penetrar. A mente tem pavor a este desconhecido e por esta razão foge para o saber, para as teorias, as esperanças, a imaginação; e justamente este saber constitui um obstáculo à compreensão do desconhecido. Pôr de parte o saber é abrir a porta ao medo; negar a mente, o único instrumento de compreensão que possuímos, é tornar-se acessível ao sofrimento e à alegria. Mas não é fácil pôr de parte o saber. Ser ignorante não é ser destituído de saber. A ignorância é falta de autopercebimento; e o saber é ignorância, quando não há compreensão das atividades do *eu.* A compreensão do *eu* é a libertação das prisões do saber.

Só se está libertado do saber, quando se compreende o processo da acumulação, a base do impulso para a acumulação. O desejo de acumular é o desejo de segurança e de certeza. Este desejo de certeza, pela identificação, pela condenação e justificação, é a causa do temor, o qual destrói toda a comunhão. Quando há comunhão, não há mais a necessidade de acumulação. A acumulação é resistência egocêntrica, e o saber torna mais forte esta resistência. A adoração do saber é uma forma de idolatria, e nunca dissolverá o conflito e o sofrimento existentes em nossa vida. O manto do saber esconde nossa crescente confusão e sofrimento, mas nunca nos libertará desse estado. Os

caminhos da mente não nos conduzirão à Verdade, fonte da felicidade. Saber é negar o desconhecido.

10. RESPEITABILIDADE

Ele garantia não ser ganancioso, satisfazer-se com pouco; afirmava que a vida lhe tinha sido boa, embora estivesse sujeito às costumeiras misérias da existência humana. Era um homem pacato, despretencioso, e esperava que nada viesse perturbar-lhe o suave modo de vida. Não era ambicioso — dizia — mas orava a Deus, para que lhe conservasse o que tinha: a família e o ritmo tranqüilo de sua existência. Dava graças a Deus por não se ver atolado em problemas e conflitos, como os amigos e parentes. Estava-se tornando rapidamente uma pessoa respeitável e feliz, na convicção de ser um dos da *élite*. Não o atraíam outras mulheres e levava uma vida doméstica pacífica, embora não faltassem as costumeiras rusgas conjugais. Não tinha vícios dignos de nota, rezava muito e adorava a Deus. "Que sucede comigo" — perguntou — "que não tenho problemas?" Sem esperar resposta e, com um sorriso confiante, levemente mesclado de tristeza, começou a contar o seu passado, o que fazia atualmente, e a espécie de educação que estava dando aos filhos. Acrescentou que não era liberal, mas costumava dar um pouquinho, aqui e ali. Convencera-se de que cada um deve lutar para conquistar uma posição no mundo.

A respeitabilidade é um flagelo, um mal que corrói a mente e o coração. Insinua-se furtivamente e destrói o Amor. Ser respeitável é sentir-se vitorioso, é talhar para si mesmo uma posição no mundo, construir em torno de si uma muralha de segurança, daquela segurança que vem com o dinheiro, o poder, o sucesso, a capacidade ou a virtude. Este isolamento arrogante gera ódios e antagonismos nas relações humanas, que constituem a sociedade. Os homens respeitáveis são sempre a nata da sociedade, e, como tais, causadores de conflitos e sofrimentos. Os respeitáveis, como os desprezados, estão sempre à mercê das circunstâncias; as influências do ambiente e o peso da tradição têm para eles excepcional importância, porquanto escondem a sua pobreza interior. Estão sempre na defensiva, cheios de medo e de suspeitas. O medo habita-lhes os corações, e por isso a indignação é sua virtude. Sua virtude e devoção são suas defesas. Tais indivíduos são como tambores: vazios por dentro; barulhentos quando batidos. Os homens respeitáveis nunca podem estar abertos à Realidade, pois, como os desprezados, estão fechados em sua preo-

cupação de aperfeiçoamento próprio. A felicidade lhes é negada, porque evitam a Verdade.

Ser não-ávido e não ser generoso são duas coisas muito estreitamente aparentadas. Ambas, constituem um processo de auto-isolamento, uma forma negativa de egocentrismo. Ser ávido significa que precisamos estar ativos, para passar à frente dos outros; lutar, competir, ser agressivos. Se nos falta este ímpeto, isto não significa que estamos livres da avidez mas, sim, apenas num estado de auto-enclausuramento. A concorrência é uma perturbação, uma luta perniciosa; por essa razão cobre-se o nosso egocentrismo com a palavra *não-avidez*. Ser generoso com a mão é uma coisa; sê-lo com o coração é outra. A generosidade da mão é coisa relativamente simples, dependendo do padrão cultural de cada um etc.; a generosidade do coração, porém, é de significado muito mais profundo, requerendo amplo percebimento e compreensão.

Por outro lado, o não ser generoso é uma absorção em si mesmo, agradável e cega, sem movimento para fora. Este estado de absorção tem suas atividades próprias, semelhantes às de alguém que sonha; entretanto, jamais despertam uma pessoa. O processo do despertar é doloroso; por isso, muitos moços ou velhos preferem que os deixemos em paz, para que possam tornar-se respeitáveis, e morrer.

Como a generosidade do coração, a generosidade da mão é um movimento para fora, mas não raro doloroso, enganador e revelador do *eu*. A generosidade da mão é fácil de adquirir; a do coração, porém, não é coisa cultivável, porque é livre de toda e qualquer acumulação. Para se perdoar, deve ter existido uma ferida; e para se ser ferido é preciso ter havido acumulações de orgulho. Não haverá generosidade do coração, enquanto existir memória identificadora, o *eu* e o *meu*.

11. POLÍTICA

No topo das montanhas estivera chovendo o dia todo. Não era uma chuva suave, mansa, mas um daqueles aguaceiros torrenciais que inundam as estradas, arrancam as árvores das encostas, ocasionando resvaladouros e gerando torrentes que silenciam dentro de poucas horas. Um menino completamente encharcado brincava numa poça, sem dar ouvidos à voz zangada e estridente da mãe. Uma vaca vinha descendo pelo caminho enlameado que galgávamos. As nuvens pareciam fender-se para inundar tudo. Estávamos molhados até os

ossos e tiramos quase toda a roupa. A chuva fustigava-nos agradavelmente a pele. A casa estava situada na encosta da montanha e, lá embaixo, a cidade. Do oeste soprava um vento forte, trazendo novas e furiosas nuvens negras.

O fogo estava aceso na sala, onde várias pessoas nos esperavam, para conversarmos sobre assuntos de interesse. A chuva, batendo nas janelas, alagara uma grande parte do soalho, e até pela chaminé descia água, fazendo crepitar o fogo.

Dentre os que lá estavam, um era político muito famoso, homem realista, profundamente sincero e ardente patriota. Longe de ser um espírito acanhado ou interesseiro, sua ambição não visava ao seu próprio interesse mas ao interesse de uma idéia e do povo. Não era um mero arengador eloqüente ou um caçador de votos. Sofrera pela causa e, coisa extraordinária, não abrigava ressentimentos. Parecia ter mais de letrado que de político; contudo, a política era o próprio ar que ele respirava, e seu partido lhe obedecia, embora um pouco nervosamente. Era um sonhador, mas tudo abandonara pela política. Seu amigo, o eminente economista, também lá estava; possuía teorias e demonstrações muito complicadas, concernentes à distribuição de enormes receitas. Parecia familiarizado com os economistas da esquerda e da direita, e tinha teorias próprias para a salvação da Humanidade. Falava com facilidade, e sem hesitações. Um e outro já haviam discursado para enormes multidões.

Já notastes quanto espaço se reserva nos jornais e revistas para as declarações e atividades dos políticos? Naturalmente há também outras notícias, mas as notícias políticas predominam; a vida econômica e política se tornou de suma importância. As circunstâncias externas — conforto, dinheiro, posição e poder — parecem dominar e formar a nossa existência. A ostentação exterior — o título, o trajo, a saudação, a bandeira — assume importância cada vez maior, esquecendo-se ou pondo-se de parte, deliberadamente, o processo da vida. É tão mais fácil à gente lançar-se às atividades sociais e políticas, do que compreender a vida como um todo! Estar ligado a um pensamento organizado, a movimentos políticos ou religiosos, oferece uma respeitável via de fuga da banalidade e rotina da vida de cada dia. Com seu coração pequeno, qualquer um pode falar a respeito de grandes coisas e dos líderes populares; esconder a própria superficialidade com frases fáceis sobre os assuntos mundiais; a sua mente inquieta pode fixar-se em propagar com êxito e com o apoio popular a ideologia de uma nova ou de uma velha religião.

Política é conciliação de efeitos. E como em geral nos interessamos pelos efeitos, o exterior assumiu significação predominante. Pelo

manipular dos efeitos, esperamos estabelecer a ordem e a paz; mas, infelizmente, a coisa não é tão simples assim. A vida é um processo total; é tanto o interior como o exterior; o exterior, sem dúvida, influi no interior, mas o interior, invariavelmente, suplanta o exterior. Aquilo que somos, criamos exteriormente. O interior e o exterior não podem ser separados um do outro e conservados em compartimentos estanques, pois estão constantemente a atuar um sobre o outro; mas a ânsia interior, os ocultos desejos e motivos são sempre mais poderosos. A vida não está na dependência das atividades políticas e econômicas; não é um mero espetáculo exterior, assim como uma árvore não é só a folha ou o ramo. A vida é um processo total, cuja beleza só pode ser descoberta na sua integração. Essa integração não se verifica ao nível superficial das conciliações políticas e econômicas; ela se encontra além das causas e dos efeitos.

Porque estamos sempre jogando com causas e efeitos e nunca vamos além, a não ser verbalmente, as nossas vidas são vazias, sem muita significação. Por esta razão nos tornamos escravos da paixão política e do sentimentalismo religioso. Só há esperanças na integração dos vários processos de que somos constituídos. Esta integração não se realiza por ação de nenhuma ideologia ou pelo seguir a determinada autoridade política ou religiosa; ela só surge por meio do percebimento amplo e profundo. Este percebimento tem de penetrar as mais profundas camadas da consciência, sem contentar-se com as reações superficiais.

12. A EXPERIÊNCIA E O VIVER

O vale estava mergulhado na sombra, e o sol poente tocava os cumes das montanhas distantes, cujo esplendor, na luz crepuscular, parecia vir-lhes de dentro. Ao norte da longa estrada, as montanhas eram nuas e áridas, devastadas pelo fogo; ao sul, os montes verdejavam, pejados de arbustos e de árvores. A estrada reta cortava ao meio o extenso e gracioso vale. As montanhas, naquela tarde, pareciam tão próximas, tão irreais, tão leves e frágeis! Aves de grande porte circulavam, sem esforço, nas alturas. "Ground squirrels" (1) atravessavam vagarosamente a estrada, e ouvia-se, distante, o ronco de um avião. De ambos os lados da estrada estendiam-se laranjais bem alinhados e bem cuidados. Depois do dia quente, sentia-se um

(1) Pequeno mamífero dos EUA, semelhante ao esquilo. (N. do T.)

cheiro muito forte de sálvia[2], de terra e de feno requeimados pelo sol. As laranjeiras escuras ostentavam os seus pomos brilhantes. As codornizes piavam e um "road runner"[3] desapareceu nas moitas. Uma lagartixa de cauda muito longa[4], assustada pelo cachorro, fugiu, coleando por entre as ervas secas. A tranqüilidade da noite descia sobre a terra.

A experiência é uma coisa, o viver outra. A experiência é uma barreira ao viver; agradável ou desagradável, impede o florescimento do viver. A experiência já está presa na rede do tempo, já está no passado; tornou-se memória, que só toma vida como reação ao presente. A vida é o presente; não é experiência. O peso e força da experiência ensombram o presente, e assim o viver se torna experiência. A mente é experiência, o conhecido, não pode pôr-se no "estado de viver"; o seu viver é continuação da experiência. A mente só conhece a continuidade, e não pode receber o novo enquanto dura a sua continuidade. O contínuo não conhece o viver. A experiência não é o meio de se conhecer o viver, que é um estado sem experiência. A experiência tem de cessar, para dar lugar ao viver.

A mente só pode chamar sua própria projeção, o conhecido. Não se poderá *viver* o desconhecido, enquanto a mente não deixar de juntar experiência. O pensamento é expressão da experiência; é reação da memória; e enquanto o pensamento intervém, não é possível o viver. Não há nenhum meio ou método para se pôr fim à experiência; porque o meio é justamente um obstáculo ao viver. Conhecer o fim é conhecer a continuidade; e ter um meio para alcançar o fim é sustentar o conhecido. O desejo de realização tem de desaparecer; este desejo é que cria o meio e o fim. A humildade é essencial para o viver. Mas, com que sofreguidão a mente absorve o viver para convertê-lo em experiência! Como se apressa a pensar no novo, e torná-lo, assim, velho! É assim que ela cria o "experimentador" e a "coisa experimentada", de onde nasce o conflito da dualidade.

No viver não há experimentador nem coisa experimentada. A árvore, o cão, a estrela vespertina, não são objetos para ser experimentados pelo experimentador; são o próprio movimento do viver. Não há separação entre o observador e a coisa observada; não há

---

(2) Variedade de hortelã. (N. do T.)

(3) Pássaro dos EUA, semelhante ao cuco, de hábitos terrestres. (N. do T.)

(4) "Snake-lizzard" (lagartixa-serpente). (N. do T.)

tempo, intervalo espacial para o pensamento se identificar a si mesmo. O pensamento está de todo ausente, mas *o ser* está presente. Este estado de ser não pode ser pensado nem meditado, e não é uma coisa para ser alcançada. O *experimentador* tem de cessar de experimentar, para dar lugar ao *ser*. Na tranqüilidade do seu movimento está o atemporal.

13. VIRTUDE

O mar estava calmo e quase não se via uma ruga nas areias brancas da praia. Rodeando a ampla baía, ao norte, estendia-se a cidade, e ao sul as palmeiras quase tocavam a água. Fora da barra, apenas visíveis, distinguiam-se as barbatanas dos tubarões e mais além as embarcações dos pescadores, alguns toros ligados por cordas fortes. Rumavam para uma pequena aldeia, ao sul do palmeiral. Era um radioso pôr do sol, não do lado onde se costuma vê-lo, porém no leste — um anticrepúsculo — e as nuvens maciças e formosas fulgiam em todas as cores do espectro. Era um espetáculo verdadeiramente fantástico, quase doloroso. As águas, espelhando os coloridos brilhantes, estendiam uma esteira de mágica luminosidade até o horizonte.

Uns poucos pescadores voltavam da cidade às suas aldeias, mas a praia estava semideserta e em silêncio. Uma estrela solitária brilhava acima das nuvens. Ao voltarmos, uma mulher se juntou a nós e começou a falar de coisas sérias. Disse pertencer a certa sociedade, cujos membros meditavam e cultivavam as virtudes essenciais. Cada mês escolhia-se uma determinada virtude, para ser cultivada e posta em prática nos dias subseqüentes. De suas atitudes e falas via-se que estava bem firmada na autodisciplina, não escondendo uma certa impaciência com relação aos que não partilhavam o seu modo de sentir e os seus ideais.

A virtude pertence ao coração, não à mente. Quando a mente cultiva a virtude, isso é cálculo sutil; é autodefesa, maneira hábil de ajustar-se ao ambiente. O auto-aperfeiçoamento é a negação mesma da virtude. Como pode haver virtude, se há medo? O medo é coisa da mente, e não do coração. O medo se oculta debaixo de formas diferentes: virtude, respeitabilidade, ajustamento, beneficência, etc. O medo existirá sempre, em todas as relações e atividades da mente. A mente não está separada das suas atividades; separa-se, porém, a si mesma, dando dessa maneira continuidade e permanência a si própria. Assim como um menino se exercita ao piano, assim, também, a mente astuciosa se exercita na virtude, para fazer-se mais permanente e dominadora no encontro com a vida, atingir aquilo que

ela considera o Supremo. Para o encontro com a vida necessita-se de vulnerabilidade e não da muralha respeitável da virtude, onde o *eu* se isola. O Supremo não pode ser atingido; não há caminho, não há aperfeiçoamento matematicamente progressivo, para chegar-se lá. A Verdade tem de vir, ninguém pode ir a ela, e a virtude cultivada não leva ninguém aonde ela está. O que se pode atingir não é a Verdade, mas o nosso próprio desejo, projetado; e só na Verdade se encontra a felicidade.

A ardilosa adaptabilidade da mente, no interesse de sua própria perpetuação, sustenta o medo. Este medo é que tem de ser profundamente compreendido, e não a maneira de nos tornarmos virtuosos. A mente mesquinha pode exercitar-se na virtude, mas continuará do mesmo modo mesquinha. A virtude é então uma fuga daquela mente a sua própria mesquinhez, e a virtude que ela acumula tem de ser também mesquinha. Se se não compreender essa mesquinhez, como será possível *viver* a Realidade? Como pode a mente mesquinha, a mente virtuosa, estar aberta para o Imensurável?

Na compreensão do processo da mente, que é o *eu,* nasce a virtude. A virtude não é resistência acumulada; é percebimento espontâneo, compreensão do que *é*. A mente não pode compreender; poderá traduzir em ação o que foi entendido, mas é incapaz de compreensão. Para a compreensão, necessita-se do calor do reconhecimento e recepção, que o coração só pode dar quando a mente está em silêncio. Mas o silêncio da mente não é resultado de cálculos sutis. O desejo de silêncio é maldição, porque é ânsia de ganho, de conquista, trazendo intermináveis conflitos e dores. A ânsia de *ser,* negativa ou positivamente, é a negação da virtude do coração. Virtude não é conflito e realização, exercício prolongado e consecução, porém, antes, um *estado de ser,* que não é produto de desejo *projetado*. Não há *ser* se há luta para ser. Na luta para ser há resistência e negação, mortificação e renúncia; mas vencer estas coisas não significa virtude. Virtude é a tranqüilidade de quem está livre da ânsia de ser, e esta tranqüilidade só pode vir do coração, e não da mente. Pelo exercício, pela compulsão e resistência, a mente pode pôr-se tranqüila; tal disciplina, entretanto, destrói a virtude do coração, sem a qual não há paz nem felicidade: pois a virtude do coração é compreensão.

14. SIMPLICIDADE DO CORAÇÃO

O céu estava límpido e todo azul. Não se viam aquelas aves de asas amplas, que flutuam suavemente de vale em vale; nem sequer uma nuvem fugitiva. As árvores eram quietas e as dobras dos montes ricas de sombra. O irrequieto gamo que estava à espreita, perdido de curiosidade, disparou subitamente, como uma flecha, à nossa aproximação. Debaixo de uma touceira, da mesma cor que a terra, um sapo carnudo e achatado, de olhos brilhantes, imóvel. A oeste, as montanhas se desenhavam, salientes e claras, contra o sol poente. Lá embaixo, via-se uma casa grande, com uma piscina onde algumas pessoas se banhavam. Um jardim encantador circundava a casa; a residência tinha um ar de prosperidade e isolamento, e aquela atmosfera peculiar aos ricos. Mais abaixo, na descida de uma estrada poeirenta, uma pequena choça, num campo árido. A pobreza, a sordidez, e o labor rude eram visíveis, mesmo àquela distância. Vistas do alto, as duas casas não estavam longe uma da outra; o feio e o belo se tocavam.

A simplicidade do coração é muito mais importante e significativa do que a simplicidade nas posses. Contentar-se com poucas coisas é relativamente fácil. Renunciar ao conforto, abandonar o hábito de fumar e outros hábitos, não denota simplicidade de coração. Vestir uma tanga, num mundo onde se dá tanta importância aos trajos, aos confortos e às distrações, não indica um ente livre. Conhecemos um homem que renunciara ao mundo e suas lides, mas os desejos e paixões o consumiam; vestira um hábito de monge, mas não encontrava a paz. Seus olhos andavam numa busca perene, e a mente estava cindida por dúvidas e esperanças. Exteriormente, um homem pratica disciplinas e renúncias, traça o próprio roteiro, passo por passo, a fim de alcançar o seu alvo. Mede o progresso feito no próprio aperfeiçoamento, pelos padrões de virtude: abandonou isto ou aquilo, tornou-se mais controlado na conduta, mais tolerante, mais benevolente, etc., etc. Aprendeu a arte da concentração e retira-se para uma floresta, um mosteiro, ou um quarto escuro, para meditar; passa os dias em oração e vigilância. Exteriormente, este homem tornou a vida muito simples, e, por meio deste expediente bem pensado e calculado, espera alcançar a bem-aventurança que não é deste mundo.

Mas é possível alcançar-se a Realidade mediante controles e sanções exteriores? Embora a simplicidade exterior, a renúncia ao conforto, sejam evidentemente necessárias, pode um tal gesto, por si só, abrir a porta da Realidade? A preocupação com conforto e

bom êxito, impõe uma carga à mente e ao coração, e para viajar é preciso estar-se livre de cargas; mas, por que tanta preocupação a respeito desse gesto exterior? Por que tanto empenho em apresentarmos uma expressão externa da nossa intenção? É por medo de nos enganarmos ou por medo do que se diga de nós? Por que queremos convencer-nos da nossa integridade? Este problema não está todo no desejo de estarmos certos e convencidos da nossa própria importância, em nosso vir a ser?

O desejo de ser é o começo da complexidade. Impelidos pelo crescente desejo de ser, interior e exteriormente, nós acumulamos ou renunciamos, cultivamos ou negamos. Vendo que o tempo nos rouba todas as coisas, apegamo-nos ao atemporal. Esta luta para *ser,* positiva ou negativamente, pelo apego ou pelo desapego, nunca será resolvida por um gesto exterior, disciplina ou exercício. Mas a compreensão dessa luta trará, natural e espontaneamente, a nossa libertação da acumulação exterior e interior, com todos os seus conflitos. A Realidade não pode ser alcançada por meio do desapego; ela é inatingível por quaisquer meios que sejam. Todos os meios e todos os fins constituem uma forma de apego, e têm de desaparecer para dar lugar à Realidade.

15. FACETAS DO INDIVÍDUO

Veio procurar-nos, rodeado dos seus discípulos. Estes eram de todas as categorias — o abastado e o pobre, o alto funcionário do Governo e a viúva, o fanático e o moço sorridente. Constituíam um grupo prazenteiro e feliz, e as sombras dançavam nas paredes da casa branca. Na folhagem espessa, os papagaios soltavam gritos estridentes, e um caminhão passou, com estrépito. O moço, muito zeloso, defendia com ardor a importância do *guru,* do instrutor; os outros concordavam e sorriam satisfeitos quando o rapaz tirava as suas conclusões, claras e objetivas. O céu estava muito azul, e uma águia de pescoço branco voava em círculos sobre nossas cabeças, quase sem agitar as asas. Era um dia belíssimo. Como nos destruímos uns aos outros, o discípulo ao *guru* e o *guru* ao discípulo! Como nos ajustamos e desajustamos e de novo nos moldamos! Uma ave puxava uma comprida minhoca da terra úmida.

Nós somos multidão e não um único. O único não pode surgir, enquanto não desaparecerem os muitos. Na multidão vociferante todos estão em guerra contra todos, noite e dia, e esta guerra é o

mal da vida. Destruímos um, mas outro surge no seu lugar; e este processo aparentemente sem fim é a nossa vida. Tentamos impor o único à multidão, mas o único em breve se torna multidão. A voz da multidão é a voz do único, e esta voz única assume autoridade; isso, porém, é ainda a tagarelice de uma voz. Somos as vozes da multidão, e forcejamos para perceber a voz suave do único. O único é a multidão, se a multidão silencia para ouvir a voz do único. Os muitos não podem achar o único.

Nosso problema não é o de como ouvir a voz do único, mas, sim, de compreender a composição, a constituição dos muitos que somos nós. Uma faceta da multidão não pode compreender toda a multidão. Uma só entidade não pode compreender as muitas entidades que somos. Embora uma faceta se esforce para controlar, disciplinar, moldar as outras facetas, o resultado dos seus esforços é apenas isolar, estreitar. O todo não pode ser compreendido através da parte, e esta é a razão por que nunca o compreendemos. Jamais temos a visão do todo ou estamos cônscios do todo, porque vivemos muito ocupados com a parte. A parte divide-se a si mesma, tornando-se multidão. Para se estar cônscio do todo, do conflito dos muitos, é necessária a compreensão do desejo. Só há uma atividade do desejo, embora haja variadas e contraditórias exigências e atividades; todas são produto do desejo. O desejo não deve ser sublimado ou reprimido; deve ser compreendido, sem a presença daquele que compreende. Se está presente a entidade que compreende, então é ainda a entidade do desejo que está presente. Compreender sem o experimentador é estar livre do único e da multidão.

Todas as atividades de conformidade e negação, de análise e aceitação, só podem tornar mais forte o experimentador. O experimentador não pode compreender o todo. O experimentador é coisa que foi acumulada, e não há compreensão dentro da sombra do passado. A dependência do passado pode oferecer um modo de ação, mas o cultivo de um meio não é compreensão. A compreensão não é coisa da mente, do pensamento; e se se disciplina o pensamento para o silêncio, a fim de perceber aquilo que não é da mente, então, o que se experimenta é a projeção do passado. No percebimento desse processo integral, há um silêncio que não procede do experimentador. Só nesse silêncio pode aparecer a compreensão.

16. O SONO

Era um inverno rigoroso, e as árvores desfolhadas erguiam para o céu os seus galhos nus. Havia muito poucas árvores de folhagem perene, mas mesmo estas se ressentiam dos ventos frios e das noites geladas. As montanhas ao longe estavam cobertas de pesadas neves e, suspensas acima delas, viam-se nuvens brancas, semelhando vagalhões. O capim era cor de ferrugem, pois não chovia há vários meses, e as chuvas primaveris ainda estavam distantes. A terra dormia, improdutiva. Não havia o alegre movimento das aves a fazerem ninhos nas sebes verdejantes, e os caminhos eram duros e poeirentos. No lago, alguns patos interrompiam a sua viagem para o sul. As montanhas ofereciam a promessa de uma nova primavera, e a terra sonhava com ela.

Que aconteceria, se fôssemos privados do sono? Disporíamos de mais tempo, para brigar, intrigar, praticar más ações? Seríamos mais cruéis e desapiedados? Haveria mais tempo para a humanidade, a compaixão, a frugalidade? Seríamos mais criadores? O sono é uma coisa estranha, mas extraordinariamente importante. Para a maioria das pessoas, as atividades do dia continuam durante o repouso noturno. O seu sono é a continuação da sua vida de monotonia ou de excitações, o prolongamento, num nível diferente, da mesma insipidez ou da mesma luta sem significação. O corpo é revigorado pelo sono; seu organismo interno, que tem vida própria, se renova. Durante o sono, os desejos estão em repouso, e não intervêm no organismo; e, tonificado o corpo, as atividades do desejo encontram novas oportunidades de estímulo e de expansão. É óbvio que, quanto menos interferirmos no organismo, tanto melhor; quanto menos a mente se ocupar com o organismo, tanto mais saudável e natural o funcionamento deste. O mal-estar orgânico, porém, é outra questão, sendo causado pela mente ou por fraqueza do próprio organismo.

O sono é de muita importância. Quanto mais fortalecidos os desejos, tanto menor a significação do sono. Os desejos, positivos ou negativos, são fundamentalmente sempre positivos; o sono é a suspensão temporária dessa positividade. Não é o oposto do desejo, não é negação, mas um estado em que o desejo não pode penetrar. Durante o sono ocorre a quietação das camadas superficiais da consciência, que se tornam então capazes de receber as mensagens das camadas mais profundas; entretanto, isso representa apenas uma compreensão parcial do problema. Naturalmente é possível a todas as camadas da consciência estarem em comunicação entre si nas horas de vigília, bem como durante o sono; e isso certamente é essencial. Esta comu-

nicação liberta a mente da sua arrogância e, assim, a mente deixa de ser o fator preponderante. Dessarte, ela abandonará, livre e naturalmente, as atividades e esforços egocêntricos. Neste processo o impulso de vir a ser se dissolve completamente, e o ímpeto acumulador se detém.

Algo mais ocorre durante o sono: acham-se soluções para os nossos problemas. Quando a mente consciente está tranqüila, torna-se capaz de receber uma resposta, sendo este um fato muito simples. Todavia, muito mais significativo e importante do que tudo isso é aquele renovar que não é cultivar com a cultivação. Qualquer um pode cultivar, deliberadamente, um talento, uma capacidade, ou desenvolver uma técnica, um padrão de ação e de conduta; mas isto não é renovação. Cultivar não é criar. Esta renovação criadora é impossível, se há esforço por parte de qualquer um para *vir a ser*. A mente tem de abandonar voluntariamente todo impulso acumulador — acumulação de experiência, como meio de obter mais experiência e perfeição. É o impulso acumulador de autoproteção que gera a curva do tempo e impede a renovação criadora.

A consciência, tal como a conhecemos, pertence ao tempo, é um processo de registro e acumulação de experiência, nos seus diferentes níveis. Tudo o que ocorre no interior desta consciência é *projeção* dela própria, tem qualidade própria e é mensurável. Durante o sono, essa consciência se fortalece ou sucede algo de todo diferente. Para a maioria de nós, o sono fortifica a experiência; é um processo de registrar e acumular, no qual há expansão, mas não há renovação. A expansão dá-nos um sentimento de vaidade, de realização, de compreensão, etc. Mas nada disso, porém, é renovação criadora. Esse processo de vir a ser tem de cessar completamente, não como meio de ganhar mais experiência, mas como um findar em si.

Durante o sono, e freqüentemente nas horas de vigília, quando cessa completamente o vir a ser, quando terminou o efeito de uma causa, então, aquilo que está além do tempo, além da medida de causa e efeito, surge na existência.

17. O AMOR NAS RELAÇÕES

O caminho, passando por uma fazenda, galgava um monte, do alto do qual podiam ver-se várias construções, vacas com seus bezerros, galinhas, cavalos e muitas máquinas agrícolas. Era uma senda aprazível, por entre matas, freqüentada pelos gamos e outros animais

selvagens, que deixavam seus rastros, aqui e ali, na terra fofa. Quando tudo estava muito calmo, as vozes da fazenda, os risos e o som do rádio eram levados a grande distância. A fazenda, bem administrada, apresentava um ambiente de boa ordem e asseio. Por vezes, as vozes se alteavam, raivosas, e seguia-se o silêncio das crianças. Sentia-se uma canção por entre as árvores e as vozes coléricas chegavam mesmo a interromper esta canção. De repente, uma mulher saiu de casa, batendo com violência a porta. Dirigiu-se ao estábulo e começou a espancar uma vaca com uma vara. O som penetrante das pancadas chegava ao alto do morro.

Como é fácil destruirmos o que amamos! Com que rapidez se interpõe uma barreira entre nós — uma palavra, um gesto, um sorriso! O estado de saúde, as disposições de humor e o desejo projetam uma sombra, e o que era brilhante se embacia e se torna molesto. Gastamo-nos pelo uso, e aquilo que era vivo e claro se torna tedioso e confuso. Pelo constante atrito, esperança, frustração, o que era belo e simples começa a causar medo e apreensão. As relações são complexas e difíceis, e delas poucos podem sair ilesos. Embora gostássemos que fossem estáticas, duradouras, contínuas, as relações são um movimento, um processo que precisa ser compreendido, profunda e completamente, e não ser ajustado a um padrão interior ou exterior. O ajustamento — que constitui a estrutura social — só perde sua importância e autoridade, quando existe o amor. O amor nas relações é um processo purificador, porque revela os movimentos do *eu*. Sem esta revelação, as relações têm muito pouca significação.

Mas, como lutamos contra esta revelação! A nossa luta assume muitas formas: dominação ou subserviência, medo ou esperança, ciúme ou aceitação etc., etc. A dificuldade está em que não amamos; e se amamos, queremos que esse sentimento funcione de uma determinada maneira; não lhe damos liberdade. Amamos com a mente, e não com o coração. A mente pode modificar-se; o amor, não; a mente pode fazer-se invulnerável, o amor não pode; a mente sempre pode retrair-se, tornar-se exclusiva, pessoal ou impessoal; o amor não pode ser comparado nem delimitado. O nosso problema reside na coisa que *chamamos* amor e que realmente é uma coisa da mente. Enchemos os nossos corações com as coisas da mente e os mantemos, assim, sempre vazios e expectantes. É a mente que se apega a alguma coisa que é invejosa, que prende e destrói. Nossa vida é dominada pelos centros físicos e pela mente. Não amamos deixando o amor agir sozinho, em liberdade, mas ansiamos por ser amados; damos porque queremos receber, o que é generosidade da mente e não do

coração. A mente está sempre buscando a certeza, a segurança; e pode o amor tornar-se seguro e certo, pela ação da mente? Pode a mente, cuja essência mesma é do tempo, captar o amor, que é sua própria eternidade?

Mas mesmo o amor do coração tem suas manhas; pois, de tal maneira temos corrompido o nosso coração, que ele se tornou hesitante e confuso. É isso que torna a vida tão dolorosa e entediante. Num momento, pensamos possuir o amor, e, no próximo momento, já o perdemos. Surge uma força imponderável, que não procede da mente e cujas fontes são insondáveis. E esta força é de novo destruída pela mente; porque nesta batalha a mente parece ser o invariável vencedor. Este conflito em nosso interior não pode ser resolvido pela mente astuciosa nem pelo coração hesitante. Não há meio, não há modo de se pôr fim a este conflito. A própria busca de um meio é um outro impulso da mente para dominar, acabar com o conflito, a fim de se tornar pacífica, captar o amor, vir a ser alguma coisa.

A maior das nossas dificuldades é nos tornarmos ampla e profundamente cônscios de que não existe meio que nos leve ao amor, como um fim desejado pela mente. Quando compreendemos isso de maneira real e profunda, há então a possibilidade de se receber algo não procedente deste mundo. Sem o contato deste algo, nada do que fizermos trará felicidade duradoura às nossas relações. Se vós recebestes essa bênção e eu não a recebi, então, naturalmente, vós e eu estaremos em conflito. Vós podeis não estar em conflito, mas eu estarei; e, na minha dor e sofrimento, isolo-me. O sofrimento é tão isolante como o prazer, e enquanto não houver aquele amor não fabricado por mim, as relações serão dolorosas. Se recebestes a bênção daquele amor, não podeis deixar de amar-me, como quer que eu seja, porque então não moldais o amor em conformidade com minha conduta. Quaisquer que sejam os artifícios que a mente ponha em prática, vós e eu estamos separados. Embora possamos ter certos pontos de contacto, a integração não está convosco, mas dentro de mim mesmo. Esta integração não pode ser produzida pela mente, em tempo algum; só pode realizar-se quando a mente está de todo em todo silenciosa, tendo alcançado o limite de suas possibilidades. Só então, não há mais sofrimento nas relações.

18. O CONHECIDO E O DESCONHECIDO

As longas sombras da tarde se estendiam sobre as águas paradas, e o rio se tornava sereno, no fim do dia. Peixes saltavam da água, e

grandes aves vinham pousar nas árvores altas. Não se via uma nuvem no céu azul-prateado. Uma barca descia o rio, cheia de gente; cantavam e batiam palmas; ao longe uma vaca mugia. Sentia-se o cheiro do anoitecer. Uma grinalda de "marigolds"[1] movia-se na água que rutilava ao sol poente. Como tudo era belo e cheio de vida — o rio, os pássaros, as árvores, os aldeões!

Estávamos sentados debaixo de uma árvore que dominava o rio. Perto da árvore, erguia-se um pequeno templo, e algumas vacas magras vagueavam pelas adjacências. O templo era limpo e bem varrido, e o arbusto florido, bem tratado e regado. Um homem executava os seus ritos vespertinos, com voz pausada e dolente. Sob os derradeiros raios do sol, a água tinha a cor de flores recém-desabrochadas. Não demorou muito, uma pessoa veio juntar-se a nós e começou a falar-nos a respeito de suas experiências. Disse ter consagrado muitos anos da sua vida à busca de Deus, praticado muitas austeridades e renunciado a muitas coisas que lhe eram caras. Prestara também serviços consideráveis em obras sociais, contribuindo para a construção de uma escola, etc. Mostrava-se interessada em muitas coisas, mas o interesse que mais a dominava era o de encontrar Deus; e agora, depois de tantos anos, a voz d'Ele se fizera ouvir e a estava guiando tanto nas pequenas como nas grandes coisas. Não tinha vontade própria, porque seguia a voz interior, de Deus, voz que nunca falhava, embora ela corrompesse freqüentemente a sua pureza; sua prece era sempre pela purificação do recipiente, para que fosse digna de receber.

Aquilo que é imensurável pode ser encontrado por vós ou por mim? O que não pertence ao tempo pode ser encontrado pelo que se formou com o tempo? Pode qualquer disciplina, diligentemente praticada, conduzir-nos ao desconhecido? Existe algum meio de alcançar aquilo que não tem começo nem fim? Pode aquela realidade ser apanhada na rede dos nossos desejos? O que podemos apanhar é a projeção do conhecido; mas o desconhecido não pode ser aprisionado pelo conhecido. O que tem nome não é aquilo a que não se pode dar nome, e pelo dar nome só despertamos reações condicionadas. Tais reações, por mais nobres e agradáveis que sejam, não procedem do real. Reagimos a estimulantes, mas a Realidade não nos oferece nenhum estimulante: ela *é*.

A mente, que caminha do conhecido para o conhecido, não pode alcançar o desconhecido. Ninguém pode pensar numa coisa que não

(1) Nome de diversas variedades de flores silvestres da Europa e EUA. (N. do T.)

conhece; isto é impossível. O que se pode pensar sai do conhecido, do passado, seja remoto, seja o de um segundo atrás. Este passado é pensamento, moldado e condicionado por numerosas influências, mas sempre um processo de tempo. O pensamento só pode negar ou afirmar, e não pode descobrir ou investigar o novo. O pensamento não pode encontrar o novo; quando, porém, o pensamento está em silêncio, o novo pode então apresentar-se — e logo é transformado pelo pensamento no velho, em coisa experimentada. O pensamento está sempre moldando, modificando, colorindo, de acordo com um padrão de experiência. A função do pensamento é de comunicar e não de achar-se no estado de viver. Terminado o momento vivido, o pensamento se apodera dele e lhe aplica um termo, dentro da categoria do conhecido. O pensamento não pode penetrar no desconhecido, e portanto nunca será capaz de descobrir ou de viver a Realidade.

Disciplinas, renúncias, desapegos, ritos, a prática da virtude — todas estas coisas, por mais nobres que sejam, são processo de pensamento; e o pensamento só pode funcionar na direção de um fim, de uma realização, que é sempre o conhecido. Realização é segurança, a certeza da proteção que o conhecido nos dá. Buscar a segurança naquilo que não tem nome, é negá-la. A segurança que se pode achar, está apenas na projeção do passado, do conhecido. Por esta razão, a mente deve achar-se sempre, completa e profundamente, silenciosa; todavia, este silêncio não pode ser comprado pelo sacrifício, pela sublimação ou a repressão. Este silêncio vem quando a mente já não está buscando, já não está aprisionada no processo de vir a ser. Este silêncio não é cumulativo, não pode ser formado gradualmente, por meio de exercícios. Deve ser tão desconhecido para a mente como o atemporal; porque, se a mente conhece o silêncio, temos então o experimentador, que é o resultado de experiências passadas, a tomar conhecimento de um silêncio já passado; e o que é experimentado pelo experimentador não é mais do que uma repetição que ele próprio projeta. A mente não pode viver o novo, e portanto tem de ficar completamente quieta.

A mente só pode estar quieta quando não está experimentando, isto é, quando não está dando nomes, registrando ou guardando na memória. Este dar nome e registrar é um processo constante das diferentes camadas da consciência e não apenas da mente superficial. Mas, quando a mente superficial está quieta, a mente mais profunda pode enviar suas sugestões. Quando a consciência total está silenciosa e tranqüila, livre de todo o vir a ser, o que é espontaneidade, só então o imensurável se apresenta na existência. O desejo de

conservar essa liberdade dá continuidade à memória, que é vir a ser e, como tal, um obstáculo à realidade. A Realidade não tem continuidade; ela existe de momento em momento, sempre nova, sempre ativa. O que tem continuidade não pode ser criador.

A mente superficial é apenas um instrumento de comunicação, e não pode medir o imensurável. A Realidade é inefável, e, se falamos dela, já não é mais a Realidade.

Isto é meditação.

19. A BUSCA DA VERDADE

Vinha de muito longe, viajara centenas de milhas, de vapor e de avião. Só falava sua própria língua e com a maior dificuldade se estava ajustando a este ambiente novo e perturbador. O clima e a alimentação lhe eram completamente estranhos. Nascido e criado numa grande altitude, o calor úmido começava a molestá-lo. Era homem muito lido, uma espécie de cientista, e tinha escrito alguma coisa. Parecia bem familiarizado com as filosofias ocidentais e orientais, e fora católico romano. Disse que há muito tempo andava insatisfeito com estas coisas mas as suportava por causa da família. Seu casamento era o que se podia considerar um casamento feliz, e ele amava os dois filhos. Estes já cursavam o colégio, naquela terra longínqua, e tinham um futuro promissor. Mas a insatisfação com sua vida e suas atividades fora crescendo tanto, através dos anos, que, alguns meses atrás, chegara a uma crise. Deixou a família, depois de tomar as providências necessárias para o sustento da mulher e dos filhos, e agora aqui estava. Tinha dinheiro suficiente para ir vivendo, e viera à procura de Deus. Declarou não ser de modo nenhum um desequilibrado, e que seus propósitos eram bem claros.

O estado de equilíbrio não é uma questão que possa ser decidida pelos frustrados ou pelos bem sucedidos. Estes podem muito bem ser desequilibrados; e os frustrados ou se tornam despeitados e sardônicos ou encontram algum meio de fuga, através de alguma ilusão projetada de si mesmos. O equilíbrio não pode ser dado pelos psicanalistas. Estar bem ajustado à norma não indica necessariamente equilíbrio. Essa norma pode muito bem ser o produto de uma sociedade desequilibrada. Uma sociedade desequilibrada, não importa se da esquerda, se da direita, se o poder de aquisição é conferido ao Estado ou aos cidadãos. Equilíbrio é ausência de impulso aquisitivo. A idéia de equilíbrio e desequilíbrio está ainda na esfera do pensa-

mento e portanto não pode servir de critério. O próprio pensamento, a reação condicionada, com seus padrões e juízos, não é verdadeiro. A Verdade não é uma idéia, uma conclusão.

Deus pode ser encontrado, se o procuramos? Pode-se investigar o incognoscível? Para achar, preciso conhecer o que estou procurando. Se procuro para achar, o que acho é uma autoprojeção: aquilo que desejo. E qualquer coisa criada pelo desejo não é a Verdade. Procurar a Verdade é negar a Verdade. A Verdade não tem morada fixa; não há caminho nem guia que possa conduzir-nos a ela, e a palavra não é a Verdade. A Verdade pode ser encontrada num determinado meio, num clima especial, entre certas pessoas? Ela está aqui e não ali? Tal e tal indivíduo é o guia para a Verdade, e não outro? Existe algum guia? Quando se busca a Verdade, o que se acha só pode provir da ignorância, pois a própria busca nasce da ignorância. Não podeis descobrir a realidade; tendes de cessar vossas atividades, para que a realidade possa surgir.

"Não posso então encontrar o que não tem nome? Vim para este país, porque aqui há mais entusiasmo por essa busca. Fisicamente, aqui se pode viver mais à vontade, porque não se necessita de muitas coisas; as posses não têm aqui tanta preponderância como noutras paragens. Em parte, esta é a razão por que uma pessoa se retira para um mosteiro. Mas o recolhimento a um mosteiro oferece fugas psicológicas, e como não desejo fugir para um "isolamento organizado", aqui estou, vivendo a minha vida, para achar o que não tem nome. Sou capaz de achá-lo?"

Isto é questão de capacidade? Capacidade não subentende que se deve seguir uma determinada linha de ação, um caminho predeterminado, com todos os necessários ajustamentos? Fazendo tal pergunta, não estais perguntando se vós, como indivíduo comum, possuís os meios necessários para alcançar o que ardentemente desejais? Ora, sem dúvida, a vossa pergunta dá a entender que só aos entes excepcionais é dado achar a Verdade, e não ao homem comum. A Verdade só é concedida a uns poucos, aos excepcionalmente inteligentes? Por que perguntamos se somos capazes de achá-la? Temos o padrão, o exemplo do homem que se supõe haver descoberto a Verdade; e este exemplo, que nos parece estar muito acima de nós, cria a incerteza em nós mesmos. Ele assume, pois, uma grande significação e estabelece-se uma competição entre o exemplo e nós mesmos; também ansiamos por ser capazes de feitos inéditos. Esta pergunta — "Tenho a capacidade necessária?" — não provém de uma comparação consciente ou inconsciente entre o que sou e o que suponho o modelo seja?

Por que nos comparamos com o ideal? E a comparação pode trazer compreensão? O ideal é coisa diferente de nós? Não é ele uma autoprojeção, um produto de nossa própria fábrica, que impede a compreensão de nós mesmos, assim como somos? A comparação não é uma fuga à compreensão de nós mesmos? Há muitas maneiras de fugirmos de nós mesmos, e a comparação é uma delas. Por certo, sem nossa compreensão de nós mesmos a busca da chamada realidade representa uma fuga a nós mesmos. Sem o autoconhecimento, o deus que procuramos é o deus da ilusão; e a ilusão traz inevitavelmente conflito e sofrimento. Sem autoconhecimento não pode haver pensamento correto, e qualquer outra espécie de conhecimento é ignorância, que só pode levar à confusão e à destruição. O autoconhecimento não é um fim supremo; é a cunha única com que se pode abrir a porta do inexaurível.

"Mas o autoconhecimento não é de dificílima aquisição e não exige muito tempo?"

A própria concepção de que o autoconhecimento é difícil de obter constitui um obstáculo ao autoconhecimento. Deixai-me sugerir-vos que não o suponhais muito difícil de adquirir ou que sua aquisição exige muito tempo. Não determineis de antemão o que ele é e o que não é. Começai. O autoconhecimento pode ser descoberto na ação existente nas relações; e toda ação é relação. Não pode ser obtido pelo auto-isolamento, pelo retraimento; a negação das relações é morte. A morte é a suprema resistência. A resistência, que é repressão, substituição ou sublimação, sob uma forma qualquer, é um obstáculo ao fluir do autoconhecimento; mas a resistência tem de ser descoberta nas relações, na ação. A resistência, negativa ou positiva, com suas comparações e justificações, condenações e identificações, é a negação do que *é*. O que *é* é a Realidade implícita. E o percebimento da realidade implícita, sem nenhuma escolha, significa desvendá-la. Este desvendar é o começo da Sabedoria. A Sabedoria é essencial para a vinda do desconhecido, do inexaurível.

20. SENSIBILIDADE

Era um jardim encantador, com depressões cobertas de relva e árvores vetustas e copadas. A casa era grande, com espaçosos aposentos, bem arejada e bem dividida. As árvores ofereciam abrigo a muitos pássaros e esquilos, e a fonte era freqüentada por aves de todos os portes, por vezes águias, mas em geral, corvos, pardais e papagaios barulhentos. A casa e o jardim eram indevassáveis, cer-

cados que estavam por altos muros brancos. Era muito aprazível ali dentro; e fora dos muros reinava o bulício da estrada e da aldeia. A estrada passava pelo portão e a aldeia ficava a pouca distância, nas redondezas de uma cidade importante. A aldeia era sórdida, com valas abertas ao longo de sua via principal, uma viela estreita. As casas, cobertas de palha, as escadas da frente enfeitadas; na rua brincavam crianças. Alguns tecelões haviam estendido longos cordões de fios de cores alegres, para fazer pano, e um grupo de crianças os observava a trabalhar. Era uma cena risonha, viva, barulhenta e cheia de odores. Os aldeões tinham acabado de banhar-se e usavam muito pouca roupa, porque o clima era quente. Ao cair da noite alguns deles se embebedavam, tornando-se bulhentos e brutos.

Apenas um esguio muro separava o jardim encantador daquela aldeia palpitante de vida. Rejeitar o feio e apegar-se ao belo é ser insensível. O cultivo do oposto sempre há de estreitar a mente e limitar o coração. A virtude não é um oposto; e se tem um oposto deixa de ser virtude. Ser capaz de apreciar a beleza daquela aldeia, é ser sensível para o verde e florido jardim. Nós só queremos apreciar a beleza, e nos fechamos para o que não é belo. Tal restrição gera apenas insensibilidade, não produz a apreciação da beleza. O bem não está no jardim e afastado da aldeia, mas sim na sensibilidade, que tem sua existência fora de ambos. Rejeitar ou identificar-se leva à estreiteza, que é: ser insensível. A sensibilidade não é uma coisa que precisa ser nutrida com desvelo pela mente, que só sabe dividir e dominar. Existe o bem e o mal, mas desejar um e evitar o outro não nos leva àquela sensibilidade essencial para que a Realidade possa mostrar-se.

A Realidade não é o oposto da ilusão, do falso, e, se tentamos aproximar-nos dela como um oposto, nunca se nos mostrará. A Realidade só se manifesta quando cessam os opostos. O condenar ou identificar gera o conflito dos opostos, e conflito só pode engendrar mais conflito. Um fato apreciado emocionalmente, não sem negação ou justificação, não produz conflito. Um fato, em si, não tem oposto; só tem oposto quando o vemos com uma atitude de agrado ou de defesa. Esta atitude é que levanta as muralhas da insensibilidade e destrói a ação. Se preferimos ficar no jardim, há resistência à aldeia, e onde há resistência não pode haver ação, nem em presença do jardim, nem em presença da aldeia. Poderá haver atividade, não ação. A atividade se baseia numa idéia, e a ação, não. As idéias têm opostos, e o movimento dentro dos opostos é mera atividade. Por mais prolongada e variada que seja, a atividade nunca pode ser libertadora.

A atividade tem passado e futuro; a ação não tem. A ação está sempre no presente, e é portanto imediata. Reforma é atividade, não ação. Toda reforma exige uma reforma. Reformar é inação, uma atividade que nasce do oposto. A ação é de momento em momento e, fato singular, não tem contradição inerente. A atividade, porém, embora pareça não ter solução de continuidade, é sempre cheia de contradição. A atividade revolucionária é toda eivada de contradições e portando não pode libertar. O conflito, a escolha, jamais pode ser um fator liberador. Se há escolha, há então atividade e não ação; pois a escolha se baseia na idéia. A mente pode entregar-se à atividade, mas não pode agir. A ação brota de uma fonte completamente diferente.

A lua elevou-se acima da aldeia, estendendo sombras pelo jardim.

21. O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

Caminhávamos por uma rua muito movimentada. As calçadas estavam apinhadas de gente, e o cheiro das descargas dos automóveis e ônibus enchia-nos as narinas. As lojas exibiam muitos artigos de alta e baixa qualidade. O céu era de prata desmaiada, e agradava estar no parque, depois de deixarmos a barulhenta avenida. Internamo-nos mais no parque e nos sentamos.

Dizia ele que o Estado, com seu militarismo e sua legislação, estava absorvendo o indivíduo, em quase toda parte, e que o culto do Estado estava atualmente tomando o lugar do culto de Deus. Em quase todos os países, o Estado invadia a própria vida íntima dos cidadãos; indicava-lhes o que deviam ler e o que deviam pensar. O Estado espionava os cidadãos, sem os perder de vista, qual um deus, usurpando a função da Igreja. Era a nova religião. Outrora o homem era escravo da Igreja, hoje é escravo do Estado. Antes era a Igreja, hoje o Estado lhe controla a educação; e nem a um nem a outro interessava a libertação do homem.

Qual a relação do indivíduo com a sociedade? Obviamente, a sociedade existe para o indivíduo, e não o inverso disso. A sociedade existe para que o homem possa frutificar; existe para dar liberdade ao indivíduo e oferecer-lhe assim a oportunidade de despertar a mais alta inteligência. Esta inteligência não é o mero cultivo de uma técnica ou ciência; ela consiste no contacto com aquela realidade criadora que não provém da mente superficial. A inteligência não é resultado de acumulações, mas um estado em que se está livre

da conquista progressiva da perfeição e do sucesso. A inteligência não é estática; não pode ser copiada e padronizada e, por conseguinte, não pode ser ensinada. A inteligência tem de ser descoberta em liberdade.

A vontade coletiva e sua ação, que é a sociedade, não oferece a liberdade ao indivíduo; pois a sociedade, não sendo orgânica, é estática. A sociedade é formada, organizada, para a conveniência do homem; não tem um mecanismo independente, próprio. Certos homens podem apoderar-se da sociedade, guiá-la, moldá-la, tiranizá-la, conforme os seus estados psicológicos; mas a sociedade não é o senhor do homem. Pode influir sobre ele, mas o homem a quebra sempre. Há conflito entre o homem e a sociedade, porque o homem se acha em conflito dentro de si mesmo; e o conflito é entre o estático e o vivo. A sociedade é a expressão exterior do homem. O conflito entre o homem e a sociedade é o conflito existente nele próprio. Este conflito interior e exterior existirá sempre, enquanto não for despertada a mais alta inteligência.

Somos entidades sociais, bem como indivíduos; somos cidadãos e ao mesmo tempo homens, separados, interessados em vir a ser, sofrendo e gozando. Se queremos paz, temos de compreender a correta relação entre o homem e o cidadão. O Estado, naturalmente, prefere sejamos só cidadãos; isso, entretanto, é a estupidez própria dos governos. Nós, de nossa parte, gostaríamos de entregar o homem ao cidadão; porque ser cidadão é muito mais fácil do que ser homem. Ser um bom cidadão é funcionar eficientemente dentro do padrão de uma dada sociedade. Eficiência e ajustamento são exigidos do cidadão, para torná-lo rijo e cruel — capaz de sacrificar o homem ao cidadão. Um bom cidadão não é necessariamente um homem bom; mas um homem bom não pode deixar de ser um bom cidadão — não de determinada sociedade ou nação. Sendo, antes de tudo, um homem bom, suas ações não serão anti-sociais; ele não estará contra ninguém. Viverá em cooperação com outros homens bons; não aspirará à autoridade porque desconhece a autoridade; será eficiente, sem ser cruel. O cidadão procura sacrificar o homem; mas o homem que busca a inteligência suprema, evitará naturalmente as ações estúpidas do cidadão. Por isso, o Estado estará contra o homem bom, o homem de inteligência; esse homem, entretanto, é independente de qualquer governo ou nação.

O homem inteligente criará uma sociedade boa; mas um bom cidadão não fará nascer uma sociedade em que o homem possa ser da mais alta inteligência. O conflito entre o cidadão e o homem é inevitável, quando o cidadão predomina; e qualquer sociedade,

que deliberadamente despreza o homem, está condenada. Só haverá a reconciliação do homem e do cidadão quando o processo psicológico do homem for compreendido. Ao Estado, à sociedade presente, não interessa o homem interior, apenas o homem exterior, o cidadão. O Estado poderá negar o homem interior, mas este sempre suplantará o exterior, destruindo os planos sagazmente engendrados para o cidadão. O Estado sacrifica o presente ao futuro e está sempre a proteger-se para o futuro; considera da máxima importância o futuro, e não o presente. Para o homem inteligente, porém, o presente é da mais alta importância, o agora e não o amanhã. O que *é* só pode ser compreendido com o desaparecimento do amanhã. A compreensão do que *é* produz a transformação no presente imediato. Esta transformação é que é de suma importância, e não a maneira de reconciliar o cidadão e o homem. Realizada a transformação, cessará o conflito entre o homem e o cidadão.

22. O *EU*

À nossa frente, estava sentado um homem de posição e autoridade. Parecia bem compenetrado disso, pois seu aspecto, suas maneiras e atitudes proclamavam a sua importância. Era um alto funcionário do Governo e os de sua roda se mostravam muito deferentes para com ele. Dizia, em alta voz, a um companheiro, ser monstruoso o importunarem por causa de serviços oficiais secundários. Resmungava a propósito do procedimento dos seus subordinados, e os ouvintes se mostravam apreensivos. Voávamos muito acima das nuvens, a uma altura de dezoito mil pés, e pelas frestas das nuvens via-se, lá embaixo, o mar azul. Quando as nuvens se dissiparam um pouco, apareceram as montanhas cobertas de neve, as ilhas, e largas enseadas. Como estavam distantes e como eram belas as casas solitárias, e as pequenas aldeias! Um rio descia das montanhas para o mar. Passava por uma grande cidade, enfumaçada e escura, onde suas águas se poluíam; mas logo adiante, se mostravam de novo límpidas e rutilantes. Num dos assentos, um pouco mais longe, estava um oficial uniformizado, o peito coberto de fitas, arrogante e inacessível. Pertencia a uma classe à parte, existente no mundo inteiro.

Por que temos tanta ânsia de louvor, por que queremos ser tidos em grande conta, ser estimulados? Por que razão somos tão esnobes? Por que nos apegamos à exclusividade de nosso nome, posição, aquisições? É degradante o anonimato, é desairoso ser desconhecido? Por que seguimos os que são famosos, populares? Por que não nos

contentamos com ser nós mesmos? É por termos medo e vergonha de ser o que somos, que o nome, a posição e aquisição se tornam de tão súbita importância? Curioso como é forte o desejo de reconhecimento, de aplauso. Na excitação de uma batalha, praticamos feitos incríveis, pelos quais nos são prestadas grandes honras; tornamo-nos heróis, matando o nosso semelhante. Mercê de privilégios, talentos ou capacidade e eficiência alcança-se uma posição nas proximidades do cume; entretanto, o cume não é o cume, pois, sempre se quer mais e mais, na embriaguez do sucesso. A nação ou os negócios estão personificados em vós mesmo; de vós dependem os acontecimentos: sois o poder. A religião organizada oferece posição, prestígio e honras; aí também sois alguém, separado, importante. Ou, por outro lado, vos tornais discípulo de um instrutor, *guru* ou mestre, ou cooperais com ele, na sua obra. Sois ainda importante, pois o representais e participais de suas responsabilidades, porque dais e outros recebem. Embora em nome deles, sois *vós* o agente. Podeis cingir uma tanga ou tomar o hábito de monge, mas sois *vós,* ainda, quem faz tal gesto, sois *vós* quem está renunciando.

De uma ou outra maneira, sutil ou grosseiramente, o *eu* é nutrido e sustentado. Afora suas atividades anti-sociais e nocivas, por que razão o *eu* tem de se manter a si mesmo? Vivendo, como vivemos, agitados e sofrendo, com prazeres passageiros, por que se apega o nosso *eu* às satisfações exteriores e interiores, às atividades que acarretam inevitavelmente sofrimentos e misérias? A sede de atividade positiva como oposto da negação faz-nos lutar para *ser;* a luta faz-nos sentir que estamos vivos, que nossa vida tem finalidade e progressivamente nos iremos aliviando das causas do conflito e do sofrimento. Sentimos que se essa nossa atividade se detivesse, não seríamos mais nada, estaríamos perdidos, e a vida não teria mais significação; e por isso nos mantemos em movimento, no conflito, na confusão, no antagonismo. Mas percebemos igualmente que há algo mais, um estado diferente, acima e além de toda esta aflição. Achamo-nos, destarte, numa batalha constante dentro de nós mesmos.

Quanto maior a ostentação exterior, maior a pobreza interior; mas a libertação desta pobreza não é a tanga. A causa do vazio interior é o desejo de vir a ser; e tudo o que fizermos nunca será capaz de encher este vazio. Podeis fugir dele de maneira rudimentar ou requintada; mas ele continuará tão perto de vós como a vossa sombra. Podeis não desejar perscrutar este vazio; ele, todavia, está sempre presente. Os atavios e renúncias com que o *eu* se cobre nunca esconderão a pobreza interior. Com suas atividades interiores e exteriores, procura o *eu* enriquecimento, que ele chama experiência ou

por outro nome, conforme sua conveniência e satisfação. O *eu* não suporta o anonimato; poderá cobrir-se com um manto novo, tomar um nome diferente; mas a identidade é sua própria essência. Esse processo identificador impede o percebimento de sua natureza. O processo cumulativo da identificação forma, pouco a pouco, o *eu*, positiva ou negativamente; e a atividade deste é sempre um auto-enclausuramento, por mais ampla que seja a clausura. Todo esforço do *eu* no sentido de ser ou não ser é um movimento para longe do que *é*. Separado do seu nome, seus atributos, idiossincrasias e posses, que é o *eu*? Existe ainda o *eu*, se lhe são retirados os seus atributos? É o medo de ser nada que impele o *eu* à atividade; mas ele *é* nada, um vazio.

Se somos capazes de enfrentar esse vazio, de ficar em companhia daquela solidão dolorosa, então o medo desaparece completamente e ocorre uma transformação fundamental. Para que isso possa acontecer, precisamos conhecer aquele estado de nada, o qual não é possível se existe experimentador. Se existe algum desejo de conhecer aquele vazio, com o fim de dominá-lo, ultrapassá-lo, transcendê-lo, tal experiência não poderá verificar-se, pois o *eu*, como entidade, continua. Se o experimentador tem uma experiência, não há mais o estado de conhecer, viver. O conhecer o que *é*, sem lhe dar nome, é que traz a nossa libertação do que *é*.

23. CRENÇA

Andávamos pelos altos das montanhas, e o tempo estava muito seco. Os regatos tinham silenciado, pois há muitos meses não chovia. Os pinheiros, alguns já mortos, se tornavam marrons; o vento errava entre eles. As montanhas se estendiam, dobra por dobra, até o horizonte. A maior parte dos habitantes selváticos se fora, em busca de pastos mais tenros e melhores; só os esquilos e uns poucos gaios[1] tinham ficado. Também outros pássaros menores, mas daqueles que estão calados durante o dia. Um pinheiro morto parecia caiado de branco, depois de muitos verões. Era belo, mesmo na morte, gracioso e robusto, e sem mágoas. O solo era duro, os caminhos pedregosos e poeirentos.

Ela declarou haver pertencido a várias sociedades religiosas, mas que afinal se tinha fixado numa. Trabalhara em prol da mesma, como

(1) Ave européia e norte-americana, da família do corvo. (N. do T.)

conferencista e propagandista, praticamente no mundo inteiro. Abandonara família, confortos e muitas outras coisas, por causa dessa organização; aceitara suas crenças, doutrinas e preceitos; seguira-lhe os líderes, e se esforçava para meditar. Gozava do melhor conceito entre os membros e bem assim entre os líderes. Mas agora, prosseguiu — depois de ouvir o que eu dissera a respeito das crenças, das organizações, dos perigos da automistificação, etc. — retirara-se daquela organização e suas atividades. Não estava mais interessada em salvar o mundo; cuidava de sua pequena família e seus problemas, e experimentava apenas um interesse remoto pelo mundo atribulado. Sentia-se inclinada à acrimônia, embora se mostrasse benévola e generosa, porque, dizia, sua vida tinha sido desperdiçada. Depois de tanto entusiasmo e tanto trabalho, que era ela? Que lhe havia acontecido? Por que se sentia tão embotada e cansada e, na sua idade, tão preocupada com coisas triviais?

Como destruímos facilmente a delicada sensibilidade do ser! O incessante atrito e luta, as ansiosas fugas e temores, depressa insensibilizam a mente e o coração; e a mente astuciosa logo encontra substitutos para a sensibilidade da vida. Divertimentos, família, política, crenças e deuses tomam o lugar da lucidez e do amor. A lucidez se perde por causa do saber e da crença, e o amor, por causa das sensações. A crença traz lucidez? A estreita prisão da crença traz a compreensão? Que necessidade há de crenças? Não obscurecem a mente, já tão cheia de outras coisas? A compreensão do que *é* não exige nenhuma crença, porém percepção direta, que é estar diretamente cônscio, sem a interferência do desejo. É o desejo que produz a confusão, e a crença é o prolongamento do desejo. As atividades do desejo são sutis e, se não forem compreendidas, a crença irá aumentar o conflito, a confusão e o antagonismo. O outro nome da crença é fé, e a fé é também o refúgio do desejo.

Voltamo-nos para a crença, como um meio de ação. A crença nos comunica aquela força peculiar, que procede da exclusão, e como os mais de nós estamos interessados em fazer coisas, a crença se torna uma necessidade. Sentimos que não podemos agir sem a crença, pois é a crença que nos dá alguma coisa pela qual viver e trabalhar. Para a maioria, a vida não tem outra significação senão aquela que a crença lhe dá; a crença tem mais significação do que a vida. Pensamos que a vida deve ser vivida no padrão da crença; porque, se não temos um padrão de certa espécie, como pode haver ação? Nossa ação se baseia em idéia ou é produto de idéia; a ação, pois, não é tão importante como a idéia.

As coisas produzidas pela mente, por mais brilhantes e nobres que sejam, poderão em algum tempo produzir a integridade da ação, uma radical transformação do nosso ser e, conseqüentemente, na ordem social? A idéia é o meio da ação? A idéia pode produzir uma certa série de ações, mas isso é mera atividade; e a atividade é coisa completamente diferente da ação. É nessa atividade que estamos aprisionados. E, se, por uma razão qualquer, a atividade cessa, então nos sentimos perdidos e a vida se torna sem significação, vazia. Percebemos esse vazio, consciente ou inconscientemente, e por isso a idéia e a atividade se tornam sumamente importantes. Enchemos esse vazio com a crença, e a atividade se torna uma necessidade embriagadora. Por causa dessa atividade estamos prontos a renunciar, a ajustar-nos a qualquer desconforto, qualquer ilusão.

A atividade da crença é criadora de confusão, é destrutiva; poderá, à primeira vista, parecer harmoniosa e construtiva, mas na sua esteira vem o conflito e a aflição. Qualquer espécie de crença, religiosa ou política, impede a compreensãc das relações, e não pode haver ação sem essa compreensão.

24. SILÊNCIO

O motor, possante e bem ajustado, vencia com facilidade os montes, sem uma falha. A estrada subia, do vale, pela encosta íngreme, por entre laranjais e nogueiras altas e copadas. Os pomares se estendiam pelos dois lados da estrada, por umas quarenta milhas bem contadas, até ao pé das montanhas. Em reta, a estrada passava por uma ou duas pequenas cidades, saía de novo em campo aberto, atapetado de alfafa verdejante e, mais uma vez, serpeando por entre morros, ia dar finalmente no deserto.

Aqui o carro deslizava suavemente, o motor roncava com perfeita regularidade, o tráfego era raro. Era intensa a lucidez, o percebimento: da região, de um carro que passava ocasionalmente, dos sinais da estrada, do céu límpido, do passageiro do carro; mas a mente estava mui tranqüila. Não a tranqüilidade da prostração ou do repouso, mas uma tranqüilidade altamente vigilante. Não existia qualquer ponto ou centro influindo para que a mente estivesse tranqüila. Não havia observador daquela tranqüilidade. O experimentador estava completamente ausente. Embora fôssemos conversando a esmo, não havia uma ruga naquele silêncio. Ouvia-se o uivo do vento, na corrida do carro pela estrada; mas aquela tranqüilidade era inseparável do

barulho do vento, dos ruídos do carro, da palavra falada. A mente não tinha a lembrança de silêncios anteriores, daqueles silêncios que conhecera; não dizia: "Isto é tranqüilidade." Não havia verbalização, que é só reconhecimento e confirmação de outra experiência algo semelhante. Como não havia verbalização, o pensamento estava ausente. Nenhum registro se fazia e por conseguinte o pensamento não tinha possibilidade de captar o silêncio ou pensar a seu respeito; porque a palavra *tranqüilidade* não é a tranqüilidade. Sem a palavra, a mente não pode operar e por conseguinte o experimentador não pode guardar coisa alguma, para gozos futuros. Não havia processo de acumulação, nem havia comparação ou assimilação. O movimento da mente estava de todo ausente.

O carro parou diante da casa. Os latidos do cão, o descarregamento da bagagem e o rebuliço geral em nada alteraram aquele silêncio extraordinário. Nenhuma perturbação *havia,* e o silêncio continuava a reinar. O vento rumorejava entre os pinheiros, as sombras eram compridas, e um gato selvagem foi-se rastejando por entre as moitas. Naquele silêncio havia movimento, e esse movimento não era distração. Não havia uma atenção fixada e passível de ser distraída. Há distração quando o interesse principal muda. Mas naquele silêncio era completa a ausência de interesses, e portanto não havia divagações. O movimento não estava separado do silêncio: *fazia parte* dele. Não era a tranqüilidade da morte mas a tranqüilidade da vida, quando é total a ausência de conflito. Para a maioria de nós, a luta entre o prazer e a dor, o impulso para a atividade, dá-nos o sentimento da vida; e se esse impulso nos fosse tirado, sentir-nos-íamos perdidos e breve nos desintegraríamos. Aquela tranqüilidade, entretanto, e o seu movimento eram a criação, que se renova sem cessar. Era um movimento sem começo e portanto sem fim; mas não era uma continuidade. O movimento implica o tempo; mas aqui não havia o tempo. O tempo é o mais e o menos, o que está perto e o que está longe, o ontem e o amanhã; mas naquela tranqüilidade havia cessado toda comparação. Não era um silêncio que se acaba para de novo recomeçar. Não havia repetição. As artimanhas da mente estavam todas ausentes.

Se este silêncio fosse uma ilusão, a mente estaria em alguma relação com ele; rejeitá-lo-ia ou se apegaria a ele, acharia razões para afastá-lo ou com sutil satisfação se identificaria com ele. Mas, não estando em relação com este silêncio, a mente não pode aceitá-lo ou negá-lo. A mente só pode operar com suas próprias projeções, com as coisas que procedem dela própria; mas não está em relação alguma com as coisas que não se originam dela própria. Este silêncio

não vem da mente, e portanto a mente não pode cultivá-lo e identificar-se com ele. O conteúdo deste silêncio não pode ser medido com palavras.

25. RENÚNCIA DAS RIQUEZAS

Estávamos sentados à sombra de uma árvore frondosa, que dominava um vale verdejante. Os pica-paus andavam muito ativos e um bando de formigas iam e vinham muito apressadas, numa longa fileira, entre duas ávores. O vento soprava do mar, trazendo o cheiro de um nevoeiro distante. As montanhas azulavam ao longe, etéreas, irreais; outras vezes pareciam tão próximas; hoje, porém, estavam tão afastadas! Um passarinho bebia de uma poça de água, formada por um cano rachado. Dois esquilos cinzentos, de caudas grandes e felpudas, perseguiam-se mutuamente, subindo e descendo uma árvore; alçavam-se até às grimpas e vinham voluteando pelo tronco abaixo, em louca disparada, quase até o chão, e de novo voltavam ao topo da árvore.

Outrora fora um homem muito rico e agora havia renunciado às suas riquezas. Tivera muitos haveres, aceitando com agrado os respectivos encargos e responsabilidades, pois era caritativo e não de todo duro de coração. Dava sem relutância e esquecia o que dava. Era bondoso para com os seus auxiliares, cuidando-lhe dos interesses, e ganhava dinheiro com facilidade, num mundo todo entregue ao afã de ganhar dinheiro. Não era igual àqueles cujos depósitos nos bancos e cujos investimentos são mais importantes do que eles próprios, que vivem sós, com medo das pessoas e de suas exigências, isolados na peculiar atmosfera de sua riqueza. Para com a família, nem se mostrava severo demais nem cedia facilmente, e contava numerosos amigos, mas não por ser rico. Havia abandonado as riquezas — disse — porque um dia, impressionado por certa leitura, compreendera quanto era estúpida aquela ânsia de ganhar dinheiro e a sua vida de riqueza. Atualmente, possuía só umas poucas coisas e se esforçava por viver uma vida simples, a fim de compreender o significado das coisas e descobrir se algo mais existe, além dos apetites dos centros físicos.

Contentar-se com pouco é relativamente fácil; estar-se livre da carga de muitos haveres não é difícil, quando se está jornadeando em busca de uma coisa nova. O ardor da busca interior dissipa a confusão que vem da posse de muitas coisas, mas estar livre das coisas

exteriores não significa vida simples. A simplicidade e a ordem exteriores não significam, necessariamente, tranqüilidade interior e inocência. É bom ser simples exteriormente, pois isso dá uma certa liberdade e expressa integridade; mas, por que razão começamos invariavelmente com a simplicidade exterior e não com a simplicidade interior? É para convencermos a nós mesmos e a outros da nossa intenção? Por que achamos necessário convencer a nós mesmos? A nossa libertação das coisas depende da inteligência, não de gestos ou convicções; a inteligência, entretanto, não é uma coisa pessoal. Se se percebe claramente o inteiro significado do possuir muitas coisas, esta própria lucidez liberta, e não há mais necessidade de asserções e de gestos dramáticos. Quando não opera esse percebimento inteligente, recorreremos às disciplinas e aos gestos de desprendimento. O que se deve levar em conta não é o muito ou o pouco, mas a inteligência; e o homem inteligente, contentando-se com pouco, está livre da carga de muitos haveres.

Mas o contentamento(1) é uma coisa, e a simplicidade outra, muito diferente. O desejo de contentamento ou de simplicidade impede a ação. O desejo leva à complexidade. O contentamento vem do conhecimento do que *é*, e a simplicidade, com a libertação do que *é*. Se é bom ser simples exteriormente, muito mais importante é ser simples e esclarecido interiormente. A claridade não vem da ação da mente determinada e resoluta; a mente não pode criar nenhuma claridade. Pode dispor e coordenar os seus pensamentos, mas isto não é claridade nem simplicidade.

A ação da vontade leva à confusão; porque a vontade, por mais sublimada, é sempre instrumento do desejo. A vontade de ser, de vir a ser, por mais vantajosa e nobre que seja, pode dar-nos uma diretiva, abrir-nos um caminho pelo meio da confusão; mas tal processo leva ao isolamento, e do isolamento não pode vir claridade. A ação da vontade poderá iluminar temporariamente o primeiro plano e possibilitar a simples atividade; entretanto, nunca poderá iluminar o *fundo*; pois a própria vontade é produto desse mesmo *fundo* (background.) O fundo gera e nutre a vontade, e a vontade poderá tornar mais ativo o fundo, aumentar-lhe as potencialidades, porém nunca será capaz de purificá-lo.

A simplicidade não é coisa da mente. Simplicidade planejada não é mais do que ardiloso ajustamento, defesa contra a dor e o prazer; é atividade egocêntrica, produtiva de muitas formas de con-

---

(1) *Contentamento*, no sentido de *isenção de desejos*. (N. do T.)

flito e confusão. O conflito traz a escuridão, interior e exterior. O conflito e a claridade não podem coexistir; e é a libertação do conflito que nos dá a simplicidade, e não a dominação do conflito. O que se domina uma vez, tem de ser dominado de novo, repetidamente; com isto se torna interminável o conflito. A compreensão do conflito é a compreensão do desejo. O desejo poderá abstrair-se, na qualidade de observador ou entidade que compreende; mas esta sublimação do desejo é puro adiamento e não é compreensão. O fenômeno observador e coisa observada não é um processo dual, mas um processo único; e *só* no conhecimento direto deste fato, deste processo unitário, pode dar-se a nossa libertação do desejo, do conflito. A questão sobre *como* conhecer este fato, jamais deveria apresentar-se. É uma experiência que deve *acontecer* e que só pode acontecer quando há vigilância e percebimento passivos. Não se pode ter a experiência real do encontro com uma serpente venenosa, desejando-a apenas, ou especulando a esse respeito, no quarto, em confortável poltrona. Para encontrar a serpente, temos de aventurar-nos a paragens distantes das ruas asfaltadas e da iluminação artificial.

O pensamento pode registrar experiências, mas não pode conhecer diretamente a liberdade existente na ausência do conflito; porque a simplicidade ou a clareza não é coisa da mente.

26. REPETIÇÃO E SENSAÇÃO

A bulha e os odores da cidade entravam pela janela aberta. No parque, sentadas à sombra, várias pessoas liam as novidades e tagarelices dos quatro cantos do mundo. Os pombos lhes andavam à roda dos pés, catando migalhas, e crianças brincavam nos gramados. O sol desenhava belas sombras no chão.

Era um repórter muito ativo e inteligente. Não queria apenas uma entrevista mas também conversar a respeito de alguns problemas pessoais. Encerrada a entrevista para o seu jornal, começou a falar sobre a carreira de jornalista e sua importância — não sob o aspecto financeiro, mas pela significação que tinha no mundo. Era um homem grande, hábil, competente e confiante. Ia subindo rapidamente no jornalismo, que lhe oferecia um brilhante futuro.

Nossa mente está tão repleta de coisas sabidas que se tornou quase impossível experimentar diretamente. O sentimento de prazer e dor é uma experiência direta, individual, mas nossa compreensão desta experiência é de acordo com o padrão de outros — autoridades

religiosas e sociais. Somos o resultado dos pensamentos e influências alheios; estamos condicionados pela propaganda, tanto religiosa como política. O templo, a igreja e a mesquita exercem uma influência estranha e sombria em nossas vidas, e as ideologias políticas nos dão aos pensamentos uma ilusória substância. Somos feitos e destruídos pela propaganda. As religiões organizadas são propagandistas de primeira ordem, valendo-se de todos os meios de persuasão e retenção.

Somos uma massa de reações confusas, e o nosso centro é tão vago como o futuro que nos é prometido. Meras palavras têm para nós um significado extraordinário; produzem um efeito nervoso, cujas sensações são mais importantes do que o que se acha além do símbolo. O símbolo, a imagem, a bandeira, o som, são sumamente importantes; o substituto e não a realidade, faz a nossa força. Lemos as experiências de outros, olhamos os outros jogarem, seguimos-lhes os exemplos, citamos-lhes as palavras. Estamos vazios em nós mesmos e tentamos encher este vazio com palavras, sensações, esperanças e imaginações; mas o vazio continua.

A repetição, com suas sensações, por mais agradáveis e nobres que sejam, não é experiência direta, compreensão direta; a constante repetição de um rito, uma palavra, ou oração, é uma sensação agradável, a que damos um nome nobre. Mas a experiência direta não é sensação e, nela, a reação sensorial cede imediatamente o lugar à Realidade. O Real, o que *é*, não pode ser compreendido pela simples sensação. Os sentidos têm um papel limitado, mas a compreensão, a experiência direta, acham-se além e acima dos sentidos. A sensação só adquire importância quando acaba a experiência direta; então as palavras são importantes e os símbolos dominam; o gramofone se torna então fascinador. A experiência direta não é uma continuidade; pois o que tem continuidade é sensação, em qualquer nível que seja. A repetição da sensação dá-nos a ilusão de uma nova experiência, mas as sensações nunca podem ser novas. A busca do novo não consiste na repetição de sensações. O novo só começa a existir quando há experiência direta; e a experiência direta só é possível quando cessa a ânsia e a busca de sensações.

O desejo de repetição de uma experiência é aquela qualidade da sensação que nos mantém presos, e o enriquecimento da memória é expansão da sensação. O desejo de repetição de uma experiência, quer nossa, quer de outrem, leva à insensibilidade, à morte. A repetição de uma verdade é mentira. A verdade não pode ser repetida, não pode ser propagada nem usada. O que se pode usar e repetir não tem vida em si, é mecânico, automático. Uma coisa morta pode

ser usada, mas não a verdade. Pode-se matar e negar a verdade, e depois fazer uso dela; isto, porém, já não é a verdade. Aos propagandistas não interessa a experiência direta; o que lhes interessa é a organização da sensação — religiosa ou política, social ou particular. O propagandista, religioso ou secular, não pode ser um homem que fala a verdade.

A compreensão só pode surgir na ausência do desejo de sensação; o dar nomes e aplicar termos tem de cessar. Não há processo de pensamento sem verbalização; e deixar-se enredar na verbalização é tornar-se prisioneiro das ilusões do desejo.

27. O RÁDIO E A MÚSICA

Não há dúvida de que a música pelo rádio constitui uma fuga maravilhosa. Na casa ao lado, deixavam-no funcionar o dia todo e pela noite adentro, até altas horas. O pai saía bastante cedo para o trabalho. A mãe e a filha trabalhavam na casa ou no jardim; e quando estavam no jardim, o rádio estrondeava mais alto ainda. O filho também parecia gostar da música e dos anúncios comerciais, pois, quando em casa, o rádio funcionava do mesmo modo. Através do rádio pode-se ouvir sem parar toda espécie de música, da clássica à última novidade; podem-se ouvir dramas misteriosos, notícia, e tudo o mais que está constantemente "no ar". Não há necessidade de conversação, de trocas de idéias, porque o rádio faz quase tudo por nós. O rádio, dizem, ajuda os estudantes a estudar; e tira-se mais leite se na hora da ordenha as vacas ouvem música.

O estranho em tudo isso é que o rádio parece alterar-nos muito pouco o curso da vida. Pode pôr certas coisas ao nosso alcance; pode-se ter mais rapidamente notícias do mundo inteiro, ouvir, ao vivo, descrições de assassinatos; mas a obtenção de informações não irá tornar-nos inteligentes. A tênue camada de informações a respeito dos horrores do bombardeio atômico, das alianças internacionais, das pesquisas sobre a clorofila, etc., não parece fazer nenhuma diferença fundamental em nossas vidas. Temos a mentalidade belicosa de sempre, detestamos algum outro grupo de pessoas, desprezamos este líder político e apoiamos aquele, somos embaídos pelas organizações religiosas, somos nacionalistas — e nossas misérias continuam; e andamos sempre interessados em achar meios de fugas, e, quanto mais respeitáveis e bem organizados, melhor. Buscar a fuga coletivamente constitui a mais alta forma de segurança. Se enfrentamos o que *é*, é

possível fazer alguma coisa a respeito dele; mas o fugirmos do que *é* nos torna inevitavelmente estúpidos e embotados, escravos da sensação e da confusão.

Não nos oferece a música uma maneira muito sutil e agradável de nos livrarmos do que *é*? A boa música nos leva para longe de nós mesmos, das nossas aflições de cada dia, nossas frioleiras e ânsias — faz-nos esquecer; ou dá-nos forças para enfrentar a vida, inspira-nos, revigora-nos, acalma-nos. Torna-se uma necessidade num e noutro caso, isto é, como meio de esquecimento e como fonte de inspiração. Depender do belo e evitar o feio constitui uma fuga de conseqüências torturantes, se, por acaso, nos cortam a via de fuga. Quando a beleza se torna necessária ao bem-estar, cessa a experiência direta e começa a sensação. O momento da experiência direta é totalmente diverso da busca de sensação. Na experiência direta não se está cônscio da existência do *experimentador* e suas sensações. Ao chegar ao fim a experiência direta, começam as sensações do *experimentador*; e são estas sensações que o experimentador exige e persegue. Quando as sensações se tornam uma necessidade, a música, o rio, o quadro são apenas um meio de obtenção de novas sensações. As sensações se tornam predominantes e não há experiência. O desejo de repetir uma experiência é uma exigência de sensação; e se bem as sensações podem ser repetidas, a experiência não pode.

O desejo de sensação nos torna apegados à música, à *posse* da beleza. A nossa dependência das linhas e formas exteriores, apenas nos indica o vazio do ser, vazio que enchemos com a música, a arte, ou o silêncio deliberado. É por ser este inalterável vazio preenchido ou encoberto com sensações, que existe o constante medo ao que *é*, àquilo que somos. As sensações têm começo e fim, podem ser repetidas e expandidas; a experiência, porém, não está dentro dos limites do tempo. O essencial é a experiência direta, negada pela busca da sensação. As sensações são limitadas, pessoais, causam conflito e sofrimento; mas a experiência nova, sendo totalmente diferente da repetição de uma experiência velha, é sem continuidade. Só no experimentar há renovação, transformação.

28. A AUTORIDADE

As sombras dançavam na grama verde; e, embora o sol estivesse quente, o céu apresentava-se muito azul e plácido. Do outro lado da cerca, uma vaca contemplava a grama verde e o ajuntamento de

pessoas, estranho para ela; mas a grama lhe era familiar, embora as chuvas houvessem cessado há muito e a terra estivesse crestada e cor de ferrugem. Uma lagartixa caçava moscas e outros insetos, no tronco de uma árvore. As montanhas, ao longe, eram vaporosas e convidativas.

Dizia ela, sob as árvores, após a palestra, ter vindo para ouvir a voz do instrutor dos instrutores, caso ele falasse. Já fora muito entusiasta; agora, porém, aquele entusiasmo transformara-se em obstinação. Esta obstinação se escondia debaixo de sorrisos e de uma razoável tolerância — muito bem calculada e cultivada; uma coisa da mente e, como tal, suscetível de inflamar-se em violenta e furiosa intolerância. Era uma mulher alta e de fala suave; todavia, ali se dissimulava a condenação, nutrida pelas suas convicções e crenças. Era austera, controlada e dura; devotara-se, porém, à fraternidade e à sua boa causa. Acrescentou, depois de uma pausa, que quando o instrutor falasse ela o saberia, pois ela e os do seu grupo possuíam uma faculdade misteriosa de o saber, a qual não era dada a outros. O prazer do conhecimento exclusivo patenteava-se com toda a evidência na maneira como o dizia, no gesto e no meneio de cabeça.

O conhecimento exclusivo, privativo, dá um prazer e uma satisfação profundos. Saber uma coisa que outros não sabem é uma fonte de constante satisfação; proporciona o sentimento de se estar em contacto com coisas muito profundas, o que nos confere prestígio e autoridade. Estais em contacto direto com uma certa coisa, possuís algo que outros não possuem, e sois por isso muito importante, não só perante vós mesmo mas também perante outros. Os outros vos olham com respeito e um pouco apreensivos, desejosos de compartilhar o que possuís; e vós os fazeis partícipes; todavia, continuais sabendo mais do que eles. Sois o guia, a autoridade; tal posição é fácil de conquistar, pois todo o mundo quer ser ensimado, guiado. Quanto mais cônscios nos tornamos de estarmos desorientados e confusos, tanto maior é o nosso anseio por sermos guiados e ensinados; assim se constitui a autoridade, em nome do Estado, da Religião, em nome de um mestre ou chefe de partido.

A veneração da autoridade, quer nas grandes quer nas pequenas coisas, é um mal, principalmente em matéria religiosa. Não há intermediário entre vós e a Realidade; e se o há, é um corruptor, um malfeitor, não importa *quem* ele seja, se o mais sublime Salvador ou vosso mais novo *guru* ou instrutor. O homem que sabe, não sabe; conhece, tão-somente, os próprios preconceitos, suas crenças projetadas, e exigências sensoriais. Não pode ele conhecer a Verdade, o Imensurável. Posição e autoridade são coisas que se podem formar

e cultivar habilmente; não, porém, a humildade. A virtude dá liberdade; mas a humildade cultivada não é virtude; é mera sensação e, portanto, daninha e destrutiva; é um estado de servidão que somos obrigados a quebrar constantemente.

É importante descobrir, não quem é o mestre, quem é o santo, o guia, mas a razão por que *seguis*. Seguis para vos tornardes algo, ganhardes alguma coisa, obterdes esclarecimento. O esclarecimento não pode ser dado por outro. A confusão está em *nós*; nós a criamos e nós é que temos de dissipá-la. Podemos alcançar uma posição que nos dê satisfação, segurança interior, um lugar na hierarquia da crença organizada; tudo isso, entretanto, é atividade egocêntrica, conduzindo ao conflito e ao sofrimento. Podeis sentir-vos momentaneamente felizes com o objetivo alcançado, persuadir-vos de que vossa situação é inefável, predestinada; mas, enquanto tiverdes o desejo de vir a ser algo num nível qualquer, não pode deixar de haver sofrimento e confusão. Ser como o nada não é negação. A ação positiva ou negativa da vontade, que é o desejo tornado mais intenso e exaltado, conduz sempre ao atrito e ao conflito; não é o meio de se alcançar a compreensão. O estabelecimento da autoridade e o segui-la é a negação da compreensão. Quando há compreensão, há liberdade, que não pode ser comprada ou dada por outrem. O que é comprado pode perder-se, e o que é dado pode ser tomado; gera-se, assim, a autoridade e o medo. O medo não pode ser expulso por meio de propiciações e velas; termina com a sensação do desejo de vir a ser.

29. MEDITAÇÃO

Havia praticado muitos anos o que ele chamava meditação; seguira certas disciplinas, depois de ler muitos livros sobre a matéria, e estivera num mosteiro onde se meditava várias horas por dia. Não tinha sentimentalismos a este respeito, nem os olhos enevoados pelas lágrimas da abnegação. Disse que, embora a sua mente estivesse sob controle há muitos anos, entretanto acontecia-lhe por vezes escapar ao controle; que não havia gozo de espécie alguma na meditação; e que as disciplinas que impusera a si próprio o estavam tornando um tanto duro e árido. Por esta ou aquela razão, estava muito pouco satisfeito com tudo aquilo. Pertencera a várias das chamadas associações religiosas, mas agora dera um basta a todas elas e procurava, independentemente, o Deus que prometiam. Estava envelhecendo e começava a sentir-se um pouco cansado.

A meditação correta é essencial para a purificação da mente, pois nenhuma renovação é possível, se não se esvazia a mente. A mera continuidade é declínio. A mente definha, pela repetição constante, pelo atrito do mau uso, pelas sensações que a embotam e cansam. O controle da mente não é importante; importante é que se lhe descubram os interesses. A mente é um feixe de interesses contrapostos, e o que chamamos concentração — o processo da disciplina — consiste apenas em fortalecer um interesse contra outro. Disciplina é cultivo da resistência, e onde há resistência não há compreensão. A mente bem disciplinada não é livre, e só quando se está em liberdade pode fazer-se qualquer descobrimento. Necessita-se de espontaneidade para que se revelem os movimentos do *eu*, em qualquer nível que ele esteja colocado. Embora possam realizar-se descobrimentos desagradáveis, os movimentos do *eu* têm de ser trazidos à luz e compreendidos; mas a disciplina destrói a espontaneidade necessária para se fazerem descobrimentos. As disciplinas, por mais rigorosas que sejam, fixam a mente num padrão. A mente pode ajustar-se à coisa para que foi exercitada; mas esta coisa a que ela se ajusta não é o Real. As disciplinas não passam de puras mistificações e como tais nunca podem ser um meio de revelação. Pela autodisciplina pode a mente fazer-se mais forte nos seus propósitos; mas os seus propósitos são *projetados* dela própria e portanto não constituem o Real. A mente cria a Realidade à sua imagem, e as disciplinas servem, apenas, para dar vitalidade a essa imagem.

Só no descobrimento pode-se encontrar alegria — o desvendar, de momento em momento, as atividades do *eu*. O *eu*, em qualquer nível que esteja colocado, é sempre produto da mente. Qualquer coisa, em que a mente pode pensar, é produto dela própria. A mente não pode pensar em coisa alguma que não faça parte dela própria; não pode pensar no desconhecido. O *eu*, em qualquer nível, é o conhecido; e embora haja camadas do *eu* desconhecidas da mente superficial, essas camadas estão na esfera do conhecido. Os movimentos do *eu* se revelam na ação existente nas relações; e, quando não estão padronizadas, as relações oferecem uma oportunidade de auto-revelação. As relações representam a ação do *eu*, e, para se compreender esta ação, necessita-se de percebimento sem escolha; porque escolher é encarecer um interesse em detrimento de outro. Esse percebimento é o conhecimento direto da ação do *eu*, e nesse conhecimento direto não existe nem experimentador, nem coisa experimentada. Então, a mente se esvazia das suas acumulações; não existe mais o *eu* — aquele que acumula. As acumulações, as memórias armazenadas, constituem o *eu*; o *eu* não é uma entidade separada das suas acumulações. O *eu*

separa-se de suas características, identificando-se como observador, controlador, a fim de proteger-se, proporcionar continuidade a si próprio, em meio à impermanência. O conhecimento direto do processo integral, unitário, liberta a mente do seu dualismo. Destarte, o processo total da mente — o patente e bem assim o oculto — se torna conhecido e compreendido — não peça por peça, atividade por atividade, mas na sua inteireza. Então os sonhos e todas as atividades de cada dia se transformam num processo constante de esvaziamento. A mente tem de estar completamente vazia para poder receber; entretanto, o desejo de estar vazio a fim de receber constitui um empecilho de raízes muito profundas, e portanto este desejo tem também de ser compreendido completamente, e não num determinado nível isolado. O desejo de conhecer deve cessar de todo, o que só pode acontecer quando o experimentador não se está nutrindo de experiências e lembranças de experiências.

A purificação da mente deve ser procedida não apenas na superfície, mas também nas suas profundezas ocultas; e isto só pode acontecer com a cessação do processo de dar nomes. Dar nomes é fortalecer e dar continuidade ao experimentador, ao desejo de permanência, à característica da memória especificativa. É necessário um percebimento silencioso do processo de dar nomes, para que haja compreensão do mesmo. Damos nome a uma experiência, não só para podermos comunicá-la a outros, mas também para lhe darmos continuidade e substância, e podermos ressuscitá-la e repetir-lhes as sensações. Este processo de dar nomes tem de cessar, não só nos níveis superficiais da mente mas também na sua estrutura total, em todos os seus recessos. Isto é um trabalho árduo, que não se pode compreender facilmente ou experimentar ligeiramente; pois a totalidade de nossa consciência é um processo de dar nomes às experiências e guardá-las ou registrá-las. Este processo é que dá nutrição e força à entidade ilusória que é o experimentador, distinto e separado da experiência. Sem pensamentos não há pensador. Os pensamentos criam o pensador, que se isola e atribui permanência a si próprio, já que os pensamentos são sempre impermanentes.

Há liberdade quando todo o nosso ser — tanto o superficial como o oculto — foi expurgado do passado. A vontade é desejo; e se há qualquer esforço para sermos livres, para nos despojarmos de tudo, então jamais teremos a liberdade, a purificação completa de todo o ser. Quando todas as numerosas camadas da consciência estão quietas, completamente tranqüilas, só então *acontece* o imensurável, a felicidade que não é do tempo, a renovação criadora.

30. A CÓLERA

Mesmo àquela altitude, o calor era intenso. Sentia-se pelo tato como estavam quentes os vidros das janelas. O zumbido uniforme dos motores do avião era acalentador e vários passageiros dormitavam. A terra, muito longe, lá em baixo, tremeluzindo no mormaço, era uma interminável superfície de cor marrom, com uma ou outra mancha de verdura. Não tardou muito, aterramos, e o calor se tornou quase insuportável; era sem exagero um calor que doía, e mesmo à sombra de um edifício sentíamos a cabeça como que prestes a explodir. O verão já ia bem adiantado e a região era quase um deserto. Outra vez decolamos e o avião foi subindo em busca dos ventos refrescantes. Dois novos passageiros, acomodados nos assentos fronteiros, falavam muito alto; impossível não ouvir-lhes a conversa. Começaram com certa moderação, mas dentro em pouco a irritação se lhes misturou na voz, a irritação da familiaridade e do ressentimento. Na sua paixão, pareciam ter-se esquecido dos demais passageiros, tão enraivecidos estavam um contra o outro, que só eles existiam e ninguém mais.

A cólera tem esta peculiar qualidade de isolamento; como a tristeza, isola e — pelo menos temporariamente — cessa por completo o estado de relação. A cólera tem a força e a vitalidade passageiras dos que estão isolados. Há um estranho desespero na cólera; porque isolamento é desespero. A raiva nascida do desapontamento, do ciúme, da vontade de ferir, ocasiona uma violenta descarga, cujo prazer está na autojustificação. Condenamos outros, e essa própria condenação constitui uma justificação de nós mesmos. Se não assumimos determinada atitude, seja de presumida virtude, seja de aviltamento próprio, que somos nós? Empregamos todos os meios para nos escorarmos; e a cólera, tal como o ódio, é um dos meios mais fáceis. O simples acesso de cólera, súbita labareda que rapidamente se extingue, é uma coisa; mas a raiva que se nutriu deliberadamente, que se fermentou e procura ferir e destruir, é outra muito diversa. A simples irascibilidade pode ter uma causa fisiológica possível de descobrir e de remediar; mas a cólera resultante de uma causa psicológica é muito mais sutil e difícil de debelar. A maioria de nós não desgosta a tendência para a cólera, e achamos desculpas para ela. Por que não nos enraivecermos, quando se infligem maltratos a outrem ou a nós mesmos? Sentimos então uma "cólera justa". Nunca reconhecemos simplesmente que estamos encolerizados, e paramos aí; tratamos de dar esmeradas explicações da causa da nossa cólera. Jamais dizemos simplesmente que estamos enciumados ou despeitados,

e, sim, justificamos ou explicamos tal fato. Perguntamos como é possível haver amor sem ciúmes, ou lançamos sobre alguém a culpa do nosso azedume, etc.

É a explicação, a verbalização, tácita ou expressa, que sustenta a cólera, lhe dá escopo e profundidade. A explicação, tácita ou falada, atua como um escudo que opomos ao descobrimento de nós mesmos, tais como somos. Queremos ser louvados e lisonjeados, e quando nada disso acontece ficamos desapontados, despeitados, enciumados. E então, violenta ou brandamente, lançamos a culpa sobre alguém; responsabilizamo-lo pela nossa irritação. Vós tendes muita importância, porque dependo de vós, para minha felicidade, minha posição ou meu prestígio. Por meio de vós, eu me preencho, portanto tendes muita importância para mim; tenho de guardar-vos, possuir-vos. Sois a via por onde fujo de mim mesmo; e quando sou repelido e caio em mim, e fico com medo de meu próprio estado, torno-me enraivecido. A cólera assume várias formas: desapontamento, ressentimento, acrimônia, ciúme, etc.

A acumulação da cólera, que se chama ressentimento, exige o antídoto do perdão; todavia esse armazenamento da cólera é muito mais significativo do que o perdoar. O perdoar é desnecessário, quando não há acumulação de cólera. O perdão só é uma coisa importante, se há ressentimento; no entanto, ser livre do desejo de lisonja e da suscetibilidade à injúria — sem a calosidade da indiferença — faz nascer a piedade, a caridade. Não se pode ficar livre da cólera pela ação da vontade, já que a vontade faz parte da violência. A vontade é produto do desejo, da ânsia de ser; e o desejo, por sua própria natureza, é agressivo, dominador. Reprimir a cólera pelo esforço da vontade é transferir a cólera para um nível diferente e dar-lhe um nome diverso; mas, sem embargo, ela continua a ser violência. Para se estar livre da violência — que não significa cultivo da não-violência — é preciso que haja a compreensão do desejo. Não há substituto espiritual para o desejo; o desejo não pode ser suprimido[1] nem sublimado. É preciso que haja um percebimento do desejo, silencioso e sem escolha; e este percebimento passivo é o conhecimento direto do desejo, sem a presença de um experimentador que lhe dê nome.

---

(1) *Suprimir* (Psicanálise): Excluir compulsoriamente uma idéia ou desejo do campo da atividade consciente.

(Cf. Dicionário "Webster Collegiate" — "supress".) (N. do T.)

31. SEGURANÇA PSICOLÓGICA

Disse ele que tinha examinado a fundo a questão, lera tudo quanto lhe fora possível ler do que já se escreveu sobre a matéria, e estava convencido de que havia mestres, em diferentes partes do mundo. Não se mostravam fisicamente, a não ser a seus discípulos privilegiados, mas estavam em comunicação com outros homens, por outros meios. Exerciam uma influência benéfica e guiavam os líderes do pensamento e da ação mundiais, embora esses líderes não o percebessem; e promoviam a revolução e a paz. Estava convencido, disse, de que cada continente tinha um grupo de mestres, moldando o seu destino e dando-lhe as suas bênçãos. Já conhecera vários discípulos de mestres — pelo menos eles lhe haviam dito que o eram, acrescentou cautelosamente. Falava com toda a seriedade, e desejava mais informações a respeito dos mestres. Era possível ter conhecimento direto deles, contacto direto com eles?

Como estava tranqüilo o rio! Dois alciões pequenos e brilhantes voavam, rio acima e rio abaixo, perto da margem, quase à flor da água. Algumas abelhas apanhavam água para as suas colmeias, e um barco de pesca estava ancorado no meio do rio. As árvores marginais formavam com suas opulentas frondes sombras densas e escuras. Nos campos, os arrozais novos eram de um verde muito vivo, e bandos de "ricebirds" brancos esvoaçavam no meio deles, chamando uns aos outros. Era uma cena muito pacífica e fazia pena ter de conversar a respeito dos nossos insignificantes problemas. O céu tinha aquele azul terno do anoitecer. As cidades ruidosas estavam muito longe. Havia uma aldeia do outro lado do rio, e um caminho sinuoso acompanhava a margem. Um menino cantava com voz clara e alta, que não perturbava a tranqüilidade daquelas paragens.

Somos estranhas criaturas; peregrinamos a lugares distantes, procurando uma coisa que está tão perto de nós. Pensamos que a beleza só pode estar naqueles lugares, jamais aqui; a Verdade nunca se acha em nossas casas, mas em alguma paragem remota. Viajamos até ao outro lado do mundo à procura do mestre, e não damos atenção ao nosso criado; não compreendemos as coisas triviais da vida, nossas alegrias e lutas cotidianas, e queremos compreender o misterioso e oculto. Não conhecemos a nós mesmos, mas estamos dispostos a servir e a seguir todo aquele que nos prometa uma recompensa, uma esperança, uma Utopia. Enquanto estivermos confusos, o que escolhermos tem de ser também confuso. Não podemos ver claramente, quando somos meio-cegos; o que vemos então só pode ser parcial: não real, portanto. Sabemos de tudo isso, e no entanto

os nossos desejos e anseios são tão fortes que nos impelem para ilusões e sofrimentos sem fim.

A crença no mestre cria o mestre, e a experiência é moldada pela crença. A crença em determinado padrão de ação ou determinada ideologia produz aquilo que ansiosamente desejamos, mas a que preço e à custa de quanto sofrimento! Nas mãos de um indivíduo de capacidade, a crença se torna uma coisa potente, uma arma mais perigosa do que um canhão. Para a maioria de nós, a crença tem mais significação do que a Realidade. Para a compreensão do que *é*, não há necessidade de crença; pelo contrário, a crença, a idéia, o preconceito constitui um positivo empecilho à compreensão. Mas nós preferimos as nossas crenças e dogmas; eles nos aquecem, nos dão promessas e estimulam. Se compreendêssemos a natureza das nossas crenças e a razão por que a elas nos apegamos, desapareceria uma das causas principais do antagonismo.

O desejo de ganho, em benefício próprio ou de um grupo, conduz à ignorância e à ilusão, à destruição e ao sofrimento. Este desejo não é apenas de confortos físicos cada vez maiores, mas também de poder: o poder do dinheiro, do saber, da identificação. A ânsia de *mais* é o começo do conflito e do sofrimento. Procuramos fugir do sofrimento através de ilusões de toda ordem — repressão, substituição, sublimação; entretanto, o anseio continua, porventura num nível diferente. O anseio, em qualquer nível que seja, é sempre conflito e dor. Um dos mais fáceis meios de fuga é o *guru*, o mestre. Uns fogem através de alguma ideologia política e suas respectivas atividades; outros, através das sensações dos ritos e da disciplina; outros, ainda, através do mestre. O meio de fuga se torna, então, importantíssimo, e o medo e a obstinação protegem o meio. Não importa então quem sois *vós*; o mestre é que é importante. Sois importante, apenas, como acólito — o que quer que isto signifique — ou como discípulo. Para vos tornardes um destes, tendes de fazer certas coisas, ajustar-vos a determinados padrões, submeter-vos a certas provações. Estais pronto a fazer tudo isso e mais alguma coisa, porque a identificação vos dá prazer e força. Em nome do mestre, o prazer e o poder se tornaram coisas respeitáveis. Já não estais só, confuso e desorientado; pertenceis a ele, ao partido, à idéia. Estais em segurança

Afinal, é isto mesmo o que quase todos queremos: estar a salvo, em segurança. Estar perdido em companhia de muitos é uma forma de segurança psicológica; estar identificado com um grupo, uma idéia, secular ou espiritual, é sentir-se em segurança. Por esta razão, a maior parte de nós está apegada ao nacionalismo, embora este traga dia a dia mais destruição e sofrimentos. É por esta razão que

a religião organizada, embora dividindo e gerando antagonismo, tem um domínio tão poderoso sobre as pessoas. A ânsia de segurança individual ou coletiva acarreta destruição, e estar em segurança psicologicamente gera a ilusão. Nossa vida é ilusão e sofrimento, com raros momentos de claridade e alegria, e por isso aceitamos qualquer coisa que nos prometa um porto de salvação. Alguns, percebendo a futilidade das utopias políticas, viram religiosos, o que significa encontrar a segurança e a esperança nos Mestres, nos dogmas e idéias. Visto que a crença molda a experiência, o mestre se converte numa Realidade incontestável. Depois de experimentar o prazer proporcionado pela identificação, a mente fica firmemente entrincheirada, e nada pode abalá-la; pois seu critério, sua medida é a experiência.

A experiência, porém, não é a Realidade. A Realidade não pode ser experimentada. Ela *é*. Se o experimentador pensa conhecer a Realidade, então o que ele conhece é só ilusão. Qualquer conhecimento da Realidade é ilusão. O conhecimento ou a experiência tem de cessar para que possa manifestar-se a Realidade. A experiência não pode encontrar-se com a Realidade. A experiência molda o conhecimento, e este põe a experiência ao seu serviço. Ambos devem cessar, para que a Realidade possa *ser*.

32. SEPARAÇÃO

Era um homenzinho petulante, professor de Universidade. Tinha lido tanto, que lhe era difícil saber onde começavam os seus próprios pensamentos e onde acabavam os pensamentos de outros. Disse que já fora ardoroso nacionalista, e que, de certo modo, sofrera por causa disso. Também tinha sido devoto praticante; mas agora, graças a Deus, tinha deitado fora todas estas inutilidades e estava emancipado da superstição. Asseverou, enfaticamente, que todas estas falas e discussões psicológicas estavam desencaminhando o povo, e que o que tinha a máxima importância era a reorganização econômica do homem; pois o homem, em primeiro lugar, vive de pão e, após obtê-lo, tudo o mais lhe virá por si. Havia necessidade de uma revolução violenta, para que se pudesse fundar uma nova sociedade sem classes. Não importavam os meios, desde que se alcançassem os fins. Se necessário, fomentar-se-ia o caos e depois se assumiria o comando e se estabeleceria a verdadeira ordem. O coletivismo era essencial e toda exploração individual deveria ser esmagada. Era muito explícito com respeito ao futuro; e visto ser o homem o produto do ambiente, *eles* iriam moldar o homem para o futuro; tudo se sacrifi-

caria, em favor do futuro, do mundo vindouro. A liquidação do homem atual era de pouca importância, pois *eles* previam o futuro.

Podemos estudar a História e traduzir os fatos históricos de acordo com os nossos preconceitos; mas ter-se certeza a respeito do futuro é estar embalado numa ilusão. O homem não é o resultado de uma única influência; é grandemente complexo. E atribuir toda a importância a uma só influência, em detrimento das demais, é provocar um desequilíbrio que conduzirá a um caos e a sofrimentos piores ainda. O homem é um processo total. A totalidade precisa ser compreendida, e não apenas uma parte dela, por mais importante que esta parte possa ser, temporariamente. Sacrificar o presente ao futuro é a insânia dos que têm o delírio do poder; e o poder é uma coisa má. Os homens que detêm o poder arrogam-se o direito de dirigir a Humanidade; são os novos sacerdotes. Os meios e o fim não são separados; são um fenômeno conjunto; os meios criam o fim. Por meio da violência não haverá paz, nunca. Um Estado-polícia não pode produzir nenhum cidadão pacífico; por meio da compulsão não se alcançará a liberdade. Não é possível estabelecer-se uma sociedade sem classes, se o partido é todo-poderoso; jamais a liberdade pode ser produto da ditadura. Isto salta aos olhos.

A individualidade não é destruída pela identificação do indivíduo com o coletivo ou com uma ideologia. A substituição não põe fim ao problema da individualidade, nem a individualidade pode, tão pouco, ser reprimida. A substituição e a repressão poderão produzir resultados, temporariamente, mas a individualidade explodirá de novo, mais violenta ainda. O medo poderá repeli-la para o segundo plano; o problema, porém, continuará a existir. A questão não é como eliminar a separação, mas sim saber por que razão cada um de nós lhe dá tanta importância. Mesmo os que desejam estabelecer uma sociedade sem classes, com seus atos de prepotência e autoridade, fomentam a divisão. Sois separado de mim, e eu de outro, e isto é um fato; mas, por que damos tanta importância a este sentimento de separação, com todas as suas maléficas conseqüências? Embora haja grande similaridade entre nós, somos todos desiguais; e essa desigualdade dá a cada um o senso da importância de sua existência separada: família separada, nome, propriedade — e o sentimento de ser uma entidade separada. Esta noção da separação, este senso da individualidade tem causado um mal imenso, e por esta razão existe o desejo de trabalho e ação coletivos, de sacrifício do indivíduo a bem do todo, etc. As religiões organizadas têm tentado submeter a vontade do particular à vontade do todo; e agora o partido, assumindo o papel do Estado, tudo faz por submergir o indivíduo.

Por que estamos presos a este sentimento de separação? Nossas sensações são separadas, e nós vivemos pela sensação; *somos* sensações. Privai-nos das sensações, agradáveis ou dolorosas, e desaparecemos. As sensações são importantes para nós e estão identificadas com a separação. A vida particular e a vida como cidadão têm sensações diferentes, em níveis diversos, e, quando colidem, há conflito. Entretanto, as sensações estão sempre em guerra entre si, seja na vida privada, seja na vida de cidadão. O conflito é inerente à sensação. Enquanto eu desejar ser poderoso ou humilde, tem de haver os conflitos da sensação, resultando daí sofrimentos individuais e sociais. O constante desejo de ser mais ou de ser menos dá origem ao sentimento da individualidade e sua separação. Se nos deixarmos ficar em presença desse fato, sem condená-lo nem justificá-lo, descobriremos que as sensações não constituem a totalidade da nossa vida. Então a mente, como memória, que é sensação, se tornará calma, não estará mais sendo despedaçada pelos seus próprios conflitos; e só então, quando a mente está silenciosa e tranqüila, torna-se possível amar, sem o *eu* e o *meu*. Sem este amor, a ação coletiva é mera compulsão, gerando o antagonismo e o medo, de onde nascem os conflitos particulares e sociais.

33. O PODER

Era um homem muito pobre, porém capaz e inteligente; estava satisfeito — ou pelo menos parecia estar — com o pouco que possuía, e não tinha encargos de família. Vinha freqüentemente conversar sobre as questões que o interessavam, e nutria grandes sonhos para o futuro. Ardoroso e entusiasta, simples nos seus prazeres, gostava de prestar pequenos serviços aos outros. Dizia não sentir muita atração pelo dinheiro nem pelo conforto físico; mas gostava de descrever o que faria, *se tivesse* dinheiro — ajudando a tal e tal empreendimento, inaugurando a escola perfeita, etc. Era um tanto sonhador e deixava-se facilmente arrebatar pelo próprio entusiasmo e pelo entusiasmo de outros.

Passaram-se vários anos, e um dia ele voltou. Uma estranha transformação se operara nele. O ar sonhador desaparecera; mostrava-se realista, positivo, quase brutal nas suas opiniões, e um tanto áspero nos juízos. Andara viajando e suas maneiras se lhe tinham tornado muito polidas e artificiais. Comprazia-se em realçar os atrativos de sua personalidade. Tinha herdado uma grande soma de dinheiro, que conseguira multiplicar muitas vezes, e agora estava

um homem completamente mudado. Atualmente, só aparece de raro em raro; e nestes raros encontros mostra-se pouco acessível e reservado.

Tanto a pobreza como a riqueza são escravidão. O rico e o pobre, conscientes de sua condição, são joguetes das circunstâncias. Um e outro são corruptíveis desde que ambos procuram o que corrompe: o poder. O poder é superior à posse de riquezas; superior à riqueza e às idéias. Estas nos dão, com efeito, poder, mas podem ser postas de parte, e o senso de poder fica. Pode-se criar poder pela simplicidade de vida, pela virtude, pelo partido, ou a renúncia; tais meios, porém, são substitutos e não devem enganar ninguém. O desejo de prestígio, posição e poder — o poder que se conquista pela arrogância, a humildade, o ascetismo, o saber, a exploração e a abnegação — esse desejo é sutilmente persuasivo e quase instintivo. O sucesso, sob qualquer forma, é poder, e o insucesso, simplesmente o "negativo" do sucesso. Ser poderoso, ser bem sucedido é ser servil, o que é negação da virtude. A virtude dá liberdade, mas não é uma coisa que se pode conquistar. Qualquer realização, individual ou coletiva, transforma-se num meio de alcançar poder. O sucesso neste mundo e o poder, que trazem o controle e a negação de si mesmo, são coisas que devem ser evitadas; pois ambos deformam a compreensão. O desejo de sucesso impede a humildade; e, sem humildade, como pode haver compreensão? O homem de sucesso é um homem endurecido, egocêntrico; está cheio de sua própria importância, suas responsabilidades, realizações, lembranças. Devemos estar livres das responsabilidades assumidas no interesse do *eu*, bem como da carga de nossas realizações: quem está debaixo de um peso não pode ser ágil, e a compreensão requer uma mente ágil e flexível. A Graça é negada aos que triunfam, por serem eles incapazes de conhecer a verdadeira beleza da vida, que é o Amor.

O desejo de sucesso é desejo de domínio. Dominar é possuir, e a posse é o distintivo do isolamento. Este auto-isolamento buscamos nós, quase todos — no nome, nas relações, no trabalho, na ideação. No isolamento há poder, mas o poder gera antagonismo e sofrimento; pois o isolamento é produto do medo, e o medo põe fim a toda espécie de comunhão. Comunhão são relações; e nas relações, agradáveis ou dolorosas, há a possibilidade de encontrar-se a abnegação, o desprendimento. O isolamento é o modo de ser do *eu*, e toda atividade do *eu* só traz conflito e sofrimentos.

34. SINCERIDADE

Havia ali um pequeno espaço de grama verde, com flores alegres em roda. Era muito bem tratado e bonito, dispensando-se-lhe todos os cuidados, porque o sol fazia todos os esforços possiveis para queimar a grama e murchar as flores. Para lá desde jardim delicioso e além do casario, via-se o mar azul, cintilando ao sol, e sobre ele uma vela branca. O quarto dava para o jardim, as casas e os cimos das árvores e, visto da janela, de manhã cedo e à tarde, o mar oferecia um espetáculo grato ao olhar. Durante o dia as suas águas se tornavam brilhantes e ásperas; mas lá estava sempre uma vela, mesmo com o sol a pino. O sol se punha no mar, traçando uma estrada vermelha e brilhante; não havia crepúsculo. A estrela da tarde pairava uns momentos acima do horizonte, e desaparecia. A lua nova, um tênue retalho, vinha tomar posse da noite, e logo desaparecia, também ela, nas ondas inquietas; e a escuridão reinava sobre as águas.

Ele falou longamente a respeito de Deus, de suas orações matutinas e vespertinas, seus jejuns, votos e anelos. Expressava-se com muita clareza e precisão, sem hesitar, em procura das palavras adequadas; sua mente era bem treinada, porque a profissão o exigia. Era um homem de olhos brilhantes e muito arguto, embora se lhe notasse uma certa rigidez na personalidade. Obstinação e falta de flexibilidade era o que revelavam os seus movimentos e posturas. Era evidentemente movido por uma força de vontade extraordinária e, apesar do sorriso fácil, sua vontade estava sempre alertada, vigilante, dominadora. Muito metódico na vida diária, só quebrava os seus hábitos fixos por sanção da vontade. Sem a vontade, dizia, não podia haver virtude; a vontade era essencial para se vencer o mal. A batalha entre o bem e o mal era eterna, e só a vontade podia manter o mal a distância. Tinha ele também o seu lado terno, pois olhava para a relva e as flores, com um sorriso nos lábios; jamais permitia, porém, à mente ultrapassar o seu padrão de vontade e ação. Evitando, embora diligentemente, o emprego de palavras ásperas, demonstrações de cólera ou impaciência, a vontade o fazia estranhamente violento. Se a beleza se pudesse ajustar ao padrão da sua vontade, ele a aceitaria; entretanto, nela dissimulava sempre o perigo da sensualidade, cujos tormentos procurava conter. Era homem muito lido e urbano, e sua vontade o acompanhava como a própria sombra.

A sinceridade nunca pode ser simples; a sinceridade é o terreno de cultura da vontade, e a vontade não pode descobrir os movimentos do *eu*. O autoconhecimento não é produto da vontade; nasce pela percepção, de momento em momento, das reações ao movimento

da vida. A vontade exclui estas reações espontâneas que, só elas, revelam a estrutura do *eu*; a vontade é a essência mesma do desejo; e para a compreensão do desejo a vontade se torna um empecilho. A vontade, sob qualquer aspecto, quer proceda da mente superficial, quer dos desejos profundos, jamais pode ser passiva; e é só na passividade, no silêncio vigilante, que a verdade pode existir. O conflito é sempre entre os desejos, seja qual for o nível em que estes estejam colocados. O fortalecimento de um desejo em oposição a outros desejos só pode gerar mais resistência, e esta resistência é vontade. A compreensão nunca virá por meio da resistência. O importante é que se compreenda o desejo, e não que se domine um desejo com outro desejo.

O desejo de alcançar, de ganhar é a base da sinceridade; e este impulso, quer superficial, quer profundo, leva ao ajustamento, que é o começo do temor. O temor limita o autoconhecimento à experiência passada, e por essa razão não há possibilidade de se transcender o que foi experimentado. Assim limitado, o autoconhecimento só serve para cultivar uma consciência do *eu* mais ampla e mais profunda; dessarte, o sentimento do *meu* avulta mais e mais, em níveis diferentes e em períodos diferentes e por conseguinte continua a haver conflito e sofrimento. Deliberadamente podeis esquecer-vos de vós mesmo, absorver-vos em alguma atividade, seja cultivando um jardim ou uma ideologia, seja atiçando num povo inteiro o furor bélico; mas sois agora a nação, a idéia, a atividade, o deus. Quanto maior a identificação, tanto mais encobertos ficam o vosso conflito e a vossa dor, e por isso é que existe esta luta perene para se estar identificado com alguma coisa. Este desejo de unir-se a um objetivo escolhido traz o conflito da sinceridade, a qual nega da maneira mais completa a simplicidade. Podeis cobrir de cinzas a cabeça, vestir-vos com um simples lençol, ou perambular como mendigo; entretanto nada disto é simplicidade.

A simplicidade e a sinceridade não podem ser companheiras. Aquele que está identificado com alguma coisa, em qualquer nível que seja, pode ser sincero, não simples. A "vontade de ser" é a verdadeira antítese da simplicidade. A simplicidade nasce com a libertação do impulso aquisitivo do desejo de realizar um alvo. A realização de um alvo é identificação, e identificação é Vontade. A simplicidade é aquele percebimento vigilante e passivo, em que não existe o "experimentador" a registrar experiências. A auto-análise impede este percebimento negativo; na análise há sempre um motivo, um impulso — para ser livre, para compreender, para ganhar

e este desejo acentua mais ainda a consciência do *eu*. De modo idêntico as conclusões introspectivas detêm o autoconhecimento.

35. PREENCHIMENTO

Era casada, sem filhos. Do ponto de vista mundano, podia considerar-se feliz; o dinheiro não constituía problema, havia automóveis, bons hotéis, viagens de turismo. O marido era um homem de negócios muito bem sucedido, cujo interesse principal consistia em adornar a esposa, dar-lhe conforto e tudo o que desejasse. Eram ambos muito jovens e afáveis. Ela se interessava pelas Ciências e Artes e andara mexendo com coisas de religião. Mas agora, disse, as coisas do espírito estavam sobrelevando a tudo o mais. Estava familiarizada com as doutrinas das várias religiões; mas, sentindo-se insatisfeita com a sua eficiência organizada, seus rituais e dogmas, desejava seriamente ir em busca de coisas reais. Mostrava-se profundamente descontente e já estivera com instrutores em diferentes partes do mundo; nada encontrara, porém, que lhe desse satisfação duradoura. O descontentamento, dizia, não lhe provinha do fato de não ter filhos; já o estudara muito bem. Também não era causado por frustrações sociais. Fora assistida durante algum tempo por um dos mais notáveis psicanalistas; entretanto persistia aquele vazio, aquela mágoa interior.

Buscar preenchimento é atrair a frustração. Não há preenchimento do *eu*, mas tão-somente o seu fortalecimento pela posse daquilo que ele cobiça. A posse em qualquer nível que seja faz o *eu* sentir-se poderoso, exuberante, ativo, e esta sensação *é* chamada preenchimento; todavia, como acontece com todas as sensações, ela breve se apaga, para ser substituída por outra satisfação. Todos estamos familiarizados com este processo de troca e substituição, que é um jogo com que em geral nos contentamos. Há outros, entretanto, que desejam uma satisfação mais duradoura, uma satisfação para toda a vida; e, encontrando-a, esperam nunca mais tornar a ser perturbados. Mas existe um medo inconsciente, constante, da perturbação, e por esta razão se cultivam formas sutis de resistência, atrás das quais a mente se entrincheira; daí ser inevitável o medo da morte. Preenchimento e medo da morte são duas faces de um mesmo processo: o fortalecimento do *eu*. O preenchimento, afinal de contas, é a completa identificação com alguma coisa — filhos, propriedade, idéias, etc. Os filhos e a propriedade estão sujeitos a certos riscos, mas as idéias oferecem mais garantia e segurança. As palavras, que são idéias e

lembranças, com as respectivas sensações, se tornam importantes; e o preenchimento ou integração transforma-se, então, numa palavra.

Não há preenchimento do *eu,* porém apenas perpetuação do *eu,* com seus conflitos, antagonismos e aflições cada vez maiores. Buscar a satisfação permanente, em qualquer nível do nosso ser, é provocar a confusão e o sofrimento; pois a satisfação jamais pode ser permanente. Podeis lembrar-vos de uma experiência que proporcionou satisfação, mas esta experiência está morta, e dela só resta memória. Esta memória não tem vida em si; mas lhe dais vida com a vossa reação inadequada ao presente. Estais vivendo de coisas mortas, como a maioria de nós. A ignorância dos movimentos do *eu* conduz à ilusão; e uma vez apanhados na rede da ilusão, é-nos dificílimo escapar através de suas malhas. É difícil reconhecer uma ilusão, porque, tendo-a criado, a mente não pode estar cônscia de sua presença. Temos de aproximar-nos dela negativamente, indiretamente. A menos que sejam compreendidos os movimentos do desejo, é inevitável a ilusão. A compreensão não nos vem pelo esforço de vontade, mas só quando a mente está tranqüila. Não se pode *fazer* a mente tranqüila, desde que o instrumento do *fazer* é também um produto da mente, do desejo. É necessário uma percepção clara da totalidade deste processo, percebimento sem escolha; só então existe a possibilidade de não se criar nenhuma ilusão. A ilusão é muito agradável, daí o apego a ela. A ilusão pode trazer dor; entretanto esta dor, ela própria, revelando a nossa insuficiência, nos impele a identificar-nos completamente com a ilusão. E, assim, a ilusão tem muita importância em nossa vida; serve para encobrir o que *é,* não exteriormente, mas interiormente. Este descaso com o que *é* interiormente leva à errônea interpretação do que *é* exteriormente, daí resultando destruição e sofrimento. O encobrimento do que *é* inspira-se no medo. O medo não pode ser vencido por nenhum ato de vontade; pois, a vontade é produto da resistência. Só pelo percebimento passivo, mas vigilante, encontra-se a libertação do temor.

36. PALAVRAS

Tinha lido muito e, embora fosse um homem pobre, considerava-se rico de saber, o que lhe proporcionava certa satisfação. Passava muitas horas em companhia dos livros e uma boa parte do seu tempo a sós. Sua esposa morrera e seus dois filhos estavam com uns parentes; e folgava bastante de estar fora das embrulhadas da vida de relação — acrescentou. Era singularmente controlado, independente, e calmamente positivo. Viera de muito longe, disse, porque

desejava aprofundar-se no assunto da meditação, principalmente com relação ao uso de certos cânticos e frases, cuja repetição constante era de poderosa eficácia para a pacificação da mente. E também as próprias palavras tinham uma certa magia, deveriam ser pronunciadas e cantadas correta e adequadamente. Estas palavras tinham sido transmitidas de geração em geração, desde os tempos antigos, e sua peculiar beleza, sua cadência rítmica criava uma atmosfera propícia à concentração. E, incontinente, começou a cantar. Tinha uma voz agradável, com uma tonalidade maviosa, nascida do amor pela palavra e seu significado; cantava com a facilidade da longa prática e devoção. No mesmo instante em que começou a cantar, alheou-se de todas as coisas.

Do outro lado do campo, vinha o som de uma flauta; era tocada com imperícia, mas o tom era claro e puro. O flautista estava sentado na magnífica sombra de uma árvore frondosa, e além, ao longe, viam-se as montanhas. As montanhas silenciosas, o cântico, e o som da flauta pareciam encontrar-se e desaparecer, para de novo recomeçar. Papagaios passavam gritando, como dardos flamejantes; e de novo as notas da flauta e o cântico, grave, potente. Era muito cedo e o sol começava a aparecer por cima das árvores. Muita gente se dirigia das suas aldeias para a cidade, tagarelando e rindo. A flauta e o cântico chamavam a atenção e alguns passantes pararam para escutar; sentaram-se no caminho, enlevados pela beleza do cântico e o esplendor da manhã, em nada alterados pelo apito de um trem, passando ao longe; pelo contrário, todos os sons pareciam combinar-se e encher a terra. Nem o grasnido estridente de um corvo veio perturbar aquela harmonia.

É estranho como nos deixamos enlear nos sons das palavras, e como se tornaram importantes para nós as próprias palavras: pátria, Deus, sacerdote, democracia, revolução. Alimentamo-nos de palavras e nos deleitamos com as sensações que elas produzem; e são estas sensações que se tornaram tão importantes. As palavras dão satisfação, porque os seus sons reavivam sensações esquecidas; e maior é a satisfação quando as palavras servem para substituir o Real, o que *é*. Procuramos preencher o nosso vazio interior com palavras, sons, barulhos, atividades; a música e o canto constituem uma fuga feliz de nós mesmos, de nossa insignificância e tédio. As palavras atulham-nos as bibliotecas; e como gostamos de falar incessantemente! Quase não nos arriscamos a andar sem um livro, a estar desocupados, a estar sós. Quando estamos sós, a mente fica inquieta, a vagar em todas as direções, preocupando-se, lembrando-se, lutando. Por isso nunca estamos *sós*, jamais está a mente tranqüila.

Não há dúvida de que a mente pode ser posta tranqüila com a repetição de uma palavra, de um cântico, de uma oração. A mente pode ser narcotizada, posta a dormir; pode ser adormecida de maneira agradável ou violenta e, durante este sono, ter sonhos. Mas a mente, tranqüilizada à força de disciplina, de ritos, de repetição, não pode estar vigilante, ser sensível e livre. Este entorpecimento da mente, de maneira sutil ou rude, não é meditação. É agradável cantar e escutar uma pessoa que canta bem; mas a sensação só vive de mais sensação, e a sensação conduz à ilusão. A maioria de nós gosta de viver de ilusões, e dá-nos prazer procurá-las, mais profundas e mais amplas; entretanto, é o medo de perdermos as ilusões que nos faz negar ou esconder o Real, o *fato*. Isto não quer dizer que somos incapazes de compreender o Real, mas sim que nos tornamos medrosos por causa de nossa tendência para rejeitar o Real e prender-nos à ilusão. O deixar-nos prender mais e mais profundamente pela ilusão não é meditação; nem tão pouco é meditação adornarmos a gaiola que nos prende. O percebimento lúcido, sem escolha, dos movimentos da mente — a criadora da ilusão — é o começo da meditação.

É singular a facilidade com que encontramos substitutos para a coisa real, e como ficamos satisfeitos com eles. O símbolo, a palavra, a imagem se tornam de máxima importância, e em torno deste símbolo levantamos a estrutura da automistificação, servindo-nos do saber para consolidá-la; e destarte a experiência se transforma num obstáculo à compreensão do Real. Damos nomes, não apenas para comunicar a experiência, mas também para fortalecê-la; este fortalecimento da experiência é consciência do eu, e uma vez presos neste processo, é-nos muito difícil largar, isto é, transcender a consciência do *eu*. É essencial morrermos para a experiência de ontem e para as sensações de hoje, pois, se o não fizermos, haverá sempre repetição; e a repetição de um ato, um rito, uma palavra, é coisa vã. Na repetição não pode haver renovação. A morte da experiência é criação.

37. IDÉIA E FATO

Estava casada há vários anos e não tinha filhos; era incapaz de tê-los, e este fato a perturbava seriamente. Suas irmãs tinham filhos, e por que caíra sobre ela esta maldição? Casara-se muito cedo, conforme o costume, e já passara por muitos sofrimentos; mas tinha também conhecido alegrias tranqüilas. O marido exercia funções burocráticas numa grande corporação ou departamento do Governo. Também a ele entristecia o fato de não terem filhos, mas parecia

conformar-se com isso; além do mais, dizia, seu marido era um homem muito ocupado. Notava-se que ela o dominava, mas não com mão de ferro. Dependia dele, e portanto não podia deixar de dominá-lo. Uma vez que não tinha filhos, procurava preencher-se no marido; contudo, a este respeito andava desiludida, pois ele era fraco e ela é que tinha de encarregar-se das coisas. No escritório, dizia sorridente, ele era considerado um chefe rigoroso, um tirano que fazia sentir o seu peso a torto e a direito; mas em casa era manso e pachorrento. Desejava ajustá-lo a um certo padrão e o estava forçando — muito docemente, é claro — no seu molde; mas ele não se mostrava capaz de corresponder-lhe às expectativas. Não tinha ela em quem arrimar-se e a quem dar o seu amor.

A idéia é para nós mais importante do que o fato. A idéia do que *deveríamos ser* tem mais significação do que o que *somos*. O futuro é sempre mais sedutor do que o presente. A imagem, o símbolo, tem mais valor do que o Real; e procuramos sobrepor ao Real a idéia, o padrão. Criamos, deste modo, uma contradição entre o que *é* e o que *deveria ser*. O que *deveria ser* é a idéia, a ficção, e há, por isso, conflito entre a Realidade e a ilusão — não propriamente nelas, mas em nós. Gostamos mais da ilusão do que da realidade; a idéia é mais interessante, mais satisfatória, e por isso a ela nos apegamos. E, assim, a ilusão se transforma no real e o real no falso, e ficamos a debater-nos neste conflito entre o suposto real e o suposto falso.

Por que nos apegamos à idéia — deliberada ou inconscientemente — e repelimos o real? A idéia, o padrão é projetado de nós mesmos; isso é uma forma de auto-adoração, autoperpetuação, e portanto nos agrada. A idéia dá-nos força, para dominar, ser arrogantes, guiar, moldar; e na idéia projetada, que é do *eu,* não é possível a negação do *eu,* a desintegração do *eu.* O padrão ou a idéia, portanto, enriquece o *eu*; e isso também se considera amor. Amo meu marido ou meu filho, e quero que ele seja isto ou aquilo, seja uma coisa diferente do que ele *é*.

Se se quer compreender o que *é,* o padrão ou a idéia tem de ser posto de lado. Só é difícil pôr de parte a idéia quando não há um interesse muito sério em compreender o que *é*. Existe em nós conflito entre a idéia e o que *é,* porque a idéia, projetada de nós mesmos, do *eu,* oferece uma satisfação maior do que o que *é*. Só quando somos obrigados a encarar o que *é,* o padrão se quebra; nessas condições, a questão não é de como ficar livre da idéia, mas como enfrentar o real. Só se pode enfrentar o real, quando se tem compreensão do processo da satisfação, que é ação peculiar do *eu.*

Todos nós buscamos preenchimento, embora de diferentes maneiras: por meio do dinheiro ou do poder, por meio dos filhos ou do marido, por meio da pátria ou da idéia, da beneficência ou do sacrifício, do domínio ou da submissão. Mas *há* preenchimento? O objetivo que constitui o preenchimento é sempre projetado de nós mesmos, escolhido por *nós* mesmos, de modo que esta ânsia de nos preenchermos é uma forma de perpetuação do *eu*. Consciente ou inconscientemente, o meio do preenchimento é escolhido pelo *eu*. Está baseado no desejo de satisfação, satisfação que seja permanente. Assim sendo, a busca de preenchimento é a busca da permanência do desejo. O desejo é sempre transitório, não tem ponto de fixação; pode conservar por certo tempo o objeto de seu apêgo, mas o desejo em si não tem permanência. Estamos cônscios disso instintivamente, e por esta razão procuramos dar permanência à idéia, à crença, à coisa, à relação; mas, visto que isto também é impossível, torna-se necessária a criação do experimentador, como essência permanente, como *eu*, separado e diferente do desejo; como pensador, separado e diferente dos seus pensamentos. Esta separação, obviamente, é falsa e conduz à ilusão.

A busca de permanência é o eterno clamor do *eu* pelo seu preenchimento. Mas o *eu* não pode preencher-se, o *eu* é impermanente, e aquilo em que se preenche tem de ser impermanente também. A continuidade do *eu* é decomposição; nela não há nenhum elemento de transformação nem o alento do novo. O *eu* tem de desaparecer para que o novo possa aparecer. O *eu* é a idéia, o padrão, o feixe de lembranças; e todo preenchimento é continuidade da idéia, da experiência. A experiência é sempre condicionadora; o experimentador está sempre a separar-se e a diferenciar-se da experiência. Precisamos, portanto, ser libertados da experiência, do desejo de experimentar. Preenchimento é uma maneira de encobrir a pobreza, o vazio interior, e no preenchimento se encontra sofrimento e dor.

38. CONTINUIDADE

O homem que estava sentado em frente começou por apresentar-se, pois desejava fazer várias perguntas. Declarou haver lido praticamente todos os livros importantes que já se escreveram sobre a morte e a vida futura, tanto da Antiguidade como dos tempos modernos. Fora membro da "Psychical Research Society", assistira a muitas sessões, a cargo de médiuns excelentes e famosos, e presenciara muitas manifestações que de modo nenhum podiam ser frau-

dulentas. Porque estivera estudando muito seriamente a questão, ele próprio já vira, em várias ocasiões, coisas de natureza superfísica; mas, acrescentou, era possível que tais coisas procedessem de sua própria imaginação, embora não acreditasse. Entretanto, apesar de haver lido tanto e de ter falado com tantas pessoas esclarecidas, apesar de haver testemunhado inegáveis manifestações físicas de pessoas mortas, ainda não estava seguro de ter compreendido a verdade em torno desta questão. Já havia discutido seriamente sobre o problema da crença e da descrença; tinha amigos entre aqueles que criam firmemente na continuidade depois da morte, bem como entre os que a negavam categoricamente e sustentavam que a vida terminava com a morte do corpo físico. Embora houvesse adquirido consideráveis conhecimentos e experiência em assuntos psíquicos, subsistia-lhe na mente um elemento de dúvida; e, como se ia adiantando em anos, desejava conhecer a verdade. Não temia a morte, mas desejava saber a verdade a respeito dela.

O trem chegara a uma parada e naquele exato momento passava um carroça de duas rodas, puxada por um cavalo. No veículo, um defunto envolto num lençol encardido, ligado a duas varas de bambu ainda verdes. Estava sendo transportado de uma aldeia para ser cremado à margem do rio. Com o movimento da carroça sobre o terreno acidentado, o corpo era sacudido brutalmente e evidentemente a cabeça, debaixo do pano, era a que mais sofria. Só um outro passageiro se via na carroça, além do cocheiro; devia ser um parente próximo do morto, pois tinha os olhos vermelhos de muito chorar. O céu tinha o azul delicado da primavera nascente e algumas crianças estavam brincando e gritando, na lama da estrada. A morte devia ser ali um espetáculo comum, pois cada um continuava com suas ocupações. Nem mesmo aquele homem que estava investigando a morte notou aquela carroça e sua carga.

A crença condiciona a experiência, e a experiência, por sua vez, fortalece a crença. O que cada um crê, experimenta. A mente dita e interpreta a experiência, a atrai ou rejeita. A mente é também, ela própria, resultado da experiência e só pode reconhecer ou experimentar aquilo com que está familiarizada, que já conhece, num nível qualquer. A mente não pode experimentar o que não é já conhecido. A mente e sua reação são de maior importância do que a experiência, e contar com a experiência como meio de compreender a Verdade é deixar-se aprisionar na ignorância e na ilusão. Desejar conhecer a Verdade é negar a Verdade; pois o desejo condiciona, e a crença é uma outra capa do desejo. O saber, a crença, a convicção, a conclusão e a experiência são obstáculos à Verdade; são a estrutura

mesma do *eu*. O *eu* não pode existir se não existe o efeito cumulativo da experiência; e o medo da morte é o medo de não ser, de não ter experiências. Se se tivesse a segurança, a certeza do experimentar, não haveria medo. O medo só existe na relação entre o conhecido e o desconhecido. O conhecido está sempre tentando captar o desconhecido; mas o que ele pode captar é apenas o que já é conhecido. O desconhecido jamais pode ser percebido pelo conhecido; o conhecido, a coisa experimentada, tem de acabar, para o desconhecido começar.

O desejo de conhecer a Verdade tem de ser investigado e compreendido; entretanto, se há nesta investigação um motivo, a Verdade não se manifestará. Pode haver investigação sem motivo consciente ou inconsciente? *Se temos* um motivo, há investigação? Se já sabemos o que queremos, se já formulamos o alvo desejado, a investigação será então um meio de alcançar tal fim, projetado de nós mesmos. Visa ela então à satisfação, e não à Verdade; e os meios serão escolhidos de acordo com a satisfação que se deseja. A compreensão do que *é* não exige motivo; o motivo e os meios impedem a compreensão. A investigação, que é percebimento sem escolha, *não visa* a alguma coisa; consiste apenas em se estar cônscio da ânsia de alcançar um fim e dos meios empregados para alcançá-lo. Este percebimento sem escolha traz a compreensão do que *é*.

É estranho como ansiamos pela permanência, pela continuidade. Este desejo toma muitas formas, da mais rudimentar à mais sutil. Conhecemos bem as formas mais evidentes: o nome, a figura, o caráter, etc. Todavia, a ânsia mais sutil é mais difícil de descobrir e de compreender. A identidade como idéia, como ser, como conhecimento, como vir a ser, em qualquer nível que seja, é difícil de perceber e de trazer à luz. Nós só conhecemos a continuidade e jamais a não-continuidade. Conhecemos a continuidade da experiência, da memória, dos incidentes, mas não conhecemos aquele estado em que não existe continuidade. Chamamo-lo a morte, o desconhecido, o misterioso, etc., e, dando-lhe nome, esperamos ser capazes de prendê-lo de alguma maneira — o que mais uma vez é desejo de continuidade.

A consciência do *eu* é experiência, denominação da experiência, e registro da mesma; e este processo está operando em vários níveis da mente. Estamos apegados a este processo de nossa consciência individual, como *eu*, apesar de suas efêmeras alegrias, seu conflito e confusão e sofrimentos intermináveis. Isto é o que conhecemos; é nossa existência, a continuidade do nosso ser, a idéia, a memória, a

palavra. A idéia continua, no todo ou em parte, a idéia que constitui o *eu*; mas pode esta continuidade trazer a liberdade, indispensável para o descobrimento e a renovação?

O que tem continuidade jamais poderá ser outra coisa; será sempre a mesma coisa, com certas modificações. Mas estas modificações nunca farão do "contínuo" uma coisa nova. Poderá ele vestir um manto diferente, tomar outra cor, mas será sempre a idéia, a memória, a palavra. Este centro de continuidade não é nenhuma essência espiritual, pois está ainda na esfera do pensamento, da memória, e portanto do tempo. Só é capaz de conhecer, de experimentar a sua própria projeção, e através dessa experiência projetada é que ele dá continuidade a si próprio. Por conseguinte, enquanto existir, nunca poderá experimentar o que se acha além de si mesmo. Ele tem de morrer; tem de deixar de dar continuidade a si próprio, através da idéia, da memória, da palavra. Continuidade é decomposição, e só há vida na morte. Só há renovação com a cessação do centro; então o renascimento não é continuidade; então a morte é, como a vida, uma renovação de momento a momento. Esta renovação é criação.

39. DEFESA PRÓPRIA

Era um homem muito conhecido e cuja posição lhe possibilitava prejudicar a outros, o que não hesitava em fazer. Era esperto, superficial e destituído de generosidade, e só trabalhava para sua própria vantagem. Disse não se sentir muito inclinado a conversar sobre certos assuntos, mas as circunstâncias o tinham forçado a vir, e agora aqui estava. De tudo o que disse e do que não disse, ficou patente ser um homem muito ambicioso, utilizando-se, a seu talante, das pessoas que o cercavam; era cruel quando convinha, e benigno, quando desejava alguma coisa. Acatava os seus superiores, tratava com condescendente tolerância os seus iguais, e quanto aos que estavam abaixo dele nem sequer os notava. Nunca olhava, num simples relance sequer, para o chofer que o conduzia. O dinheiro tornava-o desconfiado, e tinha muito poucos amigos. Falava a respeito dos filhos como se fossem brinquedos que serviam para distraí-lo, e detestava estar só — disse. Alguém o tinha ofendido, e, não podendo pagar-lhe na mesma moeda porque a pessoa estava fora do seu alcance, estava tirando a forra nos que *estavam* ao seu alcance. Não podia compreender por que razão era desnecessariamente brutal e tão inclinado a ferir aqueles que dizia amar. À medida que falava, foi

perdendo pouco a pouco a frieza, tornando-se quase amável. Era a amabilidade do momento, que arrefeceria instantaneamente se algo o contrariasse ou a ele se pedisse alguma coisa. Como ninguém estava pedindo nada, sentia-se desembaraçado e se mostrava temporariamente afetuoso.

O desejo de fazer mal, de ferir a outrem com uma palavra, um gesto, ou mais profundamente, é muito forte em quase todos nós; um desejo comum e chocantemente agradável. O próprio desejo de *não ser* ofendido nos leva a ofender os outros; fazer mal a outros é uma maneira de defendermos a nós mesmos. Esta defesa própria toma formas peculiares, conforme as circunstâncias e as tendências da pessoa. Como é fácil ofender a outrem, e quanta cordura é necessária para não ofendermos ninguém! Ferimos a outros porque nós mesmos estamos feridos, magoados, por causa dos nossos próprios conflitos e sofrimentos. Quanto mais torturados interiormente, maior a nossa vontade de ser violentos exteriormente. O tumulto interior nos leva a buscar a proteção exterior; e, quanto mais nos defendemos, tanto mais forte o ataque contra os outros.

Que é que defendemos, que é que guardamos tão ciosamente? Ora, sem dúvida, é a idéia de nós mesmos, em qualquer nível que ela esteja. Se não protegêssemos a idéia, o centro de acumulação, não haveria *eu* e *meu*. Seríamos então perfeitamente vulneráveis, sensíveis aos movimentos do nosso próprio ser, tanto os conscientes como os ocultos; entretanto, como a maioria de nós não deseja descobrir o processo do *eu*, resistimos a qualquer violação da idéia de nós mesmos. A idéia de nós mesmos, de nosso *eu*, é completamente superficial; mas, como quase todos vivemos na superfície, contentamo-nos com ilusões.

O desejo de fazer mal a outrem é um instinto profundo. Acumulamos ressentimentos, o que nos dá uma peculiar vitalidade, um sentimento de ação e de vida; e o que se acumula tem de ser despendido — sob a forma de cólera, insulto, depreciação, obstinação, e dos seus opostos. É esta acumulação de ressentimento que faz necessário o perdão — desnecessário quando não se guardam ofensas.

Por que guardamos a lisonja e o insulto, a ofensa e a afeição? Sem esta acumulação de experiências e das respectivas reações, não existimos; nada somos, se não temos crença. É o medo de ser *nada* que nos compele a acumular; e é justamente este medo, consciente ou inconsciente, que, apesar de nossas atividades acumuladoras, provoca a nossa desintegração e destruição. Se pudermos ficar cônscios da verdade relativa a este medo, esta verdade nos libertará dele — e não o nosso propósito e determinação de sermos livres.

Vós sois *nada*. Podeis ter vosso nome e vosso título, propriedades e depósitos nos bancos, podeis ter poder e fama; todavia, apesar de todas estas defesas, sois o mesmo que nada. Podeis não estar perfeitamente cônscio deste vazio, deste nada, ou podeis simplesmente não desejar estar cônscio dele; ele existe, entretanto, não importa o que façais para evitá-lo. Podeis tentar fugir-lhe por vias tortuosas, pela violência pessoal ou coletiva, pela devoção individual ou coletiva, pelo saber ou pelo divertimento; mas, quer estejais acordado, quer dormindo, ele estará sempre presente. Só podeis descobrir a vossa relação com este nada e o medo que inspira, se ficardes imparcialmente cônscios de vossos meios de fuga. Não estais relacionado com ele como um indivíduo separado, uma entidade individual; não sois um observador que o observa; sem vós, — o pensador, o observador — ele não existe. Vós e aquele nada sois um só, vós e aquele nada sois um fenômeno conjunto e não dois processos separados. Se vós, o pensador, lhe tendes medo e vos acercais dele como uma coisa contrária e oposta a vós, neste caso, qualquer ação que empreendais contra ele levará inevitavelmente à ilusão e portanto a mais conflito e sofrimento. Quando se faz o descobrimento, a experiência daquele nada como sendo vós, então o medo — que só existe quando o pensador está separado dos seus pensamentos e procurando estabelecer uma relação com eles — desaparece. Só então há a possibilidade de a mente ficar quieta; e nesta tranqüilidade desponta a Verdade.

40. "MEU CAMINHO E VOSSO CAMINHO"

Era um letrado, falava várias línguas e tinha tanta paixão pelo saber, como alguns pela bebida. Vivia citando os ditos de outros, para escorar as próprias opiniões. Era um diletante das Ciências e Artes, e, quando dava a sua opinião, acompanhava-a de um meneio de cabeça e um sorriso que significavam sutilmente não ser aquilo apenas a sua opinião mas a Verdade final. Afirmava que suas experiências pessoais possuíam para ele força de autoridade e eram concludentes. "Tendes também as vossas experiências, mas não podeis convencer-me", disse. "Seguis o vosso caminho, e eu, o meu. Há diferentes caminhos para a Verdade, e lá nos encontraremos todos, um dia." Era amigável com uma certa reserva, porém firme. Para ele, os Mestres, embora não fossem *gurus* palpáveis e visíveis, eram uma realidade, e tornar-se discípulo deles, uma coisa essencial. Ele e vários outros conferiam esse grau de discípulo aos que se mostravam dispostos a aceitar este caminho e a autoridade deles; ele e o seu

grupo, entretanto, não eram daqueles que, por meio do espiritismo, iam procurar entre os mortos os seus guias. Para encontrar o Mestre, era preciso servir, trabalhar, sacrificar-se, obedecer e praticar certas virtudes; e, naturalmente, era necessário crer.

Depender da experiência como meio de descobrimento do que *é*, é deixar-se prender na ilusão. O desejo e o anseio condicionam a experiência; e depender da experiência, como meio de compreensão da verdade, é seguir o caminho da autoglorificação. A experiência nunca trará a libertação do sofrimento; a experiência não é reação adequada ao desafio da vida. O desafio tem de ser enfrentado de maneira nova, pois o desafio é sempre novo. Para enfrentá-lo adequadamente, necessário é que a lembrança da experiência condicionante seja posta de parte, abandonada, e as reações de prazer e dor sejam compreendidas profundamente. A experiência é um empecilho à verdade, porquanto a experiência é coisa do tempo, produto do passado; e como pode a mente, resultado da experiência, do tempo, compreender o atemporal? A verdade relativa à experiência não depende de idiossincrasias, fantasias pessoais; esta verdade só é percebida quando há percebimento sem condenação, sem justificação nem identificação de espécie alguma. A experiência não é um caminho para a verdade; não há *vossa experiência* e *minha experiência*, mas, somente, a compreensão do problema.

Sem conhecimento, a experiência gera a ilusão; com autoconhecimento, a experiência, que é reação ao desafio, não deixa resíduo cumulativo na memória. Autoconhecimento é a descoberta de momento em momento dos motivos do *eu*, suas intenções e buscas, seus pensamentos e apetites. Jamais pode haver *vossa experiência*, e *minha experiência*. A própria expressão *minha experiência* denota ignorância, aceitação da ilusão. Muitos de nós gostamos de viver embalados na ilusão, pois aí se encontra muita satisfação, ela é nosso céu particular, que nos estimula e dá um sentimento de superioridade. Se tenho capacidade, talento ou astúcia, torno-me um guia, um intermediário, um representante daquela ilusão; e, como a maioria das pessoas gosta de evitar o que *é*, está formada uma organização, com riquezas, rituais, votos e reuniões secretas. Veste-se a ilusão de acordo com a tradição, conservando-a dentro dos limites da respeitabilidade; e, como a maioria de nós quer o poder sob esta ou aquela forma, está estabelecido o princípio hierárquico, o noviço e o iniciado, o discípulo e o Mestre, e, mesmo entre os Mestres, há graus de desenvolvimento espiritual. Quase todos gostamos de explorar e de ser explorados, e este sistema oferece os meios, que podem ser ocultos ou patentes.

Explorar é ser explorado. O desejo de servir-nos de outros para satisfação de nossas necessidades psicológicas leva à dependência, e, quando dependemos de alguém, temos de prendê-lo, possuí-lo; e o que possuímos nos possui. Sem a dependência, sutil ou grosseira, sem a posse de coisas, de pessoas, de idéias, sois vazio, uma coisa sem importância. Desejais ser algo, e, para evitar o medo corrosivo do ser nada, pertenceis a esta ou àquela organização, a esta ou àquela ideologia, a esta ou àquela igreja; e, assim, sois explorado, e de vossa parte explorais também. Esta estrutura hierárquica oferece uma oportunidade excelente para a expansão pessoal, a expansão do *eu*. Podeis desejar a fraternidade, mas como pode haver fraternidade se estais cultivando distinções espirituais? Podeis sorrir a propósito dos títulos mundanos; mas, visto que admitis o Mestre, o Salvador, o *guru,* nos domínios do espírito, não estais transportando para lá a atitude mundana? Pode haver divisões ou graus de desenvolvimento espiritual na compreensão da verdade, na "realização" de Deus? O amor não admite divisões. Ou amais ou não amais; mas não façais da vossa falta de amor um processo de longa duração cujo resultado final será o amor. Quando *sabeis* que não amais, quando estais imparcialmente cônscio deste fato, há então uma possibilidade de transformação; mas cultivar diligentemente a divisão entre Mestre e discípulo, entre os que chegaram e os que não chegaram, entre o Salvador e o pecador, é negar o amor. O explorador, que por sua vez é explorado, encontra, nesta escuridão e ilusão, um esplêndido parque de caça.

A separação entre Deus ou a Realidade e vós é criada por vós mesmo, pela mente apegada ao conhecido, à certeza, à segurança. Esta separação não pode ser ligada por nenhuma ponte; não há ritual, não há disciplina nem sacrifício que vos possibilite a travessia; não há Salvador, Mestre, nem *guru* que possa levar-nos ao Real ou destruir aquela separação. A divisão não está entre o real e vós; está em vós mesmo, é o conflito dos desejos opostos. Cada desejo cria o seu respectivo oposto; e a transformação não consiste em concentrar-nos num só desejo, mas sim em estarmos livres do conflito produzido pelo desejo. O desejo, em qualquer nível do nosso ser, gera conflito e mais conflito, e desse conflito procuramos escapar de todas as maneiras possíveis, mas só conseguimos aumentá-lo, tanto interior como exteriormente. Este conflito não pode ser dissolvido por outra pessoa, por maior que ela seja, nem por qualquer magia ou ritual. Estas coisas podem fazer-vos adormecer agradavelmente; mas ao despertardes encontrareis de novo o problema. Entretanto, a maioria de nós não quer despertar e por conseguinte ficamos vivendo

na ilusão. Com a dissolução do conflito nasce a tranqüilidade e só então pode a Realidade despontar. Mestres, Salvadores e *gurus* nenhuma importância têm; mas de essencial importância é que se compreenda o crescente conflito do desejo; e esta compreensão só vem através do autoconhecimento e da percepção constante dos movimentos do *eu*.

O percebimento de nós mesmos é muito difícil, e, visto a maioria de nós preferir um caminho fácil e ilusório, fazemos nascer a autoridade, que dá forma e padrão à nossa vida. Esta autoridade pode ser a autoridade coletiva do Estado ou a autoridade individual do Mestre, do Salvador, do *guru*. A autoridade, de qualquer espécie que seja, torna-nos cegos e irrefletidos; e, como a maioria de nós sabe que ser refletido é expor-se à dor, caímos nos braços da autoridade.

A autoridade engendra o poder, e o poder se centraliza e se torna um fator de corrupção total; o poder corrompe não só o homem que o empunha mas também aquele que o segue. A autoridade do saber e da experiência é fator de perversão, não importa se é o Mestre, ou seu representante, ou o sacerdote que está investido desta autoridade. A vossa vida, este conflito aparentemente interminável, é que é importante, e não o padrão ou o guia. A autoridade do Mestre e do sacerdote vos afasta da questão central: *o conflito existente dentro de vós mesmo.* O sofrimento nunca poderá ser compreendido e dissolvido pela busca de um meio, um modo de vida. Esta busca é apenas uma maneira de evitar o sofrimento, mera imposição de um padrão, fuga; e o que se evita putrefaz-se e causa calamidades e sofrimentos maiores ainda. A compreensão de vós mesmo, ainda que seja dolorosa ou transitoriamente agradável, é o começo da sabedoria.

Não há caminho para a sabedoria. Se algum caminho existe, então a sabedoria é coisa formulada de antemão, coisa já imaginada, conhecida. Pode a sabedoria ser conhecida ou cultivada? Ela é uma coisa que se precisa aprender, acumular? Se é, então ela se torna um mero saber, um produto da experiência e dos livros. A experiência e o saber ou conhecimento são uma cadeia contínua de reações e, como tal, nunca poderão compreender o que é novo, fresco, incriado. A experiência e o saber, uma vez que são contínuos, abrem um caminho para suas próprias projeções, e por isso são sempre entraves. A sabedoria é a compreensão do que *é*, momento por momento, sem acumulação de experiência e conhecimento. O que se acumula não dá liberdade para compreender, e sem liberdade não há possibilidade de descobrimento; e é esse descobrimento sem fim

que conduz à sabedoria. A sabedoria é sempre nova, sempre fresca, e não há meio nenhum de a acumularmos. O meio destrói o que é novo, impede o descobrimento espontâneo.

Os "muitos caminhos que levam a uma só Realidade" são invenções da mente intolerante, produto da mente que está *cultivando* a tolerância. "Eu estou seguindo o meu caminho e vós seguis o vosso; sejamos, porém, bons amigos, pois, com o tempo, nos encontraremos." Vós e eu nos encontraremos se vós fordes para o norte e eu para o Sul? Podemos ser amigos se vós tendes um conjunto de crenças e eu outro, se eu sou um assassino coletivo e vós, pacifista? Ser amigável significa um estado de relação, no trabalho, no pensamento, mas pode haver qualquer relação entre o homem que odeia e o homem que ama? Pode haver alguma relação entre o homem que está na ilusão e o que está livre? O homem livre pode tentar estabelecer uma relação de alguma espécie com o homem que está na escravidão; entretanto, o homem que está na ilusão não pode estar em relação com o que está livre. Os que estão separados e apegados à separação procuram estabelecer uma relação com outros, também egocêntricos como eles; mas tais tentativas geram invariavelmente conflito e dor. Para evitar a dor, os argutos inventam a tolerância, que é ficar cada um a olhar por cima da sua muralha de isolamento, procurando ser amável e generoso. A tolerância é produto da mente e não do coração. Pode-se falar de tolerância quando se ama? Mas, quando o coração está vazio, a mente o enche com suas engenhosas invenções e temores. Não pode haver comunhão onde há tolerância.

Não há caminho para a Verdade. A Verdade tem de ser descoberta, mas nenhuma fórmula existe para o seu descobrimento. O que é formulado não é verdadeiro. Tendes de lançar-vos ao mar desconhecido, e este mar desconhecido sois vós mesmo. Tendes de pôr-vos a caminho, para o descobrimento de vós mesmo, mas não de acordo com algum plano ou padrão, porque, deste modo, não haverá descobrimento algum. O descobrimento traz alegria — não a alegria que é lembrada, que é comparada, mas a alegria que é sempre nova. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, em cuja tranqüilidade e silêncio se encontra o Imensurável.

41. PERCEBIMENTO

Havia nuvens brancas, imensas, semelhando vagalhões, e o céu estava sereno e azul. Muitas centenas de pés abaixo de nós

descortinava-se a baía, encurvada e azul, e ao longe, o continente. Era uma tarde linda, tranqüila e clara, e no horizonte negrejava a fumaça de um vapor. Os laranjais se estendiam até ao pé da montanha, enchendo de fragrâncias o ar. A tarde se ia tornando azul, como sempre; o próprio ar se tornava azul e as casas brancas perdiam os seus revérberos naquela cor delicada. O azul do mar parecia transbordar e inundar a terra, e as montanhas sobranceiras eram também de um azul diáfano. Era uma cena encantadora e reinava um silêncio imenso. Havia os costumeiros ruídos do anoitecer; estes, porém, estavam dentro daquele silêncio, faziam parte do silêncio, como nós mesmos. Aquele silêncio renovava todas as coisas, lavando os séculos de sordidez e dor, do coração das coisas. Os olhos se nos tornavam límpidos e a mente estava unida àquele silêncio. Um jumento começou a ornear; os ecos reboaram pelo vale, e o silêncio os recolheu. O findar do dia era a morte de todos os dias passados, e nesta morte havia renascimento, sem a nostalgia do passado. A vida era nova, na imensidade do silêncio.

Na sala, um homem nos aguardava, ansioso por falar de seus problemas. Notava-se-lhe uma peculiar tensão de espírito, mas ele se mostrava calmo. Via-se que era um morador da cidade, e os trajos elegantes faziam-no parecer um pouco deslocado naquela aldeola e naquela sala. Falou a respeito de suas atividades, dos problemas de sua profissão, das banalidades da vida doméstica e da pressão dos seus desejos. Com estes problemas ele sabia lidar inteligentemente, como outro qualquer; entretanto, o que realmente o incomodava eram os seus apetites sexuais. Era casado e tinha filhos, mas havia algo mais. A sexualidade se lhe tornara um problema muito sério, que o estava pondo quase doido. Já tinha conversado com certos médicos e psicanalistas, mas o problema persistia e ele achava que, de alguma maneira, precisava penetrá-lo até à base.

Que interesse temos em resolver os nossos problemas! Com que insistência buscamos uma solução, uma saída, um remédio! Jamais consideramos o problema em si, mas, cheios de agitação e ansiedade, lutamos por achar uma solução, a qual invariavelmente é projetada de nós mesmos. Embora o problema tenha sido criado por nós, queremos achar uma solução fora dele. Procurar a solução é evitar o problema — sendo isto justamente o que quase todos desejamos. A solução não está separada do problema; está no problema, e não fora dele. Se achamos que a solução está separada do problema principal, criamos problemas secundários: o problema de concretizar a solução, levá-la a efeito, pô-la em prática, etc. Visto que a busca de solução é uma maneira de evitar o problema, deixamo-nos empolgar pelos

ideais, convicções, experiências, que são só autoprojeções; adoramos estes ídolos por nós mesmos fabricados, e por esta razão nos tornamos mais e mais confusos e cansados. Chegar a uma solução é relativamente fácil; mas compreender um problema é muito trabalhoso, requerendo um modo diferente de estudá-lo, em que se não oculte nenhum desejo de solução.

A isenção do desejo de solução é essencial para se compreender o problema. Esta liberdade facilita a atenção plena, porque, nela, a mente não está mais sujeita a ser distraída por questões secundárias. Enquanto houver conflito com o problema ou oposição a ele, não haverá compreensão do mesmo; pois este conflito é uma distração. Só há compreensão quando há comunhão, e a comunhão é impossível se há resistência ou luta, medo ou aceitação. É preciso estabelecer-se a relação correta com o problema: aí está o começo da compreensão; mas, como é possível relação correta com o problema, se só nos interessa livrar-nos dele, achar uma solução para ele? A relação correta significa comunhão, e não pode existir comunhão se há resistência, positiva ou negativa. A maneira de considerar o problema é mais importante do que o próprio problema; a maneira como consideramos o problema dá forma ao problema, ao fim. Os meios e o fim não são diferentes da maneira como nos aplicamos ao problema. Esta maneira decide a sorte do problema. Por conseguinte, a forma de considerarmos o problema é da máxima importância, porque nossas atitudes e preconceitos, nossos temores e esperanças dar-lhe-ão o seu colorido. Pelo conhecimento, livre de escolha, da maneira de atender ao problema, estabelece-se a relação correta com o problema. O problema é criado por nós mesmos, e, portanto, necessita-se o conhecimento de nós mesmos. Vós e o problema sois um processo único e não dois processos separados. Vós *sois* o problema.

As atividades do *eu* são terrivelmente monótonas. O *eu* é uma fonte de tédio; ele é, intrinsecamente, enervante, vão, fútil. Seus desejos opostos e em conflito entre si, suas esperanças e frustrações, suas realidades e ilusões são escravizantes e, no entanto, vazios; as atividades conduzem-no ao cansaço. O *eu* está sempre subindo e caindo, sempre querendo alcançar e sendo frustrado, sempre ganhando e perdendo; e, desta ronda fastidiosa e fútil, está sempre a procurar um meio de libertar-se. Busca fugir através de atividades exteriores, de soluções agradáveis, da bebida, do sexo, do rádio, dos livros, do saber, dos divertimentos, etc. Seu poder de criar ilusões é enorme e complexo. Estas ilusões são por ele mesmo fabricadas, de si próprio *projetadas*; são elas o ideal, a idolátrica concepção de mestres e salvadores, o futuro como meio de autoglorificação, etc. Na tentativa

de fugir de sua própria monotonia, busca o *eu* sensações e excitações exteriores, as quais são substitutos da negação do *eu*. Nelas o *eu* procura, esperançoso, absorver-se. Muitas vezes é bem sucedido; entretanto, os êxitos só servem para lhe aumentar o tédio. Busca um substituto após outro, e cada um deles cria seu problema, conflito e sofrimento próprios.

Procura-se o esquecimento de si mesmo, interior e exteriormente: uns, na religião, outros, no trabalho e na atividade. Mas não há possibilidade de se esquecer o *eu*. O barulho que se faz, interior ou exteriormente, poderá abafar a voz do *eu*; este, porém, não tarda a ressurgir, sob forma diferente, com outra máscara; pois tudo o que se reprime tem de achar um meio de libertar-se. O esquecimento de si mesmo pela bebida ou pelo sexo, pela devoção ou pelo saber, leva à dependência, e tudo de que dependemos cria um problema. Se para vos libertardes, para vos esquecerdes, para serdes feliz, dependeis da bebida ou de um Mestre, o Mestre ou a bebida se torna vosso problema. A dependência gera o desejo de possuir, a inveja, o medo; e então o medo e a maneira de dominá-lo se transformam, para vós, num problema aflitivo. Na busca da felicidade, criamos problemas e com eles ficamos a debater-nos. Encontramos uma certa felicidade no esquecimento de nós mesmos pelo sexo, e por isso servimo-nos do sexo como meio de alcançarmos o que desejamos. A felicidade, obtida por meio de alguma coisa, tem de gerar conflito, invariavelmente. Então o meio de que nos servimos é muito mais importante e significativo do que a própria felicidade. Se minha felicidade depende da beleza daquela cadeira, a cadeira se torna importantíssima para mim e tenho de defendê-la de outros. Nesta luta, a felicidade que eu antes achava na beleza da cadeira é esquecida completamente, perde-se, e só me resta a cadeira. A cadeira, em si, é de pouco valor; mas eu lhe dei um valor exorbitante, já que ela é o meio pelo qual obtenho a felicidade. O meio, pois, se torna um substituto da felicidade.

Quando o meio pelo qual obtenho a felicidade é um ente vivo, uma pessoa, então o conflito e a confusão, o antagonismo e a dor são muito maiores. Se as relações estão simplesmente baseadas no uso, pode haver outra relação que não a relação superficialíssima entre o utilizador e a coisa utilizada? Se me sirvo de vós para minha felicidade, estou realmente em relação convosco? Estar em relação significa estar em comunhão com outro, em diferentes níveis; e há tal comunhão, quando o outro me serve de instrumento, de meio para a minha felicidade? No proveito que tiro de outrem, não estou, em verdade, buscando o auto-isolamento, em que penso ser feliz? A este auto-isolamento chamo *relações*; na realidade, porém, não há comunhão

neste processo. Só pode existir comunhão, quando não existe temor; e há um medo e uma dor que corroem, quando há utilização e portanto dependência. Uma vez que nada pode viver no isolamento, todas as tentativas feitas pela mente, para isolar-se, só a levam à frustração e ao sofrimento. Para fugirmos a este sentimento de insuficiência, buscamos completar-nos nas idéias, nas pessoas, nas coisas; e voltamos assim ao ponto de partida — a busca de substituto.

Problemas existirão sempre, enquanto as atividades do *eu* predominarem. Para se perceber quais são e quais não são as atividades do *eu*, necessita-se de vigilância constante. Esta vigilância não é atenção disciplinada, mas um percebimento amplo e isento de escolha. A atenção disciplinada dá força ao *eu*; torna-se um substituto e uma dependência. O percebimento, pelo contrário, nem é influenciado pelo *eu* nem é produto de prática ou exercício. É a compreensão de todo o conteúdo — o oculto bem como o superficial — do problema. A superfície tem de ser compreendida, para que o oculto possa mostrar-se; o oculto não pode ser trazido à luz, se a mente superficial não estiver tranqüila. Este processo, na sua inteireza, não é verbal nem é questão de mera experiência. A verbalização indica embotamento da mente; e a experiência, sendo cumulativa, só pode produzir repetições. O percebimento não é questão de determinação, pois o movimento em direção a um alvo pré-estabelecido significa resistência, que leva à seleção. Percebimento é observação silenciosa, e *sem* escolha, do que *é*; neste percebimento o problema se desdobra e é compreendido total e completamente.

Um problema jamais pode ser resolvido no seu nível próprio; complexo, que é, tem de ser compreendido no seu processo total. A tentativa de resolver um problema num nível único, físico ou psicológico, leva a mais conflito e confusão. Para a resolução de um problema, necessita-se de percebimento, de vigilância passiva que revela o seu processo total.

O amor não é sensação. A sensação faz nascer o pensamento, por meio das palavras e dos símbolos. As sensações e o pensamento tomam o lugar do amor, tornam-se um substituto do amor. As sensações são produtos da mente, como o são também os apetites sexuais. A mente gera o apetite, a paixão, através da lembrança, e recebe dessa fonte sensações agradáveis. A mente é composta de interesses ou desejos diferentes e encontrados, com suas sensações exclusivas; e esses interesses se chocam toda vez que um ou outro começa a predominar, criando, assim, um problema. As sensações são agradáveis e desagradáveis, e a mente se prende às agradáveis, tornando-se

escrava delas. Esta escravidão transforma-se num problema porque a mente é um repositório de sensações contraditórias. O evitar as sensações dolorosas é também escravidão, com suas ilusões e problemas próprios. A mente é o fabricante dos problemas e, portanto, não pode resolvê-los. O amor não é produto da mente; mas quando esta intervém, então o que há é sensação, a que ela chama amor. É este amor da mente, que pode ser pensado, enroupado e identificado. A mente pode recordar-se de sensações agradáveis e pode antecipá-las — e esse processo, não importa em que nível esteja situado, é apetite. Dentro da esfera da mente o amor não pode existir. A mente é o campo de ação do medo e do cálculo, da inveja e da vontade de domínio, da comparação e da negação, e portanto o amor não está lá. O ciúme, como o orgulho, é produto da mente mas não é amor. O amor e o processo da mente não podem ser ligados por nenhuma ponte, não podem ser unificados. Quando predominam as sensações, não resta espaço para o amor; e, assim, as coisas da mente enchem o coração. Dessarte, o amor se torna o desconhecido uma aspiração que cultivamos e adoramos; transforma-se num ideal para nosso uso, uma crença que abraçamos, e os ideais são sempre projetados do *eu*. Então, a mente assume a direção e o amor se torna uma palavra, uma sensação. Torna-se comparativo: "Eu amo *mais* e tu amas *menos*." Mas o amor não é pessoal nem impessoal; é um *estado de ser*, de onde está completamente ausente a sensação, transformada em pensamento.

42. SOLIDÃO

O filho lhe morrera recentemente, e agora, dizia ela, já não sabia o que fazer. Tinha tanto tempo disponível e se sentia tão entediada, cansada e triste, que só tinha vontade de morrer. Criara-o com todo o carinho e de maneira inteligente, fazendo-o fraqüentar uma das melhores escolas e a Universidade. Não o havia desfibrado embora lhe desse todo o necessário. Nele depositara toda a sua fé e esperança e a ele dera todo o seu amor, pois não tinha ninguém mais com quem dividi-lo, estando já há muito tempo separada do marido. O rapaz morrera em virtude de um diagnóstico errôneo e uma operação — embora, acrescentou com um sorriso, os médicos afirmassem que a operação fora "um sucesso". Agora, estava abandonada e a vida lhe parecia tão vã e fútil! Chorara-lhe a morte, até não lhe restarem mais lágrimas, só um vácuo sombrio e triste. Tivera tantos projetos para os dois... Agora estava completamente desorientada.

A brisa soprava do mar, branda e refrescante, e debaixo da árvore reinava sossego. Os matizes das montanhas eram vívidos e alguns gaios azuis faziam muita algazarra. Uma vaca passou, seguida do bezerrinho, e um esquilo disparou por uma árvore acima, chalrando freneticamente. Sentou-se num ramo e começou a renhir, e renhindo continuou durante muito tempo, sacudindo a cauda para cima e para baixo. Como eram brilhantes os seus olhos, e fortes as suas garras! Uma lagartixa saiu para aquecer-se ao sol e abocanhou uma mosca. Os cimos das árvores balouçavam suavemente e uma árvore morta projetava-se contra o céu, erecta e esplêndida. O sol a estava alvejando. A seu lado erguia-se outra, também morta, enegrecida e curva, mais recente na decadência. Umas poucas nuvens descansavam sobre as montanhas distantes.

Que coisa estranha é a solidão, e quanto medo nos faz! Nunca nos deixamos aproximar demasiado dela; e, se por acaso o fazemos, fugimos imediatamente da sua presença. Somos capazes de tudo, para evitar a solidão, encobri-la. Nossa preocupação consciente ou inconsciente parece ser a de fugir ou de vencer a solidão. Evitar e dominar a solidão são duas coisas igualmente fúteis; ainda que ela seja reprimida ou evitada, o tormento, o problema continua a existir. Podeis perder-vos no meio de uma multidão e continuar, no entanto, completamente só; podeis estar intensamente ativo, mas a solidão vos invade, furtiva e silenciosamente; ponde de lado o livro, e eis-vos na presença dela. Nem os divertimentos, nem as bebidas alcoólicas podem afogar a solidão; pode-se evitá-la temporariamente; silenciem, porém, os risos e se dissipem os efeitos do álcool, o medo da solidão retorna. Podeis ser ambicioso e bem sucedido, podeis exercer um vasto domínio sobre outros, ser rico de saber, adorar a Deus e esquecer-vos de vós mesmo no palanfrório dos rituais; mas, o que quer que façais, a dor da solidão continua. Podeis existir só para vosso filho, vosso Mestre, para a expressão de vosso talento; todavia, como a treva, a solidão vos envolve. Podeis amar ou odiar, fugir da solidão de maneira condizente com o vosso temperamento e vossas tendências psicológicas; mas a solidão lá estará, esperando, vigiando, recuando só para atacar de novo.

Solidão é consciência de isolamento total; e todas as nossas atividades não são de molde a isolar-nos? Embora os nossos pensamentos e emoções sejam expansíveis, não são eles exclusivistas e separativos? Não buscamos predomínio nas relações, nos nossos direitos e haveres, criando, desse modo, resistência? Não consideramos o trabalho como *vosso* e *meu*? Não estamos identificados com o coletivo, com a nação, ou com os eleitos? Nossa tendência não é toda de

dividir-nos, separar-nos? A peculiar atividade do *eu,* em qualquer nível que seja, é no sentido do isolamento; e a solidão é a consciência do *eu,* privado de sua atividade. A atividade, física ou psicológica, se torna um meio de expansão do *eu*; e, quando não há atividade de espécie alguma, manifesta-se o sentimento de vazio, do *eu.* É este vazio que buscamos preencher por todos os meios, e passamos toda a vida a preenchê-lo, seja num nível nobre, seja num nível ignóbil. Pode parecer não existir nenhum mal sociológico no preenchimento deste vazio num nível nobre; a ilusão, porém, gera indizíveis sofrimentos e devastações, que podem não ser imediatos. A ânsia de preencher este vazio — ou de fugir a ele, o que vem a dar no mesmo — não pode ser sublimada nem reprimida; pois que entidade deverá fazê-lo? Não é esta entidade, ela própria, o desejo, a ânsia, sob outra forma? Podem variar os objetivos de nossas ânsias, mas não são iguais todas as ânsias? Podeis trocar o objetivo de vossa ânsia, passando da bebida para a ideação; entretanto, se não se compreender o processo da ansiedade, a ilusão se torna inevitável.

Não há nenhuma entidade separada do desejo, do anseio; só há anseio, não existe *entidade que anseia.* O desejo põe máscaras diversas, em ocasiões diferentes, conforme os seus interesses. A lembrança destes vários interesses se encontra com o novo e produz conflito; e nasce, assim, a *entidade que escolhe,* estabelecendo-se como entidade separada e distinta do anseio. Mas a entidade não é diferente das suas qualidades. A entidade que procura preencher ou evitar o seu vazio, insuficiência e solidão, não é diversa daquilo que ela está evitando; ela *o é.* Não pode fugir de si mesma; o que pode fazer é tão-somente compreender a si própria. Ela *é* a sua solidão, o seu vazio; e, enquanto o considerar como coisa separada de si, continuará na ilusão e num conflito interminável. Quando percebe diretamente que ela própria é a solidão, só aí lhe é possível ficar livre do medo. O medo existe apenas em relação com uma idéia, e a idéia é reação da memória, como pensamento. O pensamento é resultado da experiência; e, embora seja capaz de meditar sobre o fazio e ter sensações a seu respeito, não é capaz de conhecer diretamente o vazio. A palavra *solidão,* com suas lembranças de dor e medo, impede o conhecimento novo do vazio. A palavra é lembrança, e, quando perde sua importância, torna-se completamente diferente a relação entre o experimentador e a experiência; esta relação é então direta e não por intermédio da palavra, da memória; então o experimentador *é* a experiência, e só isto pode trazer a libertação do temor.

O amor e o vazio não podem coabitar. Se existe o sentimento de solidão, não existe amor. Pode-se esconder o vazio sob a palavra

amor, mas, quando o objeto do vosso amor já não está presente ou já não vos corresponde, ficais cônscio do vazio, e vos sentis frustrado. Empregamos a palavra *amor* como um meio de fugirmos de nós mesmos, de nossa própria insuficiência. Apegamo-nos ao ente amado, somos ciumentos, sentimos-lhe a ausência, e se ele morre ficamos completamente desorientados; e buscamos então o conforto numa outra forma, numa crença, num substituto. Isto *é* amor? — O amor não é uma idéia, não é resultado de associação; e o amor não é uma coisa *feita* para nosso uso, um meio de fuga à nossa condição desgraçada; e, quando nos servimos dele como tal, criamos problemas insolúveis. O amor não é uma abstração, mas a sua realidade só pode ser conhecida quando a idéia, a mente, já não é o fator supremo.

43. CONSISTÊNCIA

Era evidentemente um homem inteligente, ativo, que gostava de ler uns poucos livros seletos. Embora casado, não era homem de família. Denominava-se um idealista, um obreiro social; já estivera na prisão por razões políticas, e contava muitos amigos. Não tinha a preocupação de fazer nome nem para si nem para o partido, o que, para ele, era a mesma coisa. Mostrava-se realmente interessado em aplicar-se a uma obra social, capaz de trazer um pouco de felicidade para o homem. Era o que se pode chamar um homem religioso, não como sentimental, ou supersticioso, ou crente de alguma doutrina ou ritual. Disse ter vindo para conversar a respeito do problema da contradição, não só da contradição existente em si próprio, mas também na natureza e no mundo. Esta contradição lhe parecia inevitável: o inteligente e o estúpido; os desejos em conflito entre si, dentro de nós mesmos; a palavra em conflito com o ato e o ato com o pensamento. Esta contradição, ele a encontrava em toda parte.

Ser consistente é renunciar ao pensamento. É mais fácil e mais seguro seguir sem desvios um padrão de conduta, adotar uma ideologia ou uma tradição, do que expor-se às penas do pensar. A obediência à autoridade, interior ou exterior, torna desnecessária a indagação, opõe-se ao pensamento, com suas ansiedades e perturbações. Se seguimos as nossas próprias ilusões, experiências, determinações, evitamos que se criem contradições dentro de nós mesmos; somos então consistentes nos nossos próprios propósitos; escolhemos um determinado caminho e o seguimos, intransigente e determinadamente. Não é verdade que a maioria de nós busca uma conduta de vida que não nos exponha a perturbações, em que pelo menos se

encontre segurança psicológica? E como respeitamos o homem que se conserva fiel ao seu ideal! Fazemos desses homens exemplos dignos de imitação e veneração. Nossa aproximação do ideal, embora requeira uma certa soma de esforço e luta, é, de modo geral, lisonjeira e agradável; pois, afinal de contas, os ideais são produtos de nossa própria fábrica, projeções de nós mesmos. Escolheis o vosso herói, religioso ou mundano, e o seguis. O desejo de ser conseqüente dá-nos uma força e satisfação peculiares, porque, na sinceridade, há segurança. Mas sinceridade não é simplicidade, e sem simplicidade não pode haver compreensão. Ser conseqüente com um padrão de conduta bem concebido e elaborado torna-nos agradável o empenho de realizar o alvo, e quando se é bem sucedido encontra-se conforto e segurança. O estabelecimento de um ideal e nossa constante aproximação dele fomenta a resistência e a adaptabilidade se limita ao padrão. A consistência oferece segurança e certeza, e tal é a razão por que a ela nos apegamos tão desesperadamente.

Estar em contradição consigo mesmo é viver em conflito e sofrimento. O *eu,* na sua própria estrutura, é contraditório, constituído de muitas entidades de máscaras diferentes, cada uma delas contra todas as outras. A contextura do *eu* é, toda, o resultado de interesses e valores contraditórios, de muitos desejos discordes em diversos níveis do nosso ser; e todos êstes desejos engendram os seus próprios opostos. O *eu* — o *ego* — é um entrelaçamento de desejos complexos, cada qual com seu próprio ímpeto e alvo e freqüentemente em oposição a outras esperanças e objetivos. Estas máscaras são postas, conforme os estímulos das circunstâncias e sensações, e, nestas condições, dentro da estrutura do *eu,* é inevitável a contradição. Esta contradição em nós existente gera a ilusão e a dor, e, para nos furtarmos a ela, recorremos a todo gênero de automistificação, cujo único resultado é aumentar o nosso conflito e a aflição. Quando a contradição interior se torna intolerável, tentamos, consciente ou inconscientemente, refugiar-nos na morte, na loucura; ou nos devotamos a uma idéia, um grupo, uma nação, uma atividade que absorva completamente o nosso ser; ou nos voltamos para a religião organizada, com seus dogmas e ritos. E esta cisão dentro de nós mesmos conduz-nos ou à expansão do *eu,* em escala maior ainda, ou à autodestruição, à loucura. Quando tentamos ser diferentes do que somos, estamos cultivando a contradição. O medo ao que *é* gera a ilusão do seu oposto, e cultivando o oposto esperamos escapar a esse medo. A síntese não é cultivo do oposto; a síntese não se produz por meio da oposição, porquanto todos os opostos contêm os elementos dos seus respectivos contrários. A contradição existente em nós mesmos

leva-nos a toda sorte de reações físicas ou psicológicas, as quais podem ser brandas ou violentas, respeitáveis ou perigosas; e a consistência só torna mais obscura e mais confusa a contradição. A perseguição de um desejo único, de um determinado interesse, leva à oposição e conseqüente isolamento. A contradição no interior gera conflito no exterior, e conflito é um indício de contradição. Só pela compreensão das atividades do desejo pode alcançar-se a libertação da contradição interior.

A integração não pode limitar-se às camadas superficiais da mente; não é uma coisa que se aprende na escola; não nasce com o saber ou a auto-imolação. Só a integração pode libertar-nos da coerência e da contradição; a integração, porém, não é questão de fundir num só todos os nossos desejos e múltiplos interesses. Integração não é o adaptar-nos a um padrão, por mais nobre e engenhoso que seja; para conhecê-la, não devemos aproximar-nos diretamente, positivamente, mas obliquamente, negativamente. Ter uma concepção a respeito da integração é adaptar-se a um padrão, e isso não é mais do que um meio de fomentar a estupidez e a destruição. Buscar a integração, é fazer dela um ideal, um alvo projetado de nós mesmos. Uma vez que todos os ideais são projeções de nós mesmos, causam inevitavelmente conflito e inimizade. O que se *projeta* do *eu* tem de ser da mesma natureza que o *eu* e, portanto, contraditório e causador de confusão. A integração não é idéia, mera reação da memória; daí não poder ser cultivada. O desejo de integração nasce em conseqüência do conflito; mas pelo cultivo da integração não se transcende o conflito. Podeis esconder, negar a contradição, ou estar inconsciente dela; ela, entretanto, lá está, à espera de uma oportunidade para explodir.

O conflito é que nos interessa, e não a integração. A integração, como a paz, é um derivado e não um fim em si; é meramente um resultado, e portanto de importância secundária. Na compreensão do conflito não só haverá a integração e a paz, mas também algo que é infinitamente maior. O conflito não pode ser reprimido ou sublimado, nem existe, tampouco, substituto para ele. O conflito vem com a ânsia ou desejo de continuarmos a existir, de nos tornarmos *mais* — o que não significa que seja desejável estagnarmo-nos no contentamento. *Mais* é o clamor constante do *eu*; é a ânsia de sensação, quer passada, quer futura. A sensação é coisa da mente, e esta, por conseguinte, não é o instrumento da compreensão do conflito. A compreensão não é verbal, não é um processo mental: daí não depender da experiência. A experiência é memória, e sem a palavra, sem o símbolo, sem a imagem, não há memória. Podeis ler volumes

a respeito do conflito; isso, porém, em nada servirá à compreensão do conflito. Para se compreender o conflito, o pensamento não pode interferir; necessita-se de um percebimento claro do conflito, sem a cooperação do pensador. O pensador é *o que escolhe*, aderindo invariavelmente ao que é agradável, lisonjeiro, e sustentando, assim, o conflito; poderá livrar-se de um dado conflito, entretanto o solo está adubado para novos conflitos. O pensador justifica ou condena, impedindo assim a compreensão. Ausente o pensador, há o contacto direto com o conflito, mas não como experiência de um experimentador. No conhecimento direto não há experimentador e coisa experimentada. No conhecimento direto a experiência é direta; portanto, a relação com o fato é direta e não por intermédio da memória. É esta relação direta que traz a compreensão. A compreensão traz a libertação do conflito; e com a libertação do conflito vem a integração.

44. AÇÃO E IDÉIA

Era compassivo e gentil, com um sorriso fácil e agradável. Estava vestido com muita simplicidade e suas maneiras eram calmas e singelas. Disse haver muitos anos que se exercitava na não-violência e estava bem convencido da sua força e significação espiritual. Escrevera vários livros sobre a matéria, e trazia um deles consigo. Afirmava que, há muito, não matava coisa alguma, voluntariamente, e era rigorosamente vegetariano. Entrou em pormenores a respeito do seu vegetarianismo e adiantou serem os seus sapatos e sandálias feitos com o couro de animais mortos de morte natural. Simplificara a vida o mais possível, estudara dietética e só se alimentava do essencial. Asseverou que há muitos anos não se irritava, embora em dadas ocasiões se impacientasse, o que não passava de mera reação nervosa. Sua fala era comedida e mansa. A força da não-violência ia transformar o mundo e a ela consagrara a sua vida. Não era dessa espécie de homens que gostam de falar de si mesmos, mas, na questão da não-violência, mostrava-se muito eloqüente e as palavras pareciam fluir sem esforço algum. Viera — acrescentou — para aprofundar-se mais na sua matéria favorita.

Do outro lado da estrada, a lagoa tranqüila. Suas águas, antes muito agitadas por forte brisa, eram agora perfeitamente lisas e espelhavam as folhas grandes de uma árvore. Lírios aquáticos flutuavam docemente e um botão despontava à flor da água. Começaram a aparecer aves e várias rãs saíram dos esconderijos e saltaram na lagoa. As rugas logo desapareceram e as águas, de novo, quedaram mansas.

Pousado bem no alto de uma árvore, um pássaro alisava as penas e cantava; de vez em quando, dava um vôo em curva e voltava ao pouso alto e solitário; estava tão contente com o mundo e consigo mesmo! Sentado perto dali, um homem gordo com um livro na mão; o seu pensamento, porém, estava distante; tentava ler e tornava a tentar, e a mente a escapulir e tornar a escapulir. Afinal desistiu da luta e deixou a mente à solta. Um caminhão subia a ladeira, lento e pesado, e foi preciso fazer mais uma *mudança.*

Andamos sempre tão preocupados com a conciliação dos efeitos, os gestos e a aparência exteriores! Queremos, em primeiro lugar, promover a ordem externa; exteriormente, regulamos a nossa vida de acordo com as nossas resoluções, os princípios interiores que estabelecemos. Por que forçamos o exterior a ajustar-se ao interior? Por que agimos em conformidade com uma idéia? A idéia é mais forte, mais poderosa do que a ação?

Primeiro estabelece-se a idéia, concebida pela razão ou sentida intuitivamente, e em seguida procuramos juntar a ação à idéia; tentamos viver de acordo com a idéia, pô-la em prática, disciplinar-nos por ela — a eterna luta para pôr a ação dentro do molde da idéia. Por que existe esta luta incessante e dolorosa para moldar a ação em conformidade com a idéia? Por que tanto interesse em fazer o exterior corresponder ao interior? É por querermos fortalecer o interior, ou por que desejamos receber segurança do exterior, quando o interior parece incerto? Quando se tira conforto do exterior, não assume este uma significação e importância maiores ainda? A realidade exterior tem significação; mas, quando ela é considerada uma manifestação de sinceridade, não está isso indicando, mais do que nunca, que a idéia está predominando? Por que se tornou, a idéia, todo-poderosa? Para fazer-nos agir? A idéia nos ajuda a agir ou impede a ação?

A idéia, por certo, limita a ação; é o medo à ação que produz a idéia. Na idéia há segurança; na ação, perigo. Para controlar a ação, que é ilimitada, cultiva-se a idéia; para pôr um freio à ação, nasce a idéia. Pensai no que aconteceria se fôsseis realmente generoso na ação! Nessas condições, a generosidade do coração está sendo contrariada pela generosidade da mente; só ides até um certo limite, pois não sabeis o que irá acontecer amanhã. A ação é completa, franca, ampla, mas o medo, como idéia, intervém e assume a direção. Desse modo se torna importantíssima a idéia, e não a ação.

Procuramos ajustar a ação à idéia. A idéia ou o ideal é a não-violência, e nossas ações, gestos, pensamentos se moldam de acordo

com este padrão da mente; o que comemos, o que vestimos, o que dizemos, se tornam muito significativos, pois este é o meio de aquilatarmos a nossa sinceridade. A sinceridade se torna importante e não o ser não-violento; as vossas sandálias e o que comeis se tornam exageradamente interessantes e esquece-se o vosso propósito de ser não-violento. A idéia é sempre secundária, e as questões secundárias dominam as primárias. Podeis ler, conferenciar ou tagarelar a respeito da idéia; nesta, há sempre muita margem para a expansão do *eu*, mas no ser não-violento não se encontra a satisfação da auto-expansão. A idéia, já que é projetada do *eu*, proporciona estímulo e prazer, positiva ou negativamente; o ser não-violento, porém, não tem nenhum encanto. A não violência é um resultado, um derivado, e não um fim em si. Só é um fim em si quando a idéia predomina. A idéia é sempre uma conclusão, um fim, um alvo projetado do *eu*. A idéia é movimento dentro do conhecido; entretanto, o pensamento não pode formular o ser não-violento. O pensamento pode meditar sobre a não-violência, mas não pode ser não-violento. A não-violência não é idéia; não pode ser convertida em padrão de ação.

45. VIDA DE CIDADE

A sala era de boas proporções, tranqüila e confortável. A mobília, elegante e de muito bom gosto; o tapete, espesso e macio. Havia uma lareira de mármore, e o fogo estava aceso. Havia também vasos antigos, procedentes de diferentes partes do mundo, e, nas paredes, quadros modernos, também alguns dos velhos mestres. Com muito desvelo se cuidara da beleza e conforto daquela sala que refletia opulência e bom gosto. Dava para um jardim com um gramado, que devia estar sendo aparado e nivelado há muitos e muitos anos.

A vida de cidade é estranhamente isolada do universo; edifícios levantados pelo homem tomaram o lugar das montanhas e vales, e o estrondo do tráfego substitui o das torrentes impetuosas. À noite, raramente se vêem as estrelas, mesmo que o queiramos, porque são muito deslumbrantes as luzes da cidade; e durante o dia o céu é estreitado e comprimido. Alguma coisa acontece, decididamente, com os habitantes da cidade; são frágeis e corteses, têm igrejas e museus, bares e teatros, belas roupas e um sem-número de lojas. Há gente por toda parte, nas ruas, nos edifícios, nas salas. Uma nuvem cruza o espaço e mui poucos erguem os olhos. Há pressa e agitação.

Mas naquela sala havia sossego e uma dignidade cultivada. Reinava ali aquela atmosfera peculiar dos ricos, aquele sentimento

de reservada segurança e ausência de privações. Dizia ele ter interesse pela Filosofia, tanto do Oriente como do Ocidente; todavia, achava muito absurdo começar pelos gregos, como se nada tivesse existido antes deles; e a breve trecho começou a falar do seu problema pessoal: "como dar e a quem dar". O problema de ter dinheiro e as numerosas responsabilidades daí decorrentes o perturbavam um pouco. Por que estava fazendo disso um problema? Que importância tinha saber a *quem* dar e com que tenção? Por que se tinha tornado isso um problema?

Sua senhora entrou na sala — elegante, viva e curiosa. Ambos pareciam muito lidos, sofisticados e mundanamente traquejados. Eram inteligentes e se interessavam por muitas coisas. Produto tanto da cidade como da província, embora a melhor parte dos seus corações estivesse na cidade. Aquela coisa que se chama compaixão parecia muito remota. As qualidades da mente eram cultivadas a fundo; tinham ambos uma maneira incisiva e brutal de encarar as coisas, a qual, porém, não alcançava muito longe. Ela escrevia um pouco e ele gostava de política; e com que facilidade e segurança falavam! A insegurança é essencial para o descobrimento e a compreensão mais ampla; mas, como pode haver insegurança quando se sabe tanto, quando é tão reluzente a nossa armadura de autoproteção, e todas as fissuras são soldadas por dentro? As linhas e as formas se tornam extraordinariamente importantes para aqueles que estão na escravidão dos sentidos; para eles a beleza é uma sensação, a bondade um sentimento, e a verdade um conceito intelectual. Quando as sensações predominam, o conforto se torna essencial, não só para o corpo, mas também para a psique; e o conforto, em especial o da mente, é corrosivo, conducente à ilusão.

Nós *somos* as coisas que possuímos, *somos* aquilo a que estamos apegados. O apego não tem nobreza. O apego ao saber não é diferente de nenhuma outra paixão deleitável. O apego é ilusão, fuga à inanidade do *eu*. As coisas a que estamos apegados — riquezas, pessoas, idéias — adquirem a máxima importância porque, se ficar privado das muitas coisas que lhe enchem o vazio, o *eu* deixa de existir. O medo de não ser o impele à posse, e o medo gera a ilusão, a escravização às conclusões. As conclusões, materiais ou ideativas, impedem o frutificar da inteligência, impedem a liberdade, que é essencial, pois só nela a realidade pode manifestar-se. Quando não há esta liberdade, a sagacidade é tomada por inteligência. A ação da sagacidade é sempre complexa e destrutiva. É esta sagacidade protetora do *eu* que leva ao apego; e quando o apego causa dor, esta mesma sagacidade busca o desapego e encontra prazer no

orgulho e na vaidade da renúncia. A compreensão da ação da sagacidade, dos movimentos do *eu*, é o começo da inteligência.

46. OBSESSÃO

Dizia aquele homem ter obsessões motivadas por causas insignificantes e estúpidas, e que tais obsessões variavam constantemente. Ficava a torturar-se a respeito de uma dada deficiência física imaginária e dali a poucas horas suas preocupações iam fixar-se noutro incidente ou pensamento. Parecia viver num perene estado de ansiedade, de obsessão em obsessão. Desejando acabar com estas obsessões — prosseguiu — consultara livros, conversara com um amigo a respeito deste problema, e procurara também um psicólogo; mas, por uma ou outra razão, não tinha encontrado alívio. Mesmo depois de uma reunião muito séria e interessante, as obsessões o assaltavam imediatamente. Se pudesse descobrir-lhes a causa, elas se acabariam?

O descobrimento de uma causa nos livra do seu efeito? O conhecimento da causa pode destruir o resultado? Conhecemos as causas econômicas e psicológicas da guerra e, no entanto, continuamos a fomentar a selvajaria e a autodestruição. Em última análise, o que nos impele a buscar a causa é o desejo de nos livrarmos do efeito. Este desejo é outra forma de resistência ou condenação; e, quando há condenação, não há compreensão.

"Diante disso, que fazer?" — perguntou.

Por que se deixa a mente dominar por estas obsessões triviais e estúpidas? A pergunta "por quê?" não significa que se deva ir buscar a causa como uma coisa que existe separada de nós e que precisamos achar; significa que se precisa, só e simplesmente, descobrir os movimentos do nosso próprio pensar. Pois bem, por que se ocupa a mente desta maneira? Não é porque ela é superficial, banal, mesquinha, e portanto só pode preocupar-se com as próprias atrações?

"Sim", — respondeu — "isto parece verdadeiro; mas não de todo, pois sou um homem muito ponderado."

Afora estas obsessões, com que se ocupa o vosso pensamento?

"Com minha profissão" — respondeu. — "Exerço um cargo de responsabilidade. O dia todo e, por vezes, até altas horas da noite, os meus pensamentos estão ocupados com os negócios. Costumo ler, de vez em quando; entretanto, a maior parte do meu tempo se consome nas atividades da profissão."

Gosta do seu trabalho?

"Sim, mas ele não *é* completamente satisfatório. Toda vida andei insatisfeito com minha ocupação, mas não posso abandonar o meu emprego atual, pois tenho certas obrigações — e, além disso, estou-me adiantando em anos. O que me incomoda são estas obsessões e o aborrecimento cada vez maior com o meu trabalho e com pessoas também. Não costumo tratar os outros com bondade. Sinto uma ansiedade crescente a respeito do futuro, e parece-me jamais encontrarei um pouco de paz. Executo bem o meu trabalho, mas..."

Por que estais lutando contra o que *é*? A casa em que moro pode ser barulhenta, suja, os móveis horrorosos, e pode haver nela uma total ausência de beleza. Mas por razões várias eu tenho de morar nela, não posso mudar-me para outra casa. Não é, pois, questão de aceitação, mas de perceber o fato óbvio. Se não percebo o que *é* posso ficar doente, de tanto me torturar por causa daquele vaso, daquela cadeira ou daquele quadro; estes objetos se tornarão minhas obsessões e haverá ressentimentos contra pessoas, contra meu trabalho, etc. Se eu pudesse retirar-me da casa e começar vida nova, a coisa seria diferente; mas não posso. De nada serve rebelar-me contra o que *é*, o real. O reconhecimento do que *é* não leva à complacência e ao conforto. Quando me submeto ao que *é*, vem-me não só a sua compreensão, mas também uma certa tranqüilidade da superfície de minha mente. Se a mente superficial não está tranqüila, começa a entregar-se a obsessões, reais ou imaginárias; deixa-se empolgar por certas idéias de reforma social ou por uma conclusão religiosa: o Mestre, o salvador, o ritual, etc. É só quando está quieta a mente superficial, que o oculto pode revelar-se. O oculto tem de ser trazido à luz, mas isto não é possível quando a mente superficial está carregada de obsessões e preocupações. Visto que a mente superficial está sempre entregue a alguma espécie de agitação, torna-se inevitável o conflito entre os níveis superficiais e os níveis profundos da mente; e, enquanto não for resolvido este conflito, as obsessões irão crescendo. Em última análise, as obsessões são um meio de fugirmos ao nosso conflito. Todas as fugas são iguais, embora seja bem óbvio que algumas delas são mais nocivas, socialmente.

Quando se está bem cônscio do processo total da obsessão ou de qualquer outro problema, só então ter-se-á a libertação do problema. Para que se possa estar plenamente cônscio não deve haver condenação nem justificação do problema; o percebimento tem de ser imparcial, sem escolha. Para se estar cônscio dessa maneira, requer-se muita paciência e sensibilidade. Requer-se muito interesse e atenção

constante, para que se possa observar e compreender integralmente o processo do pensar.

47. O GUIA ESPIRITUAL

Disse ser o seu *guru* um homem tão grande que era impossível traçar-lhe o retrato, e que era seu discípulo há muitos anos. Este instrutor — prosseguiu — transmitia os ensinamentos por meio de choques brutais, linguagem desabrida, insultos e ações contraditórias; e, acrescentou, muita gente importante se contava no número dos seus discípulos. A própria rudeza dos seus métodos compelia as pessoas a pensar, obrigando-as a ficar acordadas e a refletir, o que se considerava necessário, pois a maioria das pessoas estão dormindo e precisam ser sacudidas. Este instrutor proferia horríveis blasfêmias a respeito de Deus, e parece que os seus discípulos tinham de beber muito, porque ele próprio bebia descompassadamente às refeições. Seu ensino, entretanto, era profundo; durante algum tempo fora mantido secreto; mas agora estava sendo posto ao alcance de todos.

O sol daquele fim de outono entrava pela janela, junto com a bulha da rua movimentada. As folhas das árvores brilhavam na sua palidez mortal e o ar era frio e cortante. Como acontece em todas as cidades, reinava uma atmosfera de depressão e indizível tristeza, em contraste com a luz crepuscular; e a alegria artificial era, por isso mesmo, mais triste ainda. Parecemos ter esquecido o que é ser natural, o que é sorrir francamente; nossos semblantes mostram-se fechados pelas preocupações e ansiedades. Mas as folhas cintilavam ao sol, e uma nuvem ia passando.

Até nos chamados movimentos espirituais são mantidas as divisões sociais. Com quanta solicitude é recebida uma pessoa importante, e se lhe cede o melhor lugar! Como os seguidores se quedam extáticos ao redor dos famosos! Que fome nós temos de distinções e rótulos! Esta ânsia de distinção se torna o que chamamos evolução espiritual: os que estão perto e os que estão longe, a divisão hierárquica de Mestre, iniciado, discípulo, noviço. Esta ânsia é natural e compreensível na vida ordinária; mas, quando esta mesma atitude é transportada para um mundo onde estas distinções estúpidas nada significam, isso revela como estamos profundamente condicionados pelas nossas ânsias e apetites. Sem se compreenderem estas ânsias,
e apetites. Sem se compreenderem estas ânsias, é de todo em todo inútil procurar-se ficar livre do orgulho.

"Mas" — prosseguiu ele — "necessitamos de guias, *gurus*, Mestres. Podeis estar acima desta necessidade, mas nós, a gente comum, precisamos deles, pois do contrário seremos como ovelhas desgarradas."

Escolhemos os nossos guias, políticos ou espirituais, de dentro da nossa confusão, e, por conseguinte, eles também são confusos. Queremos ser persuadidos e confortados, estimulados e lisonjeados, e por isso escolhemos um Instrutor para nos dar o que com tanta ânsia desejamos. Não queremos investigar a Realidade, mas andamos atrás da satisfação e da sensação. É essencialmente com a mira em nossa glorificação própria que criamos o instrutor, o Mestre; e sentimo-nos completamente desorientados, confusos e ansiosos quando se nega alguma coisa ao *eu*. Se não tendes nenhum instrutor físico direto, inventais um Mestre, sediado nalguma paragem remota, oculto e misterioso. O primeiro depende de várias influências físicas e emocionais, e o segundo é uma autoprojeção, um ideal manufaturado na vossa fábrica; ambos, porém, são resultado de vossa escolha, e a escolha se baseia, invariavelmente, no preconceito, no prejuízo. É provável prefirais dar um nome mais respeitável e mais confortante ao vosso preconceito, mas é por causa da vossa confusão e dos vossos apetites que escolheis. Se buscais satisfação, achareis naturalmente o que desejais, mas não chamemos isto a verdade. A verdade desponta depois que se acaba o desejo de satisfação, o desejo de sensação.

"Não me convencestes de que não necessito de um Mestre" — disse ele.

A verdade não é uma questão de argumentos e convicção; não é produto de opinião.

"Mas o Mestre me ajuda a vencer a ambição, a inveja" — insistiu.

Pode um outro, por maior que seja, ajudar-vos a operar uma transformação em vós mesmo? Se pode, não ficais transformado; ficais apenas dominado, influenciado. Esta influência poderá durar muito tempo — mas transformado não estais. Fostes conquistado, e, quer tenhais sido conquistado pela inveja ou por uma influência supostamente nobre, continuais a ser escravo e não um homem livre. Gostamos de ser servis, de ser dominados por alguém, um Mestre ou qualquer outro, porque achamos segurança neste estado. O Mestre se torna o nosso refúgio. Dominar é ser dominado; entretanto, domínio não é libertação da ambição.

"Eu tenho de resistir à ambição" — dizia — "tenho de lutar com ela, fazer todos os esforços para destruí-la, pois só então ela desaparecerá."

Pelo que dizeis, deveis estar em conflito com a ambição há muitos anos, e no entanto não estais libertado dela. Não afirmeis que isto é por não haverdes lutado, ainda, com a necessária energia — que é a resposta óbvia. Pode-se compreender alguma coisa por meio do conflito? Vencer não é compreender. Uma coisa que se vence tem de ser vencida de novo, repetidamente, mas a que se compreende completamente, desta ficamos livres. Para compreender, é necessário o percebimento do processo da resistência. Resistir é muito mais fácil do que compreender; e, além do mais, somos educados para resistir. Na resistência não há necessidade de observação, de reflexão, de comunhão; a resistência é um indício do estado de embotamento da mente. A mente que resiste é egocêntrica, e portanto incapaz de sensibilidade, de compreensão. Compreender a resistência e seu modo de operar é muito mais importante do que nos livrarmos da ambição. Na realidade, não estais escutando o que estou a dizer; estais pensando nos muitos compromissos resultantes de todos estes anos de luta e resistência. Estais comprometido e em torno dos vossos compromissos — a respeito dos quais provavelmente já tendes feito conferências e publicado muitos escritos — tendes granjeado amigos; "empatastes vosso capital" no vosso Mestre que vos tem ajudado a resistir. Por esta razão o passado vos impede de escutar o que se está dizendo.

"Concordo e discordo de vós" — observou.

O que demonstra que não estais escutando. Estais contrapesando com os vossos compromissos o que se diz, e isto não é escutar. Tendes medo de escutar e por isso estais em conflito, concordando e discordando ao mesmo tempo.

"Talvez tenhais razão" — disse ele — "não posso largar, porém, tudo o que juntei — amigos, conhecimentos, experiência. Sei que tenho de fazê-lo, mas simplesmente não o posso e aí está."

O conflito existente dentro deste homem continuará agora maior do que nunca; se, depois de ficar cônscia do que *é*, embora relutantemente, uma pessoa o nega por causa dos seus compromissos, começa a operar uma contradição profunda. Esta contradição é a dualidade. Não se pode lançar uma ponte entre desejos opostos, e se esta ponte é criada, é resistência, ou seja, consistência. Só na compreensão do que *é*, encontra-se a libertação do que *é*.

É um fato singular este: os seguidores gostam de ser intimidados e dirigidos, suavemente ou com rudeza. Acham que o tratamento rude faz parte de seu treinamento — treinamento para o sucesso espiritual. O desejo de ser maltratado, sacudido rudemente, faz parte

do prazer de maltratar; e esta mútua degradação do guia e do seguidor é produto do desejo de sensação. É por desejardes mais sensação que quereis *seguir*, e portanto criais um guia, um *guru*; e por causa desta nova satisfação fareis sacrifícios, suportareis desconfortos, insultos e descoroçoamentos. Tudo isto pertence à exploração mútua, nada tem que ver com a Realidade, e jamais conduzirá à felicidade.

48. ESTÍMULO

"As montanhas tornaram-me silenciosa" — disse ela. — "Estive no Engadine[1], e sua beleza pôs-me totalmente em silêncio; fiquei emudecida diante daquela maravilha, foi uma experiência extraordinária. Quisera poder prender aquele silêncio — silêncio vivo, vibrante, cheio de movimento. Quando falais sobre o silêncio, suponho que vos referis àquela experiência extraordinária que tive. Gostaria deveras de saber se vos referis à mesma qualidade de silêncio que eu conheci. O efeito daquele silêncio perdurou por muito tempo, e agora eu o relembro, procuro captá-lo, vivê-lo de novo."

Sois posta em silêncio pelo Engadine; outro, pela beleza de uma forma humana; outro, ainda, por um Mestre, um livro, um copo de bebida. Por meio de um estímulo exterior somos reduzidos a uma sensação a que chamamos silêncio e que é extremamente agradável. O efeito da beleza e da grandeza majestosa é o de expulsar os nossos problemas e conflitos diários, o que representa um alívio. Mediante estímulo exterior, a mente se torna temporariamente quieta; isto é, talvez, uma experiência nova, um novo deleite; a mente, entretanto, volta a ele, como lembrança, quando já não o está mais experimentando. Ficar morando nas montanhas talvez não seja possível, pois temos de voltar às nossas ocupações; mas *é possível* procurar aquele estado de tranqüilidade por meio de outra espécie de estímulo, uma bebida, uma pessoa, uma idéia, como de fato o faz a maioria de nós. Estas várias modalidades de estímulo constituem o meio pelo qual a mente se torna tranqüila; nestas condições, os meios se tornam significativos, importantes, e nos deixamos prender a eles. Porque nos dão o prazer do silêncio, os meios tornam-se predominantes em nossa vida; são nossos direitos adquiridos, uma necessidade psicológica, que defendemos e pela qual, se necessário, nos destruiremos mutuamente. Os meios tomam o lugar da experiência que é, agora, apenas uma lembrança.

(1) Vale pitoresco da Suíça. (N. do T.)

Os estímulos podem variar, tendo cada um deles sua importância, conforme o condicionamento da pessoa. Há, porém, uma similaridade em todos os estímulos: o desejo de fugir do que *é*, da rotina diária, de uma relação já sem vida, e do saber que se torna cada dia mais insípido. Vós escolheis um gênero de fuga, eu outro, e o meu é sempre mais válido que o vosso; mas qualquer espécie de fuga, seja para um ideal, seja para o cinema ou a igreja, é nociva: conduz a ilusões e malefícios. As fugas psicológicas são mais nocivas do que as visíveis, uma vez que são mais sutis e complexas e, portanto, mais difíceis de descobrir. O silêncio produzido por meio de um estímulo, o silêncio que se consegue por meio de disciplinas, controles, resistências, positivos ou negativos, é um resultado, um efeito, e, como tal, não é criador: é morto.

Há um silêncio que não é reação; silêncio não produzido por estímulo, sensação; um silêncio não fabricado e que não é conclusão. Este silêncio se manifesta quando se compreende o processo do pensamento. O pensamento é reação da memória, de determinadas conclusões, conscientes ou inconscientes; esta memória dita a ação de acordo com o prazer e a dor. Assim, as idéias controlam a ação, e, por este motivo, há conflito entre a ação e a idéia. Este conflito está sempre conosco e, intensificando-se, vem-nos o impulso para nos libertarmos dele; mas, enquanto este conflito não for compreendido e resolvido, qualquer tentativa para nos livrarmos dele representa uma fuga. Quando se procura moldar a ação de acordo com uma idéia, o conflito é inevitável. Só quando a ação está livre da idéia, deixa de existir conflito.

"Mas como pode a ação estar livre da idéia? Por certo não pode haver ação se não houver, primeiro, ideação. A ação segue-se à idéia, e não posso de modo nenhum imaginar uma ação que não seja resultado de idéia."

A idéia é produto da memória; a idéia é verbalização da memória; é uma reação inadequada ao desafio, à vida. A reação adequada à vida é a ação, não a ideação. Reagimos ideativamente, com o fim de nos protegermos da ação. As idéias limitam a ação. Há segurança no terreno das idéias; mas não há segurança no terreno da ação; por isso, a ação se torna subserviente à idéia. A idéia é o padrão protetor do *eu* e substitui a ação. Numa crise intensa, há ação direta livre de idéia. Foi contra esta ação espontânea que a mente se disciplinou e, como na maioria dos casos a mente predomina, as idéias funcionam como um freio à ação; por esta razão, há atrito entre a ação e a ideação.

"Vejo minha mente transportar-se para aquele deleitável experiência, no Engadine. É fuga, reviver uma experiência na memória?"

É, evidentemente. O real é a vossa vida no presente: esta rua movimentada, vossa ocupação e relações imediatas. Se estas coisas fossem agradáveis e lisonjeiras, o Engadine evaporar-se-ia. Entretanto, como o real é confuso e doloroso, vós vos voltais para uma experiência já acabada e morta. Podeis lembrar-vos daquela experiência, mas ela está acabada; só lhe dais vida por meio da memória. Isto é como insuflar vida numa coisa morta. Visto ser o presente monótono, banal, voltamo-nos para o passado ou assestamos as vistas para um futuro de nós mesmos projetado. Esta fuga do presente conduz inevitavelmente à ilusão. Ver o presente como ele realmente é, sem condenação ou justificação, é compreender o que *é*, e então há ação, a qual opera uma transformação no que *é*.

49. PROBLEMAS E FUGAS

"Tenho muitos problemas sérios e, parece-me, torno-os mais intrincados e dolorosos toda vez que procuro resolvê-los. Já cheguei ao limite das minhas possibilidades e não sei mais o que fazer. Acresce que sou surda e tenho de usar este detestável aparelho, para ajudar-me a audição. Tenho muitos filhos e um marido que me abandonou. Preocupo-me muito a respeito de meus filhos, pois desejo poupá-los às provações por que passei."

Como vivemos ansiosos por encontrar solução para os nossos problemas! Tão ansiosos estamos pela solução, que não podemos estudar o problema; a nossa ansiedade impede a observação silenciosa do problema. O problema é que é importante, e não a solução. Se procuramos uma solução, achamo-la; mas o problema persistirá porque tal solução é estranha ao problema. Nossa busca é de um meio de fuga do problema, e a solução, um remédio superficial; e, assim sendo, não há compreensão do problema. Todos os problemas brotam de uma só fonte, e, se não compreendermos a fonte, qualquer tentativa que fizermos para resolver o problema só poderá conduzir-nos a mais conflitos e aflições. Em primeiro lugar, devemos ver bem claro se é verdadeiramente séria a nossa intenção de compreender o problema, se percebemos a necessidade de nos libertarmos de todos os problemas; porque só assim podemos aproximar-nos do criador dos problemas. Sem estarmos libertados dos problemas, não podemos ter nenhuma tranqüilidade; e a tranqüilidade é essencial para a felicidade, que não é um fim em si. Assim como ficam tranqüilas

as águas da lagoa, quando cessam os ventos, assim também a mente fica tranqüila com a cessação dos problemas. Não se pode *fazer* a mente ficar tranqüila; se o fazemos, a mente está morta, estagnada. Estando isto claro, pode-se então observar o criador dos problemas. A observação deve ser silenciosa e não estar de acordo com nenhum plano predeterminado, baseado no prazer e na dor.

"Mas vós exigis o impossível! Nossa educação exercita-nos a mente para distinguir, comparar, julgar, escolher, e é muito difícil não condenar ou justificar o que se observa. Como pode alguém ficar livre desse condicionamento e observar em silêncio?"

Se reconhecerdes que a observação silenciosa, a percepção passiva é essencial para a compreensão, então a verdade revelada na vossa percepção vos libertará do condicionamento. É só quando não se enxerga a necessidade imediata do percebimento passivo, mas vigilante, que surge o "como", a busca de um meio de dissolver o condicionamento (*background*). É a verdade que liberta; não o meio, ou o sistema. A Verdade de que só a observação silenciosa pode trazer a compreensão tem de ser percebida; só então se está livre da condenação e da justificação. Quando vedes um perigo, não perguntais como podereis manter-vos fora do seu alcance. É por não perceberdes a necessidade de se estar passivamente cônscio que perguntais "como"? Por que não percebeis esta necessidade?

"Eu desejo percebê-la, mas nunca pensei deste modo. O que posso dizer é só que desejo livrar-me dos problemas, pois eles constituem uma verdadeira tortura para mim. Desejo ser feliz, como qualquer outro."

Consciente ou inconscientemente, recusamo-nos a perceber a essencial necessidade de se estar passivamente cônscio, porque não desejamos verdadeiramente ficar livres dos nossos problemas; pois, que seríamos nós sem eles? Preferimos estar apegados a uma coisa conhecida, por mais dolorosa que seja, a aventurar-nos a uma busca que não se sabe aonde nos pode levar. Com os problemas, pelo menos, estamos familiarizados; mas a idéia de empreendermos uma busca para conhecermos o criador deles, sem sabermos aonde isso nos conduzirá, faz-nos medo e embota-nos. A mente ver-se-ia desorientada, se ficasse privada da preocupação com os problemas; ela se alimenta de problemas, sejam mundiais ou culinários, políticos ou pessoais, religiosos ou ideológicos. Destarte, os nossos problemas nos tornam medíocres e estreitos. A mente que está toda engolfada nos problemas mundiais é tão medíocre como aquela que está preocupada a respeito de seu progresso espiritual. Os problemas carregam

a mente de temor, visto que dão força ao *eu*, ao *meu*. Sem problemas, sem sucessos e fracassos, o *eu* não pode existir.

"Mas, sem o *eu*, como pode alguém existir? Ele é a fonte de toda ação."

Enquanto a ação for produto do desejo, da memória, do medo, do prazer e da dor, deverá inevitavelmente gerar conflito, confusão e antagonismo. Nossa ação é o produto de nosso condicionamento, num nível qualquer; e nossa reação ao desafio, sendo, como é, inadequada e incompleta, tem de produzir conflito, que é o problema. O conflito é a estrutura mesma do *eu*. É perfeitamente possível viver-se sem conflito — o conflito da ambição, do medo, do sucesso; entretanto, esta possibilidade ficará sendo meramente teórica e não real, enquanto não for descoberta pela experiência direta. Viver sem ambição só é possível quando são compreendidos os movimentos do *eu*.

"Achais que minha surdez é devida aos meus temores e repressões? Os médicos me asseguram que, estruturalmente, não há lesão alguma. Existe para mim alguma possibilidade de recuperar a audição? De uma ou outra maneira, tenho sido obrigada a refrear-me, reprimir-me; durante toda a minha existência, nunca fiz uma coisa que realmente desejasse fazer."

Interior e exteriormente, é mais fácil reprimir do que compreender. Compreender é muito difícil, principalmente para os que foram intensamente condicionados desde a infância. Embora exija muito esfôrço, a repressão se torna uma questão de hábito. A compreensão nunca pode ser transformada em hábito, rotina. Exige constante observação e vigilância. Para compreender, necessita-se de flexibilidade, sensibilidade, um ardor que nada tem em comum com o sentimentalismo. A repressão, sob qualquer forma, não exige que se avive o percebimento; é a maneira mais fácil e mais estúpida de lidarmos com as nossas reações. Repressão é conformação a uma idéia, a um padrão, e oferece uma segurança superficial, respeitabilidade. A compreensão é libertadora, mas a repressão é sempre limitante, egocêntrica. O medo da autoridade, da insegurança, da opinião, constrói um refúgio ideológico, com seu correspondente físico, para o qual a mente se dirige. Este refúgio, em qualquer nível que esteja colocado, sustenta sempre o medo; e como resultado do medo vem a substituição, a sublimação ou a disciplina, sendo tudo isso uma forma de repressão. A repressão tem de achar uma válvula de escapamento, que pode ser um padecimento físico ou uma ilusão ideológica. O preço que se paga depende do temperamento e das idiossincrasias da pessoa.

"Já observei que, quando há qualquer coisa desagradável de ouvir, eu me escondo atrás deste instrumento, e isto me ajuda a refugiar-me no meu mundo próprio. Mas como pode uma pessoa ficar livre da repressão, exercida durante tantos anos? Não levará muito tempo isso?"

Isso não é questão de tempo, não é questão de vasculhar o passado nem de análise meticulosa; é questão de perceber a verdade a respeito da repressão. Estando-se passivamente cônscio, sem escolha alguma, de todo o processo da repressão, percebe-se imediatamente a verdade respectiva. Não se pode descobrir a verdade com respeito à repressão, se estamos pensando em termos de ontem e de amanhã; a verdade não pode ser compreendida por meio do tempo. A verdade não é uma coisa atingível; ou ela é vista ou não é vista; não se pode percebê-la gradualmente. A vontade de ficar livre da repressão é um obstáculo à compreensão da verdade a seu respeito; pois vontade é desejo, positivo ou negativo, e com o desejo não há possibilidade de percebimento passivo. O desejo, ou anseio, criou a repressão; e este mesmo desejo, embora agora o chamemos vontade, nunca pode libertar-se da coisa que ele próprio criou. Assim, pois, também com relação à vontade, a verdade tem de ser percebida, pela vigilância passiva, mas atenta. O analista, embora separando-se da coisa analisada, faz parte dela; e, como ele está condicionado pela coisa que está analisando, dela não pode libertar-se. Também a este respeito, a verdade precisa ser percebida. É a verdade que liberta e não a vontade e o esforço.

50. O QUE "É" E O QUE "DEVERIA SER"

"Sou casada e tenho filhos" — disse — "mas parece que perdi completamente o amor. Estou-me tornando árida, pouco a pouco. Embora me dedique a atividades sociais, isto é para mim uma espécie de passatempo, e reconheço a sua futilidade. Nada mais, parece, me interessa profunda e completamente. Tirei, há pouco, umas férias da rotina doméstica e das atividades sociais e tentei pintar. Mas meu espírito estava desinteressado dessa ocupação. Sinto-me completamente sem vitalidade, estéril, deprimida e profundamente descontente. Sou jovem ainda; entretanto, o futuro se me apresenta completamente negro. Já pensei no suicídio; de algum modo, porém, percebo a estupidez deste gesto. Torno-me cada vez mais confusa e meu descontentamento parece não ter fim."

A respeito de que estais confusa? O vosso problema concerne à vida de relação?

"Não. Deste problema já me livrei, sem ter sofrido muito dano. Mas vejo-me confusa, e, creio, nada pode satisfazer-me."

Tendes um problema claro, definido, ou estais descontente de modo geral? Deve existir, muito funda, alguma ansiedade, algum temor, e, provavelmente, não estais cônscia disso. Desejais saber o que é?

"Sim, e esta é a razão por que vim procurar-vos. Positivamente, não posso continuar desta maneira. Nada me parece ter importância e de tempos a tempos fico verdadeiramente doente."

Vossa doença pode ser uma fuga de vós mesma, das vossas circunstâncias.

"Estou mais ou menos convencida disso. Mas, que devo fazer? Acho-me verdadeiramente desesperada, e, antes de sair daqui, tenho de encontrar um remédio."

O conflito é entre duas realidades ou entre o real e o fictício? Vosso descontentamento é mera insatisfação, fácil de acalmar, ou é uma aflição sem causa alguma? A insatisfação encontra depressa um canal, um meio de acalmar-se; a insatisfação pode ser rapidamente canalizada, mas o descontentamento não pode ser mitigado pelo pensamento. Este suposto descontentamento resulta de que não podeis encontrar satisfação? Se encontrásseis satisfação, acreditais desapareceria o vosso descontentamento? O que estais realmente procurando não será alguma espécie de satisfação permanente?

"Não, não é isso. Sinceramente falando, não estou à procura de nenhuma espécie de satisfação — pelo menos penso que não. Sei apenas que estou envolvida em confusão e conflito, e, parece-me, não posso achar saída."

Se dizeis que estais em conflito, este conflito deve estar em relação com alguma coisa: com vosso marido, vossos filhos, vossas ocupações. Se, como dizeis, vosso conflito não é com eles, então só pode ser entre o que *sois* e o que *desejais ser*, entre o real e o ideal, entre o que *é* e o mito do que *deveria ser*. Tendes uma idéia a respeito do que deveríeis ser, e talvez o conflito e a confusão sejam produto do vosso desejo de ajustamento a este padrão projetado por vós mesma. Estais lutando para ser uma coisa que não sois. É isso?

"Começo a perceber onde está a minha confusão. Creio ser exato o que dizeis."

O conflito é entre o real e o mito, entre o que sois e aquilo que desejaríeis ser. O padrão do mito, cultivado que foi desde a infância, ampliou-se e aprofundou-se progressivamente, cresceu, em contraste com a realidade, sendo constantemente modificado pelas circunstâncias. Este mito, como todos os ideais, todos os alvos e utopias, está em contradição com o que *é*, o implícito, o real; o mito, portanto, é uma fuga ao que sois. Esta fuga cria inevitavelmente o estéril conflito dos opostos; pois todo conflito, interior ou exterior, é vão, fútil, estúpido, cria confusão e antagonismo.

Nestas condições, se assim me posso expressar, a vossa confusão resulta do conflito entre o que sois e o mito do que deveríeis ser. O mito, o ideal, é irreal; é um *meio* de fuga, projetado de vós mesma, sem realidade alguma. O real é aquilo que vós sois. O que sois é muito mais importante do que o que deveríeis ser. Pode-se compreender o que *é*, mas não se pode compreender o que *deveria ser*. Não se compreende uma ilusão; só há compreensão da maneira como se cria a ilusão. O mito, o fictício, o ideal, não tem validade; é um resultado, um alvo; o importante é que se compreenda o processo que o fez nascer.

Para poderdes compreender o que sois — seja isto agradável ou desagradável — o mito, o ideal, o estado futuro que projetastes tem de desaparecer completamente. Só então estais apta a investigar o que *é*. A compreensão do que *é* requer se esteja livre de toda e qualquer distração. Distração é a condenação ou justificação do que *é*; distração é comparação; é resistência ou disciplina contra o real. Distração é o próprio esforço ou a compulsão que nos impomos para compreender. Todas as distrações são obstáculos ao rápido acompanhamento do que *é*. O que *é* não é estático; está em movimento constante e para acompanhá-lo a mente não pode estar amarrada a crença alguma, a nenhuma esperança de sucesso ou medo de insucesso. Só na vigilância passiva, mas atenta, pode-se revelar o que *é*. Esta revelação não é produto do tempo.

51. CONTRADIÇÃO

Era um político famoso, bem firmado na carreira e um tanto arrogante, daí a sua impaciência. Muito culto, mas um tanto pesado e sinuoso nas exposições, não podia ser sutil, pois andava todo concentrado em apaziguamentos e acomodações; ele era o povo, o Estado, o poder. Orador fluente, sua eloqüência, justamente, era fatal. Homem incorruptível, tinha, por esta razão, muita influência sobre o

povo. Sentado ali naquela sala, mostrava-se comicamente perturbado; o político estava muito longe; o homem, porém, lá estava, nervoso e acanhado. A jactância, a infalibilidade, tinham-se apagado de todo, e, ali, apenas se via uma interrogação ansiosa, ponderação, autodesmascaramento.

Os últimos raios do sol entravam pela janela, bem como o ruído do tráfego. Os papagaios, rutilantes fachos verdes de luz, voltavam da sua excursão diária para pernoitar em segurança nas árvores da cidade, aquelas árvores muito altas que se encontram à margem das estradas, bem como em jardins particulares. Voando, soltavam gritos estridentes, horríveis. Nunca voavam em linha reta: ora desciam, ora subiam, ora guinavam para um lado e outro, sempre fazendo muita algazarra. Seu vôo e seus gritos estavam em contradição com sua beleza. Lá longe, no mar, branquejava uma vela solitária. Um pequeno grupo de pessoas se achava na sala — um vivo contraste de cores e de idéias. Um cachorrinho entrou, olhou em torno e tornou a sair, quase sem ser notado; soava o sino de um templo.

"Por que existe contradição em nossa vida?" — perguntou — "Falamos de ideais de paz, de não-violência e, ao mesmo tempo, lançamos a pedra fundamental da guerra. Devemos ser realistas, e não sonhadores. Desejamos a paz e no entanto as nossas atividades de cada dia nos levam finalmente à guerra; queremos luz, e fechamos as janelas. O nosso próprio processo de pensamento é uma contradição — querer e não querer. Esta contradição é talvez inerente à nossa natureza e, por conseguinte, deve ser quase inútil a tentativa de sermos integrados, completos. O amor e o ódio parecem andar sempre juntos. Por que existe esta contradição? É inevitável? Pode-se fugir disto? Pode o Estado moderno devotar-se todo à paz? Tem ele a possibilidade de ser um todo inteiriço? O Estado tem de trabalhar para a paz, preparando a guerra; seu alvo é a paz armada."

Por que temos um ponto fixo, um ideal, quando qualquer desvio dele cria contradição? Se não houvesse nenhum ponto fixo, nenhuma conclusão, não existiria contradição. Estabelecemos um ponto fixo e depois nos desgarramos dele, o que se considera uma contradição. Chegamos a uma conclusão, por caminhos tortuosos e em níveis diferentes, e procuramos viver de acordo com esta conclusão ou ideal. Como não podemos, cria-se uma contradição. Tentamos, então, lançar uma ponte entre o ponto fixo — o ideal, a conclusão — e o pensamento, ou o ato que o contradiz. Esta ponte se chama consistência. E *como admiramos o homem* consistente, o homem que se mantém fiel à sua conclusão, ao seu ideal! Consideramo-lo um santo. Mas

os insanos são também consistentes, eles também estão aferrados às suas conclusões. Não existe contradição nenhuma dentro do homem que se imagina Napoleão; ele é a corporificação da sua conclusão. E qualquer homem completamente identificado com seu ideal é, evidentemente, um desequilibrado.

A conclusão, a que chamamos o ideal, pode estabelecer-se em qualquer nível, e, portanto, ser consciente ou inconsciente; depois de a estabelecermos, procuramos aproximar dela a nossa ação, o que gera contradição. O importante não é a maneira de ser consistente com o padrão, o ideal, mas sim que se descubra por que cultivamos este ponto fixo, esta conclusão; pois, se nenhum padrão tivéssemos, a contradição desapareceria. Assim sendo, por que razão temos o ideal, a conclusão? O ideal não impede a ação? O ideal não nasce para modificar a ação, controlar a ação? Não é possível agir sem ideal? O ideal é a reação do fundo (*background*), do condicionamento, e, portanto, não pode ser o meio de libertar o homem do conflito e da confusão. Pelo contrário, o ideal, a conclusão, aumenta a divisão entre o homem e o homem, precipitando assim o processo da desintegração.

Se não há nenhum ponto fixo, nenhum ideal de que não devamos desviar-nos, não existe contradição, nem o impulso para ser consistente; só há então ação, momento por momento, e esta ação será sempre completa e verdadeira. O verdadeiro não é um ideal, um mito, mas o real. O real pode ser compreendido e corrigido. A compreensão do real não pode gerar inimizade, ao passo que os ideais podem. Os ideais jamais produzem uma revolução fundamental, mas, tão-somente, uma continuidade do velho, com modificações. Só há revolução fundamental e constante na ação de cada momento, a qual não se baseia em ideal, e, por conseguinte, está livre da conclusão.

"Mas não se pode dirigir um Estado de acordo com este princípio. Tem de haver um alvo, uma ação planificada, um esforço concentrado num determinado resultado. O que dizeis será aplicável ao indivíduo, e vejo aí grandes possibilidades para mim mesmo; entretanto, não dará resultado na ação coletiva."

A ação planificada requer constante modificação; é necessário ajustamento às mudanças das circunstâncias. A ação, de acordo com um plano traçado, fixo, falhará inevitavelmente, se não se levarem em consideração os fatos físicos e as pressões psicológicas. Se planejais a construção de uma ponte, não só tendes de traçar-lhe o desenho, mas também precisais estudar o solo, o terreno onde vai ser construída, pois, do contrário, o vosso plano não será adequado. Só pode haver

ação completa quando são compreendidos todos os fatos físicos e tensões psicológicas — o processo total do homem — e esta compreensão não depende de nenhum plano; o que ela requer é pronto ajustamento, que é inteligência. Só quando não existe inteligência, apelamos para as conclusões, os ideais, os objetivos. O Estado não é estático, seus dirigentes podem sê-lo; o Estado, porém, como o indivíduo, é vivo, dinâmico, e o que é dinâmico não pode ser posto na camisa de força de um plano. Nós, em geral, levantamos muralhas em torno do Estado — muralhas de conclusões, de ideais — esperando, assim, imobilizá-lo. Mas uma coisa viva não pode ser imobilizada, sem a matarmos; e, assim sendo, tratamos de matar o Estado, para moldá-lo de acordo com nosso plano, nosso ideal. Só uma coisa morta pode ser ajustada a um padrão; mas como a vida está em constante movimento, a contradição apresenta-se no mesmo instante em que procuramos ajustar a vida a um padrão fixo ou a uma conclusão. O ajustamento a um padrão significa desintegração do indivíduo, e, portanto, do Estado. O ideal não é superior à vida, e, quando o fazemos tal, vem a confusão, o antagonismo, a aflição.

52. CIÚME

O sol resplandecia no muro branco, em frente, e o revérbero tornava escuros os rostos das pessoas. Uma meninazinha, sem que a mãe lho mandasse, veio sentar-se perto de nós, de olhos arregalados, e muito curiosa de saber o que significava tudo aquilo. Tinha acabado de banhar-se e de vestir-se, e trazia flores no cabelo. Observava tudo com muita atenção, como costumam fazer as crianças, sem registrar muita coisa. Seus olhos luziam e ela não sabia bem o que fazer, se chorar, se rir, se pular; decidiu outra coisa: tomou da minha mão e pôs-se a mirá-la com absorvente interesse; mas logo, esquecendo-se de todas as pessoas presentes na sala, achou melhor descansar e, deitando a cabeça sobre minhas pernas, adormeceu. A cabeça era bem formada e proporcionada. Estava a menina impecavelmente limpa. O futuro que lhe estava reservado era tão confuso e tão lastimável como o das outras pessoas ali presentes. O conflito e o sofrimento lhe eram tão inevitáveis como aquele sol que batia no muro; pois, para se ser livre da dor e do sofrimento, requer-se suprema inteligência, e a educação que ia receber e as influências que a rodeavam encarregar-se-iam de negar-lhe essa inteligência. É tão raro neste mundo o amor, a chama sem fumo; a fumaça é aniquiladora, asfixiante, provocando angústia e lágrimas. Através da fumaça rara-

mente se entrevê a chama; e, quando a fumaça se torna mais importante que tudo, a chama se extingue. Sem essa chama do amor, a vida não tem significação, torna-se insípida e triste; mas a chama não pode arder no meio da fumaceira, que tudo escurece. As duas coisas não podem existir juntas; a fumaça tem de dissipar-se para que a chama pura possa brilhar. A chama não é rival da fumaça; ela não tem rival. A fumaça não é a chama, e não pode conter a chama; a fumaça não indica tampouco a presença da chama, porque a chama é livre de fumaça.

"Não podem coexistir o amor e o ódio? O ciúme não é um sinal de amor? Damo-nos as mãos e daí a um minuto nos zangamos; dizemo-nos coisas duras, mas logo nos abraçamos. Brigamos e logo após nos beijamos e reconciliamos. Isto não é amor? A própria expressão do ciúme é um indício de que há amor; o ciúme e o amor parecem andar de mãos dadas, como a luz e a escuridão. A zanga passageira e a carícia não exprimem a plenitude do amor? O rio é turbulento aqui e tranqüilo mais adiante, passa pelas sombras e pela luz, e nisso é que consiste a beleza do rio."

Que é que chamamos amor? É este campo em que vicejam o ciúme, a luxúria, as palavras ásperas, a carícia, o enlaçar das mãos, as disputas e reconciliações. Tais são os fatos observados no campo do chamado amor. A raiva e a carícia são fatos corriqueiros nesse campo, não é verdade? E procuramos estabelecer uma relação entre os vários fatos, ou os comparamos um com outro. Tomamos um fato para condenar ou justificar outro, existente no mesmo campo, ou procuramos estabelecer uma relação entre um fato do campo e outra coisa existente fora dele. Não consideramos cada fato separadamente; procuramos uma relação entre eles. Por que procedemos assim? Só podemos compreender um fato quando não nos servimos de outro fato do mesmo campo como meio de compreensão, que só pode criar conflito e confusão. Mas, por que comparamos os vários fatos do mesmo campo? Por que nos servimos do significado de um fato para contrapesar ou explicar outro fato?

"Começo a perceber o que quereis dizer. Mas, por que procedemos assim?"

Pode-se compreender um fato através da cortina da idéia, através da cortina da memória? Compreendo o ciúme, porque estive segurando a vossa mão? O segurar da mão é um fato, e o ciúme é um fato; entretanto, compreendo o processo do ciúme porque tenho a lembrança de ter segurado a vossa mão? A memória facilita a compreensão? A memória compara, modifica, condena, justifica, ou

identifica; não pode, porém, trazer a compreensão. Abeiramo-nos dos fatos que ocorrem no terreno do chamado amor, com idéias, com conclusões. Não tomamos o fato do ciúme tal como é, para observá-lo silenciosamente, mas queremos torcê-lo de acordo com um padrão, uma conclusão; e assim fazemos por não desejarmos, realmente, compreender o fato do ciúme. As sensações do ciúme são tão estimulantes como uma carícia; queremos, entretanto, o estimulante sem a dor e o desconforto que traz consigo. Há, pois, conflito, confusão e antagonismo dentro desse campo a que chamamos amor. Mas, isso é amor? O amor é idéia, sensação, estimulação? O amor é ciúme?

"A realidade não se contém na ilusão? A escuridão não encerra ou esconde a luz? Não está Deus mantido em servidão?"

Isso são meras idéias, opiniões, e, portanto, sem validade. Tais idéias geram só inimizade, e não cobrem nem contêm a realidade. Onde há luz, não há treva. A escuridão não pode encerrar a luz; se o faz, não há luz. Onde existe ciúme, não existe amor. A idéia não pode cobrir o amor. Para se comungar, é preciso que haja relação. O amor não está em relação com nenhuma idéia, e portanto a idéia não pode estar em comunhão com o amor. O amor é chama sem fumo.

53. ESPONTANEIDADE

Ela fazia parte de um grupo que viera para examinar certa questão importante. Devia ter vindo por curiosidade ou acompanhando alguma amiga. Estava bem vestida, portava-se com certa dignidade, e, era bem evidente, considerava-se muito bonita. Era uma pessoa completamente cônscia de si mesma: cônscia de seu corpo, seu rosto, seus cabelos, e da impressão que estava produzindo nos outros. Seus gestos eram estudados e, de vez em quando, tomava posturas diferentes que devia ter ideado muito cuidadosamente. Toda a sua presença tinha um ar de afetação assiduamente cultivada, e que ela estava disposta a manter a todo custo. Os outros começaram a falar sobre assuntos sérios e, durante uma hora inteira ou mais, ela manteve suas posturas afetadas. No meio daqueles rostos circunspectos e cheios de interesse, via-se aquela rapariga toda cônscia de si mesma, procurando seguir o que se estava dizendo e tomar parte na conversação; mas de sua boca não saiu palavra. Desejava mostrar que percebia muito bem o problema em debate; nos seus olhos, porém, lia-se uma grande confusão e embaraço, pela incapacidade de partici-

par daquela conversação séria. Notava-se como se recolhia rapidamente em si mesma, mantendo sempre a mesma afetação, longamente cultivada. Toda espontaneidade estava sendo caprichadamente destruída.

Todo o mundo cultiva atitudes afetadas. Todos nós conhecemos o andar e as atitudes do negociante próspero; o sorriso do homem bem sucedido; o aspecto e as poses do artista; as atitudes do discípulo respeitoso e as do asceta disciplinado. Tal como aquela jovem cônscia de si mesma, o chamado homem religioso faz pose, a pose da autodisciplina que ele diligentemente cultivou através de renúncias e sacrifícios. Ela sacrifica a espontaneidade ao efeito, e ele imola a si próprio para alcançar um fim. Ambos estão interessados num resultado, embora em níveis diferentes; e, conquanto socialmente o resultado dele possa ser considerado mais meritório do que o dela, fundamentalmente os dois são iguais, nenhum é superior ao outro. Tanto um resultado como o outro são pouco inteligentes, já que indicam uma mentalidade vulgar. A mente vulgar é sempre vulgar; não se pode torná-la rica, exuberante. Embora essa mente se adorne de saber ou se empenhe em adquirir virtudes, ela permanece como é: uma coisa mesquinha e superficial; e pelo seu suposto desenvolvimento, pela experiência, só pode enriquecer-se em vulgaridade. Uma coisa feia não pode ser tornada bela. O deus da mente vulgar é um deus vulgar. A mente superficial não se torna insondável porque se adorna de saber, de frases sutis e de citações de ditos de sabedoria, ou porque adorna a aparência exterior. Os atavios, interiores ou exteriores, não tornam a mente insondável; e a profundeza insondável da mente é que dá beleza, não a jóia, nem a virtude adquirida. Para que a beleza possa nascer, a mente tem de estar cônscia, imparcialmente, da própria vulgaridade; necessita-se de uma lucidez em que haja cessado toda comparação.

As atitudes cultivadas daquela moça, e as atitudes disciplinadas do asceta chamado religioso, são, igualmente, resultados deformados de uma mente vulgar, pois ambos repelem a natural espontaneidade. Temem-na, um e outro, porque a espontaneidade os revela, a si próprios e a outros, tais como são; ambos estão diligenciando destruí-la, e a medida do seu sucesso é o completo ajustamento ao padrão ou à conclusão que escolheram. A espontaneidade é a única chave que abre a porta do que *é*. A reação espontânea revela a mente tal como é; mas o que se revela é imediatamente adornado ou destruído, e, com isto, se põe fim à espontaneidade. A destruição da espontaneidade é própria da mente vulgar que, depois de matá-la, trata de adornar o exterior, não importa em que nível; e essa decora-

ção do exterior é autolatria. Só na espontaneidade, na liberdade, pode haver descobrimento. A mente disciplinada não pode descobrir; poderá funcionar com muita eficiência e, portanto, com crueldade; não pode, porém, desvelar o insondável. É o medo que cria a resistência, chamada disciplina; mas o espontâneo descobrimento do temor é libertação do temor. Ajustar-se a um padrão, não importa em que nível, é medo, e este só pode gerar conflito, confusão e antagonismo; entretanto, a mente em revolta não é uma mente sem medo, pois o oposto não pode conhecer o que é espontâneo e livre.

Sem a espontaneidade não pode haver autoconhecimento; e sem autoconhecimento a mente é moldada por influências passageiras. Estas influências passageiras podem estreitar ou expandir a mente, mas continua ela dentro da esfera da influência. O que se junta peça por peça pode ser desfeito, e o que não foi ajuntado só pode ser descoberto pelo autoconhecimento. O *eu* é uma coisa que foi ajuntada, e só quando se desmancha o *eu* pode aquilo que não é resultado de influência, aquilo que não tem causa, ser conhecido.

54. O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE

Era homem de negócios e político ao mesmo tempo, e muito bem sucedido nas duas atividades. Dizia, rindo, que os negócios e a política constituem uma ótima combinação. Era, entretanto, um homem apaixonado, de maneira singular, por práticas supersticiosas. Sempre que tinha tempo, lia livros sagrados e ficava repetindo e repetindo certas palavras que considerava benéficas. Estas palavras — dizia — traziam paz à alma. Já tinha uma certa idade, e, embora muito rico, não era generoso nem com a mão, nem com o coração. Via-se que era um homem esperto e calculista, mas que havia, ao mesmo tempo, um vivo interesse por algo mais do que o sucesso físico. A vida quase não o tinha atingido, porquanto sempre soubera proteger-se muito estudadamente contra todo e qualquer perigo; fizera-se invulnerável, física e psicologicamente. Psicologicamente, sempre se recusara a ver-se tal como era, no que não havia encontrado dificuldade alguma; todavia, isso estava começando a alertá-lo intimamente. Quando não estava atento, notava-se-lhe um ar de profundo desassossego. Financeiramente dizia-se em segurança, pelo menos enquanto durasse o atual governo e não sobreviesse alguma revolução. Queria fazer também um investimento garantido no chamado mundo espiritual e, por isso, andava jogando com idéias que erroneamente tomava por algo espiritual, verdadeiro. Não conhecia

outro amor senão o das suas muitas riquezas; vivia agarrado a elas como uma criança às saias da mãe, pois nada mais tinha. Lentamente começava a compreender que era um homem digno de lástima; entretanto, mesmo esta compreensão ele evitava o mais que podia; a vida, porém, o ia apertando cada vez mais.

Quando um problema não é solucionável conscientemente, pode o inconsciente ajudar a resolvê-lo? Que é o consciente e que é o inconsciente? Existe uma linha precisa onde um acaba e o outro começa? Tem o consciente um limite que não pode ultrapassar? Pode ele restringir-se às próprias linhas? O inconsciente é uma coisa separada do consciente? São os dois dissimilares? Na falta de um, o outro começa a funcionar?

Que é isso que chamamos o consciente? Para compreendermos sua constituição, temos de observar a maneira como consideramos conscientemente um problema. Quase todos nós tratamos de procurar uma solução para o problema; interessa-nos a solução e não o problema. Queremos uma conclusão, estamos à procura de uma saída; desejamos evitar o problema por meio de uma resposta, por meio da solução. Não observamos o próprio problema, mas buscamos, às apalpadelas, uma solução satisfatória. Todo o nosso interesse consciente está concentrado em achar uma solução, uma conclusão satisfatória. Não raro encontramos uma solução que nos satisfaz, e pensamos então ter resolvido o problema, quando o que realmente fizemos foi ocultá-lo debaixo de uma conclusão, de uma solução satisfatória; entretanto, sob o peso da conclusão, que o abafa temporariamente, o problema continua a existir. A busca de solução é fuga ao problema. Quando não acha a solução satisfatória, a mente consciente ou superficial detém-se, susta a busca; e então o chamado inconsciente, a mente mais profunda, se encarrega da solução.

A mente consciente está claramente procurando uma saída do problema, e esta saída é uma conclusão satisfatória. Não é a mente consciente ela própria constituída de conclusões, positivas ou negativas, e será capaz de procurar algo diferente? A mente superficial não é um repositório de conclusões, que são o resíduo de experiências, marcas do passado? Não há dúvida de que a mente consciente é constituída do passado, está fundada no passado, porque a memória é uma estrutura de conclusões; e com estas conclusões a mente se põe a considerar um problema. Ela é incapaz de examinar o problema sem a cortina protetora de suas conclusões; é incapaz de estudar, de estar silenciosamente cônscia do próprio problema. Conhece, apenas, conclusões agradáveis ou desagradáveis, e só é capaz de acrescentar, a si própria, mais conclusões, mais idéias, mais fixa-

ções. Toda conclusão é uma fixação, e a mente consciente busca, inevitavelmente, uma conclusão.

Se não pode achar uma conclusão satisfatória, a mente consciente desiste da busca e torna-se quieta; e nessa mente superficial, agora tranqüila, o inconsciente faz surgir, subitamente, uma solução. Ora, a mente inconsciente, a mais profunda, é diversa, na sua estrutura, da mente consciente? O inconsciente não é também constituído de conclusões e memórias raciais, grupais e sociais? Certo, o inconsciente é também o resultado do passado, do desejo, e a diferença consiste, apenas, em estar ele submerso, e à espera; e, quando solicitado, envia à superfície as suas próprias conclusões ocultas. Se são satisfatórias estas conclusões, a mente superficial as adota; se não, fica a bracejar para todos os lados, esperando encontrar por milagre uma solução. Se nenhuma solução encontra, reconcilia-se, exausta, com o problema, o qual a vai corroendo, pouco a pouco; e a conseqüência é a doença e a loucura.

A mente superficial e a mente mais profunda não são dissimilares; ambas se constituem de conclusões, memórias, e são, uma e outra, produto do passado. Podem fornecer uma solução, uma conclusão, mas são incapazes de dissolver o problema. Este só se dissolve quando tanto a mente consciente como a inconsciente estão em silêncio, não mais projetando conclusões positivas ou negativas. Só há libertação do problema quando a mente está totalmente quieta, cônscia do problema, sem fazer escolha alguma; porque só então deixa de existir o criador do problema.

55. DESAFIO E REAÇÃO

O rio estava em plena cheia, atingindo em alguns pontos várias milhas de largura, e era uma delícia contemplar tanta água junta. Ao norte, viam-se os morros, muito verdes e frescos após a tempestade. Era esplêndido contemplar as velas brancas sobre a larga curva do rio. As velas eram grandes e triangulares e, no encantamento dos primeiros alvores, pareciam emergir das águas. Ainda não havia começado a bulha do dia, e, de quase do outro lado do rio, vinha, como que flutuando sobre as águas, a canção de um barqueiro. Aquela canção, naquela hora, parecia invadir a terra inteira, silenciando todos os outros sons; até o apito de um trem se abrandou tornando-se suportável.

Gradualmente começaram os barulhos da aldeia: as altercações ao redor da fonte, os berros das cabras, as vacas a mugir, à espera da

ordenha, as carroças pesadas na estrada, os gritos estridentes dos corvos, a gritaria e as risadas das crianças. E um novo dia nasceu. O sol aparecia por cima das palmeiras e um bando de macacos estava sentado sobre o muro, com as longas caudas quase a tocarem o chão. Eram grandes mas muito tímidos; se os chamávamos, saltavam para o chão e corriam para uma árvore grande, do campo. Tinham as caras e as mãos pretas e um ar inteligente, mas não eram tão espertos e travessos como os pequeninos.

"Por que é tão persistente o pensamento? Ele parece tão incansável, tão exasperadoramente perseverante! Não importa o que façamos, está sempre ativo, como aqueles macacos, e sua própria atividade é extenuante. Ninguém lhe escapa; ele nos persegue impiedosamente. Tentamos reprimi-lo e, dentro de poucos segundos, ei-lo que desponta de novo. Nunca se aquieta, nunca está em repouso; está sempre procurando, sempre analisando, a torturar-se. Dormindo ou acordados, nosso pensamento está em agitação constante, e parece não ter paz nem descanso."

O pensamento pode, em algum tempo, estar em paz? Ele pode pensar a respeito da paz e tentar pôr-se em paz, obrigando-se a ficar quieto; mas o pensamento, em si, pode estar tranqüilo? O pensamento não é, por sua própria natureza, inquieto? O pensamento não é a reação constante ao desafio constante? Não pode haver cessação do desafio, porque cada movimento da vida é um desafio; e se não há percebimento do desafio, há decomposição e morte. Desafio e reação é o verdadeiro caminho da vida. A reação pode ser adequada ou inadequada; e é o inadequado da reação ao desafio que provoca o pensamento, com sua agitação. O desafio exige ação, e não verbalização. Verbalização é pensamento. A palavra, o símbolo, retarda a ação; e a idéia, assim como a memória, é palavra. Não há memória, sem o símbolo, sem a palavra. A memória é palavra, pensamento, e pode o pensamento ser a reação correta ao desafio? O desafio é idéia? O desafio é sempre novo; vigoroso, e pode o pensamento, a idéia, ser nova? Quando o pensamento enfrenta o desafio, que é sempre novo, esta reação não é produto do "velho", do passado?

No encontro do velho com o novo, esse encontro é, inevitavelmente, incompleto; e essa insuficiência é o pensamento na sua busca incansável de um estado completo. Pode o pensamento, a idéia, ser completo? O pensamento, a idéia, é reação da memória; e a memória é sempre incompleta. A experiência é a reação ao desafio. Esta reação é condicionada pelo passado, pela memória; tal reação só torna mais forte o condicionamento. A experiência não liberta, forta-

lece a crença, a memória, e é esta memória que reage ao desafio; a experiência, portanto, é o fator condicionante.

"Mas que papel tem o pensamento?"

Quereis dizer que papel tem o pensamento na ação? Se a idéia exerce alguma função na ação? A idéia se torna um fator na ação, a fim de modificá-la, controlá-la, moldá-la; a idéia, porém, não é ação. A idéia, a crença, é uma proteção contra a ação; o seu papel é de controlador, já que ela modifica e dá forma à ação. A idéia é o padrão para a ação.

"Pode haver ação sem padrão?"

Não, se se procura um resultado. A ação dirigida para um alvo predeterminado não é ação, absolutamente, mas sim ajustamento à crença, à idéia. Se é o ajustamento que se busca, nesse caso o pensamento, a idéia, tem sua função. A função do pensamento é a de criar um padrão para a chamada ação, quer dizer, matar a ação. O que interessa à maioria de nós é matar a ação; e a idéia, a crença, o dogma, nos ajudam a destruí-la. A ação subentende insegurança, vulnerabilidade ao desconhecido; e o pensamento, a crença, que é o conhecido, constitui um eficaz obstáculo ao desconhecido. O pensamento jamais pode penetrar no desconhecido; ele tem de cessar, para que possa surgir o desconhecido. A ação do desconhecido está além da ação do pensamento; e o pensamento, percebendo isso, apega-se ao conhecido, consciente ou inconscientemente. O conhecido está sempre reagindo ao desconhecido, ao desafio; e dessa reação inadequada nasce conflito, confusão, sofrimento. Só quando o conhecido, a idéia, deixa de existir, só então pode manifestar-se a ação do desconhecido, que é imensurável.

56. O SENTIMENTO DE POSSE

Viera acompanhado da esposa, porque, dizia, o problema era de ambos. Ela, olhos radiantes, pequena estatura, viva, se mostrava um pouco perturbada. Eram gente simples e amigável; ele falava inglês regularmente e ela apenas conseguia compreendê-lo e fazer perguntas simples. Quando havia alguma dificuldade, apelava para o marido, que lha explicava em sua própria língua. Ele disse estarem casados há mais de vinte e cinco anos e terem muitos filhos; e que o seu problema não eram os filhos mas a luta que havia entre eles dois. Explicou ter um emprego que lhe proporcionava modesta receita e prosseguiu falando sobre quanto era difícil viver em paz

neste mundo, principalmente quando se é casado; não se estava queixando, acrescentou, mas tal era o fato. Ele era tudo o que um marido podia ser, pelo menos assim acreditava, mas isso nem sempre era fácil

Custava-lhes chegar ao assunto principal e estiveram falando algum tempo a respeito de várias coisas: a educação dos filhos, o casamento das filhas, o desperdício de dinheiro com cerimônias, uma morte recente na família, etc. Sentiam-se à vontade e sem afobação, pois era-lhes grato conversar com uma pessoa que lhes prestava ouvidos e talvez pudesse compreendê-los.

A quem interessam as tribulações dos outros? Já temos tantos problemas pessoais, que não nos sobra tempo para dar atenção aos problemas alheios. Para que alguém se mostre disposto a escutar-nos, temos de pagar-lhe em moeda corrente, ou com rezas, ou com crença. O profissional nos dará ouvidos — é seu meio de vida — mas dele não nos vem alívio duradouro. Queremos descarregar-nos livremente, espontaneamente, sem ulterior arrependimento. A purificação da confissão não depende daquele que a ouve, mas daquele que deseja abrir o coração. Abrir o coração é importante, e ele quer achar alguém, um mendigo talvez, diante de quem possa desabafar-se completamente. Uma conversa introspectiva não pode, jamais, abrir o coração; ela fecha, deprime, e é de todo em todo fútil. Estar aberto é escutar, não só a si mesmo, mas a toda e qualquer influência ou movimento em redor de nós. Pode ser e pode não ser possível fazer qualquer coisa de tangível, com relação ao que se ouve, mas o próprio fato de se estar aberto traz sua própria ação. Essa escuta purifica-nos o coração, limpando-o das coisas da mente. Ouvir com a mente é mera tagarelice, que não traz alívio nem para vós, nem para o outro; é dar continuidade à dor, e, portanto, estupidez.

Sem pressa, iam chegando ao ponto que os interessava.

"Viemos conversar a respeito do nosso problema. Somos ciumentos — não eu, porém ela. Embora noutros tempos não fosse tão declaradamente ciumenta como hoje, sempre houve um ciúme velado. Creio jamais lhe ter dado razão para ser ciumenta; entretanto, ela sempre encontra um motivo."

Achais que há alguma razão para ser ciumento? Existe uma causa do ciúme? E o ciúme desaparecerá quando a causa for conhecida? Já não notastes que, mesmo quando se lhe conhece a causa, o ciúme continua? Não busquemos a razão: tratemos de compreender o ciúme em si. Como dizeis, qualquer coisa pode servir de pretexto para se ser ciumento. O que se precisa compreender é o ciúme e não o motivo que o determina.

"Há muito tempo o ciúme é meu companheiro. Não conhecia *muito bem o meu marido*, quando nos casamos; e vós sabeis como essas coisas acontecem: o ciúme foi-me invadindo gradual e imperceptivelmente, como a fumaça na cozinha."

O ciúme é uma das maneiras de se prender o homem ou a mulher, não é verdade? Quanto mais ciumentos somos, tanto maior o nosso sentimento de posse. Possuir uma coisa faz-nos felizes; chamarmos qualquer coisa, até um cachorro, exclusivamente nossa, aquece-nos e conforta-nos. A posse exclusiva faz-nos confiantes e seguros. Ser dono de uma coisa faz-nos importantes; a esta importância é que nos apegamos. E pensar que possuímos, não um lápis ou uma casa, *mas um ente humano*, nos faz sentir fortes e extraordinariamente satisfeitos. O ciúme não é por causa do outro, mas por causa do valor e da importância de nós mesmos.

"Mas eu não sou importante, não sou ninguém; meu marido é tudo o que tenho. Nem mesmo os filhos entram em conta."

Só há uma coisa a que todos estamos apegados, embora essa coisa assuma formas diferentes. Estais apegada ao vosso marido, outras, aos *filhos*, e *outras*, *ainda*, a uma determinada crença; a intenção, porém, é sempre a mesma. Privados do objeto a que nos prendemos, sentimo-nos irremediavelmente perdidos, não é verdade? Temos medo de nos vermos inteiramente sós. Este medo é ciúme, ódio, sofrimento. Não há muita diferença entre o ciúme e o ódio.

"Mas nós nos amamos."

Então como podeis ser ciumenta? Nós não amamos, e esta é que *é a triste verdade*. Estais servindo-vos de vosso marido e ele, de vós, cada um para ser feliz, ter um companheiro, para não sentir-se só; podeis não ter muitos haveres, mas tendes pelo menos alguém para vos fazer companhia. A esta necessidade e utilização mútua chamamos amor.

"Mas isto é horrível!"

Não; o que acontece é que não queremos vê-lo. Dizemo-lo horrível, damos-lhe um nome, e rapidamente desviamos os olhos — justamente o que estais fazendo.

"Eu sei, mas não quero olhar. Quero continuar a ser como sou, ainda que isso signifique ser ciumenta, pois não vejo outra coisa na vida."

Se pudésseis ver outra coisa, não sentiríeis mais ciúmes do marido, pois não? Mas ficaríeis apegada a outra coisa, como estais agora ao vosso marido, e, portanto, teríeis também ciúmes dela. Desejais achar

um substituto para o vosso marido, e não a libertação do ciúme. Todos somos assim: antes de largar mão de uma coisa, queremos estar bem seguros de outra. Entretanto, só quando estamos completamente inseguros, não há lugar para o ciúme. Só há ciúme quando há segurança, quando nos sentimos donos de uma coisa. A exclusividade é esse sentimento de certeza; possuir é ser ciumento. A posse gera o ódio. Realmente, odiamos aquilo que possuímos, como o mostra o ciúme. Quando há propriedade, não pode haver amor; possuir é destruir o amor.

"Começo a perceber. Nunca amei realmente o meu marido, não é isso? Começo a compreender."

E pôs-se a chorar.

57. AUTO-APRECIAÇÃO

Viera acompanhada de três amigos, todos muito sisudos e com a dignidade própria da inteligência. Um era rápido de entendimento, o outro impaciente na sua rapidez, e o terceiro ardoroso, mas seu ardor não era constante.

Constituíam um grupo amável, pois todos compartilhavam o problema da amiga, e nenhum deles lhe oferecia conselhos ou opiniões de peso. Todos desejavam ajudá-la a fazer o que considerasse acertado, ao invés de agir simplesmente de acordo com a tradição, a opinião pública ou sua inclinação pessoal. O problema era: qual a maneira certa de agir? Ela própria não estava segura a esse respeito e se sentia perturbada e confusa. Mas o caso era de muita urgência; uma decisão tinha de ser tomada e ela não podia mais adiá-la. O problema dizia respeito à libertação de uma determinada relação. Ela queria ser livre, declarava repetidamente.

Havia tranqüilidade na sala; a tensão nervosa cedera e todos se mostravam vivamente interessados em apreciar o problema, sem a expectativa de um resultado, de uma definição da ação correta. Esta viria à tona, natural e completa, quando o problema ficasse esclarecido. O descobrimento do conteúdo do problema é que era importante e não o resultado; porque qualquer resposta seria apenas uma nova conclusão, uma nova opinião, um novo conselho, que de modo nenhum iria resolver o problema. O problema, em si, tinha de ser compreendido, e não se tratava de saber como reagir em face dele, nem o que fazer a seu respeito. A maneira correta de encará-lo era importante, porque o próprio problema encerrava a ação adequada.

As águas do rio dançavam, pois o sol traçara sobre elas uma senda de luz. Uma vela branca atravessava aquela senda, sem perturbar a dança. Era uma dança que causava puro deleite. As árvores estavam cheias de passarinhos, que se ralhavam, se catavam, levantavam vôo e logo retornavam. Um bando de macacos tirava as folhas tenras e entupiam com elas a boca; ao seu peso, vergavam os ramos frágeis, mas eles se mantinham nos seus lugares, leves e sem medo. Com que facilidade saltavam de galho em galho; o salto era como que fluido, a partida e a chegada constituíam um só movimento. Ficavam sentados, com as caudas pendentes, e estendiam os braços para apanhar as folhas. Estavam bem no alto e não davam atenção alguma às pessoas que passavam em baixo. Ao escurecer, os papagaios começaram a chegar às centenas, para pernoitar entre as folhas espessas. Eram vistos chegar e desaparecer no meio da folhagem. A lua nova acabara de surgir. À distância, um trem apitou, ao atravessar a longa ponte, na curva do rio. Aquele rio era sagrado, e muita gente vinha de longe para banhar-se nas suas águas e lavar os pecados. Todo rio é belo e sagrado, e a beleza daquele era a sua larga curva, e as ilhas de areia entre os intervalos de águas profundas, e aquelas velas brancas, silenciosas, subindo e descendo todos os dias.

"Desejo libertar-me de uma certa relação" — disse ela.

Que quereis dizer com desejar ser livre? Quando dizeis: "Eu desejo ser livre", estais dando a entender que *não* sois livre. A que respeito não sois livre?

"Fisicamente, sou livre; posso ir aonde me apraz, porque, fisicamente, já não sou mais uma esposa. Mas quero ficar completamente livre; não quero ter mais nada que ver com aquela pessoa."

Em que relação estais com tal pessoa, se já sois livre fisicamente? Estais em relação com ele a outro respeito?

"Não sei; mas sinto um grande ressentimento contra ele. Não quero mais nada com ele."

Desejais ser livre, guardando, entretanto, ressentimento contra ele? Nessas condições não estais livre dele. Por que sentis tal ressentimento?

"Descobri há pouco tempo o que ele é: sua vulgaridade, sua completa falta de amor, seu egoísmo absoluto. Nem sei dizer-vos quanto é horroroso o que descobri nele. E pensar que tive ciúmes dele, que o idolatrei e lhe fui submissa! Descobrir que ele é estúpido e velhaco, quando eu o cria um marido ideal, amorável e bondoso

isso me encheu de ressentimento contra ele. O pensar que convivi com ele faz com que eu me sinta impura. Quero ficar completamente livre dele."

Podeis estar livre dele fisicamente, mas enquanto tiverdes ressentimento contra ele, não estareis livre. Se o odiais, estais presa a ele; se vos envergonhais dele, estais ainda escravizada por ele. Tendes raiva dele ou de vós mesma? Ele é o que é, e, portanto, por que ter raiva dele? Vosso ressentimento é realmente contra ele? Ou, depois de verdes o que *é*, vos sentis envergonhada de vós mesma, por terdes estado associada a ele? Por certo, estais ressentida, não por causa dele, mas por causa de vosso próprio julgamento, das vossas próprias ações. Estais envergonhada de vós mesma. Como vos repugna reconhecer este fato, vós o culpais de ser o que é. Quando perceberdes que vosso ressentimento contra ele é uma fuga à vossa romântica autolatria, então a imagem dele se apagará. Não estais envergonhada dele, mas envergonhada de vós mesma, por terdes estado associada a ele. Contra vós mesma estais irritada, e não contra ele.

"Sim, isto é exato."

Se perceberdes isto realmente, se o *experimentardes* como um fato, estareis então livre dele. Ele não será mais o objeto de vossa inimizade. O ódio prende tanto quanto o amor.

"Mas como posso ficar livre de minha vergonha, de minha própria estupidez? Percebo muito claramente que ele é o que é e não tem culpa disso; entretanto, como posso ficar livre desta vergonha, deste ressentimento lentamente amadurecido, em mim, e que chegou ao auge na presente crise? Como posso apagar o passado?"

Porque desejais apagar o passado é muito mais importante do que como apagá-lo. A intenção com que nos abeiramos de um problema importa-nos mais do que saber o que fazer a seu respeito. Por que desejais apagar a memória desta associação?

"Eu detesto a memória de todos estes anos. Deixou-me um travo de fel na boca. Não é isto uma razão suficiente?"

Não tanto, é? Por que desejais apagar esta memória de coisas volvidas? Por certo, não é porque vos tenham deixado um gosto amargo na boca. Ainda que achásseis um meio de apagar o passado, poderíeis de novo ser apanhada por circunstâncias de que sentiríeis vergonha. O mero apagar das lembranças desagradáveis não resolve o problema, resolve?

"Pensava que resolveria; mas qual é, então, o problema? Não estais tornando a coisa desnecessariamente complexa? Ela já não é

suficientemente complexa? Pelo menos minha vida o é. Por que acrescentar-lhe mais uma carga?"

Estamos acrescentando mais uma carga ou procurando compreender o que *é*, para ficarmos livres dele? Por favor, tende um pouco de paciência. Que motivo vos impele a apagar o passado? O passado pode ser desagradável, mas por que desejais apagá-lo? Tendes uma certa idéia ou imagem de vós mesma, com que se acham em contradição estas lembranças, e por isso quereis ficar livre delas. Tendes uma certa apreciação de vós mesma, não é verdade?

"Naturalmente, do contrário..."

Todos nos colocamos em níveis diversos e estamos constantemente a cair destas alturas. Destas quedas nos envergonhamos. A auto-apreciação é a causa de nossa vergonha, de nossa queda. Esta auto-apreciação é que precisa ser compreendida; não a queda. Se não existe um pedestal, sobre o qual colocastes a vós mesma, como pode haver queda? Por que vos colocastes num pedestal, chamado auto-apreciação, dignidade humana, ideal, etc.? Se compreenderdes isto, não haverá mais vergonha do passado; ele se terá apagado completamente. Sem esse pedestal, sereis o que sois. Se não mais existe o pedestal, do alto do qual olhais para baixo ou para cima, então *sois* aquilo a que sempre estivestes fugindo. É esta fuga ao que *é*, ao que sois, que dá origem à confusão e ao antagonismo, à vergonha e ao ressentimento. Não precisais dizer a mim ou ao outro o que sois, mas deveis estar cônscia do que sois, como quer que sejais, agradável ou desagradável; vivei com isso, sem o justificardes e sem lhe resistirdes. Vivei com isso, sem lhe dardes nome, pois o próprio nome é uma condenação ou uma identificação. Vivei com isso, sem medo, pois o medo impede a comunhão, e, não havendo comunhão, não podeis viver com isso. Estar em comunhão é amar. Não havendo amor, não se pode apagar o passado; havendo amor, não há passado. Amai, e o tempo deixará de existir.

58. O MEDO

Ela vinha de uma longa viagem, na qual percorrera metade do mundo. Tinha um ar de cautela, uma tática prudente de aproximação, ensaiava um intróito e fechava-se, imeditamente, a qualquer sugestão de um exame mais profundo. Não era tímida, mas desinclinada, embora inconscientemente, a revelar o seu estado interior. Todavia, desejava falar sobre si mesma e seus problemas e percorrera

toda aquela distância especialmente para este fim. Hesitava, porém, insegura das palavras, guardando distância, mas, ao mesmo tempo, ansiosa por falar a respeito de si mesma. Lera muitos livros de psicologia, e conquanto nunca houvesse sido analisada era perfeitamente capaz de analisar a si mesma; disse, com efeito, estar habituada, desde menina, a analisar os seus pensamentos e sentimentos.

Por que tendes tanto empenho em analisar-vos?

"Não sei, mas sempre o fiz, desde que me entendo."

A análise é uma maneira de vos protegerdes contra vós mesma — contra explosões emocionais e conseqüentes arrependimentos?

"Tenho quase certeza de que é esta a razão por que estou sempre analisando, interrogando. Não desejo emaranhar-me na confusão que me cerca, de ordem pessoal e geral. Esta confusão é horrível, e preciso manter-me fora dela. Percebo agora que me tenho servido da análise como um meio de conservar-me intacta, de não me deixar apanhar na balbúrdia social e familiar."

E conseguistes escapar?

"Não estou nada certa disso. Tenho sido bem sucedida a certos respeitos; a outros, porém, parece que não. Agora, conversando sobre o assunto, vejo que coisa extravagante estive fazendo. Nunca o percebi com tanta clareza como agora."

Por que vos protegeis com tanta habilidade, e contra quê? Dizeis que é contra a confusão que vos cerca; mas que é que existe na confusão que vos obriga a proteger-vos? Se há uma confusão e a reconheceis claramente, então não há necessidade nenhuma de vos protegerdes dela. A gente só se protege quando há medo e não há compreensão. Assim sendo, de que é que tendes medo?

"Eu acho que não tenho medo; só não quero deixar-me colher pelas misérias da existência. Tenho uma profissão que me sustenta, mas desejo estar livre das demais complicações, e creio que estou."

Se não tendes medo, por que então resistis às complicações? A gente só resiste a uma coisa quando não a compreende. Se sabeis como um motor funciona, estais livre dele; se há qualquer desarranjo, podeis corrigi-lo. Resistimos àquilo que não compreendemos; só resistimos à confusão, ao mal, ao sofrimento, quando não conhecemos sua estrutura, não sabemos como está constituído. Vós resistis à confusão, por não perceberdes a sua estrutura, a sua composição. Por que não a percebeis?

"Mas nunca pensei nisso dessa maneira."

É só quando estamos em relação direta com a estrutura da confusão que podemos perceber o funcionamento do seu mecanismo. Só quando há comunhão entre duas pessoas podem elas compreender-se mutuamente; se resistem uma à outra, não há compreensão. Comunhão ou relação só pode haver quando não há medo.

"Percebo o que quereis dizer."

De que tendes medo então?

"Que entendeis por medo?"

O medo só pode existir em relação; o medo não pode existir sozinho, isoladamente. Medo abstrato — tal coisa não existe; há medo ao conhecido ou ao desconhecido; medo do que fazemos ou do que possamos fazer; medo do passado ou do futuro. A relação entre o que somos e o que desejamos ser causa medo. Aparece o medo quando interpretamos a realidade do que somos pelo critério de recompensa e punição. O medo resulta da responsabilidade e do desejo de estar livre dela. Há medo no contraste entre a dor e o prazer. Existe medo no conflito dos opostos. O desejo de sucesso faz nascer o medo ao insucesso. O medo é o processo da mente, na luta para vir a ser. No vir a ser bom, há o medo ao mal; no vir a ser completo, o medo da solidão; no vir a ser grande, o medo de ser pequeno. Comparação não é compreensão; ela é inspirada pelo medo do desconhecido em relação com o conhecido. O medo é a incerteza, buscando a certeza.

O esforço para vir a ser é o começo do medo, o medo de ser ou de não ser. A mente, o resíduo da experiência, está sempre com medo do que não tem nome, do desafio. A mente, que é nome, palavra, memória, só pode funcionar dentro da esfera do conhecido; e ao desconhecido, que é desafio de momento a momento, opõe-se resistência ou a mente o traduz em termos referentes ao conhecido. Esta resistência ou tradução do desafio é medo, porque a mente não pode estar em comunhão com o desconhecido; o conhecido não pode comungar com o desconhecido; o conhecido tem de desaparecer, para que o desconhecido apareça.

A mente é o fator do medo; e, quando analisa o medo, buscando-lhe a causa para ficar livre dele, o que ela consegue é isolar-se mais ainda e, portanto, aumentar o medo. Quando se faz uso da análise para resistir à confusão, está-se aumentando a força da resistência; e a resistência à confusão só pode aumentar o medo que se tem dela e que impede a liberdade. Na comunhão há liberdade, e no medo, nunca.

59. "COMO AMAR?"

Estávamos num ponto alto da encosta de uma montanha que dominava um vale, e o largo rio parecia uma faixa de prata, estendida ao sol. Aqui e ali, o sol penetrava através da folhagem espessa, e o ar estava cheio de perfumes de muitas flores. Era uma deliciosa manhã e o chão ainda estava todo orvalhado. A brisa fragrante vinha do outro lado do vale, trazendo distantes rumores de gente, os sons de sinos e de uma ou de outra buzina de aguadeiro. No vale, a fumaça subia verticalmente, pois a brisa não tinha força para espalhá-la. Dava gosto observar a coluna de fumaça. Erguia-se do fundo do vale, como que procurando atingir o céu, semelhante ao lendário pinheiro. Um esquilo preto, grande, que estava a ralhar conosco, desistiu afinal da zanga, desceu da árvore para investigar melhor a situação e depois, em parte satisfeito, foi-se aos saltos. Uma nuvem muito tênue começava a formar-se, mas, afora ela, o céu estava límpido, de um azul pálido, suave.

Ele não tinha olhos para nada disto. Estava completamente absorvido nos seus presentes problemas, como andara absorvido nos seus problemas antigos. Os problemas gravitavam e proliferavam ao redor dele. Era um homem muito rico, magro e rijo, mas de ar amável e sorriso fácil. Estava agora a olhar o vale, mas sua beleza estimulante não o tocava. Suas feições não se adoçavam; as linhas continuavam duras, determinadas. Estavam ainda a caçar — não dinheiro e sim aquilo que ele chamava Deus. Estava sempre e sempre a falar de amor e de Deus. Já percorrera meio mundo, na sua busca, e tinha estado com muitos instrutores; e, como ia envelhecendo, a busca se tornava cada vez mais ansiosa. Já aparecera várias vezes para conversar sobre estes assuntos, mas sempre deixava transparecer um quê de finura e cálculo: estava sempre a pensar quanto iria gastar para achar o seu Deus, quanto lhe iria custar a viagem. Sabia não poder levar consigo o que tinha; mas poderia levar, para onde fosse, alguma outra coisa, uma moeda que lá tivesse curso? Era um homem duro, e jamais se vira um gesto de generosidade de sua parte, quer do coração, quer da mão. Relutava sempre em dar o pequeno acréscimo; achava que cada um devia fazer por merecer a sua recompensa, assim como ele fizera. Mas ali estava agora, naquela manhã, com o propósito de abrir-se um pouco mais; pois começavam a acumular-se nuvens tempestuosas, sérias complicações estavam-lhe ocorrendo na vida, sempre tão cheia de êxitos. A deusa do sucesso parecia querer voltar-lhe as costas.

"Estou começando a perceber o que sou" — disse. — "Em todos estes anos, tenho-me oposto e resistido a vós, de maneira sutil. Falais contra os ricos; dizeis contra nós coisas muito duras que me têm irritado; mas nunca pude revidar, pois não posso alcançar-vos. Tenho-o tentado por diferentes maneiras, todavia não posso deitar-vos as mãos. Mas, que quereis que eu faça? Provera Deus nunca vos tivesse ouvido, nem jamais me aproximado de vós! Agora passo noites em claro, e sempre dormi muito bem; tenho sonhos torturantes, e raramente sonhava. Tenho estado com medo de vós e vos tenho arrenegado em silêncio — mas não posso mais voltar atrás. Que devo fazer? Não tenho amigos — como tantas vezes tendes acentuado — nem posso comprá-los como dantes; fiquei desmascarado depois do que aconteceu. Quem sabe se não posso ser *vosso* amigo? Oferecestes-me vossa ajuda, e aqui estou. Que devo fazer?"

Ser desmascarado não é coisa fácil; e já vos desmascarastes? Já abristes aquele armário que trazeis sempre tão bem fechado e para onde empurrais as coisas que não desejais ver? Desejais abri-lo, para ver o que há lá dentro?

"Desejo, mas como devo proceder?"

Desejais realmente, ou estais apenas acariciando a intenção? Uma vez aberto, por pouco que seja, aquele armário não pode ser fechado de novo. A porta ficará aberta para sempre; noite e dia seu conteúdo estará a derramar-se. Podeis tentar fugir, como em geral se faz; mas lá estará ele sempre, onde estiverdes, à espreita, vigilante. Desejais realmente abri-lo?

"Desejo, naturalmente; por isso vim aqui. Tenho de enfrentar a coisa, pois já me vou aproximando do fim. Que devo fazer?"

Abrir e olhar. Para acumular riquezas, um homem tem de ferir, ser cruel, mesquinho; tem de haver descompaixão, cálculos astuciosos, desonestidade; tem de haver a busca do poder, essa ação egocêntrica mas que encobrimos com palavras bem-soantes, tais como: responsabilidades, deveres, eficiência, direitos.

"Sim, tudo isto é verdadeiro, mais do que verdadeiro. Não havia contemplação com ninguém; as práticas religiosas eram meras capas de respeitabilidade. Agora, olhando, percebo que tudo girava em torno de minha pessoa. Eu era o centro de tudo, embora fingisse não o ser. Percebo muito bem. Mas, que devo fazer?"

Em primeiro lugar, a gente precisa reconhecer as coisas tais como são. Mas, depois disso, como apagar estas coisas, se não existe afeição, se não existe amor, a chama sem fumo? Só esta chama pode consumir o conteúdo do armário, e nada mais — nem análises, nem

sacrifícios, nem renúncias. Quando a chama existir, nada será sacrifício, nada será renúncia; ireis então ao encontro da tempestade, sem esperardes por ela.

"Mas, como poderei amar? Eu sei que não sinto afeição por ninguém; sempre fui cruel, e os que deviam estar comigo não estão. Estou completamente só, e, assim, como hei de conhecer o amor? Não sou tão tolo para crer que possa obtê-lo por meio de um certo ato consciente, comprá-lo por meio de sacrifícios, de renúncias. Sei que nunca amei, na minha vida, e que se tivesse amado não me encontraria nesta situação. Que devo fazer? Abandonar os meus bens, a minha riqueza?"

Se descobris que o jardim por vós cultivado com tanto cuidado só produziu ervas venenosas, tendes de arrancá-las pelas raízes; tendes de deitar abaixo os muros que as protegem. Podeis fazê-lo ou deixar de fazê-lo, porque possuís vastos jardins muito ardilosamente murados e bem guardados. Só o fareis, quando não houver mais possibilidade de barganhas; entretanto, isso precisa ser feito, porque morrer rico é ter vivido em vão. Mas, acima de tudo, tem de haver a chama que purifica a mente e o coração e faz novas todas as coisas. Esta chama não é a da mente e não é cultivável. A ostentação de bondade poderá brilhar mas não é aquela chama; a atividade chamada assistência, embora benéfica e necessária, não é amor; a tolerância que tanto se pratica e exercita, a compaixão cultivada da igreja e do templo, a fala mansa, as maneiras suaves, a adoração do salvador, da imagem, do ideal — nada disso é amor.

"Tenho escutado e observado, e estou bem cônscio de que não há amor em nenhuma destas coisas. Mas meu coração está vazio e — como enchê-lo? Que devo fazer?

O apego nega o amor; o amor não pode ser encontrado no sofrimento; o ciúme, se bem que forte, não pode prender o amor; a sensação e o prazer que proporciona sempre têm fim; o amor, porém, é inesgotável.

"Tudo isso para mim são meras palavras. Estou esfomeado; alimentai-me."

Para se ser alimentado, precisa-se ter fome. Se tendes fome, encontrareis alimento. Tendes fome ou estais apenas apetecendo outro alimento? Se só estais apetecendo, encontrareis o que vos agradará; mas esse prazer acabará depressa, e não será o amor.

"Mas que devo fazer?"

Estais sempre a repetir esta pergunta. O que deveis fazer não é importante; o essencial é que estejais cônscio do que *estais* fazendo.

Estais preocupado com a ação futura, e isso é uma maneira de evitar a ação presente. Não desejais agir, e, por esta razão, perguntais e tornais a perguntar o que deveis fazer. Estais, como de costume, procedendo astuciosamente, enganando a vós mesmo, e, portanto, tendes vazio o coração. Desejais *enchê-lo com coisas da mente*; mas o amor não é coisa da mente. Deixai vazio o vosso coração. Não o *enchais com palavras, com as ações da mente.* Deixai totalmente vazio o coração; só assim ele poderá encher-se.

60. DA FUTILIDADE DOS RESULTADOS

Eles vinham de diferentes partes do mundo e haviam examinado alguns dos problemas que se deparam à maioria de nós. É bom conversar sobre nossos problemas, mas simples palavras, argumentos engenhosos, e erudição, não trazem a libertação dos problemas que nos afligem. O talento e o saber podem mostrar, e de fato mostram freqüentemente a própria inanidade, e o descobrimento dessa inanidade torna a mente silenciosa. Neste silêncio, vem a compreensão do problema; mas buscar este silêncio é criar um novo problema, um novo conflito. As explicações, o descobrimento das causas, as dissecações analíticas do problema, não o resolvem de modo nenhum; porque o problema não pode ser resolvido à maneira da mente. A mente só é capaz de criar novos problemas. Ela sabe fugir ao problema por meio de explicações, de ideais e intenções; mas, o que quer que faça, a mente não pode libertar-se do problema. A mente é o próprio campo onde proliferam os problemas e os conflitos. O pensamento não pode silenciar a si próprio; poderá vestir-se com uma capa de silêncio, mas isto é apenas dissimulação, fingimento. Pode o pensamento matar-se, pela ação disciplinada, visando *a um fim* predeterminado; mas a morte não é silenciosa. A morte é mais vociferante do que a vida. Todo movimento da mente é um empecilho ao silêncio.

Pelas janelas abertas, entrava uma confusão de sons: gente que falava alto e discutia na aldeia, uma locomotiva que descarregava o vapor, gritaria de crianças e suas risadas francas, o rodar de um caminhão, zumbidos de abelhas, gritos estridentes dos corvos. E, no meio de todos estes barulhos, um silêncio ia invadindo a sala, um silêncio não buscado, não chamado. Pelo meio das palavras e dos argumentos, das divergências e lutas, o silêncio ia estendendo as suas asas. A qualidade desse silêncio não é a cessação do barulho, das falas, da palavra; para receber esse silêncio, a mente tem de perder a sua

capacidade de expandir-se. Esse silêncio é livre de todas as compulsões, ajustamentos e esforços; é inesgotável e, por isso, sempre novo e sempre fresco. Mas a palavra não é esse silêncio.

Por que razão buscamos resultados, alvos? Por que razão está a mente sempre a demandar um fim? E porque *não* deve ela demandar um fim? Vindo aqui, não viemos porventura em busca de alguma experiência, algum deleite? Estamos cansados e enfastiados de todas as coisas com que estivemos a brincar; agora lhes voltamos as costas e queremos um brinquedo novo. Passamos de uma coisa para outra, tal como uma mulher a mirar as vitrines das lojas, até encontrarmos algo que nos dê inteira satisfação; e então nos quedamos a estagnar--nos. Estamos sempre e sempre desejando alguma coisa; e, depois de provarmos muitas coisas que, pela maior parte, não nos deram satisfação, desejamos agora a coisa suprema: Deus, a verdade, ou como quiserdes chamá-lo. Queremos um resultado, uma nova experiência, uma nova sensação que perdure, aconteça o que acontecer. Não percebemos a futilidade dos resultados, mas só de um dado resultado; e, assim, estamos sempre em movimento de um resultado para outro, esperando sempre achar um que ponha fim à busca.

A busca de resultado, de sucesso, é escravizante, limitante; está sempre terminando. Ganhar é um processo de terminar. Chegar é morte. Entretanto, é isto o que andamos procurando não é verdade? Estamos procurando a morte, e a diferença consiste apenas em que a chamamos de resultado, alvo, fim. Queremos chegar a um fim. Estamos cansados desta luta sem término, e desejamos chegar "lá" — podendo este "lá" achar-se em qualquer nível. Não percebemos quanto a luta é destrutiva, ruinosa. Queremos, porém, ficar livres dela, pela obtenção de um resultado. Não percebemos a verdade com relação à luta, ao conflito, e por isso nos servimos dela como um meio de alcançar o que desejamos: aquilo que for o mais satisfatório possível; e isto é determinado pela intensidade do nosso descontentamento. Este desejo de resultado sempre termina em ganho; mas nós queremos um resultado que nunca tenha fim. Qual é, pois, o nosso problema? Como ficarmos livres do desejo de resultado? — é isto?

"Sim, creio que é. O próprio desejo de ser livre é também um desejo de resultado, não é exato?"

Acabaremos completamente emaranhados, se seguirmos esta ordem de idéias. Será que não podemos ver a futilidade do resultado, em qualquer nível que o coloquemos? É este o nosso problema? Vejamos o problema claramente, e depois talvez fiquemos aptos a compreen-

dê-lo. Trata-se de perceber a futilidade de um dado resultado, e, conseqüentemente, abandonar completamente o desejo de resultados? Se percebemos a inutilidade de um meio de fuga, são então ineficazes todos os outros meios de fuga. É este o nosso problema? Por certo, não é bem isso, é? Talvez possamos abordá-lo de modo diferente.

Não é a experiência também um resultado?

Se temos que ser livres de resultados, por que não podemos, também, ser livres de experiência? Pois não é a experiência um resultado, um fim?

"Fim de quê?"

Fim do experimentar. A experiência é a lembrança do experimentar, não? Quando termina o experimentar, fica a experiência, o resultado. Enquanto perdura o experimentar, não há experiência; a experiência é apenas a lembrança do haver experimentado. Quando acaba o estado do experimentar, começa a experiência. A experiência está sempre obstando ao experimentar, ao viver. Resultados e experiências sempre têm fim; mas o experimentar é inexaurível. Quando o inexaurível é impedido pela memória, começa então a busca de resultados. A mente, o resultado, está sempre a buscar um fim, um alvo, e este alvo é a morte. Não há morte quando não há experimentador. Só então tem existência o inexaurível.

61. O DESEJO DE BEATITUDE

A árvore solitária, no meio do vasto gramado verde, era o centro daquele pequeno mundo, que incluía o bosque, a casa e o pequeno lago; todo o terreno circundante parecia correr para aquela árvore alta e copada. Devia ser muito velha, mas havia nela um frescor, como se tivesse acabado de nascer; quase não se viam ramos mortos e suas folhas eram perfeitas, cintilando ao sol da manhã. Por estar ali sozinha, todos os seres pareciam procurá-la. Cervos e faisões, coelhos e gado congregavam-se à sua sombra, principalmente ao meio-dia. A beleza simétrica daquela árvore dava forma ao ar, e, na luz do alvorecer, dir-se-ia, ali, o único ente vivo. Do bosque, a árvore parecia muito distanciada; mas da árvore, o bosque, a casa, e mesmo o céu, pareciam tão chegados — a gente sentia, muitas vezes, como se pudesse tocar com as mãos as nuvens que passavam.

Estávamos sentados debaixo da árvore há algum tempo, quando ele veio juntar-se a nós. Mostrava-se seriamente interessado na meditação e disse que a praticava há muitos anos. Não pertencia a

nenhuma escola de pensamento, e, embora houvesse lido muitos dos místicos cristãos, tinha mais simpatias pelas meditações e disciplinas dos santos hinduístas e budistas. Compreendera muito cedo — continuou — a infantilidade do acetismo, com seu peculiar fascínio e cultivo do poder pela abstinência, e procurara desde o princípio evitar todos os extremos. Havia, entretanto, praticado disciplinas e o controle de si mesmo, e estava determinado a alcançar aquela realidade que se alcança através da meditação mas que se acha além dela. Levara o que se considera ser uma estrita vida moral; mas isso era apenas uma questão secundária, e tão pouco o atraíam as coisas mundanas. Estivera brincando com as coisas do mundo, mas abandonara esse jogo há alguns anos. Tinha uma profissão modesta; entretanto isto também era ponto secundário.

O alvo da meditação é a própria meditação. A busca, através da meditação, de uma coisa que está além da meditação, visa a um ganho; e o que se ganha perde-se de novo. A busca de resultado é a continuação da autoprojeção; todo resultado, por mais sublime que seja, é projeção do desejo. A meditação, como meio de chegar, de ganhar, de descobrir, só pode tornar mais forte o meditador. O meditador é a meditação; meditação é a compreensão do meditador.

"Eu medito para encontrar a realidade suprema ou para deixar essa realidade manifestar-se. Não é precisamente um resultado o que estou buscando, mas, sim, aquela felicidade que, por vezes, pressentimos. Ela existe; e, assim como um homem sedento deseja água, eu desejo aquela felicidade inexprimível. Aquela felicidade é infinitamente maior do que todas as alegrias, e eu a busco, como a coisa que mais ardentemente desejo."

Quer dizer: meditais, para ganhar o que desejais. Para alcançardes o que desejais, vos disciplinais rigorosamente e observais certas regras; traçais e seguis um roteiro, com o fim de obterdes uma coisa que está no fim deste roteiro. Esperais alcançar certos resultados, certas etapas bem assinaladas no roteiro, e que dependem de vossa persistência, de vosso esforço, e desejais ir experimentando, progressivamente, alegrias cada vez maiores. Este roteiro, muito bem delineado, vos garante o resultado final. Vossa meditação, por conseguinte, é um negócio muito bem calculado, não é mesmo?

"Encarada dessa maneira, ela parece, de fato, superficialmente compreendida, um tanto absurda; mas, fundamentalmente, que tem ela de errado? Que há de errado, essencialmente, na busca dessa beatitude? Pode ser que eu deseje um resultado, em troca dos meus esforços; mas, por outro lado, por que não devemos desejá-lo?"

Este desejo de beatitude subentende ser ela uma coisa final, perene, não é assim? Todos os outros resultados se revelaram insatisfatórios; perseguistes ardentemente os alvos mundanos e, reconhecendo-lhes a natureza transitória, desejais agora o estado permanente, um fim que não tenha fim. A mente está a buscar um refúgio definitivo e imperecível; por isso ela se disciplina e se exercita, pratica certas virtudes, com o fim de ganhar o que deseja. Talvez tenha experimentado outrora esta felicidade, e agora a procura ansiosamente. Como todo caçador de resultados, estais a caçar o vosso, e a diferença é só que o colocastes num nível diverso; podeis chamá-lo um nível superior, mas isto é sem importância. Resultado significa que se chegou a um fim; e a chegada subentende nova partida, novo esforço para vir a ser. A mente nunca está em sossego, está sempre lutando, sempre alcançando, sempre ganhando — e, naturalmente, sempre com medo de perder. Este processo é chamado meditação. Pode a mente, empenhada num interminável vir a ser, gozar a beatitude? Pode a mente que a si mesma impôs uma disciplina estar livre, alguma vez, para receber aquela felicidade? Pelo esforço e pela luta, pela resistência e pelas renúncias, a mente se torna insensibilizada; e pode uma mente em tais condições estar aberta e ser vulnerável? Com o desejo daquela beatitude, não levantastes ao redor de vós uma muralha que o imponderável, o desconhecido, não pode penetrar? Não vos fechastes efetivamente ao novo? Com o velho fizestes um caminho para o novo; mas pode o novo estar contido no velho?

A mente não pode, em tempo algum, criar o novo; a mente é um resultado, ela própria, e todos os resultados são produtos do velho. Os resultados jamais podem ser novos; a busca de um resultado nunca pode ser espontânea; o que é livre não pode andar a procura de um fim. O alvo, o ideal é sempre uma projeção da mente, e isto, por certo, não é meditação. A meditação é o libertar do meditador; só na liberdade há descobrimento, há sensibilidade para receber. Sem liberdade, não pode haver beatitude; a liberdade, porém, não vem por meio da disciplina. A disciplina desenha o padrão da liberdade, mas este padrão não é a liberdade. O padrão precisa ser quebrado para que a liberdade possa existir. A quebra do molde é meditação. Mas esta quebra do molde não é um alvo, um ideal. O molde se quebra momento por momento. O momento quebrado é o momento esquecido. É o momento lembrado que dá forma ao molde, e, só assim, vem à existência o fabricante do molde, o criador de todos os problemas, conflitos e misérias.

A meditação é o libertar da mente dos seus pensamentos, em todos os níveis. O pensamento *cria o pensador*. O pensador não

está separado do pensamento: ambos são um processo unitário e não dois processos separados. Os processos separados só podem levar à ignorância e à ilusão. O meditador é a meditação. Então, a mente *é* só, não tornada só; *é* silenciosa, não tornada silenciosa. Somente ao que é só pode manifestar-se aquilo que não tem causa; apenas para o que é só existe a beatitude.

62. PENSAMENTO E CONSCIÊNCIA

Todas as coisas se recolhiam em si mesmas. As árvores fechavam-se no seu próprio ser; as aves encolhiam as asas, para sonhar com suas excursões do dia; o rio perdera a rutilância e as águas já não dançavam: fluíam serenas e unidas. As montanhas estavam distantes e inacessíveis, e o homem se recolhera à sua morada. A noite chegara; reinava a quietude do isolamento. Não havia comunhão; cada coisa fechara-se em si mesma, isolara-se a si mesma. A flor, o som, as falas — tudo estava fechado, invulnerável. Havia risadas, porém, isoladas e distantes; as falas eram abafadas, vindas de dentro. Só as estrelas se mostravam acolhedoras, francas e comunicativas; mas estavam longe, muito longe.

O pensamento é sempre uma reação externa; nunca pode reagir profundamente. O pensamento é sempre coisa exterior; o pensamento é sempre efeito, e pensar é a conciliação dos efeitos. O pensamento é sempre superficial, embora possa colocar-se em níveis diferentes. O pensamento jamais consegue penetrar no profundo, no implícito. Não pode ultrapassar a si mesmo, e toda tentativa de fazê-lo está condenada a frustrar-se.

"Que entendeis por pensamento?"

O pensamento é reação a qualquer desafio; não é ação, realização. O pensamento é um produto, resultado de um resultado; é o resultado da memória. A memória é pensamento, e o pensamento é a verbalização da memória. A memória é experiência. O processo do pensar é o processo consciente — tanto oculto como visível. O processo do pensar, na sua totalidade, é consciência; os níveis despertos e os níveis adormecidos, os níveis superficiais e os mais profundos são partes constitutivas da memória, da experiência. O pensamento não é independente. Não há pensar independente; "pensar independente" é uma contradição em termos. O pensamento, já que é um resultado, repele ou concorda, compara ou ajusta, condena ou justifica, e, portanto, jamais é livre. Um resultado nunca

pode ser livre; pode torcer, manipular, divagar, percorrer uma certa distância; não consegue, porém, libertar-se das amarras. O pensamento está ancorado na memória e nunca pode ser livre para descobrir a verdade com respeito a nenhum problema.

"Quereis dizer que o pensamento não tem valor algum?"

Ele tem valor para a combinação dos efeitos, mas nenhum valor tem, em si, como meio de ação. Ação é revolução e não conciliação dos efeitos. A ação libertada do pensamento, da idéia, da crença, nunca está dentro de padrão algum. Dentro do padrão pode haver atividade; esta, entretanto, é violenta, cruenta, ou o contrário disso; mas não é ação. O oposto não é ação, é uma continuação modificada da atividade. O oposto está ainda no campo do resultado, e na perseguição do oposto o pensamento se vê apanhado na rede das próprias reações. A ação não é resultado de pensamento; a ação não tem relação com o pensamento. O pensamento, o resultado, não pode, em tempo algum, criar o novo. O novo existe momento por momento, e o pensamento é sempre o velho, o passado, o condicionado. Ele tem valor, mas não tem liberdade. Todo valor é limitação, prende. O pensamento prende, porque se lhe dá valor.

"Qual a relação entre a consciência e o pensamento?"

Não são, os dois, a mesma coisa? Há diferença entre pensar e estar consciente? Pensar é reação; e estar consciente não o é também? Quando estamos cônscios daquela cadeira, isso é reação a um estímulo; e o pensamento não é a reação da memória a um desafio? É a esta reação que chamamos experiência. Experimentar é desafio e reação; e este experimentar, e mais o dar-lhe nome ou registrá-lo, este processo total, em níveis diferentes, é a consciência, não é? A experiência é o resultado, o produto do experimentar. Ao resultado se dá um nome; e o nome já é uma conclusão, uma das muitas conclusões constituintes da memória. Esse processo que cria conclusões é a consciência. A conclusão, o resultado, é a consciência do *eu*. O *eu* é memória, conjunto de muitas conclusões, e o pensamento é reação da memória. O pensamento é sempre uma conclusão; o pensamento é conclusivo e, por conseguinte, nunca pode ser livre.

O pensamento é sempre o superficial, a conclusão. A consciência é o registrar do superficial. O superficial se separa em exterior e interior, mas esta separação não torna o pensamento menos superficial.

"Mas não existe alguma coisa além do pensamento, além do tempo, uma coisa não criada pela mente?"

Ou ouvistes falar desse estado, ou lestes alguma coisa a seu respeito, ou o viveis realmente. O experimentar, o viver, jamais pode ser pensado, e, se for, isso será uma lembrança, e não um experimentar. Podeis repetir o que lestes ou ouvistes, mas a palavra não é a coisa; e justamente a palavra, a repetição, impede o estado de experimentar. Esse estado de experimentar não pode existir enquanto houver pensamento; o pensamento, o resultado, o efeito, não pode, em tempo algum, conhecer o estado de experimentar.

"Como pode então o pensamento terminar?"

Vêde a verdade de que o pensamento, o produto do conhecido, jamais chega ao estado do experimentar. O experimentar é sempre o novo; o pensamento vem sempre do velho. Vêde a verdade aí contida, e a verdade trará libertação — libertação do pensamento, do resultado. Apresentar-se-á, então, aquilo que está além da consciência, que não dorme nem está acordado, que não tem nome — *ele é*.

63. RENÚNCIA

Era um homem algo obeso e muito satisfeito consigo mesmo. Já estivera diversas vezes na prisão, já fora espancado pela polícia, e agora era um político famoso em vias de se tornar ministro. Já assistira a várias reuniões, sentado anonimamente — um no meio de muitos; mas todos estavam cônscios da sua presença, e ele cônscio de todos. Quando falava, tinha a voz autoritária do tribuno; muitos dos assistentes olhavam para ele, e sua voz descia ao nível deles. Embora no meio de tanta gente, pusera-se de parte; era o político importante, conhecido e acatado; mas as considerações de que era alvo iam só até um certo ponto, e não mais além. Sentia-se bem isso, ao iniciar-se a discussão: reinava aquela atmosfera peculiar que se forma quando há uma figura importante no meio da assistência, atmosfera de surpresa e expectativa, camaradagem e desconfiança, condescendente superioridade e prazer.

Viera em companhia de um amigo, e o amigo começou a explicar quem era ele: quantas vezes estivera na prisão, as violências sofridas, e os imensos sacrifícios que fizera pela causa da libertação do seu país. Fora um homem muito rico, completamente europeizado, dono de uma casa muito grande, com jardins, muitos carros, etc. À medida que ia narrando os feitos notáveis do grande homem, a voz do amigo se tornava mais e mais admirativa e respeitosa; mas parecia haver, como uma corrente subterrânea, um pensamento, parecendo dizer:

"Ele pode não ser tudo o que deveria ser, mas, afinal de contas, considerai os sacrifícios que fez; isso pelo menos é alguma coisa." O grande homem também falou: de melhoramentos, do desenvolvimento hidrelétrico, de como promover a prosperidade do povo, do atual perigo do Comunismo, de vastos programas e objetivos. O homem ficou esquecido, e só restavam planos e ideologias.

A renúncia com o propósito de alcançar um fim é barganha; não há nela desistência, apenas troca. O sacrifício de si mesmo é expansão do *eu*. O sacrifício do *eu* é requinte do *eu* e, por mais sutil que o *eu* possa tornar-se, ele é sempre fechado, mesquinho, limitado. A renúncia a bem de uma causa, por mais importante que seja, por mais ampla e significativa, é substituição do *eu* pela causa; a causa ou a idéia toma o lugar do *eu*, de *mim*, do *meu*. Todo sacrifício consciente é expansão do *eu*, é largar para pegar de novo; o sacrifício consciente é uma exaltação negativa do *eu*. Renunciar é uma nova forma de aquisição. Renuncio a *isto* para ganhar *aquilo*. *Isto* é posto em nível inferior, *aquilo* em nível superior; e, para ganhar o superior, "renuncio" ao inferior. Neste processo não há renúncia de espécie alguma, mas tão-somente a obtenção de uma satisfação maior; e a busca de satisfação maior não contém nenhum elemento de sacrifício. Porque utilizar-se de uma palavra de tom virtuoso para designar uma atividade que visa à satisfação — a mesma coisa a que todos nós visamos? "Renunciastes" à vossa posição social para alcançar outra posição de espécie diferente e que presumivelmente já tendes agora; vosso sacrifício, pois, trouxe-vos a desejada recompensa. Uns querem sua recompensa no céu; outros, aqui e agora.

"Esta recompensa veio no curso dos acontecimentos; todavia, conscientemente, eu não buscava recompensa, quando aderi ao movimento."

O próprio fato de aderir a um movimento popular ou impopular já é, em si, uma recompensa, pois não? Pode ser que conscientemente não se deseje um resultado, no momento da adesão, mas os motivos interiores que determinam a adesão são complexos, e sem os compreender, dificilmente se pode afirmar que não se tinha em mira nenhuma recompensa. Sem dúvida, o que mais importa é que se compreenda este impulso para a renúncia, o sacrifício, não achais? Por que queremos renunciar? Para responder a esta pergunta, não devemos em primeiro lugar descobrir por que razão estamos apegados? Só quando estamos apegados falamos de desapego; não haveria luta para se estar desapegado, se não existisse apego. Não haveria renúncia se não houvesse posse. Possuímos uma coisa, e depois renun-

ciamos a ela, para possuir outra. Este renunciar progressivo é considerado algo nobre e edificante.

"Sim, isto é exato. Se não houvesse posse, não haveria, naturalmente, necessidade de renúncia."

Logo, a renúncia, o sacrifício de si mesmo, não é um gesto de grandeza digno de encômios e imitação. Nós possuímos porque, sem a posse, não existimos. As posses são muitas e variadas. Um homem que não possui bens mundanos pode estar apegado ao saber, às idéias; outro pode estar apegado à virtude; outro, à experiência; outro, ao nome e à fama, etc. Sem posses, o *eu* não existe; o *eu é* aquilo que se possui, a mobília, a virtude, o nome. No seu medo de não ser, a mente está apegada ao nome, à mobília, ao valor; e largará estas coisas para passar a um nível mais alto — sendo mais alto o que é mais satisfatório, mais permanente. O medo da incerteza, o medo de não existir, leva ao apego, à posse. Quando a posse se torna pouco satisfatória ou dolorosa, renunciamos a ela por um outro apego mais agradável. A posse suprema, que traz a satisfação suprema, é a palavra Deus, ou seu substituto, o Estado.

"Mas é natural se tenha medo de ser nada. Pareceis estar sugerindo que devemos gostar de ser nada."

Enquanto estiverdes tentando tornar-vos alguma coisa, enquanto fordes possuído por alguma coisa, haverá, inevitavelmente, conflito, confusão e crescentes aflições. Podeis pensar que vós, pessoalmente, com vossas realizações e êxitos, não sereis colhido nesta desintegração que se vai estendendo cada vez mais; mas não podeis escapar-lhe, pois fazeis parte dela. Vossas atividades, vossos pensamentos, a estrutura mesma da vossa existência está baseada no conflito e na confusão, e, por conseguinte, no processo da desintegração. Enquanto relutardes em *ser nada* — como o sois realmente — deveis, inevitavelmente, gerar sofrimentos e antagonismos. A disposição para ser nada não é questão de renúncia, de compulsão interior ou exterior, mas sim de perceber a verdade do que *é*. O percebimento da verdade do que *é* traz a libertação do medo à insegurança, o medo que gera o apego e leva à ilusão do desapego, da renúncia. O amor ao que *é* é o começo da sabedoria. Só o amor partilha, só ele pode comungar; mas a renúncia e o sacrifício de si mesmo são os caminhos do isolamento e da ilusão.

64. A CHAMA E O FUMO

Fizera calor o dia todo, e foi tormento estar-se fora. Os revérberos da estrada e da água, já de si incômodos e penetrantes, eram intensificados ainda mais pelas casas brancas; e a terra, antes coberta de verdura, era agora de um doirado vivo, e ressequida. As chuvas só viriam depois de muitos meses. O riacho secara e era agora uma faixa sinuosa de areia. Algumas cabeças de gado descansavam nas sombras das árvores e o menino que as guardava, sentado sozinho, atirava pedras e cantava. A aldeia ficava a algumas milhas de distância, e ele estava entregue a si mesmo; era magro e subnutrido, mas alegre, e sua cantiga nada tinha de triste.

Atrás do morro, a casa, e lá chegamos quando o sol se punha. Do terraço podiam ver-se as coroas verdes das palmeiras, estendendo-se numa onda contínua até às areias amarelas. As palmeiras projetavam uma sombra amarelada, e seu verde era doirado. Além das areias amarelas, o mar verde-cinza. Ondas brancas empurravam-se umas às outras para a praia, mas as águas profundas estavam tranqüilas. As nuvens sobre o mar começavam a colorir-se, embora o sol se estivesse pondo muito distante delas. Vésper começava a mostrar-se. Levantara-se uma brisa fresca, mas o terraço estava ainda quente. Um pequeno grupo reunira-se ali, e já devia ter chegado há bastante tempo.

"Sou casada e mãe de muitos filhos, mas nunca senti amor. Começo a perguntar-me se afinal ele existe mesmo. Conhecemos sensações, paixões, excitações e prazeres, mas não sei se conhecemos o amor. Dizemos freqüentemente que amamos, mas há sempre reserva de alguma coisa. Fisicamente pode não haver reservas e podemos dar-nos inteiramente, no princípio; mas mesmo então há reserva, pois essa dádiva vem dos sentimentos e Aquele que é o único que pode dar não está desperto e se acha muito longe. Encontramo-nos e nos perdemos no meio da fumaça; esta, porém, não é a chama. Por que é que não temos a chama? Por que não está ardendo a chama sem fumo? Será que nos tornamos muito sutis e muito cultos, e, por essa razão, nos é negado aquele perfume? Creio ter lido demais, ser moderna demais, e estupidamente superficial. Parece-me, com todas estas falas inteligentes, que sou realmente estúpida."

Que é que tem a estupidez a ver com isso? É o amor um ideal brilhante, o inatingível que só se torna atingível se forem preenchidas as necessárias condições? Há tempo para se preencherem todas as condições? Falamos de beleza, escrevemos sobre a beleza, pintamo-la,

exibimo-la, exaltamo-la, mas não somos belos e não conhecemos o amor. Só conhecemos palavras.

Estar aberto e vulnerável é ser sensível; onde há reserva, há insensibilidade. O que é vulnerável é inseguro, livre do amanhã; o que é sem reservas é o implícito, o desconhecido. O que é aberto e vulnerável é belo; o que está fechado é estúpido e insensível. A estupidez, exatamente como o talento, é uma forma de autoproteção. Abrimos uma porta, mas deixamos outra fechada, pois queremos que a brisa fresca entre apenas por uma determinada abertura. Nunca saímos para o ar livre nem abrimos todas as portas e janelas ao mesmo tempo. A sensibilidade não é algo que se obtenha com o tempo. O estúpido nunca pode tornar-se sensível: o estúpido é sempre estúpido. A estupidez não pode fazer-se inteligente, em tempo algum. A própria tentativa de tornar-se inteligente é estúpida. Esta é uma das nossas dificuldades, não? Estamos sempre querendo ser alguma coisa — e a estupidez fica.

"Que se deve fazer, então?"

Nada. Sede o que sois: insensível. Fazer o que se deve fazer é evitar o que *é*, e a fuga ao que *é*, é a forma mais grosseira da estupidez. O que quer que se faça, a estupidez é sempre estupidez. O insensível não pode tornar-se sensível; tudo o que se pode fazer é estar cônscio do que é, deixar a história do que é manifestar-se. Não façais nada contra a insensibilidade, pois quem faz tal coisa é o insensível, o estúpido. Estai atento, e o que é vos contará a sua história; não traduzais nem façais nada, mas escutai a história até o fim, sem interrupção nem interpretação. Só então haverá ação. O fazer não é importante, mas sim o escutar.

Para dar, deve existir o inexaurível. O dar, guardando alguma coisa de reserva, é medo do findar, e só no findar se encontra o inexaurível. Dar com restrições não é findar. Dá-se do muito ou do pouco; e o muito ou o pouco é o limitado, a fumaça, o dar e o receber. O fumo é desejo, sob a forma de ciúme, cólera, desapontamento; o fumo é medo do tempo; o fumo é memória, experiência. Não há dádiva, apenas expansão da fumaça. Reter é inevitável pois não há o que dar. Repartir não é dar; a consciência do repartir ou dar põe fim à comunhão. A fumaça não é a chama, mas nós a confundimos com a chama. Estai atento à fumaça; *o que é* só pode ser percebido soprando-se a fumaça para ver a chama.

"É possível ter essa chama, ou ela é só para os poucos?"

Se ela é para os poucos ou para os muitos, não vem ao caso, não achais? Se seguirmos este caminho, ele nos levará à ignorância

e à ilusão. O *que nos* importa *é* a chama. Podeis ter aquela chama, a chama sem fumaça? Descobri-o; observai a fumaça, em silêncio e com paciência. Não podeis dissipar a fumaça, porque *sois* a fumaça. Quando a fumaça se for, a chama virá. Esta chama é inextinguível. Tudo tem começo e fim, depressa se esgota, se gasta. Quando o coração está vazio das coisas da mente, e a mente vazia de pensamento, há então amor. O que está vazio é inesgotável.

A batalha não é entre a chama e a fumaça, mas entre as diferentes reações, no meio da fumaça. A chama e a fumaça não podem, nunca, estar em conflito uma com a outra. Para estarem em conflito precisariam coexistir; e que coexistência pode haver entre as duas? Uma existe quando a outra não existe.

65. OCUPAÇÃO DA MENTE

Era uma rua estreita, bastante atravancada, mas sem muito tráfego de veículos. Quando passava um ônibus ou um carro, a gente tinha de afastar-se bem para os lados e quase caía dentro da valeta. Havia umas poucas lojas, acanhadas, e um pequeno templo sem portas. Este templo era impecavelmente limpo e nele havia gente, mas não muita. Ao lado de uma das lojas, sentado no chão, um menino fazia grinaldas e pequenos ramalhetes de flores; devia ter uns doze ou catorze anos. O barbante estava dentro de um pequeno jarro com água, e na frente dele, espalhados em pequenos punhados sobre um pano molhado, havia jasmins, rosas, malmequeres e outras flores. Com o barbante numa das mãos, apanhava com a outra um sortimento de flores e, com um rápido e destro virar de mão, estavam atadas as flores e o buquê pronto. Quase não prestava atenção ao que as mãos faziam; seus olhos passeavam pelos transeuntes, sorriam quando reconheciam alguém, voltavam às mãos, e de novo se afastavam. Dentro em pouco, outro menino se lhe juntou e começaram os dois a conversar e a rir, mas suas mãos não abandonavam um instante a tarefa. Havia já um considerável monte de flores amarradas; era ainda um pouco cedo, porém, para vendê-las. Parou o trabalho, levantou-se e afastou-se; mas logo voltou acompanhado de outro menino menor do que ele, provavelmente seu irmão. Em seguida, retornou à sua agradável tarefa, com a mesma facilidade e rapidez. Agora começavam a aparecer compradores, um por um ou em grupos. Deviam ser fregueses habituais, pois trocavam entre si sorrisos e algumas palavras. Daí por diante, não se afastou um

instante do seu ponto, durante mais de uma hora. Sentia-se a fragrância de muitas flores, e sorrimo-nos um para o outro.

A estrada levava a uma vereda e a vereda à casa.

Como estamos presos ao passado! Não, não estamos presos ao passado: nós *somos* o passado. E que coisa complicada é o passado. Camadas sobre camadas de lembranças não digeridas, tanto agradáveis como tristes. Ele nos persegue dia e noite, e ocasionalmente ocorre uma interrupção, revelando-nos uma 'uz muito clara. O passado é como uma sombra, e faz as coisas baças e tristes; nesta sombra, o presente perde a sua claridade, seu frescor, e o amanhã é a continuação dessa sombra. O passado, o presente e o futuro estão ligados pelo longo fio da memória; o feixe inteiro é memória, com pouca fragrância. O pensamento se move através do presente para o futuro, e vice-versa; como um animal inquieto atado a uma estaca, ele se move dentro do próprio raio, estreito ou amplo; jamais, porém, está livre da própria sombra. Este movimento é a ocupação da mente com o passado, o presente e o futuro. A mente *é* a ocupação. Se a mente não está ocupada, deixa de existir; a própria ocupação é sua existência. A ocupação, com insulto e lisonja, com Deus e bebida, com virtude e paixão, com trabalho e expressão, com amontoar e dar, é a mesma coisa; é sempre ocupação, preocupação, agitação. Estar ocupado com alguma coisa, sejam peças de mobília ou seja Deus, é um estado de vulgaridade, superficialidade.

A ocupação da mente dá um sentimento de atividade, de vitalidade; eis porque a mente acumula ou renuncia; ela se sustenta com ocupações. A mente precisa estar ocupada com alguma coisa. Aquilo com que está ocupada é de pouca monta; o que lhe importa é estar sempre ocupada, e as ocupações melhores têm significação social. Estar ocupada com algo é da natureza da mente, e sua atividade brota daí. Estar ocupada com Deus, com o Estado, com o saber, é a atividade da mente vulgar. A ocupação com alguma coisa implica limitação, e o deus da mente é um deus pequenino, não importa em que altura ela o coloque. Sem ocupação, a mente não existe; e o medo de não ser torna-a inquieta e ativa. Esta atividade incansável tem a aparência de vida, mas não é vida; conduz sempre à morte — uma morte que é a mesma atividade, sob outra forma.

O sonho é uma outra ocupação da mente, um símbolo de sua inquietação. O sonhar é a continuação do estado consciente, o prolongamento daquilo que não está ativo durante a vigília. A atividade, tanto da mente superficial como da mente mais profunda, é ocupacional. A mente só pode estar côncia do fim de uma coisa

como começo de outra, sem quebra da continuidade; nunca pode estar cônscia de um findar, mas só de um resultado, e o resultado é sempre continuidade. A busca de resultado é busca de continuidade. A mente e a ocupação nunca têm fim; e só para o que acaba pode haver o novo, só para o que morre pode haver vida. A morte da ocupação, da mente, é o começo do silêncio, do silêncio total. Não há nenhuma relação entre este silêncio imponderável e a atividade da mente. Para haver relação é necessário contacto, comunhão; mas não há contacto entre o silêncio e a mente. A mente não pode comungar com o silêncio; só pode ter contacto com o seu próprio estado projetado de si mesma, e a que ela chama silêncio. Mas este silêncio não é silêncio: é meramente outra espécie de ocupação. Ocupação não é silêncio. Só há silêncio com a morte da ocupação da mente com o silêncio.

O silêncio está além do sonho, além da ocupação da mente mais profunda. A mente mais profunda é um resíduo, o resíduo do passado, patente ou oculto. Este passado residual não pode *viver* o silêncio; pode sonhar com ele, como muitas vezes acontece; o sonho, entretanto, não é o real. O sonho é tomado muitas vezes pelo real, mas o sonho e o sonhador são ocupação da mente. A mente é um processo total, e não uma parte exclusiva. O processo total da atividade, residual e adquirente, *não pode comungar* com aquele silêncio que é inexaurível.

66. CESSAÇÃO DO PENSAMENTO

Era um homem instruído, versado na literatura clássica, e que costumava fazer citações dos antigos em abono dos seus próprios pensamentos. Seria mesmo de admirar que ele tivesse pensamentos independentes dos livros. Naturalmente, não há pensamento independente; todo pensamento é dependente, condicionado. O pensamento é a verbalização das influências. Pensar é ser dependente; o pensamento não pode, nunca, ser livre. Mas aquele homem dava muita importância à erudição; estava carregado de saber, e o erguia bem alto. Começou logo falando em sânscrito e ficou muito surpreso e até um pouco chocado, ao ver que nada entendíamos. Custou-lhe crê-lo. "O que tendes dito em várias reuniões mostra que, ou já lestes muito em sânscrito ou já estudastes as traduções de alguns dos grandes instrutores" — disse. Quando viu que assim não era, e que não houvera leitura de espécie alguma, de livros religiosos, filosóficos ou psicológicos, mostrou-se abertamente incrédulo.

É singular a importância que damos à palavra impressa, aos chamados livros sagrados. Os letrados, tais como os leigos, são gramofones; repetem sempre as mesmas coisas, por mais que se mudem os discos. Importa-lhes o saber, e não o viver, o experimentar. O saber é um empecilho ao experimentar. Mas o saber é um refúgio seguro, o aprisco de uns poucos; e como aos ignorantes o saber impressiona; o homem que sabe é respeitado e honrado. O saber é um apego, como o beber; o saber não traz compreensão. O saber pode ser ensinado; a sabedoria, não; precisa-se estar livre do saber para que venha a sabedoria. O saber não é a moeda para a compra da sabedoria; mas o homem que penetrou no refúgio do saber não se aventura a sair de lá, pois a palavra lhe nutre o pensamento, e o pensar lhe dá satisfação. O pensar é um empecilho ao experimentar; e não há sabedoria sem o experimentar. O saber, a idéia, a crença são obstáculos no caminho da sabedoria.

A mente ocupada não é livre, espontânea, e só na espontaneidade pode haver descobrimento. A mente ocupada é egocêntrica; ela é inacessível, invulnerável, e nisso consiste a sua segurança. O pensamento, pela sua própria estrutura, é isolante de si mesmo, e não pode tornar-se vulnerável. O pensamento não pode ser espontâneo, jamais pode ser livre. O pensamento é a continuação do passado, e o que continua não pode ser livre. Só há liberdade no findar.

A mente ocupada cria aquilo com que está ocupada. Pode produzir o carro de bois e o avião a jato. Podemos pensar que somos estúpidos, e somos estúpidos. Podemos pensar que somos Deus, e somos a nossa própria concepção: "Sou isto."

"Mas, por certo, é melhor estar ocupado com as coisas de Deus do que com as coisas do mundo, não achais?"

O que pensamos, somos. Mas a compreensão do processo do pensamento é o que importa, e não a coisa em que pensamos. Se pensamos em Deus ou se pensamos em beber — não é isso o que importa; cada uma dessas duas coisas tem seu efeito próprio, mas tanto num como noutro caso o pensamento está ocupado com suas próprias projeções. Idéias, ideais, alvos, etc., tudo isso são projeções ou continuações do pensamento. Estar ocupado com as próprias projeções, em qualquer nível que seja, é autolatria. O *Eu*, com "E" maiúsculo, é ainda uma projeção do pensamento. Qualquer coisa com que o pensamento esteja ocupado, essa coisa ele é; e o que ele é, é só pensamento, e nada mais. É importante, pois, compreender-se o processo do pensamento.

O pensamento é reação ao desafio, não é verdade? Sem desafio, não há pensamento. O processo de desafio e reação é experiência;

e a experiência verbalizada é pensamento. A experiência não é só do passado, mas também do passado em conjunção com o presente; ela é o consciente, bem como o oculto. Esse resíduo de experiência é memória, influência; e a reação da memória, do passado, é pensamento.

"Mas o pensamento é só isso? Não existem profundezas maiores do pensamento, além da mera reação da memória?"

O pensamento pode colocar-se, e com efeito se coloca, em níveis diferentes: o estúpido e o profundo, o nobre e o ignóbil; mas isto é sempre pensamento, não é? O Deus do pensamento é sempre um Deus da mente, da palavra. O pensar em Deus não é Deus, e sim mera reação da memória. A memória é de longa duração e por isso pode parecer profunda; entretanto, pela sua própria estrutura, ela não pode, nunca, ser profunda. A memória pode ser oculta, não estar diretamente à vista, mas isto não a torna profunda. O pensamento jamais pode ser profundo, nem mais do que ele próprio é. O pensamento pode atribuir-se um valor maior, mas permanece pensamento. Quando a mente está ocupada com sua própria projeção, isto não quer dizer que ela transcendeu o pensamento, e sim que só assumiu um novo papel, uma nova atitude; debaixo dessa capa, ela ainda é pensamento.

"Mas como se pode transcender o pensamento?"

Não é este o ponto essencial, é? Ninguém pode transcender o pensamento, porque aquele que faz esforço é resultado do pensamento. No descobrir do processo do pensamento, que é autoconhecimento, a verdade do que *é* põe fim ao processo de pensamento. A verdade do que *é* não pode ser encontrada em nenhum livro, antigo ou moderno. Aí, o que se encontra é a palavra, não a verdade.

"Como se pode então achar a verdade?"

Não se pode achar a verdade. O esforço para encontrá-la produz um resultado, projetado de nós mesmos; e este resultado não é a verdade. Nenhum resultado é a verdade: é continuação do pensamento que se expandiu ou projetou. Só quando termina o pensamento está presente a verdade. Não há terminação do pensamento por meio de compulsão, de disciplina, de qualquer forma de resistência. O escutar a história do que *é* traz, por sua própria ação, liberdade. A verdade é que liberta, e não o esforço para ser livre.

67. DESEJO E CONFLITO

Era um grupo agradável. Quase todos vivamente interessados e alguns que só ouviam para refutar. Escutar não é uma arte fácil

de aprender, mas nela há beleza e grande compreensão. Escutamos com os vários níveis do nosso ser, mas o nosso escutar é sempre acompanhado de um preconceito ou de um determinado ponto de vista. Não escutamos simplesmente; há sempre a interposição da cortina de nossos pensamentos, conclusões e preconceitos. Escutamos com prazer ou com resistência, acolhendo ou rejeitando: isto, porém, não é escutar. Para escutar, necessita-se de tranqüilidade interior, isenção do esforço para aquisição, uma atenção sem tensão. Este estado vigilante, porém passivo, é capaz de ouvir o que se acha além da conclusão verbal. As palavras confundem; elas são apenas o meio exterior de comunicação; mas para se comungar, além dos sons das palavras deve haver, no escutar, uma passividade vigilante. Os que amam podem escutar; mas é raríssimo encontrar-se um ouvinte capaz de escutar. A maioria de nós está em demanda de resultado e objetivos, sempre dominando e conquistando, e, por isso, não há o escutar. É só no escutar que se pode ouvir a canção das palavras.

"É possível ser-se completamente livre de desejos? Sem desejo, há vida? O desejo não é a própria vida? Querer libertar-se do desejo é querer a morte, não achais?"

Que é o desejo? Quando é que estamos cônscios dele? Quando é que dizemos que desejamos? O desejo não é uma abstração, pois só existe em relação. O desejo surge no contacto, na relação. Sem contacto, não há desejo. O contacto pode ser em qualquer nível; sem ele, entretanto, não há sensação, não há reação, nem desejo. Conhecemos o processo do desejo, a maneira como nasce: percepção — contacto — sensação — desejo. Mas, quando é que estamos cônscios do desejo? Quando é que digo que tenho um desejo? Só quando há a perturbação de prazer ou de dor. Quando se tem o percebimento do conflito, da perturbação, toma-se, então, conhecimento do desejo. O desejo é a reação inadequada ao desafio. A percepção de um carro bonito dá origem à perturbação de prazer. Esta perturbação é a consciência do desejo; o enfocamento da perturbação causada pelo prazer ou a dor é a consciência do *eu*. A consciência do *eu* é desejo. Ficamos conscientes quando ocorre a perturbação causada pela reação inadequada ao desafio. O conflito é consciência do *eu*. Pode-se ser livre desta perturbação, deste conflito do desejo?

"Quereis dizer, livre do conflito do desejo ou livre do próprio desejo?"

O conflito e o desejo são dois estados separados? Se são, nesse caso nossa investigação levará a ilusões. Se não houvesse perturbação de prazer ou de dor, de desejo, de busca, de preenchimento, negativo ou positivo, haveria desejo? E queremos libertar-nos da

perturbação? Se pudermos compreender isso, talvez possamos perceber a significação do desejo. O conflito é consciência do *eu*; o enfocamento da atenção, em virtude da perturbação, é desejo. Será que desejais ficar livre do elemento de conflito existente no desejo, e reter o elemento agradável? Tanto o prazer, como o conflito, são perturbadores, não é verdade? Ou pensais que o prazer não perturba?

"O prazer não traz perturbação."

É verdade isso? Nunca observastes a dor do prazer? O desejo de prazer não cresce sempre, não está sempre exigindo mais e mais? A ânsia de mais não é tão perturbadora como a ânsia de fuga? Ambas produzem conflito. Queremos conservar o desejo agradável e evitar o doloroso; mas se os examinarmos atentamente, porém, veremos que um e outro são perturbadores. Ora, desejais ficar livre de perturbação?

"Se não tivermos desejos, morreremos; se não tivermos conflitos, cairemos num estado de entorpecimento."

Estais falando com base em experiência, ou tendes apenas uma idéia a este respeito? Imaginamos como seria se não houvesse conflito, e evitamos assim a experiência do estado — como quer que seja — em que todo conflito cessou. Nosso problema é este: que é que causa o conflito? Pode-se ver uma coisa bela ou uma coisa feia, sem manifestar-se conflito? Pode-se observar, escutar, sem a consciência do *eu*? Não podemos viver sem perturbação? Não podemos viver sem desejo? Sem dúvida, precisamos compreender a perturbação, em vez de buscarmos uma maneira de dominar ou de exaltar o desejo. O conflito precisa ser compreendido, e não enobrecido ou reprimido.

Qual a causa do conflito? O conflito surge quando a reação não é adequada ao desafio; e este conflito é a focalização da consciência do *eu*. O *eu*, a consciência, enfocado pelo conflito, é experiência. Experiência é reação a um estímulo ou desafio; se não verbalizamos ou damos nome, não há experiência. O dar nome procede de verbalizar, de fabricar símbolos, imagens, palavras, que fortalecem a memória. A consciência, a focalização do *eu* através do conflito é este processo total de experiência — denominação — registro.

"Que é que, nesse processo, dá origem ao conflito? Pode-se estar livre de conflito? E que existe além do conflito?"

O dar nome é que faz surgir o conflito, não achais? Ides ao encontro do desafio, em qualquer nível, com um registro, uma idéia, uma conclusão, um preconceito; isto é, dais nome à experiência. Esta

verbalização dá qualidade à experiência, sendo a qualidade resultante do nome que se dá. Dar nomes é fazer registro de lembranças. O passado encontra-se com o novo; o desafio é enfrentado pela memória, o passado. As reações do passado não podem compreender o que é vivo e novo, o desafio; as reações do passado são inadequadas, e delas resulta o conflito, que é consciência do *eu*. O conflito cessa, quando não há processo de dar nomes. Podeis observar em vós mesmo, como o dar nomes é quase simultâneo com a reação. O intervalo entre a reação e o dar nome é o experimentar. O experimentar em que não há experimentador e coisa experimentada é livre de conflito. O conflito é a focalização do *eu*, e na cessação do conflito está o fim de todo o pensamento e o começo do inexaurível.

68. AÇÃO SEM OBJETIVO

Ele pertencia a várias organizações muito diferentes umas das outras, e exercia atividades em todas elas. Escrevia e falava, coletava fundos, organizava. Era enérgico, persistente e eficiente. Pessoa muito prestadia, muito reqüestada, vivia num vaivém perene através do país. Tomara parte nas agitações políticas, andara na prisão, seguira os líderes, e estava se tornando, agora, uma importante personagem, no gozo dos seus direitos. Era todo pela imediata efetivação de grandes projetos; e, como todas as pessoas estudadas, era versado em Filosofia. Disse ser homem de ação e não um contemplativo; citou uma frase sânscrita que, no seu entender, encerrava toda uma filosofia de ação. Sua própria afirmativa de que era um homem de ação dava a entender ser ele um dos elementos essenciais da vida — talvez não pessoalmente, mas como tipo. Havia classificado a si próprio e, portanto, fechado o caminho da compreensão de si mesmo.

Os rótulos parecem dar satisfação. Aceitamos a categoria a que supostamente pertencemos, como uma explicação satisfatória da vida. Somos adoradores de palavras e de etiquetas; parecemos nunca ultrapassar o símbolo, compreender o valor do símbolo. Intitulando-nos isto ou aquilo, *seguramo-nos* contra futuras perturbações, e quedamo-nos satisfeitos. Uma das misérias das ideologias e crenças organizadas é o conforto, a fatal satisfação que oferecem. Elas nos fazem dormir, neste sono sonhamos, e o sonho se torna ação. Com que facilidade somos distraídos! A maioria de nós quer ser distraída; estamos exaustos do conflito incessante, e as distrações transformaram-se em necessidade, tornaram-se mais importantes do que aquilo

que *é*. Pode-se brincar com distrações, mas não com o que *é*; as distrações são ilusões, e nelas há um perverso deleite.

Que é ação e qual o seu processo? Por que agimos? A mera atividade não é ação, por certo; manter-se ocupado, será, por acaso, ação? A dona de casa está sempre ativa, e chamaríeis a isso ação?

"Não, de certo que não. Ela só está ocupada com trabalhos rotineiros, sem importância. Um homem de ação ocupa-se com problemas e deveres mais importantes. A ocupação com problemas mais amplos e mais profundos pode ser chamada ação — não só em política, mas também na ordem espiritual. Exige capacidade, eficiência, esforço organizado, um ímpeto constante, na direção de um objetivo. O homem de ação não é um contemplativo, um místico, um eremita; é um homem de ação."

A ocupação com "iniciativas mais amplas" — a isto chamaríeis ação. Que são iniciativas mais amplas? Estão elas separadas da existência de cada dia? A ação tem existência separada do processo total da vida? Há ação, sem a integração de todas as numerosas camadas da existência? Sem se compreender e conseqüentemente integrar o processo total da vida, não é a ação mera atividade destrutiva? O homem é um processo total, e a ação tem de ser produto dessa totalidade.

"Mas isso significaria não só inação, como também um adiamento indefinido. Há urgência de ação, e nada se lucra em ficarmos filosofando a respeito dela."

Não estamos filosofando, mas só a perguntar-vos se isso a que se chama ação não estará produzindo males infindáveis. Toda reforma torna sempre necessárias novas reformas. A ação parcial não é ação, em absoluto; provoca a desintegração. Se quiserdes ter um pouco de paciência, descobriremos agora, e não no futuro, aquela ação que é total, integrada.

A ação com um objetivo pode ser chamada ação? Ter um objetivo, um ideal, e trabalhar para a sua realização — isso é ação? A ação que visa a um resultado é ação?

"De que outra maneira se pode agir?"

Denominais ação aquilo que tem em vista um resultado, um fim, não é verdade? Planejais o objetivo, ou tendes uma idéia, uma crença, e trabalhais em favor dela. Trabalhar para alcançar um objetivo, um fim, um alvo, físico ou psicológico: a isso, em geral, se chama ação. Este processo pode ser compreendido em relação com um fato físico, por exemplo, a construção de uma ponte; mas

é igualmente fácil compreendê-lo em relação com objetivos psicológicos? Ora, estamos conversando a respeito do objetivo psicológico, da ideologia, do ideal, da crença pela qual trabalhais. Chamaríeis ação a essa atividade dirigida a um objetivo psicológico?

"Ação sem objetivo não é ação, absolutamente; é morte. Inação é morte."

Inação não é o oposto de ação; é um estado completamente diferente, mas, por ora, isto é irrelevante; podemos considerá-lo mais tarde — voltemos, porém, ao nosso assunto. O trabalho em direção a um alvo, a um ideal, é geralmente chamado ação, não é verdade? Mas, como nasce o ideal? Ele é porventura diferente do que *é*? A antítese é uma coisa diferente e separada da tese? O ideal da não-violência é uma coisa totalmente diversa da violência? O ideal não é projetado de nós mesmos, não é produto de nossa própria fábrica? Quando agis, voltado para um objetivo, um ideal, estais a perseguir uma autoprojeção, não é verdade?

"O ideal é autoprojeção?"

Sois *isto* e quereis tornar-vos *aquilo*. Ora, *aquilo* é produto de vosso pensamento. Poderá não ser produto do vosso pensamento, mas ele nasce do pensamento, pois não? O pensamento projeta o ideal; o ideal faz parte do pensamento. O ideal não é uma coisa existente fora do pensamento: é o próprio pensamento.

"Qual é o demérito do pensamento? Por que não deveria o pensamento criar o ideal?"

Sois *isto* que não vos satisfaz, e, por isso, quereis ser *aquilo*. Se houvesse compreensão *disto*, poderia surgir *aquilo*? Por não compreenderdes *isto*, criais *aquilo*, esperando, por meio *daquilo*, compreender ou evitar *isto*. O pensamento cria o ideal e, bem assim, o problema. O ideal é uma autoprojeção; e ao vosso trabalho, dirigido para esta autoprojeção, chamais ação, ação com objetivo. Vossa ação, pois, está encerrada dentro dos limites da vossa própria projeção, que pode ser Deus ou o Estado. Este movimento dentro dos vossos próprios limites é atividade idêntica à do cão, perseguindo a própria cauda; isto é ação?

"Mas é possível agir sem objetivo?"

Claro que é. Se se percebe a verdade a respeito da ação com objetivo, há então a ação justa. Esta ação é a única eficaz, a única revolução radical.

"Entendeis ação sem o *eu*, não é verdade?"

Sim, ação sem idéia. A idéia é o *eu*, identificado com Deus ou com o Estado. Esta ação identificada só cria mais conflito, mais

confusão e sofrimento. É difícil, porém, para o *homem de ação*, assim chamado, abandonar a idéia. Sem a sua ideologia, ele se sente perdido, e, de fato, está perdido; não é ele, portanto, um homem de ação, mas um homem prisioneiro das próprias projeções, cujas atividades são a glorificação de si mesmo. Suas atividades contribuem para a separação, a desintegração.

"Que fazer, então?"

Compreender o que é a vossa atividade, pois só assim haverá ação.

69. CAUSA E EFEITO

"Sei que já fizestes curas." Não quereríeis curar o meu filho? Ele está quase cego. Já procurei vários médicos, e eles nada podem fazer. Aconselham-me a levá-lo à Europa ou à América, mas não sou rico e não tenho meios para isso. Por favor! não podeis fazer alguma coisa? É nosso filho único, e minha mulher está verdadeiramente desolada."

Era um funcionário subalterno, pobre mas instruído, e, como todos os da sua classe, conhecia o sânscrito e sua literatura. Repetia continuamente que era o *karma* do menino que o fazia sofrer, e também o *karma* deles próprios. Que haviam feito para merecer tamanha punição? Que mal haviam praticado, numa vida an erior ou nas primeiras quadras da presente, para terem de sofrer tamanha dor? Devia haver uma causa para esta calamidade, oculta em alguma ação do passado.

Deve haver alguma causa imediata desta cegueira, que os médicos ainda não descobriram; alguma doença hereditária tê-la-ia produzido. Se os médicos não descobrem a causa física, por que buscar uma causa metafísica, no passado remoto?

"Procurando a causa, posso ficar mais habilitado a compreender o efeito."

Compreende-se alguma coisa, conhecendo-se-lhe a causa? Se sabemos porque temos medo, libertamo-nos dele? Pode-se conhecer a causa, mas isso, em si, traz alguma compreensão? Quando dizeis que, conhecendo a causa, compreendereis o efeito, dais a entender que vos confortará saber como a coisa se originou, não é verdade?

"Naturalmente. Por isso desejo saber qual foi a ação do passado que produziu esta cegueira. Isto, certamente, será muito confortante."

Então o que quereis é conforto, e não compreensão.

"Mas, não vem a dar no mesmo? Compreender é achar conforto. Que vale a compreensão, se não há nela alegria?"

A compreensão de um fato pode causar perturbação; não traz necessariamente alegria. Quereis conforto, e é isto o que buscais. Perturba-vos o fato do padecimento de vosso filho e quereis ser apaziguado. A este apaziguamento chamais compreensão. Ponde-vos a caminho, não para compreender mas para serdes confortado; tencionais encontrar uma maneira de aquietar vossa perturbação, e a isto chamais investigação da causa. Vosso principal interesse é o de serdes posto a dormir, para não terdes perturbações, e estais procurando uma maneira de o serdes. Pomo-nos a dormir por diferentes meios: Deus, rituais, ideais, bebidas, etc. Quereis fugir da perturbação, e um dos meios de fuga é esta investigação da causa.

"Por que não se deve procurar libertar-se de uma perturbação? Por que não evitar o sofrimento?"

Evitando-se o sofrimento, há libertação do sofrimento? Podeis fechar a porta a uma coisa desagradável, mas essa coisa não deixa de existir por isso — está lá, do outro lado da porta, não é verdade? O que foi reprimido, repelido, não está compreendido, não achais? Pode-se reprimir ou disciplinar uma criança; isso, porém, não nos faz compreendê-la. Estais investigando a causa, a fim de evitardes a dor da perturbação; com esta intenção, procurais, e naturalmente encontrareis o que buscais. Uma pessoa só tem possibilidade de ficar livre do sofrimento, quando lhe observa o processo, quando está cônscia de cada uma das suas fases e lhe conhece a estrutura completa. Evitar o sofrimento é fazê-lo mais forte. A explicação da causa não é compreensão da causa. Pelas explicações, não sois libertado do sofrimento; o sofrimento continua a existir: apenas o cobristes com palavras, conclusões, vossas ou de outrem. O estudo de explicações não é o estudo da sabedoria. Somente ao cessarem as explicações pode existir a sabedoria. Estais procurando ansiosamente explicações que vos ponham a dormir, e as achareis; mas uma explicação nunca é a verdade. A verdade vem quando há observação, sem conclusões, sem explicações, sem palavras. O observador é formado de palavras, o *eu* é feito de explicações, conclusões, condenações, justificações, etc. Só pode haver comunhão com o observado quando não existe o observador; e só então há compreensão, e se está livre do problema.

"Parece-me estar percebendo. Mas não existe *karma*?"

Que entendeis por esta palavra?

"As circunstâncias presentes são o resultado de ações anteriores, do passado recente ou remoto. Este processo de causa e efeito, com todas as suas ramificações, é mais ou menos o que se entende por *karma*."

Isto é só uma explicação; mas, passemos além das palavras. Existe uma causa fixa a produzir um efeito fixo? Quando causa e efeito são fixos, isto não significa morte? Qualquer coisa estática, rígida, especializada, tem de morrer. Os animais especializados morrem facilmente, não é verdade? O homem é não-especializado e tem, portanto, a possibilidade de existência contínua. O que é flexível perdura; o que não é flexível se quebra. A bolota não pode tornar-se outra coisa, senão um carvalho; causa e efeito estão contidos na bolota. Mas o homem não está completamente fechado, especializado; por conseguinte se ele não se destruir a si próprio, por várias maneiras, está apto a sobreviver. Causa e efeito são fixos, estacionários? Quando empregais a conjunção "e" entre estas duas palavras, isto não subentende que as duas coisas são estacionárias? Mas a causa é em algum tempo estacionária? O efeito é sempre imutável? Sem dúvida, causa-efeito é um processo contínuo, não? Hoje é o resultado de ontem, e amanhã será o resultado de hoje; o que era causa se torna efeito, e o que era efeito transforma-se em causa. É um processo encadeado, não é verdade? Uma coisa flui para a outra e não há interrupção em ponto algum. É um movimento constante, sem fixação. Há muitos fatores desse movimento de causa-efeito-causa.

As explicações, as conclusões são estacionárias — quer sejam da direita ou da esquerda, ou da crença organizada, chamada religião. Quando se procura cobrir com explicações o que é vivo, sobrevém a morte do vivo, que é o que quase todos nós desejamos: queremos ser postos a dormir pela palavra, pela idéia, pelo pensamento. A racionalização é apenas uma outra maneira de quietar o estado de perturbação; mas o próprio desejo de ser posto a dormir, de encontrar a causa, de procurar conclusões, traz perturbação, e o pensamento se vê assim apanhado numa rede que ele próprio teceu. O pensamento não pode ser livre nem, em tempo algum, fazer-se livre. O pensamento é resultado da experiência, e a experiência é sempre condicionada. O percebimento do falso, como falso, é a libertação, que vem da verdade.

70. EMBOTAMENTO

Quando o trem partiu ainda estava claro, mas as sombras já se alongavam. A cidade enroscava-se na via férrea; gente saía de casa, para ver o trem passar, e passageiros acenavam para os amigos. Com grande estrondo, começamos a atravessar a ponte sobre a larga curva do rio; naquele ponto tinha ele várias milhas de largura e mal se distinguia a outra margem, na luz que rapidamente desmaiava. O trem ia atravessando a ponte muito devagar, como a tatear o caminho; os arcos da ponte eram numerados e contamos cinqüenta e oito, entre as duas margens. Como eram belas aquelas águas — silenciosas, ricas, profundas! Havia ilhas de areia, tão frescas e convidativas, vistas de longe! A cidade, com seus barulhos, sua poeira e sordidez, ficara para trás, e o ar puro da tarde entrava pelas janelas; mas o pó voltaria, assim que deixássemos a ponte.

O homem do leito inferior era muito loquaz e, como tínhamos a noite inteira à nossa frente, achava-se no direito de fazer perguntas. Era um homem de compleição robusta, mãos e pés grandes. Começou falando de si mesmo, sua vida, suas preocupações e seus filhos. Dizia que a Índia devia tornar-se próspera como a América; o superpovoamento devia ser controlado e devia ser despertado no povo o senso de responsabilidade. Falou sobre a situação política e sobre a guerra, e concluiu com um relato de suas viagens.

Como somos insensíveis, como carecemos de reações prontas e adequadas, de liberdade para observar! Sem sensibilidade, como pode haver flexibilidade e uma percepção vitalizante? Como pode haver receptividade, uma compreensão livre de esforço? O próprio esforço impede a compreensão. A compreensão vem com a sensibilidade em alto grau. Mas sensibilidade não é uma coisa cultivável. O que se pode cultivar é uma atitude artificial, um polimento superficial; este verniz não é sensibilidade, é um maneirismo, tênue ou espesso, conforme a influência recebida. A sensibilidade não é um efeito cultural, um resultado de influência; é um "estado de ser", vulnerável, amplo. O amplo é "o implícito", "o desconhecido", "o imponderável". Mas nós tomamos cuidado para não ser sensíveis, pois isso é muito doloroso, exige muito esforço, requer ajustamento constante, consideração. Considerar é estar vigilante; entretanto, preferimos ser confortados, postos a dormir, deixar-nos embotar. Em conseqüência de nosso hábito inveterado de ler, os jornais, revistas e livros vão imprimindo em nós as suas mossas, embotando-nos cada vez mais; porque a leitura é uma fuga maravilhosa, tal

como a bebida ou uma cerimônia religiosa. Queremos fugir à dor da vida, e o embotamento é o meio mais eficaz: o embotamento produzido pelas explicações, pelo seguir um guia ou um ideal, pelo identificar-nos com uma realização, um rótulo ou uma característica. A maioria de nós quer deixar-se embotar, e o hábito é um entorpecente dos mais eficazes. O hábito da disciplina, do exercício, do esforço constante — para vir a ser — eis várias maneiras respeitáveis de nos fazermos insensíveis.

"Mas que se poderia realizar na vida, se todos fôssemos sensíveis? Estaríamos sempre a encolher-nos, a retrair-nos, e não haveria ação eficaz."

E que trazem para o mundo os que estão embotados e insensibilizados? Qual é o resultado de sua "ação eficaz"? — Guerras, confusão interior e exterior, crueldade e sofrimentos cada vez maiores para eles próprios e para o mundo. A ação dos que nunca estão vigilantes leva inevitavelmente à destruição, à insegurança física, à desintegração. Sensibilidade, entretanto, não é fácil de adquirir; sensibilidade é a compreensão do simples, o que é altamente complexo. Não significa retraimento, encolhimento, processo de isolamento. Agir com sensibilidade é estar cônscio do processo total do *agente*.

"Mas o compreender o processo total de mim mesmo levará muito tempo, e enquanto isso os meus negócios irão à ruína e minha família morrerá de fome."

Vossa família não morrerá de fome; mesmo que não tenhais economizado dinheiro suficiente, é sempre possível achar um meio de sustentá-la. Vossos negócios, sem dúvida, irão à ruína; mas a desintegração já se está verificando em outros níveis da vossa existência. Só vos preocupa o desmoronamento exterior e não quereis ver nem saber o que está acontecendo dentro de vós mesmo. Desprezando o interior, quereis construir o exterior; entretanto, o interior sempre há de sobrepujar o exterior. O exterior não pode durar, se não há plenitude interior; mas a plenitude interior não é a sensação continuamente repetida da religião organizada, nem a acumulação de fatos, chamada saber. A índole de nossas ocupações interiores tem de ser compreendida para que o exterior possa sobreviver e ser saudável. Não afirmeis que não tendes tempo, pois tendes muito tempo; não há falta de tempo; o que há é pouco caso, desinclinação. Não tendes riquezas interiores, porque desejais a *satisfação* das riquezas interiores, como já possuís a satisfação que vem do exterior. Não estais à caça dos recursos necessários para sustentar

a vossa família, mas, sim, da satisfação de possuir. O homem que possui, sejam bens materiais ou seja saber, nunca poderá ser sensível, nunca será vulnerável ou *aberto*. Possuir é deixar-se embotar, seja virtude, sejam moedas o que se possui. Possuir uma pessoa é descobrir tal pessoa; procurar a Realidade para possuí-la, é negar a Realidade. Quando procurais tornar-vos virtuoso, já não sois virtuoso; vossa busca de virtude é apenas obtenção de satisfação num nível diferente. A satisfação não é virtude, mas a virtude é liberdade.

Como pode ser livre o homem embotado, o homem respeitável, o homem não-virtuoso? A libertação da solidão não é o processo enclausurante do isolamento. Estar isolado na riqueza ou na pobreza, no saber ou no sucesso, na idéia ou na virtude, é estar embotado, é ser insensível. Os homens embotados, os homens respeitáveis, não podem comungar; e quando o fazem, comungam com as "projeções" deles próprios. Para comungar é preciso sensibilidade, vulnerabilidade, libertação do "vir a ser", que é libertação do medo. O amor não é "vir a ser", um estado de "eu serei". Quem está empenhado em "vir a ser" não pode comungar, pois está sempre a isolar-se. O amor é o vulnerável; o amor é o aberto, o imponderável, o desconhecido.

71. CLARIDADE NA AÇÃO

Era uma bela manhã, límpida após as chuvas. As árvores ostentavam folhas novas e tenras, que a brisa do mar fazia dançar. O capim era verde e suculento, e o gado o devorava avidamente, pois dentro de poucos meses não restaria uma folhinha sequer. A fragrância do jardim enchia a sala, e crianças gritavam e riam. Os coqueiros estavam carregados de cachos dourados e as folhas das bananeiras, grandes e oscilantes, ainda não tinham sido rompidas pelo tempo e pelo vento. Como estava bela a terra, e que poema de cores! Depois da aldeia, além das grandes casas e dos arvoredos, via-se o mar, cheio de luz e de ondas a ribombarem na praia. Muito longe, uma pequena jangada feita de uns poucos toros, com um pescador solitário.

Ela era muito jovem, pelos vinte e poucos anos, casada não havia muito tempo, mas a passagem dos anos já começava a lhe imprimir suas marcas. Afirmou ser de boa família, culta e ativa. Tirara o seu diploma de M.A.[1] com distinção, e, evidentemente,

(1) *Magister Artium*. (N. do T.)

era uma pessoa viva e alertada. Uma vez que se decidisse, falava com facilidade e fluência; mas subitamente se tornava acanhada e se calava. Desejava aliviar-se de um peso, e disse não haver falado com ninguém a respeito do seu problema, nem mesmo com os pais. Gradualmente, pouco a pouco, a sua mágoa foi traduzida em palavras. As palavras só têm significação até certo nível; elas tem a peculiaridade de desfigurar a coisa que simbolizam, de não dar a sua significação completa, de produzir uma ilusão inteiramente não--intencional. Desejava transmitir muito mais do que o simples significado das palavras, e o conseguiu; não podia falar de certas coisas, por mais que se esforçasse, mas o seu próprio silêncio dizia das amarguras e das intoleráveis ofensas sofridas pela sua dignidade, numa relação que já não era mais do que um simples contrato. Fora espancada e abandonada pelo marido, e os filhos, ainda pequenos, mal podiam ser considerados companheiros. Que fazer? Estavam agora separados, e devia ela voltar para a companhia do marido?

Que poderosa influência tem sobre nós a respeitabilidade! Que dirão de nós? Pode uma pessoa, principalmente uma mulher, viver só, sem que se digam coisas desabonadoras a seu respeito? A respeitabilidade é uma capa para os hipócritas; em pensamento, cometemos todos os crimes possíveis; exteriormente, entretanto, queremos ser irreprocháveis. Aquela senhora estava cortejando a respeitabilidade e se achava confusa. É extraordinário — quando há clareza dentro em nós mesmos — como tudo é correto, aconteça o que acontecer. Quando há esta clareza interior, o que é correto não é conforme ao nosso desejo, mas tudo o que *é* é correto. O contentamento vem com a compreensão do que *é*. Mas, como é difícil ter clareza!

"Como posso ter clareza sobre o que devo fazer?"

A ação não vem depois da clareza: a clareza *é* ação. Estais interessada no que deveis fazer, e não em ter clareza. Estais a debater-vos entre a respeitabilidade e o que deveis fazer, entre a esperança e o que *é*. O desejo dual de respeitabilidade e de uma ação ideal traz conflito e confusão, e, só quando uma pessoa é capaz de observar o que *é*, há claridade. O que *é* não é o que *deveria ser*, que é o desejo incompreendido e desfigurado, acomodado a determinado padrão. O que *é* é o real; não é o desejável, mas o fato. Provavelmente nunca considerastes a questão desta maneira; tendes refletido ou calculado sagazmente, pesando isto contra aquilo, planeando e contraplaneando, e isto, evidentemente, vos levou a esta confusão que vos faz perguntar o que deveis fazer. Qualquer escolha que se faça no estado de confusão, só pode levar a uma confusão maior.

Vede isso com toda a simplicidade e diretamente; se assim fizerdes, estareis apta a observar o que *é*, sem desfiguração. "O implícito" traz a sua própria ação. Quando está bem claro o que *é*, vê-se que não há escolha, apenas ação, e nunca se faz a pergunta "que devo fazer?"; esta questão só se apresenta, quando há a hesitação da escolha. A ação não vem da escolha; a ação que resulta de escolha é a ação da confusão.

"Começo a perceber a significação do que dizeis: devo ter clareza dentro de mim mesma, mas sem a persuasão da respeitabilidade, sem cálculo interesseiro, sem espírito mercantil. Estou vendo com clareza, mas é difícil manter a clareza, não é?"

Absolutamente. Manter é resistir. Não se trata de manter a clareza e repelir a confusão: trata-se de perceber o que é a confusão e ver que toda ação dela proveniente tem de gerar inevitavelmente mais confusão. Quando se percebe bem isso, não porque outro o disse, mas porque o vemos diretamente por nós mesmos, existe então claridade em torno do que *é*; não se precisa manter esta claridade, ela *existe*.

"Percebo exatamente o que estais dizendo. Sim, está tudo claro para mim. Muito bem; mas, que dizeis do amor? Nós não sabemos o que significa o amor. Eu julgava amar; vejo, porém, que não amo."

Do que me dissestes, depreende-se que vos casastes por medo à solidão e por motivos e necessidades físicas; e descobristes que nada disto é amor. Podeis tê-lo chamado amor, para o fazerdes respeitável, mas na realidade era um negócio de conveniência, debaixo da capa da palavra "amor". Para a maioria das pessoas, o amor é isto, com todo o seu fumo e confusão: medo da insegurança, da solidão, da frustração, do abandono na velhice, etc. Mas tudo isso é mero processo de pensamento, e, portanto, evidentemente, não é amor. O pensamento leva à repetição e a repetição torna insípidas as relações. O pensamento é um processo ruinoso; ele não se renova, e só pode ter existência contínua; e o que tem continuidade não pode ser novo, vigoroso. O pensamento é sensação, o pensamento é sensual, o pensamento é o problema sexual. O pensamento não pode pôr fim a si mesmo, para se tornar criador; o pensamento não pode transformar-se em coisa diferente do que é — e ele é sensação. O pensamento é sempre coisa deteriorada, passada, velha; o pensamento não pode ser novo. Como vistes, o amor não é pensamento. O amor existe, quando o pensador não existe. O pensador não é uma entidade diferente do pensamento; o pensador e o pensamento são um só. O pensador é o pensamento.

O amor não é sensação: é chama sem fumo. Conhecereis o amor, quando vós, como pensador, não existirdes mais. Não podeis sacrificar a vós mesma — o pensador — para terdes amor. Não pode haver ação deliberada tendo o amor por alvo, pois o amor não é coisa da mente. A disciplina, a vontade de amar, é o pensamento de amor; e o pensamento de amor é sensação. O pensamento não pode pensar o amor, porque o amor está fora do alcance da mente. O pensamento é contínuo e o amor é inexaurível. O inexaurível é sempre novo, e o que tem continuação está sempre com medo de acabar-se. O que se acaba conhece o eterno começar que decorre do amor.

72. IDEOLOGIA

"Todas estas falas a respeito de Psicologia, das operações internas da mente, são pura perda de tempo; o povo quer trabalhar e comer. Não estais desencaminhando deliberadamente os vossos ouvintes, quando é tão evidente que a situação econômica tem de ser atacada em primeiro lugar? O que dizeis poderá ser eficaz, em suas últimas conseqüências, mas que utilidade têm estas coisas quando o povo está faminto? Ninguém pode pensar nem fazer coisa alguma de barriga vazia."

Evidentemente é preciso ter alguma coisa no estômago, para se ser capaz de prosseguir; para que haja, porém, comida para todos, necessita-se de uma revolução fundamental em nossas maneiras de pensar, e daí a importância de se atacar o *front* psicológico. Para vós, uma ideologia é muito mais importante do que a produção de alimentos para todos. Podeis falar sobre a necessidade de alimentar os pobres, de ter consideração por eles, mas não estais muito mais interessados numa idéia, numa ideologia?

"Sim, estamos; entretanto, a ideologia é apenas um meio de unir o povo para a ação coletiva. Sem uma idéia, não pode haver ação coletiva; a idéia, o plano, tem de vir em primeiro lugar, e, em seguida, virá a ação."

Nesse caso, estais também interessados, em primeiro lugar, nos fatores psicológicos, de onde resultará, em seguida, aquilo a que chamais ação. Portanto, não quereis dizer que falar de fatores psicológicos é desencaminhar deliberadamente o povo; o que quereis dizer é que vós tendes a única ideologia racional e, por conseguinte, por que incomodar-nos com outras considerações? Desejais agir co-

letivamente pela vossa ideologia e tal é a razão por que dizeis que outras considerações sobre o processo psicológico constituem não só um desperdício de tempo, mas também um desvio do resultado principal: o estabelecimento de uma sociedade sem classes, com trabalho para todos, etc.

"Mas a nossa ideologia é o resultado de um amplo estudo histórico, é a História interpretada de acordo com os fatos; é uma ideologia de fatos, e sem semelhança nenhuma com as crenças supersticiosas da religião. A nossa ideologia se estriba na experiência direta e não em meras visões e ilusões."

As ideologias e os dogmas das religiões organizadas são também baseadas na experiência — porventura daquele que pregou as suas doutrinas. São baseadas também em fatos históricos. Pode vossa ideologia ser o resultado de estudo, de comparações, da aceitação de certos fatos e rejeição de outros e vossas conclusões podem ser produto da experiência; mas por que rejeitar as ideologias de outros, quando também elas são o fruto de experiência? Reunis um grupo ao redor de vossa ideologia, tal como outros o fazem, ao redor da sua; desejais ação coletiva, e também eles a desejam, de maneira diferente. Tanto num como noutro caso, o que chamais ação coletiva resulta de uma idéia; ambas as partes estão interessadas em idéias, positivas ou negativas, para promover a ação coletiva. Cada uma destas ideologias é baseada na experiência, só que vós refutais a validade da experiência deles, e eles refutam a validade da vossa. Afirmam eles que vosso sistema é inexeqüível, conducente à escravidão, etc., e vós os chamais de traficantes de guerras e dizeis que o sistema deles levará, necessária e inevitavelmente, ao desastre econômico. Vê-se, pois, que tanto vós como os outros estais interessados nas vossas ideologias e não em alimentar o povo ou em promover-lhe a felicidade. As duas ideologias estão em guerra uma com a outra, e o homem — esquecido.

"Esquece-se o homem para salvar o homem. Sacrificamos o homem atual para salvar o homem futuro."

Destruís o presente a bem do futuro. Assumis os poderes da Providência, em nome do Estado, tal como a Igreja o faz em nome de Deus. Ambos tendes vosso deus e vosso livro sagrado; ambos tendes intérpretes infalíveis, sacerdotes — e ai daquele que se desviar do verdadeiro, do autêntico! Não há muita diferença entre vós; sois muito semelhantes; vossas ideologias podem variar; mas o "processo" é mais ou menos o mesmo. Um e outro quereis salvar o homem futuro como a palma de vossas mãos, como se o futuro fosse uma

coisa fixa e tivésseis o monopólio dele! Entretanto, o amanhã é tão incerto para vós como para qualquer um de nós. Há tantos fatos imponderáveis no presente, que vão constituir o futuro! Ambos prometeis uma recompensa, uma Utopia, um céu no futuro; mas o futuro não é uma conclusão ideológica. As idéias concernem sempre ao passado ou ao futuro, nunca ao presente. Não se pode ter uma idéia do presente, pois o presente é ação, a única ação que existe. Qualquer outra ação é demora, adiamento, e portanto não é ação e sim fuga à ação. A ação baseada numa idéia, do passado ou do futuro, é inação; ação só pode haver no presente, no agora. A idéia se refere ao passado ou ao futuro, e não pode haver idéia em relação com o presente. Para o adepto de uma ideologia o passado, ou o futuro, é um estado fixo, pois ele próprio pertence ao passado ou ao futuro e nunca se situa no presente: a vida para ele está sempre ou no passado ou no futuro, jamais no agora. A idéia é sempre do passado, penetrando, como um fio, através do presente, para o futuro. Para o ideólogo o presente é uma passagem para o futuro e, por conseguinte, sem importância; os meios não importam em absoluto, mas só o fim. Usem-se quaisquer meios para se alcançar o fim. O fim é fixo, o futuro é conhecido, e portanto liquide-se todo aquele que ponha obstáculos no caminho que leva ao fim.

"A experiência é essencial à ação, e as idéias ou explicações provém da experiência. Por certo, não rejeitais a experiência. A ação sem a idéia é anarquia caótica, e leva diretamente ao hospício. Advogais a ação, sem a força coesiva da idéia? Como se pode fazer alguma coisa, sem se ter primeiro a idéia?"

Como dizeis, a idéia, a explicação, a conclusão é produto da experiência; sem experiência não pode haver conhecimento; sem conhecimento, não pode haver ação. A idéia vem depois da ação, ou vem primeiro a idéia e depois a ação? Afirmais que a experiência vem em primeiro lugar, e depois a ação, não é verdade? Que entendeis por experiência?

"Experiência é o saber do mestre, do escritor, do revolucionário; saber que eles acumularam com seus estudos e experiências, próprias e de outros. Com o saber e a experiência se constroem as idéias, e desta estrutura ideológica decorre a ação."

É a experiência o critério único, o verdadeiro padrão de medida? Que se entende por experiência? Nossa conversação é uma experiência: estais reagindo a estímulos, e esta reação e desafio se chamam experiência, não é verdade? Desafio e reação são um processo quase simultâneo; são um movimento constante dentro da estrutura

de um determinado *fundo* (*bakground*). Este fundo é que reage ao desafio, e esta reação ao desafio é experiência, não? A reação vem do *fundo*, resulta de um condicionamento. A experiência é sempre condicionada e, portanto, a idéia também o é. A ação baseada em idéia é ação condicionada, limitada. A experiência, a idéia, em oposição a outra experiência, outra idéia, não produz síntese, apenas maior oposição. Não podem os opostos prduzir uma síntese. Só se produz integração, quando não há opostos; mas as idéias geram sempre posição, o conflito dos opostos. Em nenhuma circunstância pode o conflito produzir uma síntese.

A experiência é a reação do *fundo*, ao desafio. O fundo é a influência do passado, e o passado é memória. A reação da memória é a idéia. Uma ideologia construída com a memória, chamada experiência, conhecimento, não pode, nunca, ser revolucionária. Poderá intitular-se revolucionária, mas é tão-somente uma continuação modificada do passado. Uma ideologia ou doutrina oposta é ainda idéia, e a idéia é, necessariamente, sempre do passado. Nenhuma ideologia é *a* ideologia; mas se dissésseis que vossa ideologia é limitada, baseada em preconceito, condicionada, como outra qualquer, ninguém vos seguiria. Tendes de dizer que ela é a única ideologia que pode salvar o mundo. E, como somos, na maioria, aficionados das fórmulas, das conclusões, seguimos, e somos literalmente explorados, e o explorador, por sua vez, é também explorado.

A ação baseada em idéia jamais será uma ação libertadora, porém sempre escravizante. A ação dirigida a um fim, um alvo, redunda afinal em inação. A curto prazo, poderá figurar como ação: mas essa ação é suicida — um fato bem evidente da vida cotidiana.

"Mas pode-se, em algum tempo, estar livre de todo e qualquer condicionamento? Cremos não ser isso possível."

Aí estais de novo na prisão da idéia, da crença. Vós credes e outro não crê; ambos sois prisioneiros das vossas crenças, ambos *experimentais* de acordo com vosso condicionamento. Só se pode descobrir se é possível estar livre, pela investigação do processo completo do condicionamento, da influência. A compreensão desse processo é autoconhecimento. Só pelo autoconhecimento se encontra a libertação da servidão, e esta liberdade é completamente vazia de crenças e de ideologias.

73. A BELEZA

A aldeia era suja, mas ao redor de cada cabana havia limpeza. Os degraus da frente eram lavados e adornados todos os dias e dentro a cabana era limpa, embora um pouco enfumaçada pela cozinha. A família inteira lá estava, o pai, a mãe, os filhos, e uma velha que devia ser a avó. Pareciam todos muito alegres e felizes. Era impossível comunicação verbal, pois não sabíamos a língua deles. Sentamo-nos e ninguém se sentiu embaraçado. Todos continuaram com suas ocupações, mas as crianças se aproximaram, um menino e uma menina, e sentaram-se, sorrindo. O jantar, pouco farto, estava quase pronto. Ao retirar-nos, todos vieram para fora, ver-nos partir; o sol estava do outro lado do rio, atrás de uma nuvem grande, solitária. A nuvem, em chamas, fazia as águas resplandecerem, lembrando um incêndio na floresta.

As longas fileiras de cabanas eram separadas por um caminho bastante largo, ladeado de valas, onde germinavam todos os horrores imagináveis. Podiam-se ver vermes brancos agitando-se no lodo negro. Crianças brincavam no caminho, completamente absorvidas nos seus folguedos, rindo e gritando e indiferentes aos passantes. Acompanhando as margens do rio, as palmeiras se destacavam contra o céu incendiado. Porcos, cabras e gado vagueavam pelas vizinhanças das cabanas e, de vez em quando, as crianças enxotavam uma cabra ou uma vaca magra do caminho. A aldeia acalmava-se, com o cair da noite, e também as crianças, chamadas pelas mães, iam-se aquietando.

A casa-grande tinha um belo jardim, cercado de muros brancos e altos. Florido e variegado, o jardim devia ter custado muito dinheiro e muitos desvelos. Havia nele uma tranqüilidade extraordinária; tudo vicejava ali, e a beleza da árvore grande parecia proteger todas as outras vegetações. A fonte, que certamente fizera as delícias de muitos pássaros, agora cantava para si mesma, sozinha e em paz. Tudo se recolhia para a noite.

Ela era dançarina, não por profissão, mas por gosto. Era considerada por alguns como uma dançarina de classe. Devia sentir-se orgulhosa de sua arte, pois notava-se-lhe um ar de arrogância — não só a arrogância do sucesso mas também a que decorria de um certo sentimento interior de seu próprio valor espiritual. Assim como um outro se sentiria satisfeito com o sucesso exterior, ela se sentia grandemente satisfeita com o seu progresso espiritual. O progresso espiritual é uma ilusão que impingimos a nós mesmos, mas muito deleitável. Usava jóias e tinha as unhas vermelhas; os lábios estavam pintados da cor adequada. Ela não apenas dançava: tam-

bém fazia conferências sobre arte, beleza, perfeição espiritual. Vaidade e ambição estampavam-se-lhe no rosto; desejava tornar-se conhecida, tanto pela sua espiritualidade como pelos seus dotes de artista, e atualmente o espírito estava levando a palma.

Adiantou não ter problemas pessoais; desejava, porém, conversar acerca da beleza e do espírito. Não ligava importância aos problemas pessoais, afinal de contas bastante estúpidos — mas se interessava por questões de maior amplitude. Que era a beleza? Era interior ou exterior? Subjetiva ou objetiva, ou uma combinação das duas coisas? Sentia-se tão segura de suas bases, e a segurança é a negação do belo. Estar certo e seguro é estar fechado, é ser egocêntrico e invulnerável. Sem se estar aberto, como pode haver sensibilidade?

"Que é a beleza?"

Esperais uma definição, uma fórmula, ou desejais investigar?

"Mas não é necessário um instrumento para a investigação? Sem se saber, sem se receberem explicações, como se pode investigar? Precisamos saber aonde vamos, antes de pôr-nos a caminho."

O saber não impede a investigação? Quando se sabe, como pode haver investigação? A própria palavra "saber" não indica um estado em que cessou a investigação? Saber é não investigar. Portanto, o que estais pedindo é apenas uma conclusão, uma definição. Há alguma medida para a beleza? A beleza é cotejo com um padrão conhecido ou imaginado? A beleza é uma abstração não encaixada numa moldura? A beleza é coisa separada, e pode a coisa separada ser coisa integrada? Pode ser belo o exterior, sem a liberdade interior? A beleza é decoração, adorno? É a ostentação exterior de beleza sinal de sensibilidade? Que buscais? Uma combinação do exterior e do interior? Como pode haver beleza exterior, sem beleza interior? A qual das duas atribuís mais valor?

"Atribuo igual valor a todas duas; sem a forma perfeita como pode haver vida perfeita? A beleza é a combinação do exterior e do interior."

Muito bem; tendes uma fórmula de tornar-se belo. A fórmula não é beleza, mas apenas uma série de palavras. Ser belo não é o processo de vir a ser belo. Que estais buscando?

"A beleza da forma e do espírito. Necessita-se de um belo vaso para a flor perfeita."

Pode haver harmonia interior e, quiçá, harmonia exterior, sem a sensibilidade? A sensibilidade não é essencial para a percepção do feio ou do belo? A beleza é evitação do feio?

"É, naturalmente."

A virtude é evitação, resistência? Se há resistência, pode haver sensibilidade? Não é necessário liberdade para que haja sensibilidade? Pode o egocêntrico ser sensível? Pode o ambicioso ser sensível, estar cônscio da beleza? A sensibilidade, a vulnerabilidade ao que *é*, é essencial, não achais? Queremos identificar-nos com o que chamamos belo e evitar o que chamamos feio. Queremos estar identificados com o belo jardim e fechar os olhos à aldeia malcheirosa. Queremos resistir e ao mesmo tempo receber. Toda identificação não significa resistência? Estar cônscio da aldeia e jardim, sem resistência, sem comparação, é ser sensível. Quereis ser sensível só para o belo, para a virtude, e resistir ao mau, ao feio. A sensibilidade, a vulnerabilidade é um processo total, não pode ficar limitada a um determinado nível agradável.

"Mas eu estou procurando beleza, sensibilidade."

Realmente? Nesse caso toda preocupação a respeito da beleza deve cessar. Esta consideração, este culto da beleza é uma fuga do que *é*, de vós mesma, não? Como podeis ser sensível, se não estais cônscia do que sois, do que *é*? Os ambiciosos, os astutos, os que cultuam a beleza estão apenas adorando projeções de si próprios. Estão completamente fechados no seu *eu*, construíram uma muralha ao redor de si mesmos; e, como nada pode viver no isolamento, há, aí, sofrimento. Esta busca da beleza e o incessante falar sobre arte são fugas respeitáveis e altamente consideradas, fugas da vida, isto é, de nós mesmos.

"Mas a música não é fuga."

É, quando substitui a compreensão de nós mesmos. Sem a compreensão de nós mesmos, toda atividade leva à confusão e à dor. Só há sensibilidade, quando há a liberdade que a compreensão traz, a compreensão das atividades do *eu*, do pensamento.

74. INTEGRAÇÃO

Os cachorrinhos, roliços e limpos, brincavam na areia quente. Eram seis, brancos com malhas marrom-claro. A mãe, deitada a poucos passos deles, na sombra, estava magra e acabada, e tão sarnenta que quase não se lhe via nenhum pêlo. Embora cheia de feridas, ela agitava a cauda, toda orgulhosa daqueles filhotes redondinhos. Provavelmente não duraria mais de um mês, se tanto. Era

um desses cães vagabundos, que vivem do que conseguem achar nas ruas imundas ou ao redor das aldeias pobres, sempre famintos e perseguidos. Os seres humanos lhe atiravam pedras e a escorraçavam de suas portas; portanto, cumpria evitá-los. Mas ali, naquela sombra confortadora, as memórias de ontem estavam muito longe, e ela, exausta; de mais a mais, os seus bebês estavam sendo afagados e se estava falando com eles. A tarde já ia adiantada; a brisa que vinha do outro lado do rio era refrescante, e por ora gozava-se tranqüilidade. Onde obter a próxima refeição era outra questão — mas, por que lutar agora?

Depois da aldeia e de um curto trecho do cais, além das plantações, e descendo uma ladeira poeirenta e barulhenta, chegamos à casa, onde várias pessoas nos aguardavam para conversar. Era gente de todo o tipo: o ponderado e o entusiasta, o moroso e o discutidor, os de espírito ágil e os que vivem de acordo com definições e conclusões. Os ponderados eram pacientes e os de espírito ágil se irritavam com os que se arrastavam lentamente; mas os vagarosos tinham precisado vir junto com os velozes. — A compreensão vem em clarões e tem de haver intervalos de silêncio, para que os clarões possam produzir-se. Mas os espíritos ágeis são muito impacientes e nunca deixam espaço para esses clarões. A compreensão não é verbal e tampouco há compreensão intelectual — tal coisa não existe. A compreensão intelectual está só no nível verbal e, por conseguinte, não é compreensão nenhuma. A compreensão não vem como resultado do pensamento, porque o pensamento, afinal de contas, é verbal. Não há pensamento sem a memória, e memória é palavra, símbolo, processo criador de imagens. Nesse nível não há compreensão alguma. A compreensão se apresenta no espaço entre duas palavras, naquele intervalo que há antes de a palavra dar forma ao pensamento. A compreensão não é nem para os argutos nem para os vagarosos, mas para os que percebem aquele espaço imensurável.

"Que é desintegração? Estamos assistindo à rápida desintegração das relações humanas, no mundo, e mais rápida ainda dentro de nós mesmos. Como sustar este desmoronamento? Como podemos integrar-nos?"

Há integração, quando somos capazes de observar os fatores da desintegração. A integração não está num ou noutro nível da nossa existência, ela é a reunião do todo. Antes que isso seja possível, temos de descobrir o que significa desintegração, não é verdade? O conflito é sinal de desintegração? Não estamos procurando uma

definição, mas tão-somente a significação que se encontra por trás da palavra.

"A luta não é inevitável? Toda existência é luta; sem luta haveria decomposição. Se eu não lutasse para alcançar um alvo, degeneraria. Lutar é tão essencial como respirar."

As declarações categóricas detêm a investigação. Estamos tentando descobrir quais são os fatores da desintegração, e talvez o conflito, a luta, seja um deles. Que se entende por conflito, luta?

"Competir, lutar, fazer esforços, vontade de realizar, insatisfação, etc."

A luta não se acha num único nível da existência, mas em todos os níveis. O processo de vir a ser é luta, conflito, não achais? O funcionário que luta para se tornar gerente, o vigário que luta para ser bispo, o discípulo, lutando para transformar-se em Mestre — este vir a ser psicológico é esforço, conflito.

"Pode-se viver sem este processo de vir a ser? Não é ele uma necessidade? Como se pode estar livre de conflito? Atrás do esforço para ser livre, não há medo?"

Estamos tentando averiguar, experimentar, não apenas ao nível verbal, porém profundamente, o que é que causa a desintegração; não estamos procurando saber como a gente pode ser livre de conflito, nem o que há atrás do desejo de ser livre. Viver e vir a ser são dois estados diferentes, não são? A existência pode exigir esforço; mas nós estamos considerando o processo de vir a ser, o impulso psicológico para se ser melhor, vir a ser alguma coisa, lutar por transformar o que *é* no seu oposto. Este vir a ser psicológico bem pode ser o fator que torna doloroso, cheio de competição e de conflito o nosso viver de cada dia. Que se estende por vir a ser? O vir a ser psicológico do padre que quer ser bispo, do discípulo que quer ser Mestre, etc. Neste processo de vir a ser, há esforço, positivo ou negativo; é a luta para transformar o que *é* noutra coisa. Eu sou *isto* e não quero tornar-me *aquilo*. Este vir a ser é uma série de conflitos. Depois de me tornar *aquilo*, aparece outro *aquilo*, e assim por diante, infinitamente. O *isto* a tornar-se *aquilo* é interminável, e, portanto, o conflito não tem fim. Mas, por que desejo tornar-me uma coisa diferente do que sou?

"Por causa do nosso condicionamento, por causa das influências sociais, por causa dos nossos ideais. Não podemos evitá-lo, é nossa natureza."

O dizer-se, simplesmente, que não podemos evitá-lo põe fim à investigação. É a mente indolente que faz uma tal asserção e se

reconcilia com o sofrimento, o que é estupidez. Por que estamos assim condicionados? Quem nós condiciona? Visto que nos sujeitamos a estar condicionados, somos nós mesmos que criamos estas condições. É o ideal que nos faz lutar para nos tornarmos *aquilo* quando somos *isto*? É o alvo, a utopia, que ocasiona o conflito? Degeneraríamos, se não lutássemos por um alvo?

"Naturalmente. Ficaríamos estagnados, e tudo iria de mal a pior. É fácil cair no inferno, mas difícil é galgar o céu."

Estamos aqui de novo com idéias, com opiniões sobre o que aconteceria, mas não queremos experimentar diretamente o que está acontecendo. As idéias impedem a compreensão, tal como o fazem as conclusões e as explicações. São as idéias e os ideais que nos fazem lutar para realizar algo, para virmos a ser? Eu sou *isto*, e é o ideal que me faz lutar para tornar-me *aquilo*? O ideal é a causa do conflito? O ideal é completamente diferente do que *é*? Se é diferente, se não está em nenhuma relação com o que *é*, então o que *é* não poderá *tornar-se* o ideal. Para tornar-se, é preciso que haja relação entre o que *é* e o ideal, o alvo. Dizeis que o ideal nos dá ímpeto para a luta, e vejamos por conseguinte como nasce o ideal. O ideal não é uma projeção da mente?

"Desejo ser como sois. Isto é uma projeção?"

Claro que é. Vossa mente tem uma idéia, porventura agradável, e deseja assimilar-se a esta idéia, que é uma projeção do vosso desejo. Vós sois *isto*, de que não gostais, e quereis ser *aquilo*, de que gostais. O ideal é uma autoprojeção; o oposto é um prolongamento do que *é*; não é de modo nenhum oposto, porém a continuação do que *é*, talvez um pouco modificado. A projeção provém da vontade do *eu*, e conflito é a luta para alcançar a projeção. O que *é* se projeta como ideal, e luta para alcançar esse ideal; e esta luta se chama vir a ser. O conflito entre os opostos é considerado necessário, essencial. Este conflito é o que *é* em luta para vir a ser o que não é; e o que *é* é o ideal, a autoprojeção. Estais lutando para vos tornardes uma coisa, e esta coisa é uma parte de vós mesmo. O ideal é vossa própria projeção. Vêde o artifício com que a mente enganou a si mesma. Estais lutando por causa de palavras, perseguindo vossa própria projeção, vossa própria sombra. Sois violento e estais lutando para vos tornardes não-violento, o ideal; mas o ideal é projeção do que *é*, apenas com nome diferente. Esta luta é considerada necessária, espiritual, evolucionária, etc.; mas está toda dentro da gaiola da mente e só leva à ilusão.

Percebendo o artifício com que enganastes a vós mesmo, podeis então ver o falso como falso. A luta, a perseguição de uma ilusão,

é o fator desintegrador. Todo conflito, todo vir a ser, é desintegração. Quando há percepção do artifício com que a mente enganou a si própria, resta então só o que *é*. Quando a mente é despojada completamente do vir a ser, de todos os ideais, de todas as comparações e condenações, quando foi por terra toda a sua estrutura, então o que *é* passa por uma transformação completa. Enquanto se dá nome ao que *é*, há relação entre a mente e o que *é*; mas quando este processo de dar nomes — que é memória, que é a estrutura da mente — já não existe, então não existe mais o que *é*. Só nesta transformação há integração.

A integração não é ação da vontade, não é um processo de vir a ser integrado. Quando não há mais desintegração não há mais conflito nem luta para vir a ser, só então tem existência o todo, o completo.

75. MEDO E FUGA

Subíamos continuamente, sem movimento perceptível. Abaixo de nós, estendia-se um vasto mar de nuvens brancas e ofuscantes — ondas e mais ondas, até onde a vista alcançava. Pareciam tão extraordinariamente sólidas e fascinantes! Ocasionalmente, quando subíamos mais, descrevendo um amplo círculo, avistavam-se fendas naquela espuma brilhante e, lá embaixo, muito longe, a terra coberta de verdura. Acima de nós, o céu claro e azul do inverno, veludoso e imensurável. Uma maciça cadeia de montanhas cobertas de neve estendia-se do norte para o sul, faiscando ao sol. Estas montanhas alcançavam altitudes superiores a 14 000 pés, mas nós nos tínhamos elevado acima delas e continuávamos a subir. Era uma série de picos com que já estávamos familiarizados, e que pareciam tão próximos e serenos. Os picos mais altos estavam ao norte, e nós, tendo alcançado a altura necessária de 20 000 pés, disparamos para o sul.

O passageiro do assento vizinho era muito conversador. Não estava familiarizado com aquelas montanhas e tinha estado a cochilar durante a subida; mas agora estava desperto e ansioso por uma palestra. Evidenciou-se estar fazendo uma viagem de negócios pela primeira vez; parecia ter muitos interesses a falava sobre eles com proficiência. Sobrevoávamos agora o mar, escuro e distante, e alguns pontinhos, aqui e ali, indicavam a presença de navios. Não se notava o menor tremor das asas, e passávamos sobre cidades iluminadas, uma após outra, ao longo da costa. Disse ele quanto era difícil não ter medo — não de uma aterragem forçada — mas de todos os acidentes da

vida. Era casado e tinha filhos, e o medo estava sempre presente — medo, não só do futuro, mas de tudo em geral. Era um medo sem objeto especial e, embora fosse um homem bem sucedido, o seu medo lhe estava tornando a vida triste e penosa. Sempre tivera certas apreensões, mas agora a coisa se tinha tornado extremamente persistente, e seus sonhos eram assustadores. Sua esposa tinha conhecimento desses temores, mas ignorava a sua gravidade.

O medo só pode existir em relação com alguma coisa. Como abstração, o medo é mera palavra, e a palavra não é o medo real. Sabeis, especificamente, de que tendes medo?

"Não consegui nunca precisá-lo, e meus sonhos também são muito vagos; mas, passando através de todos eles, como um fio, lá está o medo. Já conversei com amigos e médicos a este respeito, mas uns riram-se do caso e outros pouco me puderam ajudar. Ele sempre se me tem esquivado, e preciso ficar livre dessa coisa horrível."

Desejais realmente ficar livre, ou isto é apenas uma frase?

"O meu tom pode parecer despreocupado, mas eu daria muito para ficar livre deste medo. Não sou pessoa particularmente religiosa, mas — o que é um fato bastante estranho — tenho até rezado para que ele seja afastado de mim. Quando estou todo absorvido no meu trabalho ou num jogo, ele está, muitas vezes, ausente; mas, como um monstro, está sempre à espreita, e logo somos de novo companheiros."

Estais com este medo agora? Estais cônscio neste instante da presença dele? Vosso medo é consciente ou oculto?

"Posso sentir-lhe a presença, mas não sei se ele é consciente ou inconsciente."

Vós o sentis como uma coisa que está distante ou próxima — não no espaço, mas como sentimento?

"Quando estou consciente dele, parece-me muito próximo. Mas que tem isto com o caso?"

O medo só pode vir à existência em relação com alguma coisa. Esta coisa pode ser vossa família, vossa ocupação, vossas preocupações com o futuro, a morte. Tendes medo da morte?

"Acho que não, se bem deseje uma morte rápida, e não lenta. Não creio que seja minha família nem minha ocupação a causa desta ansiedade."

Deve ser então alguma coisa mais profunda do que as relações superficiais o que está causando este medo. Eu vo-lo poderia mostrar, mas se puderdes descobri-lo por vós mesmo, isso terá significação muito maior. Por que não tendes medo das relações superficiais?

"Minha mulher e eu nos amamos; ela não olharia para outro homem nem em pensamento, e eu não me sinto atraído por outras mulheres. Nós nos completamos um ao outro. Os filhos causam ansiedade, mas fazemos por eles o que é possível fazer; entretanto, com esta desordem econômica que vai pelo mundo, não podemos dar-lhes segurança financeira e eles terão de arranjar-se como melhor puderem. Meu emprego é bastante seguro, mas há o medo natural de que alguma coisa aconteça à minha mulher."

Vê-se que estais bem seguro, quanto às vossas relações mais profundas. Por que tão seguro?

"Não sei, mas estou. A gente tem de achar que certas coisas são garantidas."

Não é este o ponto que interessa. Vamos investigá-lo? Que vos faz tão seguro, a respeito de vossas relações íntimas? Quando dizeis que vós e vossa esposa vos completais mutuamente que quereis dizer?

"Encontramos felicidade um no outro: companheirismo, compreensão, etc. Num sentido mais profundo, dependemos um do outro. Seria um golpe tremendo se alguma coisa acontecesse a qualquer de nós dois. Neste sentido, somos dependentes."

Que entendeis por "dependente"? Entendeis que sem ela vos sentiríeis perdido, completamente só, não é isso? Ela sentiria a mesma coisa; portanto sois mutuamente dependentes.

"Mas, que mal há nisso?"

Não estamos condenando nem julgando: apenas investigando. Estais bem certo de que desejais examinar esta questão? Perfeitamente certo? Bem, então continuemos.

Sem vossa esposa, estaríeis sozinho, perdido, no sentido mais profundo; ela, portanto, é essencial para vós, não é? Dependeis dela para a vossa felicidade, e esta dependência é chamada amor. Tendes medo de vos verdes só. Ela está sempre à mão, para encobrir a vossa solidão, assim como vós encobris a dela; o fato, porém, continua a existir, não é verdade? Servimo-nos uns dos outros para encobrir a solidão; fugimos dela por inúmeras maneiras e diferentes formas de relação, e cada uma destas relações se torna uma dependência. Ouço o rádio, pois a música me faz feliz, leva-me para longe de mim mesmo; os livros e o saber representam também um meio muito conveniente de fuga de mim mesmo. E de todas estas coisas dependemos.

"Por que não devo fugir de mim mesmo? Não tenho nada de que me orgulhar, e identificando-me com minha mulher, que é muito melhor do que eu, fujo de mim mesmo."

Naturalmente; a grande maioria das pessoas vivem a fugir de si mesmas. Mas, pelo fugirdes de vós mesmo, vos tornastes dependente. A dependência se torna mais forte e as fugas mais essenciais, em proporção com o medo do que *é*. A esposa, o livro, o rádio, adquirem extraordinária importância; as fugas se tornam da mais alta significação, do mais alto valor. Porque me sirvo de minha mulher como meio de fugir de mim mesmo, estou-lhe apegado. Tenho de possuí-la, não posso perdê-la; e ela gosta de ser possuída, porque também se está servindo de mim. É uma necessidade comum de fuga, e mutuamente nos servimos um do outro. Esta utilização é chamada amor. Não gostais do que sois, e por isso fugis de vós mesmo, do que *é*.

"Isto está bastante claro. Estou percebendo alguma coisa no que dizeis; é sensato. Mas por que foge uma pessoa? De que foge?

De sua própria solidão, seu próprio vazio, daquilo que *é*. Se fugirdes do que *é*, sem o verdes, é bem evidente que não o compreendereis; portanto, em primeiro lugar, deveis parar, deixar de fugir, pois, só então, podereis observar a vós mesmo, tal como sois. Mas não podeis observar o que *é* se estais sempre a criticá-lo, se gostais ou não gostais dele. Vós o chamais solidão e fugis dele; e a própria fuga ao que *é* é medo. Tendes medo dessa solidão, desse vazio, e a dependência é o manto com que o cobris. O medo, portanto, é constante; será constante enquanto estiverdes a fugir do que *é*. Estar completamente identificado com uma coisa, uma pessoa ou uma idéia, não é uma garantia de fuga definitiva, porque, no fundo (*background*) está sempre o medo. Ele se manifesta, em sonhos, quando há uma interrupção da identificação; e sempre há interrupções da identificação, a menos que a pessoa seja desequilibrada.

"Meu medo, por conseguinte, vem de minha própria vacuidade, minha insuficiência. Estou percebendo isto muito bem, e é verdadeiro; mas que devo fazer a este respeito?"

Nada podeis fazer a este respeito. Tudo o que fizerdes será sempre uma atividade de fuga. Esta é a coisa mais essencial: cumpre compreendê-la. Podereis ver então que não sois diferente ou separado daquela vacuidade. *Sois* aquela insuficiência. O observador é o vazio observado. Depois, se fordes mais longe, não lhe dareis mais o nome de solidão; cessou a verbalização; e, se fordes mais além, o que é um tanto difícil, a coisa conhecida como solidão não existirá mais; ocorrerá o completo desaparecimento da solidão, do vazio, do pensador, do pensamento. Só isto põe fim ao medo.

"Que é então o amor?"

O amor não é identificação; não é pensamento a respeito do amor. Não se pensa a respeito do amor, quando ele existe; só se

pensa a seu respeito quando está ausente, quando há uma distância entre vós e o objeto do vosso amor. Quando há comunhão direta, não há pensamento, nem imagem, nem ressurreição da lembrança. Somente ao interromper-se a comunhão, num nível qualquer, o processo do pensamento, da imaginação, começa a funcionar. O amor não é coisa da mente. A mente gera a fumaça do ciúme, da posse, da saudade, da evocação do passado, da ansiedade pelo amanhã, da tristeza e da preocupação; e esta fumaça sufoca a chama, infalivelmente. Quando não existe fumaça, existe a chama. As duas coisas não podem existir juntas. A idéia de que elas existem juntas não passa de um desejo. Desejo é projeção do pensamento, e pensamento não é amor.

76. EXPLORAÇÃO E ATIVIDADE

Era muito cedo ainda e os alegres passarinhos faziam uma algazarra tremenda. O sol começava a tocar as coroas das árvores, e, nas sombras densas, ainda não se viam retalhos de luz. Uma serpente devia ter atravessado o gramado há poucos instantes, pois havia uma longa faixa limpa de orvalho. O céu ainda não tinha perdido o seu colorido e nuvens brancas e grandes começavam a acumular-se. Súbito, parou a vozearia da passarada, recomeçando logo após, mais forte, com gritos zangados de alarme, à chegada de um gato que se deitou embaixo de uma touceira. Um grande falcão pegara um pássaro preto e branco e o estava dilacerando com seu bico adunco e afiado. Segurava com ávida ferocidade a sua presa, e tomou ares ameaçadores à aproximação de uns corvos. Os olhos do falcão eram amarelos com riscas pretas, finas, e vigiavam os corvos e a nós, sem pestanejar.

"Por que não devo ser explorado? Eu não me importo que se faça uso de minha pessoa, a bem da causa, que é de grande significação e com que desejo estar completamente identificado. O que façam de mim pouco importa. Compreendeis, a minha pessoa não conta. Não posso fazer grandes coisas neste mundo, e, portanto, quero ajudar os que podem. Tenho, porém, um problema de apego pessoal, que me está distraindo do trabalho. É este apego que desejo compreender."

Mas por que achais que deveis ser explorado? Não sois tão importante como o indivíduo ou o grupo que vos está explorando?

"Não me importo que me explorem, a bem da causa, que considero de grande beleza e importância, no mundo. Aqueles com quem

estou trabalhando são pessoas espirituais e de elevados ideais, e sabem melhor do que eu o que cumpre fazer."

Por que vos parecem eles mais capazes do que vós de realizar grandes coisas? Como sabeis que eles são "espirituais", para usar vossa própria expressão, e têm visão mais ampla? Afinal de contas, quando lhes fostes oferecer os vossos serviços, deveis ter refletido a este respeito. Ou fostes apenas atraído, emocionalmente agitado, e por esta razão vos dedicais à obra?

"A causa é bela e ofereci meus serviços porque sentia que devia cooperar com ela."

Sois como os que se alistam no Exército, para assassinar ou serem assassinados por uma causa nobre. Sabem eles o que fazem? E vós sabeis o que estais fazendo? Como sabeis que é "espiritual" essa causa a que estais servindo?

"Não deixais de ter razão. Estive no exército quatro anos, durante a última guerra; alistei-me, como tantos outros, por sentimento patriótico. Acredito não ter refletido, então, sobre o significado de matar; era o que cumpria fazer, e nos alistamos. Mas as pessoas com quem estou cooperando atualmente são espirituais."

Sabeis o que significa ser espiritual? Em primeiro lugar, é bem evidente que ser ambicioso não é ser espiritual. E esses tais não são ambiciosos?

"É provável que sejam. Nunca pensei nestas coisas, e só queria cooperar numa causa bela."

É belo ser ambicioso e disfarçar-se com um monte de palavras bonitas — mestres, humanidade, arte, fraternidade? É espiritual estar-se cheio de egocentrismo, um egocentrismo que se estende para envolver o vizinho e o homem que habita no ultramar? Estais ajudando esses homens supostamente espirituais, sem saberdes o significado das suas atividades, e disposto a ser explorado.

"Sim, não há dúvida, isto é muito infantil. Não quero ser perturbado no trabalho que estou fazendo, e tenho, todavia, um problema; e o que estais dizendo é mais perturbador ainda."

Achais que não deveis ser perturbado? Afinal de contas, só quando somos perturbados, despertados, começamos a observar e a descobrir. Somos explorados por causa de nossa própria estupidez, aproveitada pelos mais sagazes, em nome da pátria, de Deus, de uma ideologia. Que bem pode fazer a estupidez no mundo, mesmo quando utilizada pelos mais hábeis e espertos? Quando os espertos exploram os estúpidos, aqueles são estúpidos também, porque também não

sabem aonde levam as suas atividades. A ação dos estúpidos, dos que não estão cônscios dos movimentos do seu próprio pensamento, conduz inevitavelmente ao conflito, à confusão, à infelicidade.

Vosso problema pode não ser necessariamente uma abstração. Já que existe, como pode sê-lo?

"Está perturbando o trabalho a que me dedico."

E vossa dedicação não é completa, pois tendes um problema que, acreditais, vos distrai. Vossa dedicação pode ser uma ação inconsiderada, e o problema pode ser um sinal, uma advertência, para não vos deixardes emaranhar nas vossas atividades.

"Mas eu gosto do que estou fazendo."

E justamente aí pode estar a causa da perturbação. Queremos absorver-nos em alguma espécie de atividade, e quanto mais satisfatória a atividade, tanto mais nos apegamos a ela. O desejo de encontrar satisfação faz-nos estúpidos, e a satisfação é, em todos os níveis, a mesma coisa; não há satisfação superior e satisfação inferior. Embora, consciente ou inconscientemente, disfarcemos a nossa satisfação com palavras nobres, o próprio desejo de sermos satisfeitos nos torna embotados, insensíveis. Obtemos satisfação, conforto, segurança psicológica numa certa espécie de atividade; e tendo obtido o que queremos, ou imaginando tê-lo obtido, não desejamos ser perturbados. Entretanto, há sempre perturbação — a menos que estejamos mortos ou compreendamos todo o processo do conflito, da luta. Em maioria, queremos estar mortos, insensibilizados, porque viver é doloroso; e contra esta dor erguemos muralhas de resistência, as muralhas do condicionamento. Estas muralhas, aparentemente protetoras, só servem para gerar mais conflito e sofrimento. Não é mais importante compreender o problema do que procurar solução para ele? Vosso problema pode ser o real, e o vosso trabalho uma fuga sem muita significação.

"Isto é muito perturbador, e terei de refletir maduramente a seu respeito."

Estava começando a fazer calor debaixo das árvores, e retiramo-nos. Mas como pode, em algum tempo, uma mente superficial fazer algo de bom? Fazer algo de "bom" já não é indício de uma mente superficial? A mente, por mais sagaz, sutil, ilustrada que seja, não é sempre superficial? A mente superficial nunca se tornará o insondável; e isto justamente caracteriza a superficialidade. Vir a ser é perseguição da projeção de nós mesmos. A projeção pode ser, verbalmente, das mais elevadas, pode ser uma visão, idéia ou plano de grande amplitude; entretanto, ela é sempre filha da superficiali-

dade. O que quer que faça, o superficial jamais pode tornar-se profundo; toda ação de sua parte, todo movimento da mente, em qualquer nível, procede sempre do superficial. É muito difícil à mente superficial perceber que suas atividades são vãs e fúteis. É a mente superficial que está ativa, e sua própria atividade a mantém no estado de superficialidade. Sua atividade é condicionamento de si própria. O condicionamento, consciente ou oculto, é o desejo de estar livre de conflito, de luta, e este desejo constrói muralhas contra o movimento da vida, contra os ventos desconhecidos; e, dentro destas muralhas de conclusões, crenças, explicações, ideologias, fica a mente estagnada. Só o que é superficial pode estagnar-se, morrer.

O desejo mesmo de se buscar proteção por meio do condicionamento gera mais lutas e mais problemas; pois o condicionamento causa separação, e o que está separado, isolado, não pode viver. O separado, juntando-se a outros separados, não se torna o todo. O que está separado está sempre isolado, ainda que possa acumular, expandir-se, incluir, identificar. O condicionamento é destrutivo, desintegrante; mas a mente superficial não pode perceber esta verdade visto estar muito ativa em procura da verdade. Esta própria atividade impede o recebimento da verdade. A verdade é ação, e não atividade do superficial, do pesquisador, do ambicioso. A verdade é o bom, o belo, e não a atividade do dançarino, do "planejador", do urdidor de palavras. A verdade é que liberta o superficial, e não o plano deste para ser livre. O superficial, a mente, não pode nunca fazer-se livre; só pode passar de um condicionamento para outro que ele pensa ser mais livre. O mais em tempo algum é livre, pois é condicionamento, um prolongamento do menos. O movimento de vir a ser, do homem que quer tornar-se o Buda ou do que quer tornar-se gerente, é atividade do superficial. Os superficiais estão sempre com medo daquilo que são; o que eles são, porém, é a verdade. A verdade se acha na observação silenciosa do que *é*, e a verdade é que transforma o que *é*.

77. O ERUDITO OU O SÁBIO?

As chuvas tinham levado a poeira e afugentado o calor de muitos meses; as folhas reluziam de limpas, e novas folhas começavam a despontar. Pela noite a fora, as rãs enchiam os ares com seu coaxar rouco; de vez em quando, faziam uma pausa, e de novo recomeçavam. O rio corria rápido e o ar era suave. As chuvas ainda não tinham cessado de todo. Nuvens escuras acumulavam-se e o sol

estava escondido. A terra, as árvores e a natureza toda pareciam estar à espera de uma nova purificação. A estrada tinha uma cor marrom-escuro e as crianças brincavam nas poças de água; faziam bolos de lama ou construíam castelos e casas, com muros ao redor. Havia alegria no ar, depois de tantos meses de calor, e a terra começava a cobrir-se de capim verde. Tudo se renovava.

Esta renovação é inocência.

Aquele homem se considerava vastamente erudito e para ele o saber era a própria essência da vida. A vida sem o saber era pior do que a morte. Seu saber não se cingia a uma ou duas matérias, mas abarcava muitos aspectos da vida; falava com segurança sobre o átomo e o Comunismo, sobre Astronomia e o fluxo anual das águas do rio, sobre dietética e superpovoamento. Tinha um orgulho extraordinário do seu saber e, como bom exibicionista, usava-o para impressionar; diante dele, os outros se calavam, respeitosos. Como nos espanta o saber, e que reverente respeito tributamos ao homem que sabe! O seu inglês era, às vezes, um pouco difícil de compreender. Nunca saíra de seu país, mas tinha livros de outras nações. Era tão apaixonado pelo saber como outros pela bebida ou outro apetite.

"Que é a sabedoria, se não é saber? Por que dizeis que se deve pôr de parte o saber? Não é essencial o saber? Sem o saber, a ciência, onde estaríamos nós? Seríamos ainda trogloditas, completamente ignorantes do mundo maravilhoso em que vivemos. Sem o saber, a existência seria impossível, em qualquer nível. Por que repisais tanto que o saber é um empecilho à compreensão?"

O saber condiciona. O saber não dá liberdade. Um homem pode saber construir um aeroplano capaz de voar até aos confins do mundo em poucas horas, mas isto não é liberdade. O saber não é fator criador, pois o saber é contínuo, e o que tem continuidade nunca pode levar ao implícito, ao imponderável, ao desconhecido. O saber é um empecilho ao "aberto"(1), ao desconhecido. O desconhecido não pode ser vestido com o conhecido. O conhecido move-se sempre para o passado; o passado está sempre ensombrando o presente, o desconhecido. Sem liberdade, sem a mente aberta, não pode haver compreensão. A compreensão não vem com o saber. No intervalo entre palavras, entre pensamentos, é que surge a compreensão; este intervalo é silêncio, não quebrado pelo saber, ele é o "aberto", o imponderável, o implícito.

---

(1) No original: *"the open"*.. (N. do T.)

"O saber não é útil, essencial? Sem o saber, como pode haver descobrimento?"

Há descobrimento, não quando a mente está repleta de saber, mas quando o saber está ausente; só então há quietude e espaço, e neste estado é que se realiza a compreensão, o descobrimento. Não há dúvida de que o saber é útil, no seu nível próprio; noutro nível, porém, ele é positivamente nocivo. Quando o saber é utilizado como meio de autoglorificação, para nos encher de vento, ele é então danoso, gerando divisão e inimizade. A expansão do *eu* — não importa se em nome de Deus, do Estado ou de uma ideologia — é desintegração. O saber, num certo nível, embora condicione, é necessário: a linguagem, a técnica, etc. Este condicionamento é uma proteção, uma coisa essencial para a vida exterior; mas quando este condicionamento é utilizado psicologicamente, quando o saber se transforma em meio de conforto psicológico, de satisfação, gera inevitavelmente conflito e confusão. De mais a mais, que se entende por saber? Que sabeis realmente?

"Muitas coisas."

Quer dizer que tendes uma grande quantidade de informações, de dados, relativos a muitas coisas. Coligistes certos fatos, e então? — O conhecimento dos desastres acarretados pela guerra impede as guerras? Tendes, sem dúvida, muitos dados relativos aos efeitos da cólera e da violência, no indivíduo e na sociedade; mas este conhecimento pôs fim ao ódio e ao antagonismo?

"O conhecimento dos efeitos da guerra pode não pôr fim às guerras imediatamente: com o tempo, porém, produzirá a paz. O povo precisa ser educado, é preciso mostrar-lhe os efeitos da guerra, do conflito."

O povo sois vós e qualquer outro. Possuís estes vastos conhecimentos, e sois por isso menos ambicioso, menos violento, menos egocêntrico? Por terdes estudado as revoluções, a história da desigualdade, estais livre de sentir-vos superior, de atribuir importância a vós mesmo? Porque tendes um amplo conhecimento dos sofrimentos e desgraças do mundo, sentis amor? Além disso, que é que sabemos, de que é que temos conhecimento?

"O saber é experiência acumulada através das idades. Sob uma forma, ele é tradição; sob outra forma é instinto, consciente e inconsciente. As memórias e experiências latentes em nós, quer transmitidas do passado, quer adquiridas, atuam como um guia e moldam-nos a ação; estas memórias, tanto da raça como do indivíduo, são essenciais, pois ajudam e protegem o homem. Pode-se pôr fora este saber?"

A ação guiada e moldada pelo medo, não é ação, absolutamente. A ação que é produto de preconceitos, temores, esperanças e ilusões raciais, é condicionada, e todo condicionamento, como já dissemos, só gera mais conflito e sofrimento. Estais condicionado como brâmane, de acordo com uma tradição secular; e reagis aos estímulos, às transformações e conflitos sociais como brâmane. Reagis de acordo com o vosso condicionamento, com vossas experiências passadas, vosso saber, e, por isso, cada experiência nova traz apenas mais condicionamento. A experiência de acordo com uma crença, de acordo com uma ideologia, é meramente o prolongamento dessa crença, a perpetuação de uma idéia. Tal experiência só dá mais força à crença. A idéia separa, e a vossa experiência de acordo com uma idéia, um padrão, vos torna mais separativo. A experiência, como saber, como acumulação psicológica, serve tão-somente para condicionar, e a experiência é então um outro meio de autoglorificação. O saber, como experiência, no nível psicológico, é empecilho à compreensão.

"Nós vivemos de acordo com a nossa crença?"

Claro que sim, não achais? Estais condicionado por uma determinada sociedade — a qual sois vós mesmo num nível diferente — para crerdes em Deus, nas divisões sociais; e outro é condicionado para não crer em Deus, para seguir uma ideologia completamente diversa. Vós e o outro vivereis de acordo com as vossas crenças, mas tal experiência é um obstáculo ao desconhecido. A experiência, o saber, que é memória, é útil, em certos níveis; entretanto, a experiência como meio de fortalecer o *eu* psicológico, o *ego*, só leva à ilusão e ao sofrimento. E que podemos nós experimentar, quando nossa mente está cheia de experiências, lembranças, conhecimentos? Pode haver o experimentar, quando sabemos? O que se sabe não impede o experimentar? Podeis saber o nome daquela flor, mas com isso *experimentais* a flor? O experimentar vem em primeiro lugar, e o dar nome só reforça a experiência. O dar nome impede a continuação do experimentar. Para o estado do experimentar, não é necessário estejamos livres do denominar, da associação, do processo da memória?

O saber é superficial, e pode o superficial conduzir ao profundo? Pode a mente, resultado do conhecido, do passado, transcender as suas próprias projeções? Para o ser capaz de descobrir a mente tem de cessar de projetar. Sem suas projeções, a mente não existe. O saber, o passado, apenas projeta o que é conhecido. O instrumento do conhecido não pode ser, em tempo algum, descobridor. O conhecido tem de acabar-se, para que haja descobrimento; a experiência tem de acabar-se, para que haja o experimentar. O saber é um obstáculo à compreensão.

"Que nos restaria, se ficássemos sem saber, sem experiência, e sem memória? Seríamos então nada."

E sois agora alguma coisa mais do que isso? Quando dizeis: "Sem o saber somos nada", estais apenas fazendo uma asserção verbal, sem experimentardes esse estado, não é verdade? Quando fazeis tal declaração, existe um sentimento de temor, o medo de ficardes desnudo. Sem esses acréscimos, vós sois nada — é essa a verdade. E porque não sê-lo? Por que todas estas afetações e convencimentos? Vestimos este nada com fantasias, com esperanças, com várias idéias confortadoras; mas, debaixo destas cobertas, somos sempre nada — não como abstração filosófica, mas realmente nada. O experimentar desse nada é o começo da sabedoria.

Que vergonha temos nós de dizer que não sabemos! Escondemos o fato de não sabermos com palavras e erudição. Realmente, não conheceis a vossa esposa, não conheceis o vosso vizinho; mas como poderíeis conhecê-los, se não conheceis a vós mesmo? Tendes uma grande cópia de conhecimentos, de conclusões e explicações a respeito de vós mesmo, mas não tendes conhecimento do que *é*, do implícito. As explicações, as conclusões, chamadas "saber", impedem o experimentar do que *é*. Sem se estar despojado, desnudo, como pode haver sabedoria? Se não morrermos para o passado, como poderá vir a renovação que só nos pode vir nesse estado de nudez? O morrer é de momento em momento; morrer é não acumular; o experimentador tem de morrer para a experiência. Sem a experiência, sem o saber, o experimentador não existe. Saber é ser ignorante; não saber é o começo da sabedoria.

78. TRANQÜILIDADE E VONTADE

Estava quase deserta a praia longa e curva. Por entre as altas palmeiras divisavam-se alguns pescadores regressando à aldeia. Iam caminhando e fiando ao mesmo tempo; enrolavam o algodão sobre as coxas nuas e passavam o fio no carretel; o fio era perfeito e forte. Alguns deles caminhavam com leveza e graça; outros, arrastando os pés. Eram mal nutridos, magros, e tostados pelo sol. Um menino passou cantando, dando passadas largas e lépidas; e o mar rolava para a praia. Não soprava vento forte, mas o mar estava muito agitado, com ondas estrondeantes. A lua quase cheia começava a emergir das águas verde-azulado, e a branca escuma da arrebentação contrastava com as areias amarelas.

Como é essencialmente simples a vida, e como a complicamos! A vida é complexa, mas nós não sabemos ser simples com ela. A complexidade tem de ser considerada como simplicidade, porque, do contrário, nunca chegaremos a compreendê-la. Sabemos demais, e esta é a razão por que a vida se nos esquiva sempre, e este *demais* é tão pouco! Com este pouco nos encontramos com o imenso; e como podemos medir o imensurável? Nossa vaidade nos embota, a experiência e saber nos escravizam, as águas da vida passam, sem nos banharmos nelas. Cantar com aquele menino, caminhar penosamente com aqueles pescadores, fiar sobre a coxa, ser aqueles aldeãos e aquele casal que passa no carro — para se ser tudo isso, não por um truque de identificação, precisa-se de amor. O amor não é complexo, mas a mente o faz complexo. Vivemos demais com a mente e desconhecemos os caminhos do amor. Conhecemos os caminhos do desejo e o ímpeto do desejo; desconhecemos, porém, o amor. O amor é a chama sem fumo. Estamos bem familiarizados com a fumaça; ela nos enche a cabeça e o coração, e nossa visão é turva. Não somos simples, com a beleza da chama; torturamo-nos com ela. Não vivemos com a chama, acompanhando-a prestamente, aonde quer que nos leve. Sabemos demais, o que é sempre pouco, e abrimos um caminho para o amor. O amor nos foge, mas ficamos com a moldura vazia. Aqueles que sabem que não sabem, são os simples; vão longe, pois não levam a carga do conhecimento.

Aquele homem era um *sannyasi* de certa reputação; vestia a túnica cor de açafrão e tinha o olhar perdido na distância. Dizia haver renunciado ao mundo há muitos anos, e estar-se aproximando, agora, do grau em que não o interessava mais nem este mundo, nem o outro. Havia praticado muitas austeridades, disciplinado rigorosamente o corpo, adquirido um extraordinário controle do seu sistema respiratório e nervoso. Isto lhe dera um forte sentimento de poder, embora não o houvesse buscado.

Este poder não é tão prejudicial à compreensão como o poder da ambição e da vaidade? A ambição, como o medo, gera o poder de ação. Todo sentimento de poder, de domínio, dá força ao *eu*, a *mim*, ao *meu*; e o *eu* não é um obstáculo à realidade?

"O inferior tem de ser reprimido ou posto em conformidade com o superior. O conflito entre os vários desejos da mente e do corpo tem de ser acalmado; no processo de controle, o que segura as rédeas sente o sabor do poder; mas o poder tanto serve para subir mais alto como para descer mais fundo. O poder só é nocivo quando usado em proveito próprio, e não o é quando usado para afastar os obstáculos do caminho que leva ao Supremo. A vontade é poder,

é a diretiva; quando utilizada para fins pessoais, ela é destrutiva, mas quando utilizada na direção correta, é benéfica. Sem a vontade não pode haver ação."

Todo guia serve-se do poder como meio de alcançar um fim, e assim procede também o homem comum; mas o guia diz estar se servindo dele para bem do todo, enquanto o homem comum cuida apenas de si mesmo. O alvo do ditador, do homem poderoso, do líder, é o mesmo dos que estão sendo guiados; são idênticos os dois, um é o prolongamento do outro; e ambos são autoprojeções. Condenamos um e louvamos o outro; mas não são todos os alvos produtos de nossos próprios preconceitos, inclinações, temores e experiências? Utilizais a vontade, o esforço, o poder, para abrirdes caminho para o supremo; este supremo é modelado pelo desejo, que é vontade. A vontade cria o seu próprio alvo e sacrifica ou reprime tudo o mais para alcançar tal fim. Este fim é ela própria, e a diferença é só que o chamais o supremo, ou o Estado, ou a ideologia.

"Pode o conflito cessar, sem o poder da vontade?"

Se não se compreender a índole do conflito e como ele nasce, que valor tem o simples sublimar ou reprimir do conflito, ou a procura de um substituto para ele? Pode-se suprimir uma doença, porém ela se manifestará de novo, inevitavelmente, sob outra forma. A própria vontade é conflito, é o resultado de luta; a vontade é o desejo, com um fim em vista, com uma direção. Se, sem compreendermos o processo do desejo, limitamo-nos a controlá-lo, estamo-nos expondo a mais queimaduras e sofrimentos. O controle é fuga. Pode-se controlar uma criança ou um problema, mas com isso não se fica compreendendo nem um nem outro. A compreensão é de muito maior importância do que alcançar um fim. A ação da vontade é destrutiva, pois a ação dirigida para um objetivo é egocêntrica, separativa, isolante. Não se pode silenciar o conflito, o desejo, porque a própria entidade que faz tal esforço é produto do conflito, do desejo. O pensador e seus pensamentos são produtos do desejo; e se não compreender o desejo, que é o *eu*, colocado em qualquer nível, alto ou baixo, a mente estará sempre presa à ignorância. O caminho que conduz ao supremo não passa através da vontade, do desejo. O supremo só pode manifestar-se, quando não existe mais "aquele que faz esforço". É a vontade que gera conflito, o desejo de vir a ser ou de abrir caminho para o supremo. Quando a mente, seguindo o desejo, se imobiliza, mas não por meio de esforço, só então, nesta tranqüilidade, que não é um alvo, surge a realidade.

"Mas não é essencial a simplicidade, para se obter esta tranqüilidade?"

Que entendeis por simplicidade? Entendeis identificação com a simplicidade ou ser simples?

"Ninguém pode ser simples sem se identificar com o que é simples, exteriormente e bem assim interiormente."

Quer dizer que a pessoa *se torna* simples, não é assim? Sois complexo, mas vos tornais simples pela identificação — identificando-vos com o simples ou com o hábito do monge. Sou *isto,* e torno-me aquilo. Mas pode este processo de vir a ser levar à simplicidade, ou apenas à idéia da simplicidade? A identificação com uma idéia chamada simples, não é simplicidade, é? Sou simples, só porque afirmo e torno a afirmar que sou simples, ou porque me identifico persistentemente com o padrão da simplicidade? A simplicidade está na compreensão do que *é,* e não em procurar transformar o que *é* em simplicidade. Podeis transformar o que *é* em alguma coisa que não é? A avidez — não importa se seu alvo é Deus, o dinheiro ou o álcool — a avidez pode tornar-se não-avidez? Aquilo com que nos identificamos é sempre coisa projetada de nós mesmos — o supremo, o Estado ou a família. A identificação, em qualquer nível, é o processo do *eu.*

Simplicidade é a compreensão do que *é,* por mais complexo que possa parecer. O que *é* não é difícil de compreender, mas o que impede a sua compreensão é a distração causada pela comparação, pela condenação, pelo preconceito, negativo ou positivo, etc. Estas coisas produzem a complexidade. O que *é* nunca é complexo, em si: é sempre simples. O que sois é simples de compreender, mas vós o fazeis complexo com a maneira como o encarais; torna-se necessário, pois, a compreensão dessa maneira de encarar, causadora da complexidade. Se não condenais a criança, ela é então o que *é,* e será possível agir. A ação resultante da condenação leva à complexidade; a ação em relação com o que *é* é simplicidade.

Não há condição essencial para se obter a tranqüilidade, senão a própria tranqüilidade; ela própria é o começo e é o fim. Não há condições essenciais para sua obtenção, porque ela *é.* Não há meios que possam conduzir à tranqüilidade. Só quando a tranqüilidade é uma coisa que queremos ganhar, alcançar, só então os meios se tornam importantes, essenciais. Se a tranqüilidade tem de ser comprada, então a moeda se torna importante; mas nem a moeda nem aquilo que ela compra são a tranqüilidade. Os meios são tumultuosos, violentos, ou sutilmente aquisitivos, e o fim é de igual natureza, porque o fim são os meios. Se o começo é silêncio, o fim é também silêncio. Não há meios que conduzam ao silêncio; o silêncio existe

quando o barulho deixa de existir. O barulho não cessa por meio de mais barulho — o barulho do esforço, da disciplina, das autodades, da vontade. Percebei a verdade a este respeito, e haverá silêncio.

79. A AMBIÇÃO

A criancinha tinha chorado a noite toda, e a pobre mãe tudo fizera para acalmá-la. Cantou para ela, zangou com ela, afagou-a, embalou-a — tudo em vão. A criancinha devia estar no período da dentição, e aquela foi uma noite tormentosa para toda a família. Mas agora que, por cima das árvores, apareciam os primeiros alvores da manhã, a criança aquietou-se, afinal. Reinava uma peculiar tranqüilidade, e o céu se ia tornando cada vez mais claro. Os ramos mortos das árvores destacavam-se claramente contra o céu, delgados e nus; uma criança gritou, um cachorro ladrou, um caminhão passou estrepitosamente — e começava um novo dia. Pouco depois, com a criança nos braços, cuidadosamente agasalhada, a mãe saiu, seguindo pela estrada, além da aldeia, à espera de um ônibus. Provavelmente ia levá-la ao médico. Parecia cansada e abatida, depois daquela noite passada em claro, mas a criança dormia a sono solto.

Logo, o sol apareceu por cima das árvores, e o orvalho rutilava na grama verde. Ao longe, um trem apitou; as montanhas distantes pareciam frias, espectrais. Uma ave grande levantou vôo, gritando, porque a surpreendêramos no choco. Nossa aproximação devia ter sido muito súbita, pois não tivera tempo de cobrir os ovos com folhas secas. Havia mais de uma dúzia deles, no ninho. Mesmo descobertos, eram quase imperceptíveis; tão habilmente ela os tinha dissimulado; agora, de uma árvore distante, vigiava-nos. Poucos dias depois, vimos a mãe com a sua ninhada, e o ninho vazio.

Havia sombra e fazia frio pela vereda que, através da mata úmida, ia até o alto do morro, e as acácias estavam floridas. Chovera torrencialmente poucos dias antes, e a terra estava mole e empastada. Havia plantações novas de batatas, e lá embaixo, no vale, descortinava-se a pequena cidade. Era uma bela e radiosa manhã. Além do morro, uma vereda conduzia de volta à casa.

Ela era muito inteligente. Tinha lido as últimas novidades literárias, assistido às peças teatrais mais recentes, e estava bem a par de uma certa filosofia muito em voga nos últimos tempos. Fora psicanalisada e, aparentemente, lera muita coisa sobre Psicologia, pois conhecia-lhe bem a terminologia. Deliberara avistar-se com

todas as pessoas importantes, e casualmente se encontrara com alguém que a trouxera consigo. Tinha a palavra fácil e se expressava com calma e efeito. Fora casada, mas não tinha filhos; sentia-se que isso já eram águas passadas, e que agora estava numa jornada diferente. Devia ser rica, pois rodeava-a aquela atmosfera peculiar dos ricos. Começou imediatamente perguntando: "Que serviço estais prestando ao mundo, na crise atual?". Devia ser uma de suas perguntas habituais. Prosseguiu, mais animada, fazendo perguntas sobre o modo de evitar a guerra, os efeitos do Comunismo e o futuro do homem.

As guerras, os desastres e desgraças cada vez maiores não são o resultado de nossa vida diária? Não somos nós, cada um de nós, os responsáveis por esta crise? O futuro está contido no presente; o futuro não será muito diferente, se não houver compreensão do presente. Não achais que cada um de nós é responsável por este conflito e esta confusão?

"Pode ser que sim; mas aonde leva este reconhecimento de nossa responsabilidade? Que valor tem a minha ação insignificante no meio da vasta ação destruidora? De que modo pode o meu pensamento influir na estupidez humana? O que está acontecendo no mundo é pura estupidez, e minha inteligência não pode, de modo nenhum, influir nos acontecimentos. Além disso, pensai no tempo que seria necessário para que a ação individual pudesse produzir algum efeito no mundo."

O mundo é diferente de vós? A estrutura da sociedade não foi construída por gente igual a vós e a mim? Para que se produza uma transformação radical da estrutura, não é necessário nos transformemos, vós e eu, radicalmente? Como pode haver uma revolução fundamental nos valores, se ela não começar em nós? Para se prestar ajuda, na crise atual, é necessário procurar uma nova ideologia, um novo plano econômico. Ou devemos começar compreendendo o conflito e a confusão existentes dentro de nós mesmos e que se projetam e constituem o mundo? Ideologias novas podem trazer a unificação dos homens? As crenças não põem o homem contra o homem? Não devemos afastar as nossas barreiras ideológicas — e todas as barreiras são ideológicas — e considerar os nossos problemas, não com o preconceito das conclusões e das fórmulas, mas diretamente e sem preconceito? Nunca estamos em relação direta com os nossos problemas, mas sempre através de alguma crença ou fórmula. Só podemos resolver os nossos problemas quando estamos em relação direta com eles. Não são os nossos problemas que atiram o homem

contra o homem, mas sim as nossas idéias em torno deles, dos problemas. Os problemas nos unem; as idéias, porém, nos separam.

Se me permitis perguntar, — por que razão pareceis tão preocupada com a crise?

"Oh! não sei. Vê-se tanto sofrimento e tanta miséria, e *sinto* que se deve fazer alguma coisa."

Estais verdadeiramente interessada nisso, ou será que ambicionais fazer alguma coisa?

"Se assim encarais a questão, acho que ambiciono fazer alguma coisa em que seja bem sucedida."

Mui poucos de nós somos honestos em nosso pensar. Queremos ter sucesso, seja diretamente para nós, seja em prol do ideal ou da crença com que estamos identificados. O ideal é nossa própria projeção, produto da nossa mente, e a mente experimenta de acordo com nosso condicionamento. Por causa destas nossas projeções trabalhamos, escravizamo-nos e morremos. O nacionalismo, tal como a adoração de Deus, não é mais do que a glorificação de nós mesmos. Nossa pessoa é que é importante, real ou ideologicamente, e não os desastres e desgraças. Nada desejamos fazer, verdadeiramente, com relação à crise; ela é apenas um novo tópico de conversação para os inteligentes, uma oportunidade para os que se interessam pelas atividades sociais, e para os idealistas.

Porque somos ambiciosos?

"Se não o fôssemos, nada seria feito neste mundo. Se não fôssemos ambiciosos ainda estaríamos viajando em carruagens puxadas por cavalos. A ambição é um outro nome do progresso. Sem o progresso, declinaríamos e morreríamos."

Ao mesmo tempo que realizamos coisas no mundo, estamos causando guerras e desgraças inenarráveis. A ambição é progresso? Não estamos, por enquanto, considerando o progresso, mas a ambição. Por que somos ambiciosos? Por que queremos ser bem sucedidos, ser pessoas importantes? Por que lutamos para ser superiores? Por que todo este esforço para nos impormos, seja diretamente, seja através de uma ideologia ou do Estado? Não é esta nossa arrogância a causa principal de nosso conflito e confusão? Sem ambição morreríamos? Não poderemos continuar a viver, fisicamente, se não formos ambiciosos?

"Quem quererá continuar a viver sem sucesso, sem reconhecimento?"

Este desejo de sucesso e de aplausos não produz conflito, interior e exteriormente? Ser isento de ambição significaria decadência? Não

ter conflito, significa estagnação? Podemos narcotizar-nos, pôr-nos a dormir, com crenças e doutrinas, e evitar assim conflitos profundos. Para a maioria de nós uma dada espécie de atividade serve de narcótico. É óbvio que um tal estado é um estado de decomposição, desintegração. Mas, quando estamos cônscios do falso como falso, isso traz a morte? Estar cônscio de que a ambição, sob qualquer forma — ambição de felicidade, de Deus, de sucesso — é a causa do conflito interior e exterior, isso, por certo, não significa o fim da ação, o fim da vida.

"Sentir-me-ia enfastiada, se não estivesse ocupada, lutando por conseguir um certo resultado. Eu era ambiciosa para bem do meu marido, e, suponho, diríeis que era ambiciosa para meu próprio bem, através de meu marido. E agora sou ambiciosa em meu próprio interesse, através de uma idéia. Nunca refleti sobre a ambição: — era simplesmente ambiciosa."

Por que somos tão atilados e ambiciosos? Não é a ambição um impulso para evitar o que *é*? Esta nossa inteligência não é realmente estúpida — que é o que somos? Por que temos tanto medo do que *é*? Que vale fugir, se aquilo que somos está sempre presente? Podemos ter sucesso na fuga; entretanto, o que somos nos acompanha sempre, gerando conflito e sofrimento. Por que temos tanto medo de nossa solidão, de nosso vazio? Qualquer atividade de fuga ao que *é* não pode deixar de trazer sofrimento e antagonismo. Conflito é, ou repúdio do que *é*, ou fuga do que *é*; não há outro conflito senão este. Nosso conflito se torna mais e mais complexo e insolúvel, por não fazermos frente ao que *é*. Não há complexidade no que *é*, mas só nos muitos meios de fuga a que recorremos.

80. SATISFAÇÃO

O céu estava coberto de pesadas nuvens e fazia calor, embora a brisa brincasse com as folhas. Ouviam-se trovões distantes e uns respingos de chuva assentavam a poeira da estrada. Os papagaios voavam doidamente, gritando a mais não poder. Uma águia grande, no ramo mais alto de uma árvore, alisava as penas e observava tudo o que se passava em baixo. Um macaquinho estava sentado noutro ramo, e os dois se observavam, a respeitável distância. Logo um corvo veio fazer-lhes companhia. Terminada sua toalete matinal, a águia permaneceu completamente imóvel durante alguns momentos, depois

levantou vôo e foi-se. Exceto para os entes humanos, um dia novo começava; nada era como ontem. As árvores e os papagaios não eram os mesmos; o capim e as moitas tinham um quê todo diferente. A lembrança do dia de ontem embaça o dia de hoje, e a comparação impede o percebimento. Que delicadas aquelas flores vermelhas e amarelas! A delicadeza não é coisa do tempo. Transportamos as nossas cargas de dia para dia e não temos, nunca, um dia sem a sombra de muitos dias passados. Nossos dias são um movimento contínuo, em que o ontem se mistura com o hoje e o amanhã; nunca há um findar. Temos medo do findar; mas, se não há fim, como pode haver coisas novas? Se não há morte, como pode haver vida? E que pouco sabemos de uma e de outra! Temos tantas palavras e tantas explicações, com que nos satisfazemos. As palavras desfiguram a significação do findar, e só há findar quando não há mais a palavra. O findar expresso pelas palavras, esse, nós conhecemos; mas o findar sem as palavras, o silêncio não composto de palavras, nunca o conhecemos. O saber é memória; a memória é sempre contínua, e o desejo é o fio que liga cada dia a outro dia. O fim do desejo é o novo. A morte é o novo, e a vida, como continuidade, é apenas memória, coisa vazia. Com o novo, a vida e a morte são uma só coisa.

Um menino caminhava a passos largos e cantava. Sorria para todos que passavam e devia ter muitos amigos. Estava maltrapilho, com um pano sujo em volta da cabeça; tinha, porém, um rosto alegre e olhos brilhantes. Com suas rápidas passadas, alcançou um homem gordo de gorro na cabeça. O homem gordo caminhava tropegamente, de cabeça baixa, preocupado e ansioso. Não ouviu o cantar do menino, não relanceou sequer os olhos para o cantor. O menino transpôs os grandes portões, atravessou os belos jardins e a ponte sobre o rio, virou por um caminho que levava ao mar, onde alguns companheiros vieram juntar-se a ele. Depois de escurecer, começaram a cantar em coro. Os faróis de um carro iluminaram-lhes os rostos e nos seus olhos profundos refletiam-se prazeres desconhecidos. Chovia agora copiosamente, e tudo pingava água.

Ele era doutor em Medicina e Psicologia ao mesmo tempo. Magro, calmo e comedido, viera de além-mar e estava em nosso país há bastante tempo, e já se acostumara com o sol e as grandes chuvas. Disse haver trabalhado durante a guerra como médico e como psicólogo, e servira tanto quanto lhe permitiam as suas capacidades, mas não estava satisfeito com o que dera. Desejava fazer muito mais, servir de maneira muito mais profunda. O que dera tinha sido pouco, e faltava alguma coisa para completá-lo.

Ficamos sentados sem dizer palavra, durante muito tempo, enquanto ele acumulava a pressão de suas angústias. Que coisa extraordinária o silêncio! O pensamento não nos leva ao silêncio, nem tampouco o constitui. O silêncio não pode ser acumulado, nem vem pela ação da vontade. A lembrança do silêncio não é silêncio. O silêncio estava ali, naquela sala, palpitante e sereno, sem que a conversa o perturbasse. O falar tinha significação naquele silêncio, e o silêncio constituía o fundo de onde a palavra brotava. O silêncio dava expressão ao pensamento, mas o pensamento não era o silêncio. Não existia pensamento: apenas silêncio; e o silêncio penetrava, crescia, acumulava e expressava. O pensar não é capaz de penetrar e no silêncio existe comunhão.

Afirmava o doutor estar descontente com tudo: seu trabalho, suas capacidades, e todas as idéias, que, com tanto carinho, cultivara. Tentara as várias escolas de pensamento, e estava insatisfeito com todas. Durante os muitos meses decorridos desde a sua chegada, procurara vários instrutores, mas voltara mais insatisfeito ainda. Tentara muitos *ismos,* inclusive o cinismo; entretanto, a insatisfação perdurava.

Significa isso que estais buscando a satisfação e ainda não conseguistes encontrá-la? Será o desejo de satisfação o causador do descontentamento? Toda busca subentende o conhecido. Vós vos dizeis insatisfeito, e, no entanto, estais a procurar; estais à procura de satisfação e não a encontrastes ainda. Desejais satisfação, e isso significa que não estais insatisfeito. Se estivésseis realmente descontente com tudo, não estaríeis à procura de remédio. A insatisfação, buscando satisfazer-se, não tarda a encontrar o que deseja, numa relação de determinada espécie — com as posses, com uma pessoa, ou com algum *ismo.*

"Já passei por tudo isso, e, no entanto, continuo completamente insatisfeito."

Podeis estar insatisfeito com as relações exteriores, mas talvez estejais à procura de algum apego psicológico que proporcione satisfação completa.

"Já passei por isso também, mas continuo insatisfeito."

Duvido que o estejais realmente. Se estivésseis completamente insatisfeito, não haveria movimento em direção alguma, haveria? Se estais completamente insatisfeito com o quarto em que morais, não ides procurar outro quarto maior, com móveis mais bonitos; no entanto, é o desejo de encontrar um quarto melhor que chamais insa-

tisfação. Não estais insatisfeito com todos os quartos, mas só com este, em particular, do qual quereis ficar livre. Vossa insatisfação resulta de não terdes encontrado a satisfação completa. Estais realmente à procura de agrado, e por isso estais constantemente em movimento, julgando, comparando, pesando, negando; e naturalmente estais insatisfeito. Não é assim?

"Parece que sim."

Por conseguinte, *não* estais realmente insatisfeito; o que acontece é só que até agora não encontraste satisfação completa e permanente, em alguma coisa. Isto é o que quereis: a satisfação completa, um contentamento interior, profundo, que seja permanente.

"Mas eu quero ser útil, e este descontentamento me impede de dedicar-me completamente a isso."

Vosso alvo é ser útil e encontrar nisso satisfação completa. Não desejais realmente ser útil, mas achar satisfação em ser útil. Estais em busca da satisfação no ser útil, outro a busca em algum *ismo* e outro, ainda, num hábito qualquer. Estais à procura de uma droga que vos satisfaça completamente e que, por enquanto, chamais ser útil. Procurando aparelhar-vos para ser útil, vos estais aparelhando para encontrardes a satisfação completa. O que desejais realmente é a satisfação de vós mesmo, uma satisfação que dure sempre. Na maioria dos casos, o descontentamento encontra facilmente o contentamento. O descontentamento pode ser posto a dormir muito rapidamente; pode ser rapidamente narcotizado, acalmado e tornado respeitável. É possível que, exteriormente, estejais farto de todos os *ismos,* mas psicologicamente, bem no fundo, estais à procura de alguma coisa a que possais ficar apegado. Dizeis que pusestes termo a todas as vossas relações pessoais. É provável que não tenhais achado nas relações pessoais uma satisfação duradoura, e, por isso, estejais procurando relação com uma idéia — que é empre autoprojeção. Na busca de uma relação que seja completamente satisfatória, de um refúgio seguro, capaz de resistir a todas as tormentas, não estais perdendo justamente aquilo que traz a satisfação? Satisfação é talvez uma palavra imprópria, mas a verdadeira satisfação não significa estagnação, conciliação, apaziguamento, insensibilidade. Satisfação é a compreensão do que *é,* e o que *é* jamais é estático. A mente que está sempre a interpretar e a traduzir o que *é,* está aprisionada no seu próprio preconceito, relativo à satisfação. Interpretação não é compreensão.

Com a compreensão do que *é,* vem o amor que nunca se esgota, a ternura, a humildade. Talvez seja isto o que estais buscando, mas

não pode ser procurado, nem achado. Por mais que o tenteis, não o encontrareis nunca. Somente aparecerá quando a busca houver cessado de todo. Só podeis procurar aquilo que já conheceis, ou seja, mais satisfação. Procurar e observar são dois processos diversos: um prende e o outro traz a compreensão. A busca, tendo sempre um fim em vista, prende; a vigilância passiva traz a compreensão daquilo que *é*, momento por momento. Naquilo que *é*, momento por momento, há a todo instante um findar; na busca há continuidade. A busca nunca achará o novo; só no findar existe o novo. O novo é o inexaurível. Só o amor é eternamente renovador.

81. SABEDORIA NÃO É ACUMULAÇÃO DE SABER

A cabana estava situada nos altos da serra, e, para lá chegar, tinha-se que atravessar de carro o vasto deserto, passar por várias cidades e através de luxuriantes pomares e ricas fazendas, recuperadas ao deserto pela irrigação e pelo trabalho árduo. Uma das cidades era particularmente aprazível, com seus gramados verdes e arvoredos copados, pois nas vizinhanças corria um rio que descia das montanhas distantes até ao coração do deserto. Além dessa cidade, e acompanhando a corrente encachoeirada, avançava a estrada, em direção aos picos nevados. O terreno era agora pedregoso, estéril, e queimado pelo sol, mas havia muitas árvores ao longo das margens do rio. A estrada, dando voltas e mais voltas, subindo sempre, através de florestas de velhos pinheiros que rescendiam ao calor do sol. O ar se tornara fresco, e logo chegamos à cabana.

Poucos dias após, já acostumados com a nossa presença, um esquilo vermelho-e-preto veio sentar-se no peitoril da janela e ralhar um pouco conosco. Queria nozes. Os visitantes, parece, costumavam regalá-lo; agora, porém, eram raros e ele estava muito preocupado em armazenar as suas provisões para o inverno que se aproximava. Era um esquilo muito ativo, divertido e sempre pronto a guardar tudo o que podia para os muitos meses de frio e neve que tinha pela frente. Sua morada era no oco de uma árvore que devia estar morta há muitos anos. Agarrava uma noz, corria para o enorme tronco, galgava-o com muito barulho, ralhos e ameaças. Desaparecia num buraco, ressurgia e tornava a descer com tamanha velocidade que a gente pensava fosse cair; mas isso nunca aconteceu. Passamos uma

manhã inteira dando-lhe todo o conteúdo de um pacote de nozes; tornou-se muito amigável e confiado, a ponto de saltar para dentro do quarto, e dava gosto vê-lo, com seu pêlo reluzente, os olhos grandes e brilhantes, como duas contas. As garras eram agudas e a cauda muito felpuda. Era um bichinho alegre e tratável, e parecia ser o dono daquelas redondezas, pois escorraçava de lá todos os outros esquilos.

Aquele homem era muito afável e aspirava ardentemente à sabedoria. Queria acumulá-la, como o esquilo as suas nozes. Embora não tivesse fortuna, devia ser muito viajado, pois conhecia muita gente em vários países. Devia ter lido muito, pois costumava citar frases de um ou outro filósofo ou santo. Adiantou ler grego com facilidade e tinha noções de sânscrito. Estava envelhecendo e vivamente interessado em acumular sabedoria.

Pode-se acumular sabedoria?

"Por que não? É a experiência que torna sábio o homem, e o saber é essencial para se alcançar a sabedoria."

Pode ser sábio o homem que acumulou saber?

"A vida é um processo de acumulação, gradual formação do caráter, um lento evoluir. A experiência, afinal de contas, é acumulação de saber. O saber é essencial para a compreensão."

A compreensão vem com o saber, com a experiência? O saber é o resíduo da experiência, a acumulação do passado. O saber, a consciência é sempre do passado; e o passado é capaz, em algum tempo, de compreender? Não aparece a compreensão naqueles intervalos em que o pansamento está silencioso? E pode o esforço para prolongar ou acumular esses estados silenciosos trazer a compreensão?

"Sem acumulação, não existiríamos; não haveria continuidade de pensamento, de ação. A acumulação é caráter, é virtude. Não podemos existir sem acumular. Se eu não conhecesse a estrutura daquele motor, não seria capaz de compreendê-lo; se não conhecesse a estrutura da música seria incapaz de apreciá-la profundamente. Só os superficiais *gozam* a música. Para se compreender a música é preciso saber como é feita, composta. Saber é acumulação. Não há compreensão, sem conhecimento dos fatos. É necessário alguma espécie de acumulação, para a compreensão, que é sabedoria."

Para descobrir, precisamos de liberdade, não achais? Quem está amarrado ou debaixo de um peso não pode ir longe. Como pode haver liberdade, quando há acumulação, de qualquer espécie que

seja? O homem que acumula, seja dinheiro, seja saber, nunca poderá ser livre. Podeis ser livre do impulso para a aquisição de coisas, mas a avidez de saber é também servidão, também prisão. A mente, amarrada a qualquer forma de aquisição, é capaz de viajar para longe e fazer descobrimentos? A virtude é acumulação? Pode uma mente que acumula virtude ser virtuosa em algum tempo? Não é a virtude, o estado livre de vir a ser? O caráter pode ser também um estado de servidão. A virtude nunca é servidão; mas toda acumulação o é.

"Como pode haver sabedoria sem experiência?"

A sabedoria é uma coisa, e o saber outra. O saber é acumulação de experiência; é a continuidade da experiência, ou seja, memória. A memória pode ser cultivada, fortalecida, moldada, condicionada; mas é a sabedoria um prolongamento da memória? A sabedoria tem continuidade? Temos o saber acumulado através das idades; e por que não somos sábios, felizes, criadores? Pode o saber levar à felicidade? O saber que é acumulação de experiência não é o viver. O saber impede o viver. A acumulação de experiência é um processo contínuo, e cada experiência torna mais forte esse processo; cada experiência fortalece a memória, dá-lhe vitalidade. Sem esta constante reação, a memória não tardaria a apagar-se. O pensamento é a memória, a palavra, a acumulação de experiência. A memória é o passado, como o é a consciência. Toda esta carga do passado é que constitui a mente, o pensamento. O pensamento é coisa acumulada; e como pode o pensamento estar livre, alguma vez, para descobrir o que é novo? Ele tem de cessar, para que o novo possa existir.

"Posso compreender isso até certo ponto; entretanto, sem pensamento como pode haver compreensão?"

A compreensão é um processo do passado, ou está sempre no presente? Compreensão significa ação no presente. Ainda não notaste que a compreensão é instantânea, independente do tempo? Compreendeis gradualmente? A compreensão é sempre imediata, agora, não é? O pensamento é produto do passado; está fundado no passado, é uma reação do passado. O passado é o que se acumulou, e o pensamento é a reação dessa acumulação. Como pode, pois, o pensamento compreender? A compreensão é um processo consciente? Podemos, deliberadamente, pôr-nos a compreender? Podemos decidir apreciar a beleza de uma tarde?

"Mas a compreensão não é um esforço consciente?"

Que entendeis por consciência? Quando estamos conscientes? A consciência não é a reação ao desafio, ao estímulo, agradável ou

dolorosa? Esta reação ao desafio é experiência. Experiência é dar nome, é associação. Sem se dar nome, não haveria experiência alguma, haveria? Todo esse processo de desafio e reação, denominação, experiência, constitui a consciência, não? A consciência é sempre um processo do passado. O esforço consciente, a vontade de compreender, de acumular, a vontade de ser, é uma continuação do passado, porventura modificado, mas sempre passado. Quando fazemos esforço para ser ou vir a ser alvo, este algo é projeção de nós mesmos. Quando fazemos um esforço consciente para compreender, estamos ouvindo o barulho de nossas próprias acumulações. Este barulho é que impede a compreensão.

"Que é então sabedoria?"

A sabedoria existe, quando o saber se acaba. O saber tem continuidade; sem continuidade, não há saber. O que tem continuidade jamais pode ser livre, ser coisa nova. Há liberdade apenas para aquilo que tem fim. O saber não pode, nunca, ser novo, ele está sempre a tornar-se coisa velha. O velho está sempre a absorver o novo, e a fortalecer-se. O velho tem de cessar, para que possa existir o novo.

"Estais dizendo, por outras palavras, que o pensamento precisa terminar, para que a sabedoria possa existir. Mas como pode terminar o pensamento?"

Não há possibilidade de cessar o pensamento por meio de disciplinas, exercícios, ou compulsão. O pensador é o pensamento e não pode operar sobre si mesmo; quando o faz, o que há é ilusão. Ele, o pensador, *é* pensamento, não está separado do pensamento. Pode presumir-se diferente, dar-se a aparência de ser diferente, mas isso é pura estratégia do pensamento para dar permanência a si mesmo. Quando o pensamento tenta pôr termo ao pensamento, apenas fortalece a si próprio. Por mais que se esforce, o pensamento não pode pôr termo a si mesmo. É só quando se percebe esta verdade que o pensamento pode cessar. Só há liberdade no perceber a verdade do que *é*, e a sabedoria é a percepção dessa verdade.

Aquilo que *é* nunca é estático, e para se poder estar passivamente cônscio dele é preciso estar-se livre de todas as acumulações.

82. A DISTRAÇÃO

Era um canal muito extenso e largo que levava a água do rio a regiões secas. Estava situado num plano mais alto do que o rio,

sendo a água que nele entrava controlada por um sistema de comportas. Ao longo do canal reinava uma grande paz; barcaças repletas de carga o navegavam, subindo e descendo, e as brancas velas triangulares se destacam contra o céu azul e as palmeiras escuras. Era uma bela tarde, calma e límpida, e a água muito tranqüila. Os reflexos das palmeiras e mangueiras eram tão vivos e claros, que o real se confundia com o reflexo, sendo difícil distingui-los. O sol poente fazia transparentes as águas e o esplendor do crepúsculo tingia-lhes a superfície. A estrela vespertina começava a mostrar-se no meio dos reflexos. A água era imóvel e os poucos aldeãos que passavam, e que em geral faziam tanta algazarra, iam calados. Até o cicio das folhas tinha parado. Da campina surgiu um animal; bebeu e tornou a desaparecer, silenciosamente, como viera. O silêncio se tinha apoderado de toda a região e parecia cobrir todas as coisas com o seu manto.

A barulho tem fim: o silêncio, porém, é penetrante e infinito. Podemos fechar-nos para evitar o barulho; mas nada pode fechar-nos contra o silêncio; não há muralha que possa barrar-lhe a entrada, não há resistência a ele. O barulho empurra para fora todas as coisas, o barulho exclui e isola; o silêncio recolhe todas as coisas no seu seio. O silêncio, como o amor, é indivisível, não tem fronteira com o barulho. A mente não pode segui-lo ou ser posta tranqüila para recebê-lo. A mente que é tornada tranqüila apenas reflete as suas próprias imagens, e estas são precisas e claras, fechando a entrada com o barulho que fazem. A mente que foi posta tranqüila só é capaz de resistir, e toda resistência é agitação. A mente que *é* tranqüila — mas não foi tornada tranqüila — está sempre experimentando o silêncio; o pensamento, a palavra, está então dentro do silêncio, e não fora dele. É extraordinário como, neste silêncio, a mente *é* tranqüila, com uma tranqüilidade não formada. Como a tranqüilidade não é mercadejável, não tem preço nem é utilizável, tem ela pureza e singeleza. O que pode ser utilizado em breve se gasta. A tranqüilidade não tem começo nem fim, e a mente que está tranqüila conhece uma felicidade que não é reflexo do seu próprio desejo.

Dizia ela andar sempre agitada, por causa de uma coisa ou de outra; se não era a família, era o vizinho ou alguma atividdc social. A agitação enchia-lhe a vida, e ela nunca pudera encontrar a razão dessas constantes perturbações. Não era invejavelmente feliz, e como poderia sê-lo, com o mundo nas condições em que estava? Tivera o seu quinhão de efêmera felicidade, mas tudo isso já pertencia ao passado e agora andava à caça de algo que lhe desse significação à

vida. Ocupara-se com muitas coisas que, no princípio, pareciam proveitosas mas que, posteriormente, redundaram em nada. Tomara parte em várias atividades sociais com finalidades sérias; crera ardentemente nas coisas da religião, sofrera pela morte de parentes, e se submetera a uma delicada operação cirúrgica. A vida não a tratava com brandura, acrescentou, e havia milhões de outros seres neste mundo nas mesmas condições que ela. Queria transcender esta agitação, absurda ou inevitável, e encontrar algo de real valia.

As coisas que têm valia não podem ser achadas. Estas coisas não podem ser compradas; elas têm de acontecer, e este encontro não pode ser planejado de antemão, calculadamente. Não é verdade que tudo o que tem significação profunda sempre acontece, nunca é produzido? O acontecimento é importante, e não o achar; o achar é relativamente fácil; mas o acontecer é coisa muito diversa. Não quero dizer que seja difícil; mas o impulso para procurar, achar, tem de deter-se, completamente, para que o acontecimento possa verificar-se. Achar subentende perda; precisais ter, para perder. Possuir ou ser possuído não significa estar livre para compreender.

Mas por que existiu sempre essa inquietação? Já o investigastes seriamente, alguma vez?

"Já o tentei, com pouco entusiasmo; nunca com determinação. Sempre fui distraída por alguma coisa."

Não distraída, se me permitis; o que acontece é que isso nunca foi um problema vital para vós. Quando há um problema vital, não há distração. A distração não existe; distração subentende um interesse central, do qual a mente se desvia, mas quando há um interesse central, não há distração. O divagar da mente, de uma coisa para outra, não é distração, é fuga ao que *é*. Gostamos de vaguear por longe, porque o problema está muito perto de nós. A divagação dá-nos o que fazer, como as preocupações e o falar da vida alheia; e, embora a divagação seja, não raro, dolorosa, nós a preferimos ao que *é*.

Desejais deveras examinar esta questão seriamente, ou estais apenas a bulir com ela superficialmente?

"Desejo deveras investigá-la cabalmente; é por isso que estou aqui."

Sois infeliz porque não há uma fonte a encher continuamente o poço, não é verdade? Podeis ter ouvido outrora o murmúrio da água rolando sobre os seixos, mas, hoje, o leito do rio está seco. Conhecestes a felicidade, porém ela ficou para trás e é sempre uma coisa

do passado. É esta fonte que andais buscando? E podeis procurá-la, ou ela deve ser encontrada inesperadamente? Se soubésseis onde ela está, acharíeis um meio de alcançá-la, mas como não o sabeis não há caminho que vos conduza a ela. Saber é impedir o encontro com ela. É este um *dos problemas?*

"É, com toda a certeza. A vida é tão insípida e estéril, e, se isso pudesse acontecer, nada mais haveria que desejar."

A solidão é um problema?

"Eu não me importo de estar só; sei o que fazer em tais ocasiões: dou um passeio ou fico sentada tranqüilamente, até desaparecer o sentimento de solidão. De mais a mais, agrada-me estar só."

Sabemos, todos nós, o que significa a solidão: um vazio doloroso, aterrador, que não pode ser suavizado. Sabemos também como se foge dela, pois já temos explorado todas as vias de fuga. Uns ficam presos a uma dessas vias; outros continuam a explorar; mas nem uns, nem outros estão em relação direta com o que *é*. Afirmais saber como proceder em face da solidão. Se me permitis observá-lo, essa própria ação, em face da solidão, é a vossa maneira de evitá-la. Saís a dar um passeio ou ficais sentada com a vossa solidão, até que ela se vá. Estais sempre a atuar sobre ela, não lhe permitindo que vos conte a sua história. Quereis dominá-la, passar por cima dela, fugir dela; por conseqüência, a vossa relação com ela é uma relação de medo.

O preenchimento é, também, um problema? Quando nos preenchemos em alguma coisa, isto significa que estamos evitando o que somos, não é verdade? Eu sou insignificante, mas, identificando-me com a nação, com a família, ou com uma crença, sinto-me preenchido, completo. Esta busca para se ser completo é um meio de evitar o que *é*.

"Sim, é verdade; este é também meu problema."

Se pudermos compreender o que *é*, é provável que então todos os problemas deixem de existir. Nosso modo de proceder, em face de qualquer problema, é evitá-lo; desejamos fazer algo em face dele. Esse fazer alguma coisa nos impede de estar em relação direta com ele, e tal procedimento obsta à compreensão do problema. A mente está ocupada em encontrar uma forma de resolver o problema, o que na realidade significa evitá-lo; e, por este motivo, nunca o problema é compreendido, e portanto continua a existir. Para que o problema, o que *é*, possa desdobrar-se e contar-nos toda a sua história, a mente tem de ser sensível e ágil, para segui-la. Se anestesiamos a

mente com as nossas fugas, com sabermos como se procede em face do problema, com a busca de uma explicação ou causa para ele, — o que não é mais do que uma conclusão verbal — então a mente se torna embotada e incapacitada para seguir velozmente a história que o problema, o que *é*, está revelando. Vede a verdade a este respeito, e vossa mente se tornará sensível; e só então poderá ela receber. Qualquer atividade da mente com relação ao problema só tem o efeito de embotar a mente e incapacitá-la de seguir, de escutar o problema. Quando a mente é sensível -- mas não porque a *fazemos* sensível, o que vem a ser apenas uma outra maneira de embotá-la — então o que *é*, o vazio, tem significado completamente diferente.

Tende a bondade de ir experimentando, passo a passo, o que estamos falando; não permaneçais no nível verbal.

Qual é a relação da mente com o que *é*? Até agora tem-se dado ao que *é* um nome, uma designação, um símbolo de associação, e este dar nome impede a relação direta, tornando a mente embotada, insensível. A mente e o que *é* não são dois processos separados, mas o dar nome os separa. Quando cessa esse dar nome, há a relação direta, e a mente e o que *é* são uma só coisa. O que *é* é agora o próprio observador, sem nome, e só então o que *é* se transforma; já não é a coisa chamada vazio, com suas associações de medo, etc. A mente é então, apenas, o estado de experimentar sem experimentador e coisa experimentada. Há então uma profundidade insondável, pois "aquele que mede" deixou de existir. O que é profundo é silencioso, tranqüilo, e nesta tranqüilidade se acha a fonte inexaurível. A agitação da mente provém do uso da palavra. Quando não existe a palavra, existe o imensurável.

83. O TEMPO

Era um homem já meio idoso mas bem conservado, de longos cabelos grisalhos e barba branca. Lecionava Filosofia em universidades, em várias partes do mundo. Era ilustrado e calmo. Disse que não costumava meditar e também que não era religioso, no sentido comum. Interessava-o unicamente o saber; e conquanto fizesse conferências sobre Filosofia e experiências religiosas, nunca tivera pessoalmente dessas experiências, nem as desejava. Tinha vindo para conversar sobre a questão do tempo.

Como é difícil ao homem que tem posses ser livre! Ao homem rico é muito penoso abandonar a riqueza. Só quando há outras

atrações mais sedutoras, será ele capaz de renunciar à confortante certeza de ser um homem rico; tem de achar o preenchimento de sua ambição num outro nível, antes de largar o que tem na mão. Para o homem rico, dinheiro é poder, e ele, o homem que maneja o poder; poderá doar grandes somas de dinheiro, mas é ele o doador.

O saber é uma outra forma de propriedade, e o homem que possui saber está satisfeito com ele; para ele, o saber é um fim em si. Tem a convicção — pelo menos a tinha aquele homem — de que o saber resolverá de alguma forma todos os problemas, se for possível disseminá-lo, a mancheias ou moderadamente, em volta do mundo. É muito mais difícil ao homem de saber livrar-se de suas posses do que ao homem de dinheiro. É extraordinária a facilidade com que o saber toma o lugar da compreensão e da sabedoria. Se temos conhecimentos a respeito de coisas, acreditamos compreendê-las; pensamos que, se sabemos ou estamos bem informados sobre as causas de um problema, o problema se torna inexistente. Buscamos as causas dos nossos problemas, e esta própria busca é adiamento da compreensão. Quase todos nós conhecemos as causas; a causa do ódio não está muito profundamente oculta, mas, enquanto a procuramos, podemos continuar a fruir os seus efeitos. O que nos interessa é a conciliação dos efeitos e não a compreensão do processo total. A maioria de nós apega-se aos problemas, pois, sem eles, nos veríamos como que perdidos; os problemas dão-nos o que fazer, e as atividades decorrentes de nossos problemas enchem-nos a vida. Nós *somos* o problema e as atividades respectivas.

O tempo é um fenômeno muito estranho. Espaço e tempo são uma só coisa; um não existe sem o outro. O tempo é, para nós, extraordinariamente importante, e cada um lhe atribui sua significação própria, pessoal. O tempo quase não tem significação para o selvagem, mas para o homem civilizado é de imensa significação. O selvagem esquece-se de um dia para outro; mas se o homem educado fizesse o mesmo seria trancado num hospício ou perderia seu emprego. Para o cientista o tempo é uma coisa, para o leigo, outra. Para o historiador o tempo é o estudo do passado; para o homem que tem investimentos em títulos é a fita telegráfica que registra as cotações da Bolsa; para a mãe, é a lembrança do filho; para o homem exausto, o descanso na sombra. Cada um o traduz de acordo com suas necessidades e satisfações particulares, ajustando-o às conveniências de sua mente calculista. Entretanto, não podemos passar sem o tempo. Para vivermos, o tempo cronológico é tão essencial como as estações. Mas, existe o tempo psicológico, ou ele é apenas uma ilusória conveniência da mente? Sem dúvida, só há tempo

cronológico, e tudo o mais é ilusão. Há tempo de crescer e tempo de morrer, tempo de semear e tempo de colher; mas o tempo psicológico, o processo de vir a ser não é completamente falso?

"Que é tempo, para vós? Pensais a respeito do tempo? Tendes percebimento do tempo?"

Pode-se pensar a respeito do tempo, excetuado o tempo cronológico? Podemos utilizar o tempo como um meio, mas, em si, ele tem muito pouca significação, não achais? O tempo como abstração é pura especulação, e toda especulação é vã. Servimo-nos do tempo como meio de consecução de um objetivo, tangível ou psicológico. O tempo é necessário, para chegarmos à estação na hora certa, mas nós em geral nos servimos do tempo como meio de alcançarmos um fim psicológico, e esses fins são muitos. Ficamos cônscios do tempo quando há um empecilho à consecução do que queremos ou durante o intervalo em que estamos vindo a ser bem sucedidos. O tempo é o espaço entre o que *é* e o que podia, devia, ou deveria ser. O começo movimentando-se para o fim é o tempo.

"Não existe outro tempo? Que achais das conclusões científicas a respeito do tempo-espaço?"

Há o tempo cronológico e há o tempo psicológico. O tempo cronológico é necessário, e existe; o outro, porém, é uma questão muito diferente. Diz-se que causa-efeito é um processo de tempo, não só fisicamente, mas também psicologicamente. Considera-se que o intervalo entre a causa e o efeito é o tempo; mas existe algum intervalo? A causa e o efeito de uma doença podem estar separados pelo tempo, que é aqui cronológico; mas há intervalo entre a causa e o efeito psicológicos? Causa-efeito não é um processo único? Não há intervalo entre a causa e o efeito. Hoje é o efeito de ontem e a causa de amanhã[1]; é um só movimento, um fluir contínuo. Não há separação, não há uma linha distinta entre a causa e o efeito; mas interiormente nós os separamos com o fim de vir a ser, alcançar nossos objetivos. Sou *isto* e me tornarei *aquilo*. Para me tornar *aquilo,* preciso de tempo — o tempo cronológico usado para fins psicológicos! Sou ignorante mas tornar-me-ei sábio. A ignorância a tornar-se sábia é ignorância progressiva, apenas; porque a ignorância não pode tornar-se sábia, assim como a avidez não pode fazer-se não-avidez. A ignorância é o próprio processo de vir a ser.

---

(1) Psicologicamente. (N. do T.)

Não é o pensamento produto do tempo? O saber é a continuação do tempo. O tempo é continuidade. A experiência é saber, e o tempo é a continuação da experiência, como memória. O tempo como continuidade é uma abstração, e especulação é ignorância. A experiência é memória, é a mente. A mente é a máquina do tempo. A mente é o passado. O pensamento é sempre do passado; o passado é a continuidade do saber. O saber é sempre do passado; o saber nunca está fora do tempo, mas sempre dentro do tempo e dele dependendo. Esta continuação da memória, do saber, é a consciência. A experiência está sempre no passado; ela *é* o passado. Este passado, em conjunção com o presente, está em movimento para o futuro; o futuro é o passado, modificado talvez, mas sempre o passado. Todo este processo é pensamento, é a mente. O pensamento não pode funcionar noutro campo senão o do tempo. Pode o pensamento especular a respeito do atemporal, mas tal especulação será sua própria projeção. Toda especulação é ignorância.

"Por que então fazeis menção ao atemporal? Pode o atemporal ser conhecido? Pode-se reconhecê-lo como o atemporal?

Reconhecimento implica a existência de experimentador, e o experimentador é sempre do tempo. Para reconhecer alguma coisa o pensamento deve tê-la experimentado; e se a experimentou, nesse caso, essa coisa é o conhecido. O conhecido não é o atemporal, por certo. O conhecido está sempre dentro da rede do tempo. O pensamento não pode conhecer o atemporal; o atemporal não é uma nova aquisição, um novo alvo alcançado. Não se pode ir a ele. É um estado de ser, em que não há pensamento, tempo?

"Mas que valor tem ele? (o atemporal)."

Nenhum. O atemporal não é mercadoria. Não pode ser pesado, para um determinado fim. Seu valor é desconhecido.

"Mas que função tem ele, na vida?"

Se a vida é pensamento, não tem função nenhuma. Queremos conquistá-lo como uma fonte de paz e felicidade, um escudo contra as perturbações, como como meio de unir as pessoas. O atemporal não pode ser utilizado com propósito algum. Propósito sugere os meios para se alcançar um fim, e estamos assim, de novo, às voltas com o processo de pensamento. A mente não pode formular o atemporal, moldá-lo aos seus fins; o atemporal não pode ser utilizado. A vida só tem significação quando há o atemporal; de outro modo, ela é sofrimento, conflito e dor. O pensamento não pode resolver nenhum problema humano, pois o próprio pensamento é o problema.

O findar do saber é o começo da sabedoria. A sabedoria não é do tempo, não é a continuação da experiência, do saber. A vida no tempo é confusão e sofrimento; mas quando o que *é* é o atemporal, há a felicidade suprema.

84. O SOFRIMENTO

Um animal morto, de grande porte, boiava rio abaixo. Pousados sobre ele, vários abutres lhe dilaceravam a carcaça; enxotavam os outros abutres, até se saciarem, e só então levantavam vôo e se iam. Os outros ficavam esperando, nas árvores das margens ou circulando nos ares. O sol acabara de nascer e o capim estava todo molhado de orvalho. Os campos verdes, do outro lado do rio, cobriam-se de neblina, e as vozes dos camponeses se ouviam, distintas, por sobre as águas. Era uma bela manhã, fresca e nova. Um filhote de macaco brincava por perto da mãe, nos galhos de uma árvore. Corria por um galho, saltava para outro e voltava correndo ou ficava perto da mãe a dar pulos. Esta parecia enfastiada com aquelas momices e de vez em quando descia de uma árvore e subia noutra. Ao descer, o filhote se grudava a ela, saltando-lhe às costas ou pendurando-se-lhe por baixo. Tinha uma cara miudinha, com dois olhinhos cheios de traquinice e medrosa malícia.

Que medo nós temos do novo, do desconhecido! Gostamos de permanecer fechados em nossos hábitos diários, nossas rotinas, brigas e ansiedades. Gostamos de pensar pela mesma maneira habitual, seguir o mesmo caminho, ver as mesmas caras e ter as mesmas preocupações. Não gostamos de contactos com estranhos, e quando os temos, mantemo-nos reservados e confusos. E quanto nos assusta encontrar um animal que nunca vimos! Movemo-nos entre as paredes de nossos próprios pensamentos; e, quando nos aventuramos a sair, permanecemos dentro das dependências dessas paredes. Nunca temos um findar, mas nutrimos sempre o contínuo. Transportamos de dia para dia as nossas cargas de ontem; nossa vida é um movimento prolongado e contínuo, e nossa mente está embotada, insensibilizada.

Foi-lhe difícil parar de chorar. Não era um pranto controlado ou moderado, mas um soluçar que lhe sacudia o corpo todo. Era um homem relativamente moço, vibrante, com olhos de visionário. Durante algum tempo ficou impossibilitado de falar; e, quando afinal

o fez, sua voz tremia e ele de vez em quando prorrompia de novo em soluços, livremente e sem constrangimento. Passados momentos, disse:

"Não choro desde o dia da morte de minha mulher. Não sei o que me fez chorar agora desta maneira, mas foi um verdadeiro alívio. Já chorei outras vezes, junto com ela, quando viva, e o pranto era então purificador como o riso; mas depois da sua morte tudo mudou. Eu gostava de pintar, mas hoje não posso tocar nos pincéis, nem olhar para as coisas que pintei. Nestes últimos seis meses, ando como se estivesse morto. Não tínhamos filhos, porém ela estava grávida; e agora partiu para sempre. Até hoje quase não posso crê-lo, pois tudo fazíamos em comum. Ela era tão bela e tão boa, e que vou fazer agora? Lamento ter tido esta explosão de sentimento, e só Deus sabe os motivos que a ela me levaram; mas sei que me fez bem chorar. Entretanto as coisas nunca mais voltarão a ser como dantes. Alguma coisa se apagou para sempre na minha vida. Há dias peguei dos pincéis, e os senti como estranhos. Outrora, eu nem sentia ter um pincel na mão; hoje, ele me pesa e incomoda. Muitas vezes me encaminhei para o rio, desejando não mais voltar... e, entretanto, voltei sempre. Não podia ver outros rostos, porque o seu estava sempre diante dos meus olhos. Eu durmo, sonho e como em companhia dela; mas sei que a vida jamais será como foi. Já refleti sobre tudo isso, procurando racionalizar o caso e compreendê-lo; mas sei que ela não existe mais. Sonho com ela, noite por noite; todavia não posso dormir o tempo necessário, por mais que o tente. Não ouso tocar nos seus objetos e o próprio cheiro deles me põe quase louco. Tenho procurado esquecer, mas o que quer que faça a vida nunca mais voltará a ser como dantes. Gostava de ouvir os passarinhos, mas hoje tenho vontade de destruir tudo. Não posso continuar desta maneira. Não tornei a visitar nenhum dos nossos amigos, desde a sua morte, porque sem ela eles nada significam. Que devo fazer?"

Permanecemos em silêncio durante muito tempo.

O amor que se converte em sofrimento e ódio não é amor. Sabemos o que é amor? É amor aquilo que, quando contrariado, se torna fúria? Há amor, quando há ganho e perda?

"Amando-a, tudo o mais deixava de existir. Esquecia-me de tudo, até de mim mesmo. Conheci um amor assim, e ainda tenho este amor por ela; mas agora estou cônscio de outras coisas também, cônscio de mim mesmo, de minha tristeza, dos dias de sofrimento."

Com que rapidez o amor se converte em ódio, ciúme, tristeza! Como nos perdemos completamente no meio da fumaça, como fica

longe aquilo que estava tão perto! Estamos agora cônscio de outras coisas que, subitamente, se tornaram muito mais importantes do que tudo. Estamos agora cônscios de que nos achamos sós, sem um companheiro, sem vermos o sorriso e ouvirmos a voz familiar, penetrante; estamos agora cônscios de nós mesmos e não do outro somente. O outro era tudo, e nós nada; agora o outro não existe mais, e nós somos o que *é*. O outro é um sonho, e a realidade é o que somos. Foi real o outro, ou apenas um sonho de nossa própria criação, revestido da beleza de nossa própria alegria, que tão depressa se desvanece? O desvanecer-se é a morte, e a vida é o que somos. A morte não pode cobrir sempre a vida, por mais que o desejemos; a vida é mais forte do que a morte. O que *é* é mais forte do que o que não é. Como amamos a morte, e não a vida! A negação da vida é tão agradável, um esquecimento tão confortador! Quando o outro existe, nós não existimos; quando o outro existe, somos livres, desimpedidos; o outro é a flor, o próximo, o perfume, a lembrança. Todos desejamos o outro, todos estamos identificados com o outro; o outro é importante, e nós mesmos não somos. O outro é o nosso sonho de nós mesmos e, ao despertarmos, somos o que *é*. O que *é* é imortal, mas queremos pôr fim ao que *é*. O desejo de findar faz nascer o contínuo, e o que é contínuo não conhecerá nunca o imortal.

"Sei que não posso continuar a viver assim, como um homem semimorto. Não tenho certeza, absolutamente, de estar compreendendo o que dizeis. Estou tão atordoado, que não posso entendê-lo bem."

Já não notastes que, muitas vezes, mesmo quando não prestamos toda a atenção ao que se nos diz ou ao que lemos, há todavia uma escuta, inconsciente talvez, e que alguma coisa penetra, mesmo sem o querermos? Embora não olhemos deliberadamente para uma árvore, posteriormente a imagem dela se nos apresenta de súbito ao espírito, em todas as suas minúcias; nunca vos aconteceu isto? É natural estejais atordoado pelo recente choque; mas, sem embargo, quando sairdes deste aturdimento, o que agora estamos dizendo será lembrado e poderá ser de alguma ajuda. Mas importa compreender isto: quando sairdes do choque, o sofrimento será mais intenso, e vosso desejo será de escapar, de fugir de vosso próprio sofrimento. E muita gente quererá ajudar-vos a fugir, com as mais plausíveis explicações — conclusões a que chegaram eles próprios ou outros — racionalizações de toda ordem; ou vós mesmo achareis um refúgio agradável ou desagradável onde afogar o sofrimento. Agora ainda estais muito aproximado do acontecimento, mas com o passar do tempo começareis a desejar alguma espécie de consolação: religião, misantropia, ativi-

dades sociais, ou alguma ideologia. Mas as fugas, de qualquer espécie que sejam, para Deus ou para a bebida, servem apenas para impedir a compreensão do sofrimento.

O sofrimento tem de ser compreendido, e não ignorado deliberadamente. Ignorá-lo é dar-lhe continuidade; ignorar propositadamente o sofrimento é fugir-lhe. A compreensão do sofrimento requer que o consideremos de maneira operante, experimental. Investigar não é buscar um resultado definido. Se buscais um resultado definido, não é possível a investigação. Se sabeis o que desejais, o esforço para alcançá-lo não é investigação. Se procurais vencer o sofrimento, o que significa condená-lo, não compreendereis o seu processo integral; quando tentamos dominar o sofrimento, nossa única preocupação é de evitá-lo. Para se compreender o sofrimento não deve haver ação positiva por parte da mente, justificando-o ou dominando-o. A mente tem de estar completamente passiva, silenciosamente vigilante, para poder seguir, sem hesitações, a revelação do sofrimento. A mente não pode seguir a história do sofrimento, se está amarrada a alguma esperança, conclusão ou lembrança. Para seguir o célebre movimento do que *é*, a mente deve estar livre; a liberdade não se alcança no fim — ela tem de existir exatamente no começo.

"Qual é a significação de todo este sofrimento?"

Não é o vosso sofrimento indício de conflito — o conflito da dor e do prazer? O sofrimento não é um sinal de ignorância? Ignorância não é falta de conhecimentos a respeito de fatos; ignorância é o desconhecimento do processo total de nós mesmos. Haverá sofrimento enquanto não houver compreensão dos movimentos do *eu*, e as atividades do *eu* só podem ser descobertas na ação das relações.

"Mas minha vida de relação está acabada."

As relações nunca se acabam. Pode haver o fim de uma determinada relação; mas o estado de relação não pode acabar. Ser é estar em relação, e nada pode viver no isolamento. Embora tentemos isolar-nos numa determinada relação, esse isolamento gerará, inevitavelmente, sofrimentos. O sofrimento não é processo de isolamento.

"Pode a vida tornar a ser o que já foi?"

Pode a alegria de ontem ser repetida hoje? O desejo de repetição só aparece quando não há alegria hoje; quando o hoje está vazio, voltamos a atenção para o passado ou para o futuro. O desejo de repetição é desejo de continuidade, e na continuidade jamais existe o que é novo. A felicidade existe, não no passado ou no futuro, mas tão-só no movimento do presente.

85. SENSAÇÃO E FELICIDADE

Voávamos a grande altura, acima do verde mar, e o barulho das hélices, fustigando o ar, bem como o ronco do tubo de descarga tornavam difícil a conversação. Além disso, havia a bordo uma turma de estudantes da universidade, que ia tomar parte numa competição atlética na ilha; um deles trazia um banjo; durante muitas horas, tocou e cantou. Isso animou os outros, e todos se puseram a cantar em coro. O rapaz do banjo tinha uma boa voz e suas canções eram americanas, canções populares e dos vaqueiros, ou canções de *jazz*. Todos se saíam muito bem, exatamente como discos de gramofone. Constituíam um grupo excêntrico, preocupado unicamente com o presente; nada lhes ocupava o pensamento, senão o prazer imediato. O amanhã era cheio de tribulações: emprego, casamento, velhice e morte. Mas agora, naquelas alturas, sobre o mar, a vida eram cantigas americanas e revistas de cinema. Os coriscos, cortando as nuvens escuras, eles não os notavam, nem tinham olhos para ver as curvas das praias, ou a aldeia distante, banhada de sol.

A ilha estava agora quase debaixo de nós, toda verde e cintilante, lavada pelas chuvas recentes. Como tudo era gracioso e simétrico, visto daquela altitude! O morro mais alto parecia achatado e as ondas brancas, imóveis. Um barco de pesca, marrom, a vela, fugia da borrasca que se aproximava; chegaria a salvo, pois o porto já estava à vista. O rio coleante descia para o mar, e o solo era marrom-dourado. Daquela altura via-se o que sucedia dos dois lados do rio, e o passado e o futuro se encontravam. O futuro não estava oculto, embora se achasse ao virar da curva. Naquelas alturas não havia nem passado nem futuro; o espaço curvo não escondia nem o tempo da semeadura nem o tempo da colheita.

O homem que ocupava o assento próximo começou a falar sobre as dificuldades da vida. Queixava-se do emprego, das viagens incessantes, da leviandade dos filhos e da futilidade da política atual. Estava em viagem para algum lugar distante e sentia-se um tanto saudoso do lar. Falando, ia-se tornando cada vez mais sério, cada vez mais preocupado a respeito da situação mundial e em particular de sua própria situação e a de sua família.

"Eu tenho vontade de fugir de tudo isso, para algum lugar sossegado, onde pudesse trabalhar um pouco e ser feliz. Acredito nunca ter sido feliz na vida, e não sei o que isso significa. Vivemos, procriamos, trabalhamos, e morremos, como qualquer outro animal. Perdi todo o entusiasmo, exceto para ganhar dinheiro, e mesmo isso

já se me está tornando fastidioso. Sou bastante proficiente na minha ocupação e ganho um bom ordenado, mas para que tudo isto? — a este respeito não tenho a mais vaga idéia. Quero ser feliz, e que achais posso fazer neste sentido?"

Isto é complexo e difícil de compreender, e, além do mais, o lugar é pouco apropriado para uma conversação séria.

"Creio que não terei outro tempo disponível; logo que aterrarmos, terei de partir de novo. Posso não dar a impressão de ser um homem judicioso, mas há traços de sensatez em mim; o único transtorno é que eles parecem não poder juntar-se uns aos outros. No fundo, sou verdadeiramente judicioso. Meu pai e meus parentes mais velhos eram conhecidos pela sua gravidade, mas as atuais condições econômicas não permitem a ninguém manter intacta a sua seriedade. Tenho sido arrastado pela força das circunstâncias, mas bem gostaria de voltar atrás e esquecer toda esta estupidez. Provavelmente sou fraco e por isso me queixo das circunstâncias; mas, de qualquer maneira, desejava ser verdadeiramente feliz."

A sensação é uma coisa, e a felicidade outra. A sensação está sempre buscando mais sensação, em círculos cada vez mais largos. Não há fim para os prazeres da sensação; eles se multiplicam, mas há sempre insatisfação, na sua consumação; há sempre o desejo de *mais*, e a exigência de mais nunca tem fim. A sensação e a insatisfação são inseparáveis, porque o desejo de mais as liga uma à outra. A sensação é tanto o desejo de mais como o desejo de menos. No exato momento de consumar-se a satisfação, nasce a exigência de mais. O *mais* está sempre no futuro; é a eterna insatisfação com o que foi. Há conflito entre o que foi e o que será. A sensação é sempre insatisfação. Pode-se vestir a sensação com uma roupagem religiosa, mas ela continua a ser o que é: uma coisa da mente e uma fonte de conflito e apreensões. As sensações físicas estão sempre clamando por mais; e, quando são contrariadas, há cólera, há ciúme, há ódio. Existe prazer no ódio, e a inveja dá satisfação; quando uma sensação encontra obstruções, vai-se buscar satisfação no próprio antagonismo gerado por essa frustração.

A sensação é sempre uma reação e viaja de uma reação para outra. O viajante é a mente; a mente é sensação. A mente é o reservatório das sensações, agradáveis ou desagradáveis, e toda experiência é reação. A mente é memória, que, afinal de contas, é reação. A reação e a sensação jamais podem satisfazer-se; a reação não pode, nunca, estar contentada. Reação é sempre negação, e o que não *é* nunca poderá *ser*. A sensação não conhece contentamento. A sensa-

ção e a reação têm de gerar sempre conflito, e o próprio conflito é uma nova sensação. Confusão gera confusão. A atividade da mente, em todos os seus diferentes níveis, é favorecer a sensação; e, quando se lhe nega expansão, encontra satisfação no contrair-se. A sensação, a reação, é o conflito dos opostos; e nesse conflito de resistência e aceitação, de concessão e negação, se encontra a satisfação sempre a reclamar mais satisfação.

A mente não pode encontrar a felicidade. A felicidade não é como a sensação que se pode procurar e achar. A sensação pode ser encontrada e reencontrada, pois a estamos sempre perdendo; mas a felicidade não pode ser achada. Felicidade lembrada é apenas sensação, uma reação pró ou contra o presente. O que se acabou não é felicidade; a experiência da felicidade acabada é sensação, porque lembrança é o passado, e o passado é sensação. A felicidade não é sensação.

Já alguma vez estivestes cônscio de ser feliz?

"Já, naturalmente, e graças a Deus; porque, do contrário, não saberia o que é ser feliz."

Por certo, aquilo de que estivestes cônscio era a sensação de uma experiência que chamais felicidade; mas não é a felicidade. O que conheceis é o passado e não o presente; e o passado é sensação, reação, memória. Lembrai-vos de que fostes feliz; entretanto, pode o passado dizer o que é a felicidade? Ele pode recordar, mas não existir. O reconhecimento não é felicidade; saber o que é ser feliz não é felicidade. O reconhecimento é reação da memória; e pode a mente, o complexo de lembranças e experiências, ser feliz alguma vez? O próprio reconhecimento impede o experimentar.

Quando estais cônscio de que sois feliz, existe felicidade? Quando há felicidade, estais cônscio dela? A consciência só vem com o conflito, o conflito da lembrança do mais; a felicidade não é lembrança do mais. Onde existe conflito, não há felicidade. O conflito está onde a mente está. O pensamento, em todos os níveis, é reação da memória, e, portanto, o pensamento gera, invariavelmente, conflito. O pensamento é sensação, e sensação não é felicidade. As sensações estão sempre pedindo satisfação. O fim é sensação, mas a felicidade não é um fim; ela não pode ser procurada.

"Mas como podem acabar as sensações?"

Querer acabar a sensação é querer a morte. A mortificação é apenas outra forma de satisfação. Na mortificação, física ou psicológica, destrói-se a sensibilidade, mas não a sensação. O pensamento

que se mortifica, a si mesmo, está apenas em busca de mais sensação, pois o pensamento é também sensação. A sensação jamais pode pôr termo à sensação; pode ter sensações diferentes, em outros níveis, mas não há findar da sensação. Destruir a sensação é tornar-se insensível, morto; não ver, não cheirar, não apalpar é estar morto, o que é isolamento. Nosso problema é completamente diferente, não é? O pensamento nunca pode trazer a felicidade; pode, apenas, recordar sensações, porque o pensamento é sensação. Não pode cultivar nem produzir a felicidade, nem progredir para ela. O pensamento só pode dirigir-se para aquilo que ele conhece; mas o que é conhecido não é felicidade: é sensação. O que quer que faça, o pensamento não pode ser felicidade, e não pode buscar a felicidade. O pensamento só pode estar cônscio de sua própria estrutura, seu próprio movimento. Quando o pensamento faz um esforço para pôr fim a si mesmo, está tentando somente ser mais bem sucedido, alcançar um alvo, um fim que seja mais satisfatório. O mais é conhecimento, mas não felicidade. O pensamento deve estar cônscio de seus próprios movimentos e ardilosas mistificações. Ficando cônscia de si mesma, sem desejo algum de ser ou de não ser, a mente chega a um estado de inação. A inação não é morte; é uma vigilância passiva, em que o pensamento está completamente inativo. Este é o mais elevado estado de sensibilidade. Quando a mente está de todo inativa, em todos os seus níveis, só então há ação. Todas as atividades da mente são meras sensações, reações a estímulos, influências, e, portanto, não constituem ação, de modo algum. Quando a mente está sem atividade, há ação; esta ação é sem causa, e só então há a felicidade suprema.

86. VER O FALSO COMO FALSO

Era uma bela tarde. O céu estava em chamas, por trás dos arrozais, e as palmeiras, altas e esguias, balouçavam-se na brisa. O ônibus, carregado de passageiros, subia, com estardalhaço, a colina que o rio contornava em sua viagem para o mar. O gado era gordo, a vegetação luxuriante, e havia abundância de flores. Garotos gorduchos brincavam num campo e as meninas os observavam com olhos espantados. Havia um pequeno santuário nas proximidades e alguém estava acendendo uma lâmpada diante da imagem. Numa casa solitária, recitavam-se as orações vespertinas, e a sala estava alumiada por uma lâmpada fraca. A família inteira estava reunida ali, e todos pareciam fazer com agrado as suas orações. Um cachorro dormia a

sono solto no meio da estrada, e um ciclista desviou-se para não atropelá-lo. Escurecia agora, e os pirilampos clareavam os rostos dos transeuntes, que passavam silenciosos. Um deles emaranhou-se nos cabelos de uma mulher, nimbando-lhe a cabeça de uma claridade suave.

Como somos de natureza benevolente, principalmente longe das cidades, nos campos e nas pequenas aldeias! A vida tem mais intimidade entre os menos educados, onde ainda não se alastrou a febre da ambição. O menino sorri para a gente, a senhora idosa nos olha com curiosidade, o homem hesita e continua o seu caminho, um grupo suspende a ruidosa conversa e vira-se para olhar-nos, com surpresa e interesse, e uma mulher pára e fica esperando, para ver a gente passar. Conhecemos tão pouco de nós mesmos; sabemos, mas não compreendemos; sabemos mas não temos comunhão uns com os outros. Não conhecemos a nós mesmos. E como podemos conhecer a outro? Nunca podemos conhecer a outro, só podemos comunicar-nos com outro. Podemos conhecer o que está morto: nunca, porém, o que tem vida. O que conhecemos é o passado morto e nunca o que tem vida. Para conhecer os vivos, precisamos sepultar os mortos que habitam em nós mesmos. Sabemos os nomes de árvores, de pássaros, de lojas, mas que sabemos de nós mesmos, além de umas poucas palavras e apetites? Temos informações, conclusões, a respeito de tantas coisas; mas não existe felicidade nem paz que não seja estagnação. São insípidas e vazias as nossas vidas, ou tão cheias de palavras e atividades que nos cegam. O saber não é sabedoria, e sem sabedoria não há paz, nem felicidade.

Ele era moço, professor de alguma coisa, um homem insatisfeito, preocupado e carregado de responsabilidades. Começou falando de suas atribulações, da triste sina do homem. Disse que recebera uma boa educação — a qual consistia principalmente em saber ler e acumular conhecimentos através dos livros. Adiantou haver comparecido todas as vezes que fora possível às nossas palestras, e, continuou, há anos, tentava deixar de fumar: mas nunca conseguira inteiramente. Desejava abandonar o hábito, por ser dispendioso, além de estúpido. Já fizera todos os esforços para esquecer o fumo, mas sempre voltara a fumar. Este era um dos seus problemas, entre outros. Ele era ardente, nervoso e magro.

Compreendemos alguma coisa, se a condenamos? Repeti-la ou aceitá-la, isso é fácil; mas a própria condenação ou aceitação é uma maneira de evitar o problema. Condenar uma criança é empurrá-la para longe de nós, para que não nos amole; mas a criança ainda

existe. Condenar é fazer pouco caso, não dar atenção; e pela condenação não pode haver compreensão.

"Tenho-me condenado repetidamente, por causa do hábito de fumar. É difícil não condenar."

Sim, é difícil não condenar, porque o nosso condicionamento está baseado na rejeição, na justificação, na comparação, e na renúncia. Este é o nosso fundo (*background*), o condicionamento com que nos abeiramos de todos os problemas. Este próprio condicionamento cria o problema, o conflito. Procurastes libertar-vos racionalmente do hábito de fumar, não é verdade? Quando afirmais ser ele estúpido, isto significa que raciocinastes bem a seu respeito e chegastes à conclusão de que é estúpido. No entanto, a racionalização não vos fez deixar de fumar. Pensamos ficar livres de um problema, conhecendo-lhe a causa; mas saber significa apenas ter informação, uma conclusão verbal. É bem óbvio que este saber impede a compreensão do problema. Saber a causa de um problema e compreender o problema são duas coisas completamente diversas.

"Mas, de que outra maneira podemos aplicar-nos a um problema?"

É o que vamos descobrir. Quando descobrirmos qual é a maneira falsa de considerar o problema, conheceremos a única maneira adequada de o fazer. A compreensão do falso é o descobrimento do verdadeiro. Perceber o falso como falso, é difícil. Consideramos o falso através da comparação, da medida do pensamento; pode o falso ser enxergado como falso, por meio de qualquer processo de pensamento? O próprio pensamento não é condicionado, e, por conseguinte, falso?

"Mas como podemos saber que o falso é falso, a não ser pelo processo de pensamento?"

Aí é que está a causa da atrapalhação, não achais? Quando nos servimos do pensamento para resolver um problema, estamos, por certo, usando um instrumento completamente inadequado; porque o próprio pensamento é produto do passado, da experiência. A experiência está sempre no passado. Para perceber o falso como falso, o pensamento deve tornar-se cônscio de si mesmo como um processo morto. O pensamento nunca pode ser livre, e para descobrir precisa-se de liberdade, precisa-se estar libertado do pensamento.

"Não percebo bem o que quereis dizer."

Um dos vossos problemas é o fumar. Vós o tendes considerado como condenação, ou tendes tentado afastá-lo racionalmente. Esta

maneira de considerar é falsa. Como descobrir que ela é falsa? Por certo, isso não é possível por meio do pensamento, mas só se ficarmos passivamente cônscios da maneira como consideramos o problema. O percebimento passivo não exige pensamento; pelo contrário, se o pensamento está funcionando, não pode haver passividade. O pensamento só funciona para condenar ou justificar, comparar ou aceitar; se há um percebimento passivo desse processo, ele é então percebido tal qual é.

"Sim, entendo; mas que relação tem isso com o fumar?"

Vamos experimentar juntos, para vermos se podemos encarar o problema do fumar sem condenação, comparação, etc. Pode-se considerar o problema de maneira nova, sem que o passado projete a sua sombra sobre ele? É dificílimo considerá-lo sem reação alguma, não achais? Parecemos incapazes de ficar cônscios dele passivamente, há sempre alguma espécie de reação vinda do passado. É interessante verificar como somos incapazes de observar o problema como se ele fosse novo. Estamos sempre munidos de todos os nossos resultados, conclusões, intenções, do passado; não podemos considerar o problema senão através dessas cortinas.

Não há problema velho; entretanto, queremos considerar todo problema com as velhas formulações, o que impede a sua compreensão. Ficai passivamente vigilante diante destas reações. Ficai simplesmente cônscio delas, de maneira passiva; vede que elas não podem resolver o problema. O problema é real, uma coisa concreta, mas a maneira como o consideramos é completamente inadequada. A reação inadequada ao que *é* gera conflito; e o conflito é o problema. Quando houver compreensão desse processo, na sua inteireza, vereis então como agireis adequadamente em face da questão do fumar.

87 A SEGURANÇA

O riacho fluía muito manso, ao lado da estrada que contornava os arrozais, e estava cheio de flores de loto. Eram umas flores de pétalas roxo-escuro e núcleo dourado; a água não as tocava. De perto sentia-se-lhes o perfume: eram belíssimas. O céu estava carregado; começava a chuviscar e, nas nuvens, reboava o trovão. As descargas, ainda distantes, vinham-se aproximando da árvore sob a qual estávamos abrigados. Começou a chover copiosamente, e as folhas do loto juntavam gotas de água; quando as gotas se tornavam

muito grandes, escorregavam das folhas, e novas gotas se formavam. As descargas estavam agora acima da árvore, e as rezes, aterrorizadas, puxavam as cordas que as prendiam. Um bezerro preto, todo molhado e a tremer, berrava angustiado; quebrou a corda e correu para uma barraca próxima. As flores de loto fechavam-se hermeticamente, escondendo os núcleos de ouro da escuridão que aumentava gradualmente; seria preciso romper as pétalas roxas para se alcançar o núcleo. Permaneceriam fechadas até o nascer do sol. Mesmo no sono, elas eram belas. A trovoada progredia na direção da cidade; estava agora completamente escuro, e mal se ouvia o murmúrio do riacho.

O caminho estendia-se além da aldeia até a estrada que nos levou de volta à cidade barulhenta.

Era um homem moço, de seus vinte e poucos anos; bem nutrido, algo viajado, cursara a universidade. Nervoso, lia-se-lhe nos olhos a ansiedade. Já estava tarde, mas ele desejava conversar; queria que alguém explorasse para ele a sua mente. Abriu-se com toda a simplicidade, sem hesitações nem dissimulações. Seu problema era claro, mas não para ele; andava às cegas.

Não sabemos escutar, para descobrir o que *é*; queremos impingir a um outro as nossas idéias e opiniões, forçar o outro no molde do nosso pensamento. Nossos pensamentos e juízos são muito mais importantes, para nós, do que o descobrimento do que *é*. O que *é* é sempre simples; nós é que somos complexos. Fazemos complexo o que é simples — o que *é* — e nos perdemos dentro dele. Escutamos apenas o barulho cada vez maior de nossa própria confusão. Para escutar, devemos estar livres. Isso não significa que não deva haver distrações, pois o próprio pensamento é uma forma de distração. Devemos estar livres para ficar silenciosos, porque só então há a possibilidade de escutar.

Disse que, tão logo começava a dormir, sentava-se no leito, num sobressalto de puro medo. Em seguida o quarto perdia as suas proporções, as paredes se deitavam, o teto e o soalho desapareciam. Ficava apavorado e a transpirar abundantemente. Isso estava acontecendo há muitos anos já.

De que tentes medo?

"Não sei; mas quando desperto com medo, vou para perto de minha irmã ou de meus pais, ponho-me a conversar com eles por algum tempo, para me acalmar, e depois vou dormir. Eles compreendem, mas já tenho mais de vinte anos, e isto se está tornando um tanto absurdo."

Tendes ansiedades sobre o futuro?

"Sim, em certo grau. Embora tenhamos dinheiro, sinto uma certa ansiedade a respeito do futuro."

Por quê?

"Porque pretendo casar-me e proporcionar conforto à minha futura esposa."

Por que estar ansioso sobre o futuro? Sois muito jovem e podeis trabalhar e dar-lhe todo o necessário. Por que preocupar-vos tanto a este respeito? Tendes medo de perder vossa posição social?

"Em parte. Temos um carro, alguns haveres, e boa reputação. Naturalmente não desejo perder nada disto, e tal poderia ser a causa do meu medo. Mas, acredito, não é bem isso. É o medo de não ser. Quando desperto com medo, sinto que estou perdido, que não sou ninguém e estou a desagregar-me."

Afinal de contas, pode surgir um novo sistema de Governo e serdes despojado de vossos haveres e dos vossos títulos; sois muito moço, porém, e sempre podereis trabalhar. Milhões de pessoas estão perdendo os seus bens materiais e pode acontecer que também tenhais de enfrentar igual situação. De mais a mais, as coisas do mundo são para ser repartidas e não para serem possuídas com exclusividade. Na vossa idade, por que sois tão conservador, por que tendes tanto medo de perder?

"Pretendo desposar uma certa moça, e desejo que nada possa impedir nosso casamento. Provavelmente nada o impedirá; mas eu tenho necessidade dela, e ela tem necessidade de mim — e isso poderia ser também uma causa do meu temor."

É isto que causa o vosso medo? Acabais de afirmar não ser provável que algo de anormal aconteça, para impedir o vosso casamento com ela; portanto, por que este medo?

"Sim, é verdade; podemos casar-nos quando quisermos; portanto, não pode ser esta a causa do meu medo, pelo menos por ora. Acho que, de fato, eu tenho medo é de não ser, de perder minha identidade, meu nome."

Mas, ainda que não tivésseis cuidados a respeito do vosso nome, mas conservásseis os vossos haveres, etc., não continuaríeis a ter medo? Que se entende por identidade? Ela significa estar identificado com um nome, com haveres, com uma pessoa, com idéias; significa estar ligado a alguma coisa, ser reconhecido como isto ou aquilo, ter um rótulo indicando que se pertence a determinado grupo ou nação, etc. Tendes medo de perder o vosso rótulo, não?

"É verdade; sem ele, que sou eu? Sim, é exatamente isto."

Logo, vós *sois* as vossas posses. Vosso nome e reputação, vosso carro e demais haveres, a moça que ides desposar, as ambições que nutris — vós *sois* todas essas coisas. Essas coisas, juntamente com certas características e valores, vão constituir o que chamais *eu*; sois a soma, o total de tudo isso, e tendes medo de perdê-lo. Como acontece com todo mundo, há sempre a possibilidade de perda; pode sobrevir uma guerra, uma revolução ou uma mudança de governo, de tendência esquerdista. Alguma coisa pode acontecer que venha despojar-vos de tudo, hoje ou amanhã. Mas por que ter medo à insegurança? A insegurança não é a própria natureza de todas as coisas? Contra esta insegurança construís muralhas para vos protegerem; mas estas muralhas podem ser e estão sendo demolidas. Podeis furtar-vos ao perigo da insegurança, por algum tempo; esse perigo, porém, existe sempre. O que *é* não pode ser evitado; quer vos agrade, quer não, a insegurança existe. Isto não significa devais resignar-vos a ela, aceitá-la ou rejeitá-la; mas, sois jovem, e por que tendes medo da insegurança?

"Agora, assim enunciada a questão, já não penso que tenho medo da insegurança. Em verdade, eu não me importo de trabalhar; trabalho mais de oito horas por dia, no meu emprego, e embora não morra de amores por ele, posso ir continuando como estou. Não, não tenho medo de perder os meus haveres, o meu carro, etc., e minha noiva e eu podemos casar-nos quando desejarmos. Vejo agora que não é nada disso que me faz sentir medo. Que será então?"

Vamos averiguá-lo juntos. Eu poderia vo-lo dizer, mas isso não seria um descobrimento feito por vós mesmo; ficaria apenas no nível verbal e, portanto, seria completamente inútil. O descobrimento tem de ser resultado de vossa própria investigação, e isto é que é realmente importante. Descobrir é investigar; e nós vamos descobrir juntos.

Se não é de perder nenhuma dessas coisas que tendes medo, se não tendes medo da ameaça de insegurança, exteriormente, que é então que vos faz ansioso? Não respondais já; escutai, ficai vigilante, para descobri-lo. Estais perfeitamente certo de que não é a insegurança física que temeis? Tanto quanto é possível estar certo a respeito de tais coisas, afirmais não temer a insegurança física. Se estais bem certo de que isso não é simples asserção verbal, então de que é que tendes medo?

"Estou perfeitamente certo de que não tenho medo da insegurança física; podemos casar-nos e ter tudo o de que necessitarmos.

É de algo mais do que a mera perda de coisas, que tenho medo. Mas, que será isso?"

Descobri-lo-emos; mas investiguemos com calma. Desejais realmente descobrir, não?

"Naturalmente que desejo, principalmente agora que chegamos tão longe. De que é que tenho medo?"

Para descobrir, devemos estar quietos, vigilantes, e não apressados. Se não vos faz medo a insegurança física, tendes porventura medo da insegurança interior, de não poderdes alcançar o alvo que estabelecestes para vós mesmo? Não respondais; escutai. Senti-vos incapaz de vos tornardes alguém? Provavelmente, tendes um ideal religioso; achais que vos falta a capacidade necessária para viverdes de acordo com ele ou para realizá-lo? Tendes um sentimento de desesperança, com relação a esse ideal, um sentimento de culpa, de frustração?

"Tendes toda a razão. Desde que vos ouvi pela primeira vez, quando menino, foi sempre meu ideal — se assim posso expressar-me — ser como sois. Temos no sangue a religiosidade, e eu acreditava poder tornar-me assim; sempre existiu em mim, porém, um medo profundo de não poder aproximar-me desse ideal."

Vamos devagar. Embora não tenhais medo da insegurança exterior, tendes medo da insegurança interior. Um outro se põe em segurança, exteriormente, com a reputação, a fama, o dinheiro, etc., ao passo que vós desejais a segurança interior por meio de um ideal; e não vos sentis com capacidade para vos tornardes tal ideal. Por que desejais tornar-vos ou realizar um ideal? Não é apenas para estardes em segurança, para vos sentirdes protegido? A esse refúgio chamais um ideal; mas, na realidade, só desejais estar em segurança, protegido. É isso?

"Agora que me chamais a atenção para o fato, é isso exatamente."

Vós o descobristes agora, não? Mas, continuemos. Percebestes a evidente superficialidade da segurança exterior; mas percebeis igualmente o erro de buscar a segurança interior num ideal? O ideal é vosso refúgio, em vez do dinheiro. Percebeis isto realmente?

"Sim, percebo-o realmente."

Sede então o que sois. Quando perceberdes a falsidade do ideal, ele se desprenderá de vós, e sereis o que *é*. Daí deveis partir, para compreender o que *é* — mas não em direção a um dado fim, pois o fim, o alvo, está sempre longe do que *é*. O que *é* sois vós mesmo,

não em determinado período, nem em determinada disposição de ânimo, mas vós mesmo tal como sois, momento por momento. Não condeneis a vós mesmo nem vos conformeis com o que vedes. Mas conservai-vos vigilante, sem interpretar o movimento do que *é*. Esta vigilância será difícil, mas há deleites nela. Só para os que são livres, existe a felicidade, e a liberdade vem com a verdade do que *é*.

88. O TRABALHO

Reservado e com tendência para a sátira, era ele um ministro qualquer do governo. Fora trazido, ou mais provavelmente arrastado, por um amigo, e parecia um tanto surpreso de se ver ali. O amigo viera para conversar sobre um certo assunto, e com certeza achara desejável que o outro o acompanhasse, para ouvir o seu problema. O ministro mostrava-se curioso, com uma certa superioridade. Era um homem corpulento, de olhar forte e palavra fácil. Tinha "chegado" na vida, e agora começava a estabilizar-se. Viajar é uma coisa, e chegar, outra. Viajar é chegar constantemente, e a chegada em que se pára de viajar é morte.

Como é fácil nos satisfazermos, e com que rapidez o descontentamento encontra o contentamento! Todos queremos um refúgio de certa espécie, um abrigo de todos os conflitos, e, em geral, o encontramos. Os talentosos e os parvos, todos encontram o seu abrigo, e dentro dele se mantêm muito ativos e vigilantes.

"Há vários anos venho tentando compreender o meu problema, mas até hoje não pude atingir-lhe as raízes. No meu trabalho, estou *sempre a criar antagonismos;* por alguma razão desconhecida, a inimizade se insinua entre todas as pessoas que tenho procurado ajudar. Ajudando a uns, parece-me semear hostilidades da parte de outros. Pareço dar com uma das mãos e ferir com a outra. Isto vem acontecendo nem me lembro há quantos anos, e agora surgiu uma situação em que me vejo obrigado a agir de maneira um tanto decisiva. Sinceramente falando, não desejo ferir ninguém, e estou completamente desorientado sobre o que devo fazer."

Que achais mais importante: não magoar ninguém, não criar inimizades, ou executar um determinado trabalho?

"Nas minhas atividades, tenho de ser duro com certas pessoas. Sou desses homens que se atiram com entusiasmo ao trabalho; se empreendo uma coisa, quero levá-la a cabo. Sempre fui assim.

Considero-me regularmente eficiente e não tolero inépcia. Afinal de contas, quando nos entregamos a algum trabalho de interesse social, devemos executá-lo cabalmente, e os que são ineficientes ou negligentes se tornam naturalmente ressentidos e hostis. O trabalho de socorrer a outros é importante, e, para ajudar os necessitados, tenho de magoar os que me impedem o caminho. Mas, realmente, eu não desejo magoar ninguém, e cheguei à conclusão de que a este respeito preciso fazer alguma coisa."

Que é importante para vós: trabalhar ou não magoar ninguém?

"Quando vemos tanta miséria e nos empenhamos em trabalhos de reforma, na execução desses trabalhos temos de ferir certas pessoas, embora muito a contragosto."

Salva-se um grupo de pessoas, destruindo-se outras pessoas. Uma nação assegura a sua existência à custa de outra. As pessoas chamadas espirituais, no seu zelo de reforma, salvam alguns e destroem outros; semeiam bênçãos e maldições ao mesmo tempo. Parecemos ser sempre bondosos para uns e brutais para outros; por que isso?

Que é que achais importante: trabalhar ou não magoar ninguém?

"Afinal, é necessário ser duro com certas pessoas, os negligentes, os ineptos, os egoístas; isso parece inevitável. Não magoais outras pessoas, com vossas palestras? Conheço um homem rico que se mostra muito magoado por causa do que falais a respeito dos ricos."

Eu não quero magoar ninguém. Se há pessoas magoadas, na execução de determinado trabalho, acho que tal trabalho deve ser sustado. Não estou fazendo trabalho nenhum, não tenho planos de espécie alguma, de reforma ou revolução. Comigo, o trabalho não vem em primeiro lugar, mas, sim, não magoar a outros. Se o homem rico se sente ferido pelo que digo, não é por mim que ele é ferido, mas pela verdade do que *é*, a qual lhe desagrada; ele não gosta de ser desmascarado. Eu não tenho a intenção de desmascarar pessoa alguma. Se um homem se vê temporariamente desnudado pela verdade do que *é* e se irrita com o que vê, lança a culpa sobre outros; mas isto é simplesmente uma fuga ao fato. É insensatez irritar-se com um fato. A fuga a um fato, através da irritação, é uma das reações mais comuns e mais insensatas. Mas ainda não respondestes a minha pergunta. Que é mais importante para vós: trabalhar ou não magoar ninguém?

"Não vos parece que o trabalho tem de ser feito?" — interrompeu o ministro.

Por que tem de ser feito? Se enquanto beneficiais a uns, destruís a outros, que valor tem esse trabalho? Podemos salvar a nação

a que pertencemos, explorando ou reduzindo à impotência outra nação. Por que tanta preocupação com a pátria, o partido, a ideologia? Por que estais tão identificado com o vosso trabalho? Por que tem ele tanta importância?

"Temos de trabalhar, temos de estar ativos; do contrário, tanto vale estar morto. Quando a casa está em chamas, não se pode, no momento, estar interessado em questões fundamentais."

Para os que estão meramente ativos, o que é fundamental jamais tem importância; estão interessados exclusivamente na sua atividade que produz benefícios superficiais e malefícios profundos. Mas, seja-me permitido perguntar ao vosso amigo: por que é que uma certa espécie de trabalho é tão importante, para vós? Por que estais tão apegado a ele?

"Oh! não sei, mas ele me proporciona muita felicidade."

Logo, não estais verdadeiramente interessado no trabalho, mas no lucro que tirais dele. Pode ser que não ganheis dinheiro com ele, mas dele auferis felicidade. Assim como outro alcança poder, posição, prestígio, servindo ao seu partido ou à sua nação, vós auferis prazer do vosso trabalho; assim como outro encontra uma grande satisfação — a que chama uma bênção — servindo ao seu salvador, seu *guru*, seu mestre, encontrais satisfação naquilo a que chamais trabalho altruísta. Não é realmente a nação, o trabalho, ou o salvador, que importa para vós, mas só o que obtendes por meio dele ou dela. Vossa própria felicidade é que é da máxima importância, e o trabalho em que vos empenhais vos dá o que desejais. Não tendes verdadeiro interesse pelas pessoas que supostamente estais ajudando; elas são apenas um meio de obterdes a vossa felicidade. E, naturalmente, os ineficientes, os que vos impedem o caminho, sofrem maltratos. O que tem importância é o trabalho que constitui a vossa felicidade. Esse o fato brutal; mas nós o encobrimos muito jeitosamente com palavras altissonantes, tais como assistência social, pátria, paz, Deus, etc.

Nessas condições, deixai-me assinalar que, em verdade, não vos repugna magoar as pessoas que obstam à eficiência do trabalho que vos dá felicidade. Achais a felicidade num certo trabalho, e este trabalho, seja ele qual for, sois vós. Estais interessado em obter felicidade, e o trabalho vos oferece o meio de obtê-la; por conseguinte, o trabalho se torna muito importante, e sois então, naturalmente, muito eficiente. Por isso, não vos repugna magoar outras pessoas, fomentar inimizades.

"Nunca considerei a questão por esta maneira, e o que dizeis é perfeitamente verdadeiro. Mas, que devo fazer, neste caso?"

Não considerais também importante descobrir por que levastes tantos anos para perceber um fato tão simples como este?

"Parece que, como dizeis, eu não me importava realmente se feria ou deixava de ferir a este ou àquele, desde que eu fizesse o que queria, e em geral eu faço o que quero, pois sempre fui muito eficiente e direto — o que chamaríeis crueldade, e com toda a razão. Mas, agora, que devo fazer?"

Levastes todos estes anos para perceber este fato simples, porque até agora não quisestes encará-lo; porque, encará-lo é atacar a própria base do vosso ser. Procurastes felicidade e a encontrastes; mas essa felicidade criou sempre conflito e antagonismo; e agora, porventura pela vez primeira, vos vedes frente a frente com vós mesmo. Que ides fazer? Não há uma forma diferente de considerar a questão do trabalho? Não é possível ser feliz e trabalhar, em vez de procurar a felicidade no trabalho? Quando nos servimos do trabalho ou de pessoas, como meios para nossos fins, então, é claro, não estamos em relação alguma nem com o trabalho nem com as pessoas; e, por conseguinte, somos incapazes de amar. O amor não é um meio que leva a um fim; ele é sua própria eternidade. Quando eu voz utilizo e vós me utilizais — o que em geral se chama relações — apenas somos importantes um para o outro como meios para os nossos fins, e por conseguinte não somos, absolutamente, importantes um para o outro. Dessa mútua utilização tem de resultar, necessariamente, conflito e antagonismo. Nessas condições, que ides fazer? Vamos descobrir, nós dois juntos, o que se deve fazer, em vez de pedirmos a resposta a um outro. Se puderdes investigá-lo e descobri-lo (o que se deve fazer) esse descobrimento feito por vós mesmo será uma experiência vossa; será uma experiência real, e não simplesmente uma confirmação ou uma conclusão, uma mera resposta verbal.

"Qual é então o meu problema?"

Não podemos enunciá-lo por outra maneira? Espontaneamente, qual é a vossa primeira reação a esta pergunta: O trabalho deve vir em primeiro lugar? Se não, que é que deve?

"Começo a perceber aonde quereis chegar. Minha primeira reação é de choque; aterra-me, verdadeiramente, ver o que tenho feito, no meu trabalho, todos estes anos. Esta é a primeira vez que me vejo frente a frente com o fato do que *é*, como o chamais, e, posso garantir-vos, não o acho muito agradável. Se eu puder transcender esse fato, talvez possa ver o que é importante e o trabalho será então uma conseqüência natural. Mas, se o trabalho ou outra coisa

qualquer deve vir em primeiro lugar, isso ainda não me está bastante claro."

Por que não está claro? A clareza é uma questão de tempo ou de disposição para ver? O desejo de não ver desaparecerá por si mesmo, no curso do tempo? Vossa falta de clareza não se deve ao simples fato de que não desejais ver com clareza, porque isso iria transtornar completamente o padrão de nossa vida de cada dia? Se vos tornais cônscio de que estais adiando deliberadamente, não ficais imediatamente na claridade? Este evitar é que traz a confusão.

"Tudo se está tornando perfeitamente claro, para mim, agora, e o que irei fazer já não é importante. Provavelmente continuarei a fazer o que estou fazendo, mas com uma intenção completamente diferente. Veremos."

Z.C.